Almanaque d'O TICO-TICO
1957
Luiz Sá
RIO-56

ALBUM N.º 266
PREÇO CR$ 35,00

RISCOS para bordar toalhas de fino gôsto. Qualquer que seja o tipo da toalha, das mais simples às mais luxuosas, o álbum "Toalhas Artísticas" apresenta em suas páginas, formando um conjunto admirável de sugestões práticas e artísticas.

Os desenhos são acompanhados de explicações claras, de fácil execução.

ALBUM N.º 263 PREÇO CR$ 35,00

INTERESSANTISSIMA variedade de riscos e modêlos de trabalhos na medida da execução.

Sugestões magnificas e encantadores motivos para uso pessoal e para adôrno do Lar.

Enfeites, figuras variadas, riscos originais, que as donas de casa apreciam imensamente.

O álbum "Riscos para Bordar" reune muita coisa útil, atraente e bonita, para satisfação do mundo feminino.

ALBUM N.º 264
PREÇO CR$ 35,00

COLEÇÃO de originais motivos para guardanapos, barras, toalhas, lençóis, panos de mesa, pijamas, camisolas, casaquinhos.

Desenhos maravilhosos, e de fácil execução.

Assuntos de "lingerie", assim como modêlos de roupinhas para crianças.

O álbum "O Lar a Mulher e a Criança" é um manual de lindas sugestões às donas de casa.

ALBUM N.º 249
PREÇO CR$ 30,00

PRIMEIRA COMUNHÃO, dia feliz e inesquecivel. Daí o carinho com que as mães preparam os filhos para tão magna solenidade, inclusive cuidando da indumentária das crianças. O álbum "Primeira Comunhão" apresenta valiosa série de trajes — para meninos e meninas — próprios para o ato.

Modêlos de todos os tipos: simples, enfeitados, luxuosos, em todos porém existe o gôsto sereno e discreto que deve existir no traje para uma cerimônia tão marcante em nossa vida cristã.

PREÇO CR$ 30,00

UMA primorosa publicação de luxo, de grande interesse para as Senhoras. E' o manual necessário à consulta do belo sexo. Contém um sem número de assuntos de palpitante atração para as Senhoras.

Um luxuoso volume, repleto de belissimas gravuras sôbre modas, elegância, conselhos e ensinamentos úteis para o lar.

E' o amigo e o conselheiro para as Senhoras e Senhoritas.

MONOGRAMAS ARTÍSTICOS

ALBUM N.º 7
PREÇO CR$ 35,00

O album de "Monogramas Artísticos" reune os mais interessantes tipos de monogramas. Um verdadeiro desfile de letras, nos mais variados estilos, com possibilidades de centenas de caprichosas e belas combinações.

"Monogramas Artísticos", album de inegável utilidade no Lar. Letras e mais letras, em desenhos originais, que se prestam para todos os fins.

ALBUM N.º 1 — Preço Cr$ 30,00

ORIGINAIS e belos riscos para bordar, desenhados em vários motivos para fronhas, lençóis, jogo de toalhas e guardanapos, "sachets", panos de centro de mesa.

Variedade de graciosos motivos de "lingerie", tudo nas dimensões de execução.

O álbum "Em Ponto de Sombra" é de utilidade no Lar, colaborando com as senhoras donas de casa na confecção de lindos trabalhos femininos.

ALBUM N.º 253
Preço: Cr$ 30,00

Para aquelas que em breve concretizarão seus ideais de amôr, apresentamos o "Guia das Noivas", completo manual de sugestões e conselhos, verdadeiro colaborador das noivas na confecção das peças de um enxoval moderno, prático e elegante. Ensina tudo quanto deve figurar em seu enxoval.

Contém os mais originais desenhos e sugestões, com minuciosas explicações para perfeita execução dos trabalhos e fornece também inúmeras idéias para dar maior encanto e conforto ao Lar.

Encontram-se à venda nas Livrarias, Agências de Revistas e Jornaleiros.

ESTES álbuns são editados pela Bibliotéca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5.º and. — Caixa Postal, 880 — RIO.

ALBUM N.º 259
PREÇO CR$ 30,00

SELECIONADA coleção de maravilhosos riscos, todos de grande originalidade. Os desenhos são apresentados em grande formato, com minuciosas explicações tornando a execução do trabalho muito fácil.

Os riscos do álbum "Lençóis Artísticos" satisfazem ao gôsto mais apurado e exigente. Magníficos desenhos que se resumem em 3 palavras: beleza, originalidade e distinção.

ALBUM N.º 265
Preço: Cr$ 35,00

O encanto e o confôrto do Lar dependem muito do bom-gôsto feminino. O album "Cama e Mesa" apresenta modelos insuperáveis em aplicações de ponto cheio, ponto sombra e crivo. Guarnições de impecável beleza, em desenhos de riscos originais. Todos os riscos são na medida de execução, com amplas explicações. O album "Cama e Mesa" é de real utilidade a tôdas as senhoras donas de casa.

"FIGURINO INFANTIL"

ALBUM N.º 9
PREÇO CR$ 35,00

A indumentária infantil merece cuidado especial das mães. O "Figurino Infantil" em sua nova edição apresenta grande variedade de trajes — para meninos e para meninas — todos graciosos e modernos.

As senhoras donas de casa que gostam de costurar para seus filhinhos, mesmo sem grande conhecimento do ramo, poderão executar os modelos, tão claras são as explicações do "Figurino Infantil".

Vestidos e roupinhas para todas as horas. Modêlos que agradam ao gôsto mais exigente. Os lindos modêlos são apresentados em páginas coloridas.

ALBUM N.º 269
PREÇO CR$ 35,00

INUMEROS desenhos de modêlos de "peignoirs", "soutiens", combinações, camisolas, aplicações, todos na medida de execução e muitos outros trabalhos primorosos.

As páginas do álbum "A Lingerie" apresentam-se enriquecidas com os mais belos riscos, desenhados para o encanto do belo sexo.

ALBUM N.º 5
PREÇO CR$ 35,00

AS crianças apreciam roupinhas com bordados graciosos, vivos e agradáveis. O álbum "Bichinhos Bordados" publica em páginas coloridas, encantadora e variadíssima coleção de bichinhos em vários tamanhos, estilos diferentes, satisfazendo, assim, as preferências mais diversas. O álbum "Bichinhos Bordados" é de utilidade no Lar.

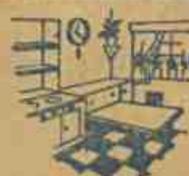
O PONTO DE CRUZ

ALBUM N.º 2
Preço: Cr$ 35,00

COM interessantes desenhos nas dimensões de execução é êste álbum, repleto de idéias para aplicações, tapetes, paneaux, guarnições. Um tesouro para trabalhos em casa! Todo colorido.

ALBUM N.º 267
PREÇO CR$ 35,00

PREPARADO para ajudar, sugerir e orientar a confecção das roupinhas do nenê. A mãezinha, com a valiosa e útil colaboração do álbum "Roupinhas do Nenê", pode facilmente preparar um gracioso, confortável e prático enxoval. As explicações do álbum são tão claras que todas as peças do enxoval serão facilmente executadas pela própria futura mãezinha, com prazer e alegria.

Modêlos graciosos, para o bem estar do nenê.

ALBUM N.º 8
PREÇO CR$ 35,00

AS donas de casa gostam de dar encanto e alegria à Copa e à Cozinha. Tudo será fácil com as valiosas e úteis sugestões dêste álbum.

Grande variedade de originais desenhos e riscos de bordar preparados para modernização e beleza da Copa e da Cozinha. Quanta coisa útil e original o album "Copa e Cozinha" apresenta, para satisfação das senhoras donas de casa! E' indispensável no lar.

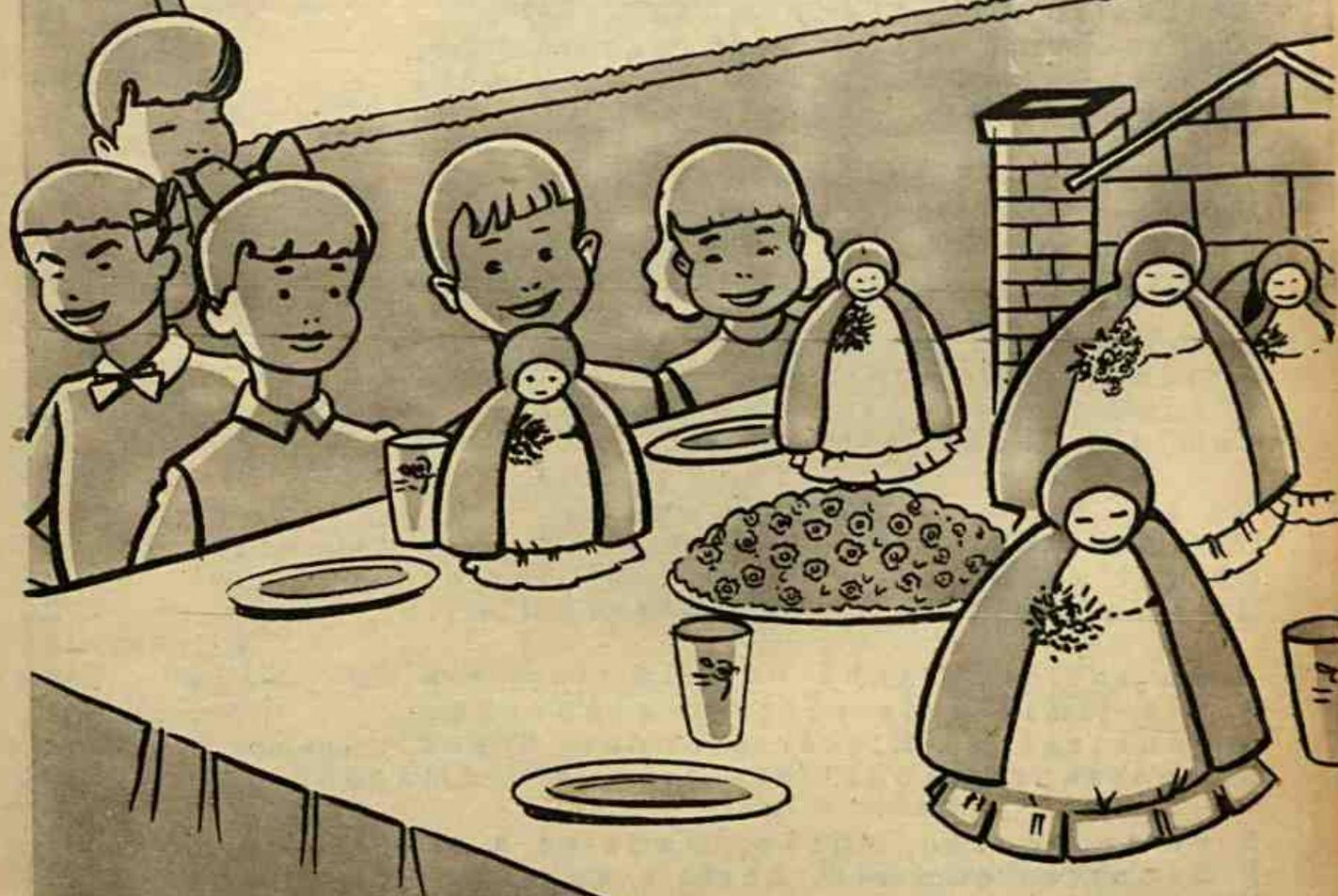
ALBUM N.º 254
PREÇO CR$ 30,00

ESTE álbum apresenta maravilhosa série de riscos e desenhos de blusas de todos os tipos. Modêlos modernissimos, desenhos em ponto de sombra, fantasias e aplicações de cambraia e fustão. A blusa é sempre uma peça que realça a graça da beleza feminina. No album "Blusas Bordadas" as senhoras, as mocinhas e as meninas encontrarão os mais lindos modêlos, no gênero.

Encontram-se à venda nas Livrarias, Agências de Revistas e Jornaleiros.

ESTES álbuns são editados pela Biblioteca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5.º and. — Caixa Postal, 880 — RIO.

Bote aquí o seu pèzinho.
Bote aquí ao pé do meu,
Para vêr se você usa
Bom calçado, como eu...
CASA DO
Bastos
A CASA QUE CALÇA A ELITE CARIOCA
Rua Uruguaiana 19, esq. com Sete de Setembro,
Fones: 43-5537 e 43-5547
FILIAL
AVENIDA N. S. DE COPACABANA, 804
Fone: 43-5930

VISITANDO a nossa SEÇÃO FESTIVAL encontrará sugestões para as suas mesas de festas de aniversário, batisado, comunhão etc., tornando-as mais encantadoras e alegres. Variado e lindo sortimento de enfeites, toalhas, copos, pratos e guardanapos de papel e muitas outras miudezas próprias para festas.

PAPELARIA * LIVRARIA

MATRIZ: RAMALHO ORTIGÃO, 24 — TEL.: 43-4929

FILIAIS: — RUA MARIZ E BARROS, 210 — TELEFONES: — 28-0722 e 48-9228.
R. VISCONDE DE PIRAJÁ, 84-A — (Praça General Osório) Tel. 27-8292.
RUA VISCONDE DE PIRAJÁ, 134/136. — Telefone: 27-0450.

IPIRANGA

ERAS arroio humilde e pequenino,
A deslisar, tranquilo e mensamente,
Sem ideais e sem destino,
Sem ambições no coração de água corrente.

Boiadeiros, tangendo, nas estradas,
Cansadas reses, em jornadas lentas,
Buscavam-te por vezes. E as boiadas
Bebiam, ávidas, sedentas.

Ipiranga, outro préstimo não tinhas,
Riacho, ribeiro, córrego, regato...
Jamais se soube de onde vinhas,
A serpentear dentro do agreste mato.

Jamais se soube aonde ias,
Rolando molemente nos calhaus,
A tua vida sempre igual, todos os dias,
Sem dias bons, sem dias maus.

No teu sono de rio preguiçoso
Não pensaste, jamais, que, num surto triunfal,
Chegarias a ter neste apogeu glorioso
Os fidalgos brasões de nobreza fluvial.

E em radiosa manhã de setembro, eis que, ousado,
A tua timidez de córrego abandonas
E penetras na História audaz, transfigurado
Em possante caudal desafiando o Amazonas.

E do teu curso, então, muda-se a trajetória;
E demarcas com ela, heril e sobranceiro,
Nos novos mapas da brasilea história.
A linha divisória
Entre o Brasil-colônia e o Brasil brasileiro.

Ipiranga! Que importa, acaso, a procedência,
A origem do teu nome? Ipiranga, em verdade,
No idioma do Brasil traduz-se: **Independência**
Na língua nacional quer dizer: **Liberdade!**

Rio imenso, o Brasil cortas de sul a norte
E entram pelos sertões teus afluentes, aos mil.
Na voz dágua clamando: Independência ou Morte!
Nas cachoeiras cantando o nome do Brasil.

BASTOS TIGRE

Sobremesas para a família...

- Cabe em qualquer congelador
- capacidade de 2 litros (20 porções)

com
sorvex Kibon
agora
na nova embalagem
lata **Mignon**

à venda:

- NAS CARROCINHAS E DEPÓSITOS KIBON
- NAS CONFEITARIAS
- NOS SUPER-MERCADOS

GRÁTIS

Se a senhora deseja receber, inteiramente grátis, o Livro de Receitas "Kibon - sobremesas com sorvetes", preencha êste cupom e remeta-o à Caixa Postal n.º 1.751 - Rio de Janeiro.

NOME ....
RUA .... N.º ....
BAIRRO ....
CIDADE .... ESTADO ....

Os produtos Kibon são pasteurizados!

UM BISPO CAÇADOR

O falecido bispo Beckwith, da Geórgia, era grande amador da sua espingarda e passava uma boa parte do tempo caçando. Um dia, em que o bispo andava por fóra com o cão e a espingarda, encontrou um indivíduo da sua diocese, a quem entendeu dever dirigir algumas observações por ser menos atento no desempenho dos seus deveres religiosos.

— Uma pessoa pode cumprir os deveres da sua profissão sem deixar de frequentar a igreja nem de ler a sua Bíblia — disse o bispo.

— Senhor bispo, eu leio a minha Bíblia — assim lhe respondeu o interpelado — e tanto testemunho lhe posso dar de que o faço, que ainda não encontrei nela menção alguma dos apóstolos irem à caça...

— Não iam, efetivamente — replicou o bispo — mas eu lhe digo a razão: a caça era tão ordinária, na Palestina, que em vez dela os apóstolos preferiam a pesca...

NÃO TÉVE ÊXITO COM A ARTE...

Balas ANDORINHA

BALAS ANDORINHA S.A. · IND. CHOCOLATE LACTA

LACTA

A bala das gerações, delícia de milhões...

LACTA

O NATAL DE MARGARIDA

ESTA história se passou há muitos anos em longínqua região da Europa.

Era noite de Natal e do céu estrelado desciam flocos de neve que caiam lentamente sôbre a campina, que pouco a pouco ia se tornando um imenso tapete branco.

Ninguém atravessava a região nessa noite de frio intenso; todos estavam celebrando o Nascimento de Jesús em suas humildes choupanas.

Adultos e crianças sentiam-se felizes por poder estar reunidos em tôrno da árvore de Natal e de fazer parte da mesa repleta dos tradicionais e deliciosos pratos.

Entretanto, longe dali, quase no limite com o bosque, rodeada de árvores, havia uma cabana em cujo interior não ardia o fogo, nem a mesa estava posta.

Apenas um fraco lampião iluminava com luz mortiça o frio lugar; deitada num pobre leito de palha, e humildemente vestida achava-se uma menina.

MARGARIDA — era o seu nome — estava muito triste e de seus olhos, de um azul celeste, grossas lágrimas deslisavam. De repente, como num sonho disse com voz fraca:

— Natal! Que linda era, antes, a noite de Natal!...

E, enquanto falava, grossas lugrimas corriam pelo seu rosto. Margarida recordava os tempos em que esperava ansiosa a noite de Natal e as festas de fim e começo de ano.

Tudo de bom que ela tinha tido, terminara quando morreram seus pais e ela ficou só na cabana.

TRADUÇÃO DE MARIA MATILDE

Desde êsse tempo começara uma dura luta para ganhar o seu sustento. Margarida tinha que fazer tôda espécie de serviço: ajudar os camponeses, costurar roupas para vender e viajar até o povoado vizinho para vender os produtos de sua pequena granja.

Apesar de tudo isso, ainda achava tempo para cuidar dos animaisinhos.

Sempre que podia fazê-lo atendia a todos com carinho; por isso todos eram seus amigos.

Totó, era o travêsso cãozinho de um lenhador; ela o curara quando ferira as patinhas; Mimi, o gatinho da granjeira, ela curou da orelha, e certa ocasião livrou um coelho que caiu na armadilha de um caçador.

Além disso, tôdas as tardes, quando terminava o trabalho, Margarida atirava punhados de migalhas de pão para os passarinhos que ficavam sob a sua janela. Em nenhum momento do dia ela se sentia mais feliz do que quando chegavam os passarinhos trinando e voando.

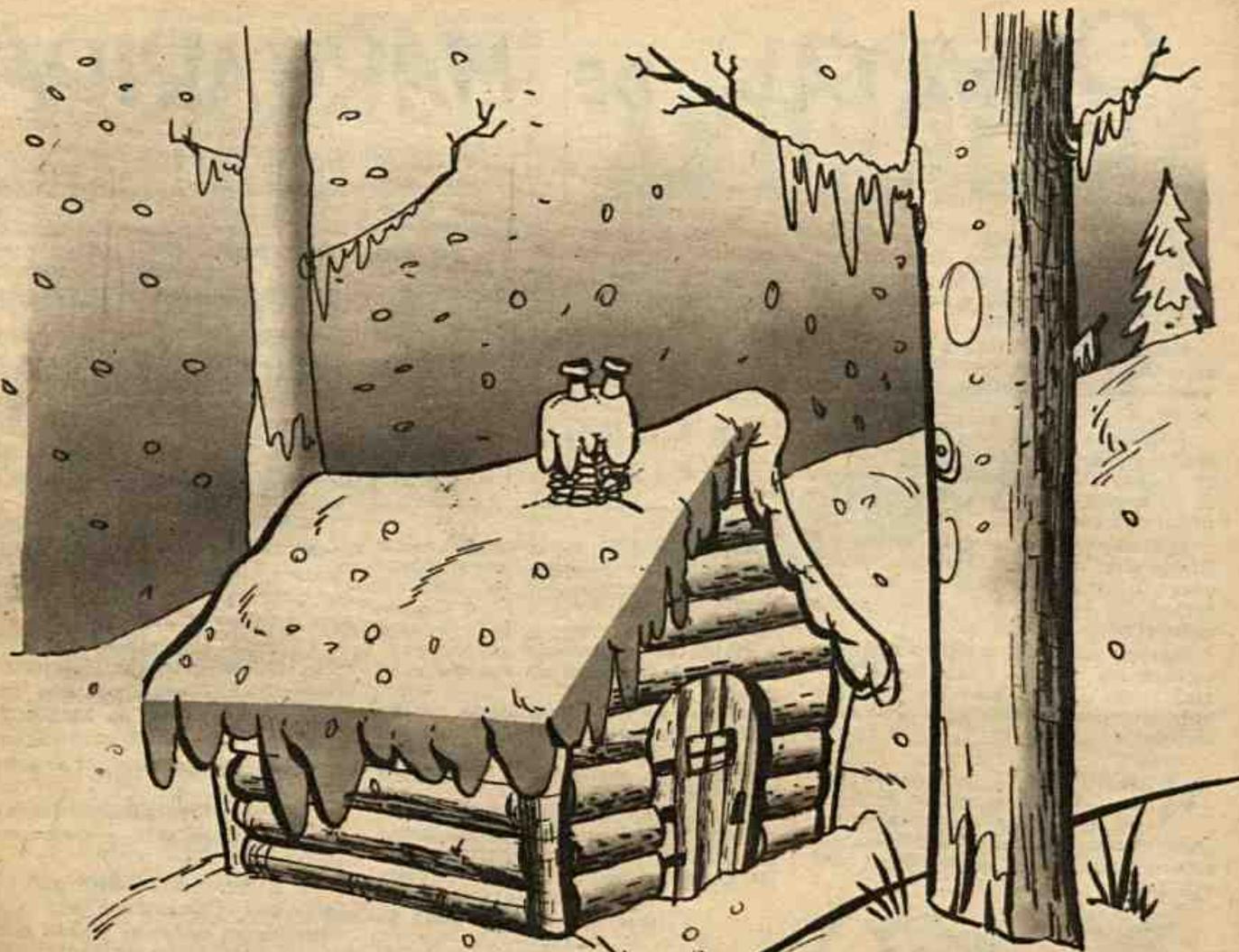
Entretanto, na noite de Natal, quando até o mais pobre está rodeado por seus entes queridos, parecia que todos se tinham esquecido dela.

Havia já bastante tempo que perdera os pais, no entanto, a menina nunca tinha se sentido tão só como naquele momento.

Margarida estava muito cansada pelo trabalho que fizera o dia inteiro e, convencida de que ninguém a viria procurar, decidiu apagar a luz e deitar-se para dormir.

Lá fóra continuava nevando. O frio era cada vez mais intenso. Entretanto, Saltarino, um dos esquilos menores e rápidos do bosque, ia daqui para ali falando com outros animais, até que chegou ao estábulo de uma granja.

— Pobre Margarida! Deve estar tão só esta noite! — exclamou Saltarino.

— E' verdade — disse um cordeirinho — Certamente não ganhará brinquedos, como as outras crianças.

— Nem tampouco terá árvore de Natal — acrescentou um bezerrinho ao qual a menina sempre dava pasto e água fresca.

— A mim me dá muita pena que ela não passe uma noite de Natal feliz, como os demais habitantes dêste vale, e acho que nós deveríamos fazer algo por ela. Não lhes parece? — perguntou um burrinho branco.

Todos estavam de acôrdo e, então, o esquilo exclamou decidido:

— Venham todos comigo até o bosque e lá organizaremos uma noite de Natal para Margarida. Se nos esforçarmos, acredito que será uma linda festa.

Pouco depois todos os animais do estábulo seguiam o esquilo pelos caminhos que conduziam ao bosque sua passagem muitos outros, a quem Margarida tinha feito alguma coisa boa, se uniram a êles.

Minutos depois, cabras, coelhos, ovelhas, patos, gatos e cães formavam uma extensa caravana que marchava até um claro do bosque onde se realizariam os preparativos para a festa.

De repente, Margarida, que rolava na cama sem poder conciliar o sono, ouviu umas pancadinhas na porta.

A menina levantou-se de um salto, e, ao aproximar-se da janela, viu pelo vidro que dois olhos brilhavam no escuro.

— Mimi! — exclamou a pequena sorrindo carinhosamente para o gatinho, que apoiava as patinhas dianteiras nos vidros. — Por que estás aqui a estas horas? Ah! Eu sabia que tu não te esquecias de mim!...

— Veio também o Tótó para te convidar para uma festa — disse o simpático gatinho.

— Uma festa? — indagou a menina admirada. E onde?

— No bosque; nós a preparámos especialmente para ti. Os meus amigos me incumbiram de te convidar. Virás comigo?

— Não sei... já é muito tarde e tenho um pouco de mêdo — replicou Margarida vacilante.

— Oh! Não temas! Totó e eu te acompanharemos! Além disso, está fazendo lua cheia, e ela iluminará melhor o caminho — terminou Mimi.

Diante das últimas palavras do gatinho, Margarida acabou por convencer-se de que não devia temer nenhum perigo. Agasalhou-se o melhor possível, cobriu a cabeça com um gorro que pertencera a seu pai e lá se foi com os amigos.

O cãozinho correu ao seu encontro ladrando e dando pulos de alegria. Margarida acariciou-o; e seguiram ss três pelos caminhos iluminados pelos raios da lua.

Enquanto isto ocorria, no claro do bosque onde Margarida ia celebrar a noite de Natal, havia grande azafama.

Os animaisinhs moviam-se com rapidez, de um lado para outro, dando os toques necessários para que quando a bondosa menina chegasse encontrasse tudo perfeito.

Saltarino, o ágil esquilo que tinha tido a idéia de organizar a festa, era quem mais trabalhava.

Estava no alto de um pinheiro, saltando de um galho para outro, arrumando-o com grande esmêro, tratando de preparar a árvore de Natal mais bela do lugar.

Adiante achava-se um grupo de animais que trabalhavam ativamente para preparar o Presépio.

Muitos passarinhos faziam contínuas viagens pelos bosque, trazendo palhinhas para fazer a cama do Menino Jesús. Alguns cabritos iam ao cimo da montanha em busca de florinhas silvestres para colocá-las junto ao humilde leito.

Não só os animaisinhos estavam atarefados para preparar a festa, pois até as árvores colaboravam com êles, entrelaçando seus galhos para produzir um lindo efeito.

Quando tudo estava quase pronto, as vacas, burros, bezerros e ovelhas postaram-se alí bem quietinhos.

Então o esquilo disse:

— Tudo ficou uma maravilha. O que está faltando agora é um boneco pequeno e rosado que represente o Menino Jesús no presépio. Como faremos para consegui-lo?

Por instantes todos os animais permaneceram silenciosos, até que, por fim, Peludo, um travesso gatinho cinza, disse:

— Minha dona tem um lindo boneco e a tenho visto brincar muitas vezes com êle. Certamente a estas horas ela estará se divertindo e não sentirá falta dêle, se eu o tirar só por esta noite... De qualquer maneira amanhã mesmo o devolverei...

Depois de alguns minutos de vacilação o esquilo concordou e disse ao gatinho:

— Consinto, Peludo. Vai agora mesmo buscá-lo, porém amanhã muito cêdo terás que devolvê-lo à outra menina...

O gatinho saiu apressadamente enquanto os companheiros prosseguiam na arrumação.

Os coelhinhos, com seus dentes finos e pontiagudos, talhavam incansavelmente em pedaços de madeira variadíssimos enfeites para a árvore, que um bando de alegres passarinhos se encarregava logo de pendurar nos ramos.

De repente, todos os animaisinhos se interromperam, assombrados por um estrando zumbido que, de minuto a minuto, se ouvia com mais intensidade.

— São as abelhas e nos trazem mel — disse um cabrito, pulando de contentamento ao vê-las.

— E' verdade. Somos nós — replicou uma abelha. — Sabemos que estão trabalhando para proporcionar uma bonita noite de Natal à bondosa Margarida e queremos também colaborar.

— Oh! Não sabem quanto agradecemos! — disse o esquilo. — Margarida gosta muito de mel!

•PROJETORES-FILMADORES - FILMES•

OFICINA ESPECIALIZADA - ACESSÓRIOS EM GERAL

A MAIOR FILMOTECA DE ALUGUEL DE 8 e 16 m/m

NA ESCOLA...

NO LAR...

Projetor
Micron XXV
Sonoro de 16 m/m

APROVADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DA ITÁLIA PARA USO NAS ESCOLAS

REPRESENTANTE EXCLUSIVO NO BRASIL

Cine

•TUDO PARA CINEMA E FOTOGRAFIA•

Em seguida chegaram os vagalumes que, pressurosos, se foram colocar nos ramos da árvore de Natal.

Lá do céu uma enorme estrêla cadente veio cair perto do lugar onde se achavam os animais, e, pairando no alto do pinheiro, ficou iluminando a clareira com brilhantes cintilações.

Minutos mais tarde chegou Peludo trazendo o boneco de sua pequena patroa. Acercou-se do leito de palha do presépio e, com cuidado, colocou-o ali.

Quando terminaram os preparativos para os festejos da noite de Natal, o bosque estava mais lindo que nunca, e os animais, embora cansados, esperaram contentes e satisfeitos o aparecimento de Margarida.

Instantes depois a menina chegava acompanhada por Totó e Mimi.

Ao ver a linda festa que seus amigos lhe tinham preparado, Margarida não sabia se ria ou se chorava.

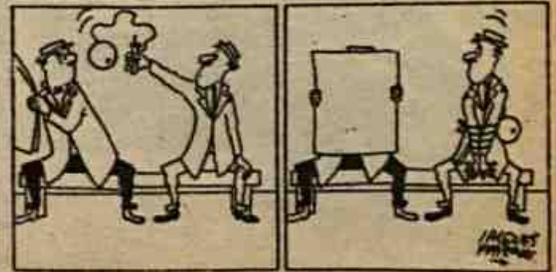
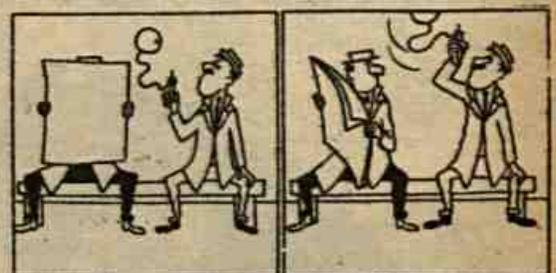
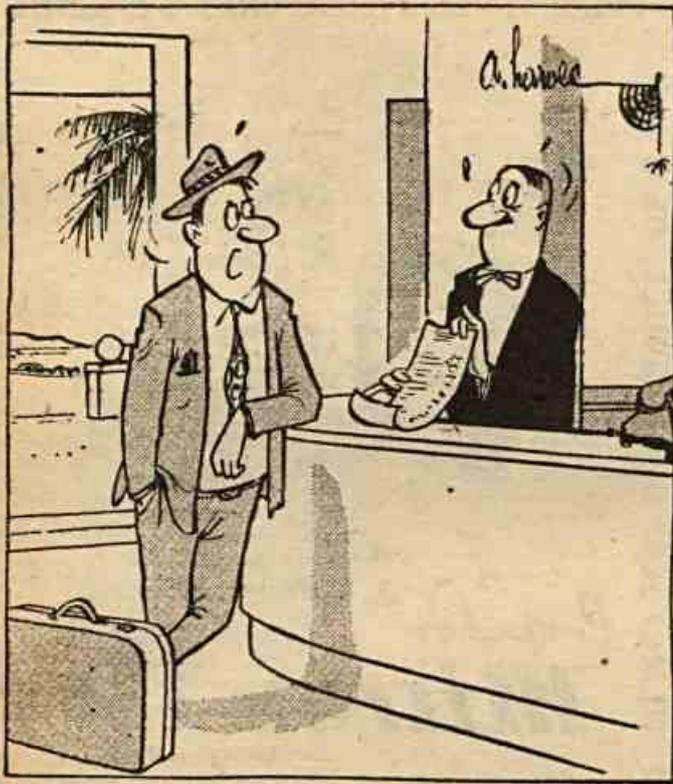
Sentia-se imensamente feliz, e, sentando-se no meio dêles, acariciava ora um ora outro.

Então, a um sinal do esquilo, todos os passarinhos começaram a cantar suavemente a tradicional "Noite Feliz"

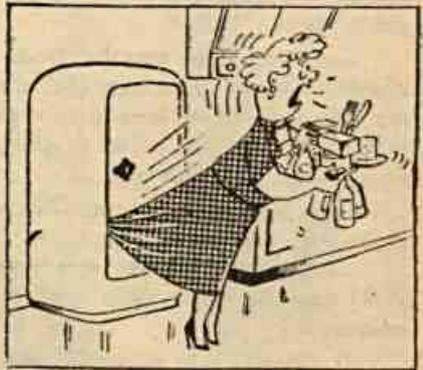
Em seguida foi servido o saboroso mel que as abelhas tinham trazido e finalmente, antes de Margarida se retirar, os animais lhe ofereceram os brinquedos da árvore de Natal que os bons coelhinhos tinham feito.

Na manhã seguinte os raios de sol despertaram a menina, que, recordando a bela noite de Natal que passara, sorria docemente. No primeiro momento tudo lhe pareceu sonho, mas ao contemplar, junto ao leito, os presentes recebidos, já não teve mais dúvida.

Então, juntando as mãosinhas, agradeceu ao Menino Jesús que, através dos humildes animaisinhos, lhe havia feito compreender que Deus velava por ela.

QUERIA LER EM PAZ

— *Tive umas férias tão boas e agora o senhor, com a conta, vem estragar tudo !*

Estudioso

Herbinot, conselheiro de Luiz XIV, no tempo do Chatelet, pôde ser considerado uma verdadeira vítima da etimologia. Pôs-se a trabalhar com empenho num dicionário etimológico da língua francesa, procurando provar que todas as palavras dessa língua tinham raízes gregas. Mas, no meio da sua obra, chegou a conclusão diversa e passou a provar que todas tinham origem hebráica. O ardor com que se empenhou em estabelecer grande número de etimologias forçadas, exaltou-lhe de tal maneira o cérebro, que o deixou a delirar, dizendo que, para se alimentar, bastavam-lhe as "raízes" gregas e hebraicas, vindo por isso a morrer de inanição.

E AGORA?

ALTURA DE MONUMENTOS

O monumento mais alto do mundo é a torre Eiffel, que atinge 300 metros. Depois da torre Eiffel seguem-se os seguintes: Catedral de Colônia, 159; Catedral de Roma, 152; Pirâmide de Cheops, 146; Catedral de Strasburgo, 142; Zimbório de S. Pedro, em Roma, 138; Igreja de Santo Estevão, de Viena, 136; Ermida de Chephrun, 133; Catedral de Friburgo, 116; Zimbório de S. Pedro, de Londres, 110; Zimbório de Milão, 109; Câmara Municipal de Bruxelas, 108; Torre Quadrada de Hainelli, Itália, 107; Zimbório dos Inválidos, 105; Zimbório do Panteon, 94; Nossa Senhora de París, 66.

— *Foi na guerra. Tive tanto medo que êle ficou assim arrepiado até hoje !*

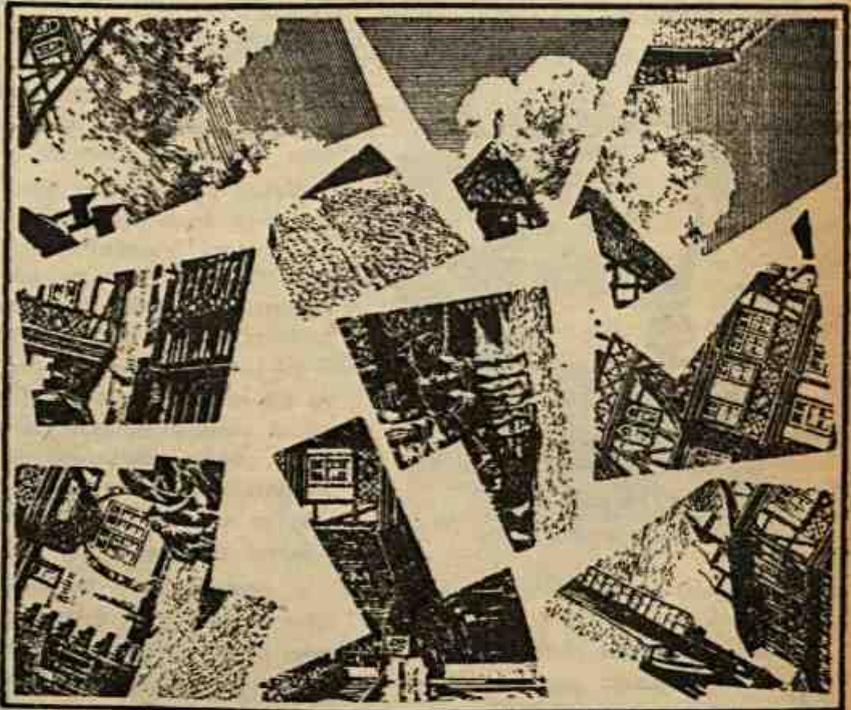
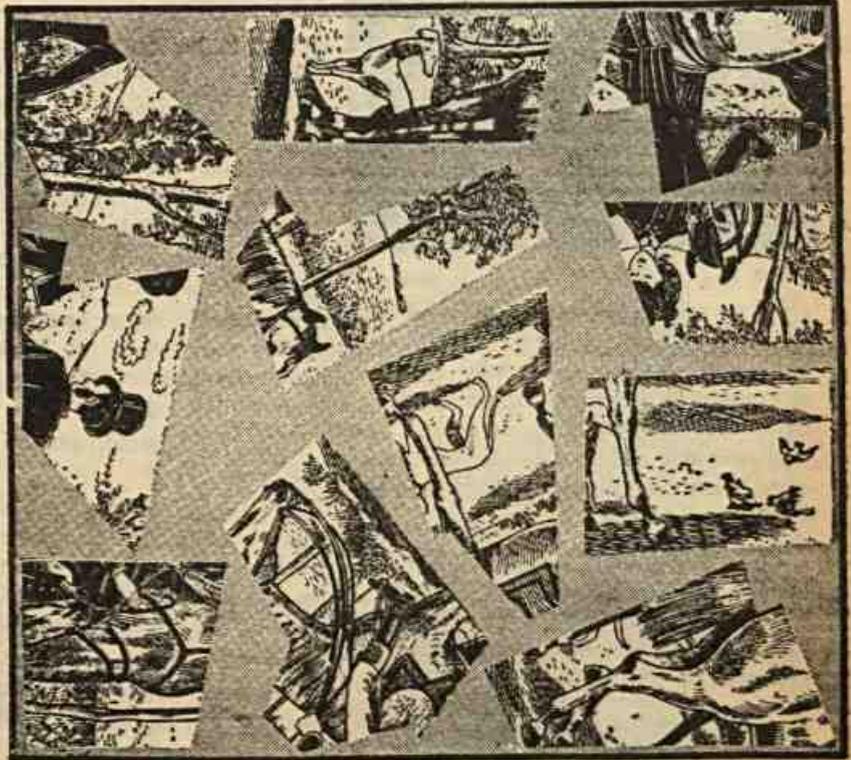
OS TRIBUNAIS DA GRÉCIA

AREÓPAGO era um Tribunal de Atenas, de origem imemorial, que exercia as suas funções no cimo duma colina próxima da cidade. Os membros de que se compunha eram, a princípio, 9; foi depois ilimitado e chegou a ir além de 500. Eram membros natos de Areópago todos os Arcontes (magistrados) que haviam bem servido e os cidadãos de irrepreensível comportamento. As funções dos membros dêste poderoso tribunal eram vitalícias; deixavam, porém, de pertencer-lhe os que por um fato qualquer se tornavam dignos de censura. Foi Solon que renovou a su a organização e estendeu a sua autoridade. Reunia-se o tribunal no silêncio da noite e conhecia de quasi todos os crimes; era contra os impios libertinos e ociosos que mais severo se mostrava.

— Estão vendo, que abuso?

Os oradores deviam limitar-se à exposição dos fatos. Votava-se com pedrinhas brancas e pretas em duas urnas, uma de bronze (símbolo de morte), e outra de madeira (símbolo de misericórdia). As decisões, sempre justas, do Areópago, eram religiosamente cumpridas. Foi o primeiro tribunal que aplicou a pena de morte. Principiou a degenerar no tempo de Péricles, que lhe restringiu o poder. Deixou, por fim, de ser incorruptivel e perdeu, dali por diante, a sua independência.

DOIS "PUZZLES" PARA VOCÊ

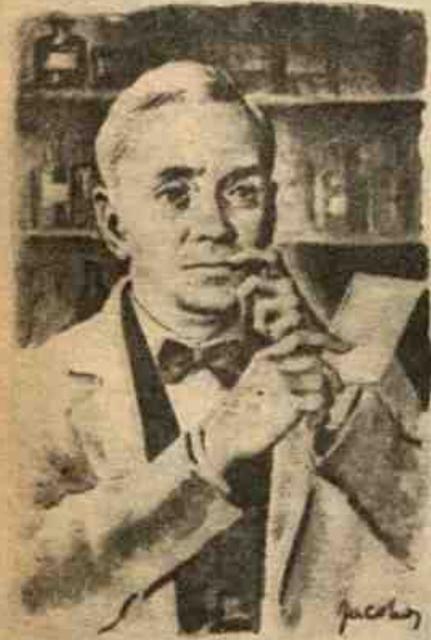
Aqui estão duas paisagens que o nosso paginador recortou e ia jogar na cesta, quando viu que precisava, ainda, encher um grande espaço... Para "safar a onça", colou todos os pedacinhos e... aí têm vocês um passatempo: recortem os pedaços e tratem de recompôr os dois quadros, que até são bem interessantes. (Não precisam mandar solução. Não é concurso).

TOSSE?

CODEINOL NUNCA FALHA

PREFERIDO PELAS CRIANÇAS POR SER DE GOSTO AGRADAVEL.
PREFERIDOS PELOS MÉDICOS POR SER O REMÉDIO QUE ALIVIA, ACALMA E CURA.

Infalivel contra resfriados, ásma e bronquite.

SE um rapaz de dezoito anos não houvesse fracassado em 1856 na sua ambiciosa tarefa de preparar quinina sintética, e não tivesse analizado os cristais negros que se formaram em seu tubo de ensaio, a indústria das anilinas de alcatrão não teria nascido. Mas William Henry Perkin era curioso.

Descobriu que os cristais dissolvidos em água fervendo produziam um formoso liquido vermelho. Mergulhou pedaços de sêda nesse líquido e depois os pôs para secar.

Sir Alexander Fleming, docente de bacteriologia na Universidade de Londres, descobriu a penicilina por acaso, por ter dado môfo em algo que preparava em seu laboratório. Observando o môfo, e estudando-o, pôde legar à humanidade a droga milagrosa que tantas vidas tem salvo.

Quando a côr permaneceu e nem sequer esmaeceu sob os raios solares, Perkin compreendeu que havia produzido a primeira tintura de anilina, precursora das côres que embelezam hoje os nossos quadros.

Também a impressão e a fotografia devem muito às investigações de um pintor e físico francês, Louis Daguerre, devendo muito mais, entretanto, ao acaso.

No século XIX não existia a fotografia tal como a conhecemos agora. As chapas deviam ser expostas à luz durante horas a fio, a fim de se conseguir uma fotografia.

Certo dia, Daguerre guardou uma chapa com pouco tempo de exposição dentro de um armário onde tinha deixado, por descuido, um vidro destampado contendo mercúrio.

O mecúrio, ao vaporizar-se, se converteu em um reativo. Revelou a imagem da chapa esquecida. A acidental descoberta de Daguerre deu como resultado a primeira forma comercial de fotografia.

Hoje é conhecida com o nome de "daguerreotipo".

Do mesmo modo, devemos as páginas a côres, de nossas revistas, à observação casual feita um dia por um boticário sueco, Karl Scheele, da ação da luz sôbre o cloreto de prata.

Charles Goodyear realizou experiências com "caucho" durante anos, mas não foi senão por acidente que derramou uma mistura de caucho e sulfureto sôbre uma chapa quente e obteve o resultado que buscava.

Enquanto a parte interna dêsse pedaço de caucho se estragou pelo excessivo calor, as partes externas, ou seja, os bordos, se mantiveram firmes, brandas e elásticas.

Novas experiências demonstraram que o processo de Goodyear, que êle denominou "vulcanização", em honra a Vulcano, deus romano do fogo, produzia borracha em lâminas que haviam perdido sua viscocidade.

Como resultado, a seiva da árvore do caucho produz hoje galochas, capas impermeáveis, bolsas para água quente, materiais isolantes e milhares de outros artigos úteis que não se fendem no inverno nem se fundem no verão.

A descoberta — ou melhor, a redescoberta — do mata-borrão, também se deve a um acidente.

Embora o mata-borrão fosse conhecido desde 1460, pràticamente, não era empregado até o princípio do século XIX, quando um inglês, em uma fábrica de papel de Berkshire, esqueceu de colocar substância fixadora num tonel em que era feita a massa de papel.

Essa produção inteira não podia ser vendida. O econômico fabricante tratou de guardar parte do papel para seu uso, mas a tinta da sua caneta espalhava-se tão ràpidamente nele que o impossibitava de escrever.

Ao examinar as fôlhas dêsse papel, observou que, se êle absorvia assim a tinta, podia ser usado em lugar da areia que, até então, era empregada para secar a escrita.

Anunciou a sua descoberta como "mata-borrão", e não só vendeu tôda aquela quantidade, como recebeu novas encomendas...

Além das lindas côres dos mármores que vemos nos edifícios modernos, que são naturais, mais de seiscentos tons diferentes se obtêm permanentemente com o emprêgo de tintas.

A idéia de colorir o mármore foi acidentalmente descoberta em uma experiência para fazer as aduelas dos barrís impermeáveis ao petróleo.

Louis Daguerre, o pai da fotografia, cuja ocasional descoberta vai devidamente explicada nesta mesma página. A fotografia, descoberta por acaso, originou o cinema, de que você tanto gosta... Você deve ser muito grato ao acaso, leitor, mas também, e muito, a Daguerre.

O experimentador usava um pedaço de mármore para manter em seu lugar o barril com o qual trabalhava. Ao terminar seu trabalho, tirou o mármore e então notou que estava manchado com uma linda côr, pondo-o de lado como imprestável.

Um mês depois apanhou novamente. Ao quebrá-lo, notou que a côr tinha nele penetrado.

Êsse acidente foi o comêço de experiências que nos deram as variedades e lindas côres de mármores que hoje conhecemos.

Também graças ao acaso se obteve o milagre do vidro inestilhaçavel, descoberto acidentalmente quando um sábio francês, Edonar Benedictus, deixou cair ao chão uma garrafa de vidro.

Ela partiu-se em fragmentos pequenos, mas não se estilhaçou. Benedictus quis saber porque. Então descobriu que a garrafa contivera colódio, que, ao evaporar-se deixou no interior do recipiente uma tênue camada, mas bastante forte para manter unidos os fragmentos.

Desta contatação Benedictus tirou a idéia de um "sandwiche" com duas placas de vidro e uma de nitrocelulose no centro.

Os aviões norte-americanos devem muito de sua superioridade a um acidente. George W. Lee, de Binghampton, New York, fabricante de botões para colarinho, resolveu fabricar botões de alumínio. Ao ajustar sua máquina para o novo modêlo, Lee fez o furador maior do que desejava

Para sua surprêsa, a máquina produziu um tubo de alumínio em vez de um botão chato, porque o suave metal era forçado, por pressão, a passar por uma estreita abertura entre o furador e a matriz.

Assim, por acaso, Lee inventou o processo de fabricar tubos de uma só peça com metal fino, uma das maiores descobertas no trabalho dos metaais.

Thomas Alva Edison procurava encontrar um filamento fino mas resistente que pudesse suportar uma corrente elétrica sem quebrar. Lutou meses consecutivos. Foi por acaso, ao limpar a mão que sujara de fuligem, que encontrou o que desejava, lembrando-se de carbonizar um fio de algodão, com o que obteve êxito. Assim nasceu a primeira lâmpada elétrica. .

Como Lee não pôde aproveitar o tubo fabricado por acaso, vendeu-o a um fabricante de bicicletas, Leslie Hooker, que o utilizou para fazer artigos como: caixas para guardar alfinetes de chapéu, caixas de termômetro, para médicos, e lapiseiras. Até que um dia lhe encomendaram que fizesse um radiador com um máximo de superfície de esfriamento e um mínimo de resistência ao ar, para um carro de corrido.

Hooker roubou sua idéia das abelhas. Colocou centenas de pequenos tubos de cobre de uma só peça, horizontalmente, dentro de uma armação de bronze. Os tubos tinham seus extremos de modo que uns encaixavam nos outros prefeitamente e podiam ser soldados, formando uma só unidade. As extremidades abertas dos tubos recebiam o ar.

Em contraste com o radiador comum, a água não passava pelos tubos, e sim ao redor dêles, e o invento de Hooker fez história no automobilismo, e depois na aeronáutica.

Também a penicilina foi descoberta por acaso, do mesmo modo que muitos de nossos novíssimos metais super-leves e as matérias plásticas. Centenas de acasos semelhantes estão contribuindo para dar maior segurança e conforto à nossa vida.

essa **proteção extra** contra as cáries...

essa **sensação extra** de **frescor**...

...graças à exclusiva espuma de Ação Anti-Enzimática

O Creme Dental KOLYNOS contém um ingrediente Anti-Enzimático que imuniza seus dentes contra as cáries, **durante o dia todo!** A abundante espuma do Creme Dental KOLYNOS é rica desta maravilhosa substância Anti-Enzimática que não permite que os ácidos bucais cheguem até o esmalte e prejudiquem os dentes. KOLYNOS deixa a mais deliciosa sensação de frescor na bôca. Você não vê... mas aí estão — frescor sem par e proteção **extra** sem igual no Creme Dental KOLYNOS!

— agora também em tamanhos GIGANTE e FAMÍLIA.

NOTÍCIAS DE DONA PULGA

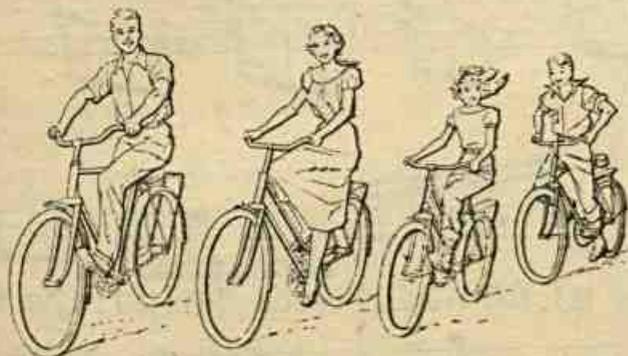
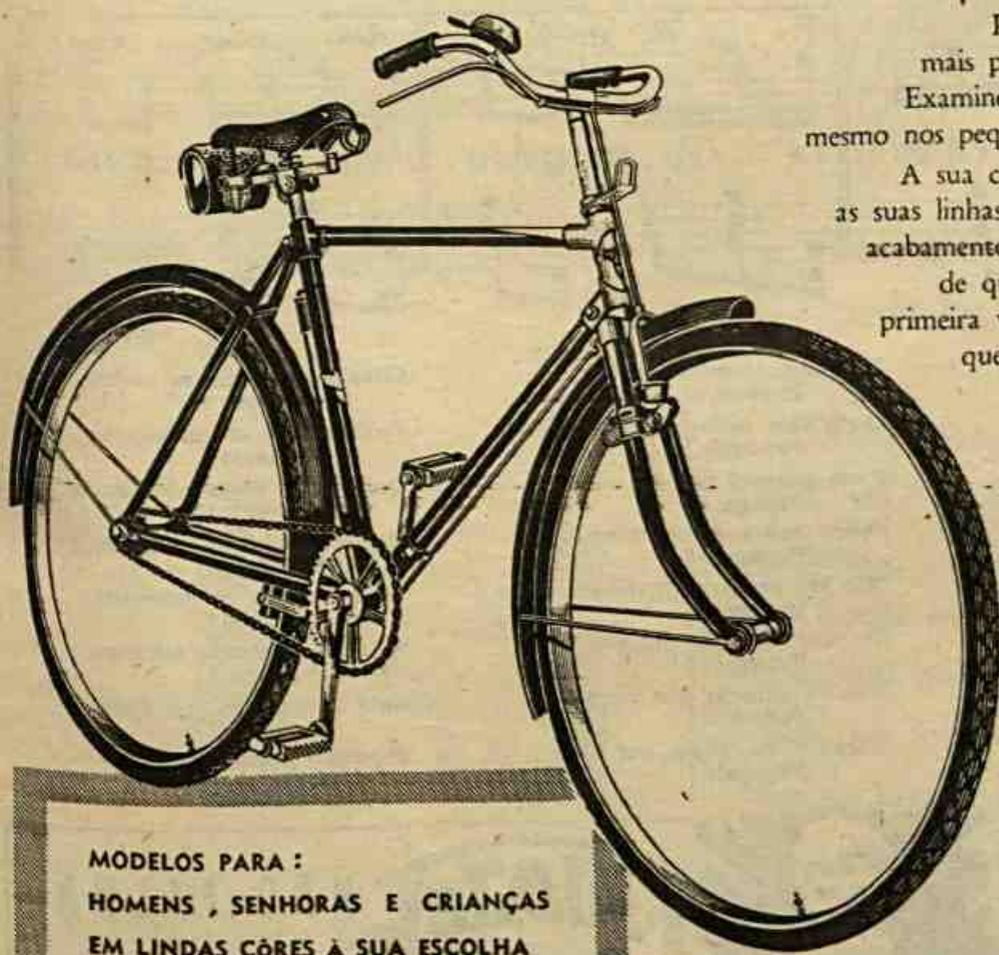
DONA Pulga, êsse importuno e perigoso inseto, pertence à ordem dos dipteros, segundo afirma a ciência. Dis significa, em grego, dois e ptéron, asa. Os dipteros são, portanto, insetos que têm duas asas desenvolvidas; as outras duas foram convertidas em balancins com os quais estabilizam o vôo. Como, porém, a pulga não possui asas, a ciência a inclui na sub-ordem dos afanípteros, nome composto da palavra pteron precedida de aphanes (pronuncia-se afanes), que quer dizer invisível. As asas invisíveis da pulga se reduzem a quatro pequenas escamas.

Por que perdeu a pulga as asas e os balancins? Porque é um parasito. Todos os animais que vivem às custas alheias, perdem algo. Os homens parasitos perdem a vergonha, a vontade de trabalhar, a dignidade e outras qualidades necessárias. Isto, meu menino, deve servir-lhe de exemplo. O homem tem que trabalhar e viver do seu trabalho. Se a sorte o livrar de pesados labores, deve trabalhar em outro que mais lhe agrade.

Entre os animais parasitos a pulga é dos piores. Só necessita, para viver, de algumas gotas de sangue roubadas. Dar-lhe um pouco dêsse sangue não seria um grande impôsto, porém êste tributo póde ter graves consequências. Porque, já o saberás, menino, pelos livros de escola: a pulga transmite a peste bubônica que contrai dos ratos infectados que nos visitam como imigrantes indesejáveis. A pulga, parasito do homem, chama-se em latim "Pulex irritans. Quando está bem alimentada se torna grandona. É um dos bichos mais saltadores. Salta mais que o cangurú. Imagine se a pulga fôsse do tamanho de um cangurú o que seria capaz de saltar e o dano que causaria com as duas agulhas que tem na boca.

A pulga se cria no meio do lixo nos monturos, no pó e no escuro. A fêmea põe os ovinhos nêsses lugares, ovinhos que em pouco tempo são transformados em larvas, sem pés (*ápoda*, do grego *a*, *sem*, e *podos*, pé). A boa mãe a alimenta, segundo dizem os autores, como a pomba alimenta os filhinhos. Enche-se de sangue e em seguida o põe na boquinha das pulguinhas. Elas engordam, com tantos cuidados, e fazem um casulo pequenino parecido com o do bicho da sêda. Lá dentro se transformam em crisálidas com patas, e depois se põem a saltar pelo mundo, percorrendo camas, costuras e barrigas de pernas, perseguidas pelo homem. A pulga vive melhor nos lugares sujos e poeirentos. Isto demonstra que onde há higiene não há pulgas. O veraneiro nas prais faz-lhes mais bem que ao homem, pois se tornam bonitas e gorduchas.

— *Vamos esperar a noite, para ver se êles se vão embora...*

Uma nova marca...
Um novo padrão de
Qualidade!
M.S.A.
– a bicicleta que V. tanto aguardava!
Procure ver, no seu revendedor mais próximo, a nova bicicleta MSA. Examine-a cuidadosamente, e veja que, mesmo nos pequenos detalhes, MSA é perfeita.
A sua construção sólida e aperfeiçoada, as suas linhas harmoniosas e o seu belíssimo acabamento, são inigualáveis características de qualidade que identificam, logo à primeira vista, a nova MSA - a bicicleta que V. tanto aguardava. Para seus alegres passeios ou como meio de condução para o seu trabalho, a bicicleta MSA lhe proporcionará o máximo de confôrto e satisfação.
a bicicleta MSA
será um justo motivo
de orgulho para V.!
MODELOS PARA:
HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS
EM LINDAS CÔRES À SUA ESCOLHA
Fundada em 1912
MESBLA
UMA TRADIÇÃO EM QUALIDADE E BONS SERVIÇOS
MESBLA
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PÔRTO ALEGRE — B. HORIZONTE
RECIFE — SALVADOR — PELOTAS — NITERÓI — VITÓRIA — MARÍLIA
Para revenda ou distribuição no interior, queira dirigir-se à Filial ou ao Escritório mais próximo.

PAPAGAIO • CÔCO NORTISTA •

SOLO: — Papagaio na gaiola
CÔRO: — Papagaio!
Aprende logo a falá
Papagaio!
E menino na escola
Papagaio!
Aprende a lê e a contá
Papagaio!
Periquito quando grita
Papagaio!
E' porque qué comê milho
Papagaio!
Quem quisé moça bonita
Papagaio!
Cante moda de estribilho
Papagaio!
Passarinho prêso canta,
Papagaio!
Não devêra de cantá
Papagaio!
Se êle os seus males espanta,
Papagaio!
Não consegue se sortá
Papagaio!
A mulhé que muito fala
Papagaio!
E' porque trabalha pouco,
Papagaio!
Passa o tempo só na sala
Papagaio!
Não sabe nem ralá côco
Papagaio!

Ninguém conte valentia
Papagaio!
Onde têje muita gente,
Papagaio!
Pode aparecê um dia
Papagaio!
Outro cabra mais valente.
Papagaio!
Não hai praga mais danada
Papagaio!
Do que menino chorão,
Papagaio!
Não se consola por nada
Papagaio!
Chora à tôa, chora em vão.
Papagaio!

Cavalo bom não se empresta,
Papagaio!
Porque logo se escangalha
Papagaio!
Quando de vórta não presta
Papagaio!
Nem pra se botá cangalha.
Papagaio!
Segunda fêra eu descanso.
Papagaio!
Na terça e quarta também,
Papagaio!
Quinta e sexta eu, no remanso
Papagaio!
Espero o sábbo que vem
Papagaio...

KOLATOL NÃO FALHA

FAZ DOS FRACOS FORTES. INFALIVEL NOS CASOS DE ESGOTAMENTO:
ANEMIA
DEBILIDADE NERVOSA — INSONIA
FALTA DE APETITE
E OUTROS SINTOMAS DE FRAQUEZA ORGANICA DE CRIANÇAS E ADULTOS.

Pensamentos e Provérbios Chineses

A ignorância é a noite do espírito, mas uma noite sem lua nem estrêlas.

*

Entre cem projetos de um rico, encontram-se noventa e nove para o tornar mais rico.

*

Quem não muda de côr vendo o ouro, mudaria de gesto se não fosse visto.

*

A capa emprestada não livra do frio.

*

Todas as árvores tem fôlhas; nem todas, porém, dão frutos.

A ESCOLA

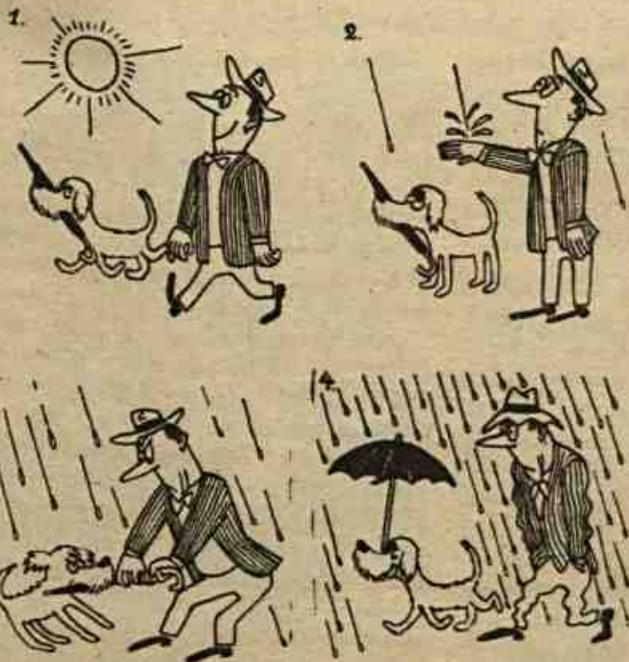
BASILIO DE MAGALHAES

A escola é o foco de onde a luz radia
A luz que aclara os tempos e as nações;
Ora é luz que descanta, é cotovia;
Ora é centelha de revoluções !

Pois, onde é que o soldado balbucia
O nome "Pátria", que enche os corações?
Onde é que nasce o amor? Onde a poesia?
Onde as mais santas das inspirações?

Na escola irrompe, em solidário afeto.
O altruístico e elevado sentimento,
Graças ao fogo, de paixão repleto,

Das lavas do vulcão do entendimento:
— "É que há mais luz nas letras do alfabeto
Que nas constelações do firmamento !"

O BOM BOCADO É PARA QUEM O... TRAZ!

A LACTA é uma grande e tradicional indústria, que garante a pureza dos seus produtos.

O cacau, o açúcar, a glicose, o leite, as frutas, são todos selecionados e da mais alta qualidade.

Quando a senhora dá uma bala, um chocolate, um drops, um bombom LACTA a seus filhos, tem a CERTEZA de zelar por êles, porque vão saborear produtos deliciosos, nutritivos e de insuperável qualidade.

UMA TRADIÇAO DE QUALIDADE

AS HORAS

TAMBÉM TÊM UMA HISTÓRIA

OS homens tiveram muito tarde a idéia de dividir o dia. Para fazer aproximadamente a conta do tempo que havia passado, primitivamente êles se serviam da observação da sombra das árvores; pela manhã, eram os animais domésticos que, pela sua atividade, anunciavam que o dia já começara.

Uma espécie de divisão foi criada na Grécia, pela qual se distinguia a manhã, o meio do dia, o começo da noite e o fim da noite. Os persas, um pouco mais tarde, estabeleceram cinco partes para o dia, a saber: a aurora, que ia do meio da noite até o sair do sol; o tempo do sacrifício, que ia do romper da alva até o meio dia; a luz-plena, indo do meio dia até o pôr do sol; o nascer dos astro e, para terminar, o ciclo ou período das orações.

No começo da era romana, distinguia-se o *diluculum* ou "ponto do dia"; o *mane* ou manhã, o *ad-meridium*, cêrca do meio dia, o meridies, o meio do dia, o *de meridie*, ou depois do meio dia, o *suprema*, que correspondia ao pôr do sol, o *prima fax*, momento em que se acendia a primeira tocha, o *intempesta nox*, ou noite profunda, e o *galliciniun*, marcado pelo primeiro canto do gado. É a êsse sistema que devemos as nossas divisões imprecisas de *manhã, tarde e noite*.

O tempo estando dividido conforme o aspecto do céu, os dias eram muito desiguais e sua duração variava conforme a estação. Foram os caldeus que, mais ou menos 800

anos antes de Jesús Cristo, efetuaram um sistema de divisão independente, no qual o tempo decorrido era medido não mais em relação com a posição dos astros, mas relativamente à duração do escoamento da água num relógio hidráulico. O dia, a princípio, foi dividido em 60 horas, cada uma dividida em 60 minutos.

Os hebreus imitaram os caldeus, mas dividiram seu dia em 8 horas apenas, cada uma das quais correspondia a 3 das nossas atuais horas. O cálculo era feito por especialistas e funcionários do govêrno que eram encarregados de sair anunciando ao público o começo de cada nova hora. Esse costume passou até a França, onde, na Idade Média, os vigilantes percorriam as ruas para fazer saber aos moradores locais que era chegada a hora de dormir.

Os caldeus, algum tempo depois, melhoraram sua invenção, pondo de parte as 60 horas e adotando 12 horas, mas mantendo a divisão destas em 60 minutos. A duração de cada minuto foi, assim, sensivelmente aumentada, e foi então possível criar um submúltiplo, o **segundo**, que permitiu apreciar a duração do tempo com maior precisão. Logo depois passou-se a contar 12 horas de dia e 12 horas de noite e é êsse sistema que, depois de ter sido adotado pelos gregos e romanos, permanece até hoje.

Êle não foi abandonado senão durante a república francêsa, em que se adotou um dia de 20 horas divididades cada uma em 100 minutos.

Para dizer a verdade, minutos e segundos, até o século II, não foram utilizados senão pelos sábios, e pela falta de instrumentos de precisão, a gente do povo se contentava com a hora aproximada dada pelos quadrantes solares. A moda fêz voltar o uso da clepsidra, depois que Haroun Al Rachid ofereceu um dêsses relógios de água como presente a Carlos Magno. Entretanto, o relógio solar tinha feito rápidos progressos e houve até alguns de bolso, fabricados pelos gauleses. Eram constituidos por um pequeno disco de marfim de 6 a 7 centimetros de diâmetro, ostentando um quadrante graduado no qual uma pequena haste, suscitível de ser erguida ou baixada, projetava sua sombra. Na época dos grandes viajantes, fabricavam-se instrumentos mais precisos, dando as diferenças de horas conforme as latitudes.

Êsses relógios foram utilizados até o fim da idade média, época em que apareceram os relógios mecânicos.

CINQUENTA ANOS

HÁ precisamente cinquenta anos, apareceu o primeiro ALMANAQUE D'O TICO-TICO. • No ano anterior surgira a nova revista infantil, primeira que tiveram as crianças brasileiras, e cujo cinqüentenário já se festejou. • Agora toca a vez do seu anuário, que neste meio-século não deixou de aparecer um único Natal, para alegrar a meninada que sempre o adorou e continua a lhe dar a sua preferência. • Ao ensejo dêste cinquentenário, não é a nós que dele cabe falar. Cabe-nos, apenas, registrar o acontecimento, e agradecer a Deus a graça que representa poder servir sempre com dedicação a uma boa causa — coisa que sempre fez o ALMANAQUE — e aos leitores de ôntem e de hoje a maneira sempre fidalga e acolhedora com que o receberam e recebem, cada vez que aparece, para deleite da gente miuda de nossa terra.

O drama de BORBA GATO

4 — Durante o tempo em que Fernão Dias se achava fora, chegou ao Brasil um fidalgo português, D. Rodrigo de Castelo Branco. E vinha com o título de "Administrador Geral das Minas do Brasil".

5 — Castelo Branco, indo a Sabará, resolveu apoderar-se das minas de Fernão Dias, em nome de Portugal. Borba Gato, porém, não o permitiu.

6 — No auge da discussão, um dos bandeirantes atirou em Castelo Branco, matando-o. E Borba Gato foi acusado da autoria do crime.

Antevendo o castigo, por parte da Corôa, fugiu para os sertões e foi viver entre os índios. Passaram-anos. Anos de saudades da família distante.

Um dia, afinal, sentindo-se doente e alquebrado, resolveu tornar à civilização. Sua esposa, porém, recusou-se a reconhecê-lo, não admitindo que êle estivesse vivo.

8 — Borba Gato, o coração partido, voltou, então, para as selvas, onde viria a morrer.

DESDE o começo do cristianismo, o aniversário do nascimento de Jesús foi celebrado com uma festa especial, nas igrejas católicas. Entretanto, essa festa até o século IV não tinha data fixa. Assim, em algumas igrejas era celebrada em dezembro; outras faziam-na, de preferência, no mês de janeiro; e muitas outras, no mês de abril.

Foi o Papa Júlio I quem fixou a data de 25 de dezembro para as festas do nascimento de Jesús.

Na Idade Média essas festas eram as mais belas, as mais pomposas, as mais concorridas das festas populares.

Representavam, ao vivo, o presepe, com Maria Santíssima, S. José, o Menino Jesús, os pastores, todos encarnados por pessoas da localidade, escolhidas e preparadas para tal fim. O boi e o burro tradicionais não eram esquecidos

Organizavam-se procissões alegres, com cantos e danças e de vez em quando o grito feliz: "Natal! Natal!" cortava os ares, acompanhado de outros, cada vez mais jubilosos, mais comunicativos.

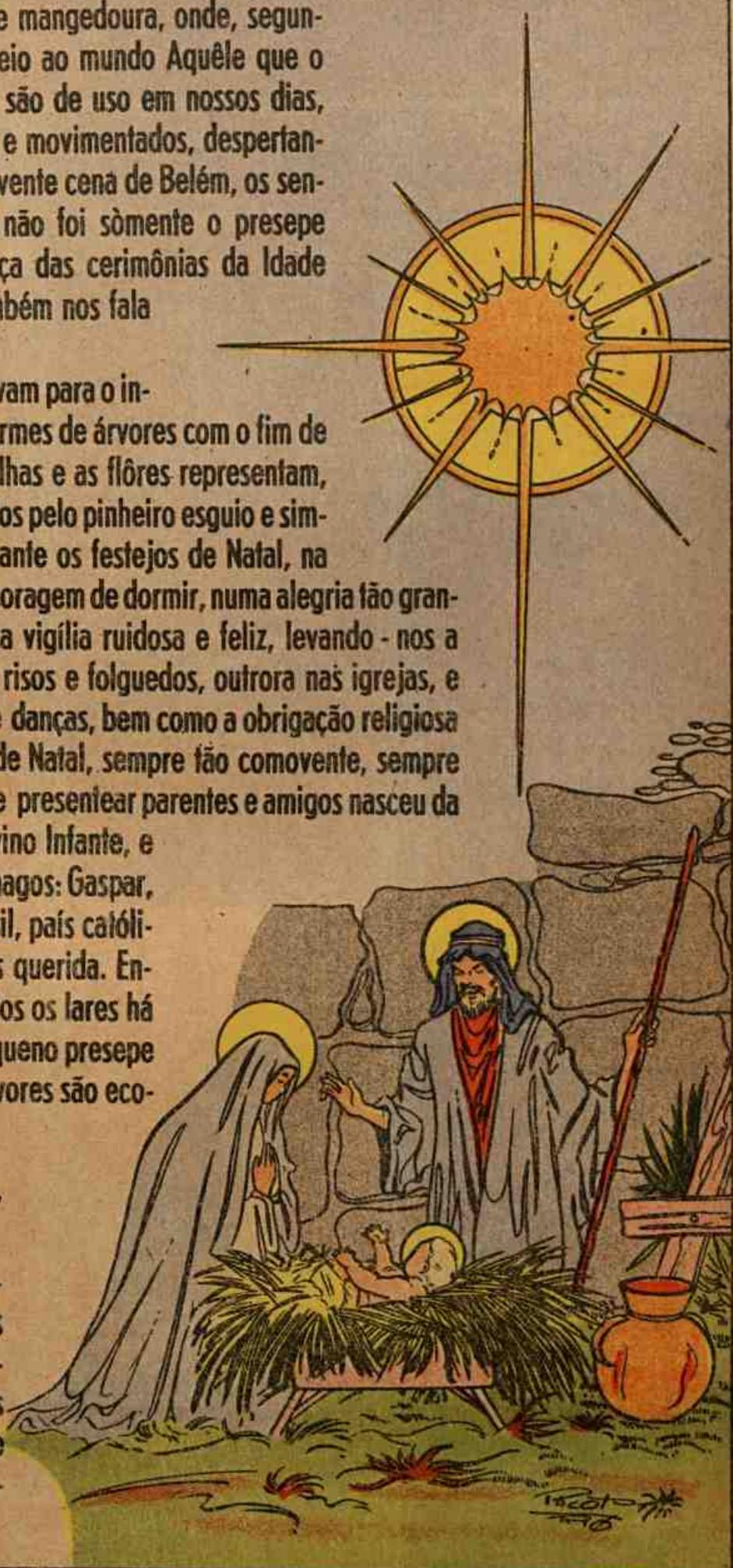
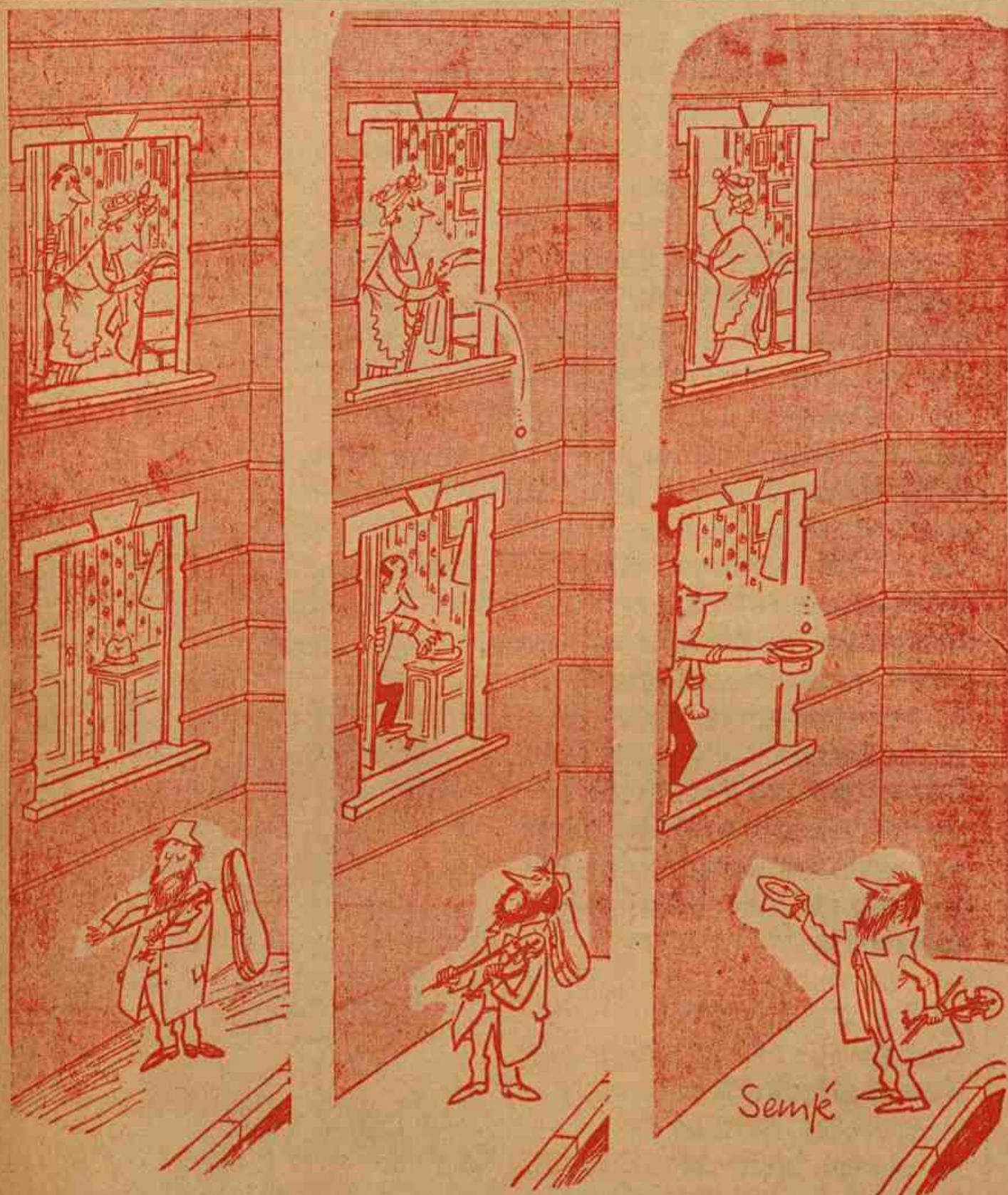
As igrejas eram tôdas enfeitadas de ramos de árvores, de onde pendiam fitas, flôres, etc.

Do século VI em diante, foi permitido aos sacerdotes celebrarem três missas votivas ao nascimento de Jesús: a primeira, era chamada a "missa da noite"; a segunda, a da "aurora", e a terceira, a do "dia de Natal". Essas cerimônias festivas, no interior das igrejas, perduraram por muito tempo. Dado, porém, o exagêro e mesmo o rumor feito nos templos, a cena viva do Natal foi substituida pelo presepe ar-

mado, representando humilde mangedoura, onde, segundo diz a Escritura Sagrada, veio ao mundo Aquêle que o devia salvar. Êsses presepes são de uso em nossos dias, uns simples, outros luxuosos e movimentados, despertando em todos os fiéis, a comovente cena de Belém, os sentimentos mais contritos. Mas não foi sòmente o presepe que nos ficou como lembrança das cerimônias da Idade Média: a árvore de Natal também nos fala dêsse tempo.

Como naquela época levavam para o interior dos templos ramos enormes de árvores com o fim de dar idéia da alegria que as fôlhas e as flôres representam, êsses ramos foram substituidos pelo pinheiro esguio e simbólico. Da mesma forma, durante os festejos de Natal, na Idade Média, ninguém tinha coragem de dormir, numa alegria tão grande; veio até nós também essa vigília ruidosa e feliz, levando-nos a passar a noite de Natal entre risos e folguedos, outrora nas igrejas, e hoje, nos lares, com festas e danças, bem como a obrigação religiosa do comparecimento à missa de Natal, sempre tão comovente, sempre tão concorrida... O hábito de presentear parentes e amigos nasceu da oferenda dos pastores ao Divino Infante, e dos presentes reais dos três magos: Gaspar, Baltasar e Mélquior. No Brasil, país católico, a festa de Natal é a mais querida. Enchem-se os templos e em todos os lares há uma árvore de Natal e um pequeno presepe em honra ao doce Jesús. Louvores são ecoados e entre êles:

Hoje é noite de Natal!
Ninguém se deita em colchão,
Pois nasceu o Deus-Menino
Entre palhinhas no chão.

No norte do Brasil os festejos de Natal são feitos com reisados, danças, pastorinhas, cânticos, festejos êsses que terminam no dia de Reis, com a queima da lapinha, fogos de artifícios, etc.

HÁ SEMPRE ALGUEM MAIS ESPERTO...

LEMBRE À SUA MAMÃE QUE ELA ESTE ANO AINDA NÃO PROVIDENCIOU PARA COMPRAR O FORMIDÁVEL

"ANUÁRIO DAS SENHORAS"

UM DETETIVE em apuros

O COFRE VASIO

— NÃO sei como o homem entrou, — declarou Jórge Pereira. Êle deve ter-me ouvido chegar, porque assim que me inclinei para olhar pelo buraco da fechadura do gabinete, eu o vi imóvel, diante do cofre, a trinta centímetros de mim. Receando que estivesse armado, não ousei entrar e me retirei nas pontas dos pés, para a sala de jantar, deixando a porta ligeiramente aberta.

— A saleta que você atravessou estava iluminada? — perguntou o detetive.

— Estava; mas há um comutador do lado de fóra do gabinete, que comanda as luzes da saleta, e o ladrão as apagou, impedindo-me de o vêr, quando fugia — respondeu Pereira — Meu tio estava ausente, os empregados deitados e não ousei seguí-lo. Assim que fechou a porta da entrada, atrás de si, telefonei à polícia. Depois que entrei no gabinete vi o cofre arrombado...

— Havia luz no recinto, quando você entrou?

— Sim.

— E o ladrão fechou a porta ao sair?

— Fechou.

— E que havia no cofre?

— Eu... não sei. Meu tio não me punha ao corrente de suas finanças e...

— Você fala e age como um ser inteligente! — interrompeu o detetive. — Mas, tem certeza de me ter contado os fatos tais como se passaram?

— Sim, certamente! Duvida de mim, por acaso? — disse Pereira, com indignação.

— Tenho razões para duvidar..., foi a resposta... E, por essas razões, convidó-o a vir comigo...

Quais eram "essas razões?"

(Veja a solução no fim do Almanaque)

O detetive Merlock Dolmes — deve ser parente do célebre Sherlock Holmes... — é uma fera para desvendar mistérios...

Vocês vão ver, nos dois caque aqui lhes contamos.

Para que sintam bem isso, deixámos as soluções a cargo de vocês. Depois de solucionarem os dois casos, procurem as respostas no fim do Almanaque.

O ESPELHO

O detetive Merlock falava consigo mesmo, mordendo nervosamente seu cachimbo, insensível à doçura do ar matinal, ao se dirigir para o enorme palacete, à beira de uma enseada.

— Não será uma tarefa muito fácil — pensava — achar o autor dêste furto... Em plena estação, as cidades como esta formigam de indivíduos à espera de oportunidades para seus golpes. E mesmo se êle foi bastante gentil para deixar as impressões digitais, há muitas probabilidades de que, praticado o roubo, não se encontre mais aqui...

Chegou enfim ao Hotel, onde o gerente lhe disse que Lina Cristina, a jovem estrêla, o esperava. No momento em que chegava ao corredor, que levava ao quarto 304, viu sair de lá um senhor de porte respeitável, levando volumosa pasta de couro.

"Sem dúvida, é o agente da Companhia de Seguros..." — pensou consigo...

A jovem tinha tido tempo de se recompôr da emoção experimentada na véspera, quando lhe havia sido roubado um maravilhoso anel, ornado com um solitário, e seu colar de pérolas.

Enquanto a jovem atriz falava, Merlock, sentado numa poltrona, examinava o aposento, escutando sua narrativa. Era um magnífico quarto que dava para o mar. Frente à janela, do outro lado da peça, à direita, abria-se uma porta dando para o banheiro.

— "Eu estava precisamente acabando de tomar minha ducha", — explicava Lina Cristina. — "Havia, quase terminado, quando me pareceu ouvir um ruido anormal. Maquinalmente lancei um olhar ao espêlho, diante de mim e que, como pode o senhor ver, permite avistar uma parte do quarto e, principalmente, a penteadeira, onde colocara as joias antes de me preparar para o espetáculo... Vi um homem. E tudo durou o espaço de um relâmpago. Comecei a gritar, vesti-me e saí mas, ao chegar à penteadeira, as joias e o ladrão tinham desaparecido.

— A senhora se aborreceria — pediu o detetive — se eu pedisse para reconstituir a cena e repetir os gestos que fêz, no momento do desaparecimento das jóias?"

— Não! — respondeu a estrêla.

Foi até ao banheiro, colocou-se sob a ducha, e afastou a cortina. Efetivamente, podia-se bem ver em diagonal o que se passava no quarto. Distinguia-se, claramente, a penteadeira.

— Bem — disse o detetive. — O ladrão foi hábil. Não tinha mais que dois minutos para se decidir e soube bem escolher o momento...

— Oh! não! — disse Lina — "Ele teve mais do que isso. Eu passo pelo menos, sob a ducha quente, cinco minutos...

Merlock aquiesceu. Mas continuou:

— Nêsse caso, seria melhor esquecer esta história de furto, porque a polícia não gosta que se brinque com ela. Poderia fazer pagar caro esta intenção de procurar ganhar dinheiro por meio de trapaças...

Como póde o detetive, em alguns segundos, modificar seu ponto de vista e afirmar que se tratava de um roubo simulado?

(Solução no fim do Almanaque)

OS DOIS EREMITAS

HOUVE tempos em que veneráveis eremitas, querendo exprimir seu desprêso pelas coisas terrenas e seu desejo de se aproximar do céu, iam residir no alto de estreitas plataformas colocadas em equilíbrio no cimo de altas colunas. Eram chamados, por isso, "stilitas".

Quanto mais alta era a coluna, maior era sua reputação de santidade. Com os olhos erguidos para as nuvens êles passavam a vida a meditar, não interrompendo as reflexões senão para puxar, por meio de uma corda, os cestos nos quais as pessoas caridosas da visinhança colocavam alimentos. No cimo de uma coluna, perto de Corinto, vivia o "stilita" Tadeu. O santo homem levava uma vida tranquila, acocorado no seu retiro e vivia, por isso, acima das vicissitudes dos seus contemporâneos. De longe vinha gente para vê-lo e cada peregrino trazia um pato gordo, ou um cesto de legumes frescos ou outra qualquer oferanda, de modo que Tadeu não se precisava preocupar com a sua subsistência.

Infelizmente, isso durou o mesmo tempo que dura tudo que é bom cá em baixo. Um dia um discípulo entusiasta tomou a funesta decisão de se instalar ao pé de Tadeu. Ergueu alí também a sua coluna e quando esta estava quase pronta para que êle nela pudesse permanecer, não se contentou com isso e levou mais pedra, fazendo com que a construção dentro em breve ficasse maior do que a do primeiro ocupante. É claro que êste ficou furioso. Pois como? Seu rival pretendia roubar-lhe a auréola? Tôda sua sabedoria acumulada durante horas, dias e anos de prece e de meditação, desapareciam como que num sôpro. Começou então uma luta sem tréguas entre os dois "stilitas" Pedra por pedra, tijolo por tijolo, as colunas subiam dia a dia.

O bravo Tadeu trabalhou um bocado. Ao fim de uma semana de esfôrço foi forçado a constatar que seu edifício começava a oscilar perigosamente. A mais elementar prudência lhe recomendava pôr um freio ao ambicioso projeto.

Ao mesmo tempo, com o coração cheio de ódio, êle observava os progressos do seu concorrente, cuja coluna atingia uma altura bem maior que a da sua, sem nenhuma ameaça de perigo. Para cúmulo de infelicidade, não contente de lhe arrebatar o prestígio, o indesejável visinho começou a receber também os presentes dos peregrinos. E foi assim que o infeliz Tadeu, além de ferido no seu orgulho, sentiu em breve a dolorosa reclamação do próprio estômago.

Um mês, longo e penoso para o primeiro eremita, se escoou. Certa manhã, porém, como Tadeu lançasse um olhar cheio de amargura e velado por um pouco de inveja, para a coluna do adversário, descobriu que um coelho tinha resolvido fazer sua casa ao pé da construção indesejável. E o roedor cavava a sua tóca com ardor...

Uma alegria malévola se apoderou do coração do eremita. Rindo à socapa, por baixo da veneranda barba branca, êle passou a aguardar o momento em que o edifício, solapado nas suas fundações, ruisse com fragor.

Não teve que esperar muito tempo. Com um ribombar de trovão a coluna se deslocou bruscamente, atirando seu ocupante ao chão. Tadeu desmanchava-se em gargalhadas e estava gargalhando ainda quando uma pedra, desprendida da outra coluna, atingiu a sua.

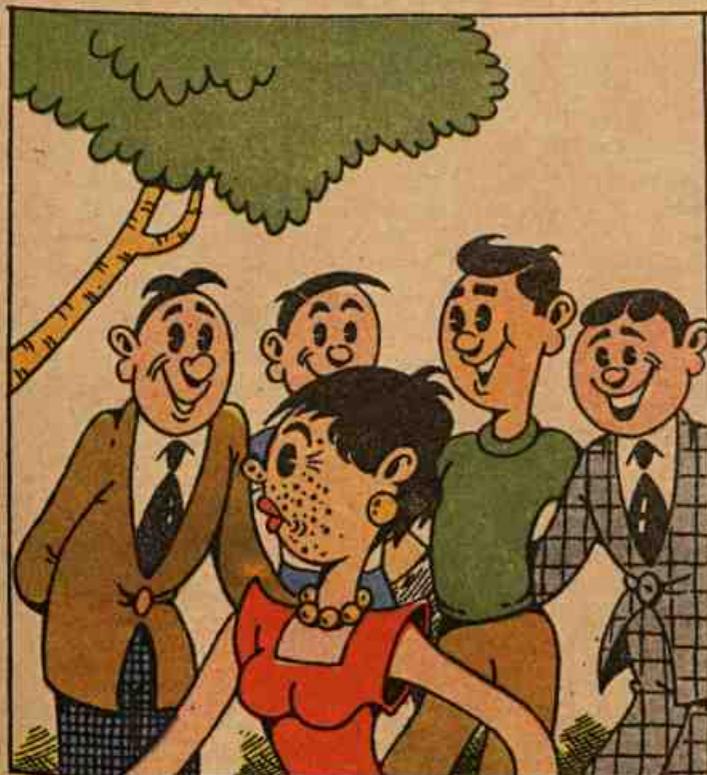
Um longo grito de espanto dominou o fragor geral...

Quando a poeira levantada tornou a pousar, os dois rivais encontraram-se lado a lado, cobertos de equimoses, mas felizes apesar de tudo, por se acharem na mesm situação. Entretanto, logo depois começaram a refletir.

— Companheiro, nós pecámos por orgulho — disse Tadeu, batendo no peito — e Deus nos puniu.

— Tem razão, irmão — admitiu o outro — Arrependamo-nos e tratemos de expiar a nossa falta...

E foi assim que os dois companheiros, inimigos na véspera, tomaram, capengando, o caminho de um vale isolado, onde viveram por muito tempo numa gruta simples, ocultos dos visitantes, tendo compreendido que o céu não pertence aos orgulhosos, mas sim é reservado aos humildes que não fazem estardalhaço das próprias virtudes.

O MARAVILHOSO "TROTE"

Quando Mariazinha passava, tudo fazendo para ser apreciada pelos rapazes, êstes sorriam dela, coitada. É que Mariazinha tinha uma pele horrivel, cheia de espinhas e cravos. Um dia, os rapazes decidiram passar-lhe um trote . . .

. . . e a moça recebeu pelo Correio vários pacotes misteriosos, cada qual contendo um vidro do primeiro produto para tratamento da pele de que êles se lembraram, para a sua malvada brincadeira

Ela, porém, em vez de se agastar, começou a fazer uso do tal produto. E como êste era o excelente e eficacíssimo Leite de Colônia, dos Laboratórios STUDART, não demorou e se viu livre das feias afecções da pele, que tanto a . . .

. . . entristeciam. E os proprios rapazes que lhe passaram aquele bem inspirado "trote", viviam, agora, a cortejá-la, encantados com a beleza de sua cutis . . .

valo, a cada movimento, muda de côr na casa do taboleiro, é a única pedra que pode pular por sôbre outras e anda duas casas para o lado e uma para a frente, ou para trás, ou uma para a frente ou para trás e duas para os lados.

O pião anda na vertical, para a frente, de casa em casa, a não ser na saída do jôgo, que pode pular duas casas, e *come* para os lados, direita ou esquerda.

Duas pedras não podem ficar na mesma casa. A pedra que *come* fica no lugar da que foi *comida* ou tomada.

Essas as noções que damos a vocês do jôgo do xadrêz, cuja origem provém de uma interessante lenda árabe.

O JÔGO DE XADREZ

SUA ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO

O jogo do xadrez representa uma batalha entre dois campos de fôrças inimigas iguais. Ambas têm o seu exército, comandado pelo seu rei, acompanhado de toda a côrte. Batalhas dessa ordem, hão de convir os nossos leitores, não podem ser dirigidas pelos inteligentes petizes que preferirão, sem dúvida, o sossêgo do lar, a alegria de outros divertimentos infantis, ao cálculo e à meditação que são necessários para o jôgo do xadrez.

Não nos furtamos, entretanto, de dizer aos leitores o que é o jôgo do xadrez, talvez o mais difícil de todos os jogos, tão difícil que o grande sábio Leibnitz o considerou como uma ciência. E uma ciência não pode ser esplanada no pequeno espaço desta página. E êle de origem persa e consta do *taboleiro* e das *pedras*, que são *pretas* e *brancas*.

O escopo principal do jôgo de cada parceiro é colocar o rei adversário em posição que, atacado, não póde fugir nem se defender. Diz-se, quando tal acontece, que o rei está *em cheque mate*.

As pedras, tanto brancas como pretas, são: o rei, a rainha, os bispos (também chamados *bôbos*), as tôrres, os cavalos e os piões. Estes e os cavalos representam a infantaria e cavalaria do exército do rei. As tôrres são as fortalezas, e os bispos os defensores da côrte. Cada pedra têm o seu movimento especial e por isso são muitas as combinações do jôgo.

A marcha das pedras é a seguinte: o rei anda de casa em casa, em todas as direções. A rainha anda para qualquer direção e não póde saltar por sôbre outra pedra. A tôrre desloca-se nos sentidos horizontal e vertical. O bispo caminha nas diagonais. O ca-

Um brâmane foi encarregado de divertir o rei e imaginou um jôgo em que o rei, a peça mais importante, nada podia fazer sem o auxílio de seus súditos. O rei, entusiasmado com o jôgo, ofereceu ao brâmane a recompensa que êste quisesse. O brâmane, querendo dar mais uma lição ao rei, pediu que lhe fosse dada a recompensa em grãos de trigo, do seguinte modo: um grão na primeira casa do taboleiro, dois na 2.ª, 4 na 3.ª e assim por diante, até a 64.ª casa. O rei concedeu, julgando até modesto o pedido. Feitos todos os cálculos, viram que seriam precisos . . . . 18.446.744.073.709.551.615 de grãos de trigo, o que só se poderia conseguir se se semeassem 76 vezes todos os continentes da Terra. E aí têm vocês a origem e algumas noções do jôgo do xadrez.

NOMES QUE LEMBRAM ALGUMA COISA

Colt

NASCIDO em 1814, em Hatford, capital do Estado de Connecticut, nos Estados Unidos, Samuel Colt se interessou desde jovem pelas armas. Desde moço ficara entusiasmado quando lhe contaram que Robert Fulton inventara um submarino.

E, não tendo ainda feito vinte e cinco anos, conseguiu criar um projeto de torpedo cujos planos, submetidos às altas autoridades, impressionaram vivamente o presidente Tyler, mas não mereceram mais que ceticismo por parte das altas patentes navais.

Samuel Colt não insistiu. Tinha outro plano em mente: imaginava a vantagem que apresentaria uma arma portátil, de manejo fácil e tiro rápido. Passaram-lhe pela idéia os modêlos de pistolas giratórias aparecidas lá pelo décimo-quinto século e aperfeiçoando pràticamente essas armas perigosas, criou o revólver de tambor.

Samuel Colt não criava, apenas, com êsse seu tipo de revólver, uma nova arma, mas também aplicava em sua fabricação novos processos, pois as peças das armas eram substituíveis, podendo ser, consequentemente, fabricadas em série.

E foi baseado neste princípio que Colt montou uma Usina em Paterson, com o capital de duzentos e cinquenta mil dólares e em 1835 submeteu seu invento à aprovação do Ministério da Guerra. Receberam-no com certo descaso, pois a arma não correspondia aos modêlos então em uso. Colt conseguiu, entretanto, à custa de inúmeros pedidos, permissão para que a arma fôsse experimentada diante de uma comissão de oficiais.

Após a experiência, os que assistiram foram unânimes em declarar que a arma era "absolutamente inadaptável às necessidades do serviço".

O fornecimento ao Exército lhe era, assim, negado, e Colt não podia achar apenas no comércio colocação suficiente para o que produzia. Em 1842 veio a falir e a fábrica de Paterson foi fechada.

Mas, antes disso, a guerra no Texas havia, melhor que uma experiência em "stand", demonstrado o valor da arma. Combatia-se, então, a cavalo, contra os índios ágeis e velozes, e o importante era ter uma arma rápida que pudesse ser usada sem apear. Os pioneiros tinham encontrado essa arma no revólver de Colt, que, em breve, foi chamado, simplesmente, um "colt". E, paradoxalmente, no momento, em que o inventor ia à falencia, os pioneiros não hesitavam em pagar duzentos dólares por uma dessas armas, que julgavam indispensáveis.

Depois veio a guerra do México e o general Taylor viu perfeitamente os serviços que lhe prestavam os cavaleiros do Texas, graças aos seus "colts".

Exigiu armas iguais para seus homens. O Ministério da Guerra teve, assim, que procurar Colt e lhe encomendar mil revólveres por vinte e quatro mil dólares, soma que o inventor exigiu que lhe pagassem adiantado... Com isto, abriu uma nova fábrica e não parou mais a produção. Quando morreu, vítima de doença, aos 48 anos, estava rico.

Samuel Colt deixou uma firma próspera, que não parou de progredir desde então. O renome dos "colts" atravessou o Atlântico. O armeiro francês Lefaucheux adaptou à arma novos aperfeiçoamentos e o revólver tornou-se o "modêlo 1873" que foi adotado pelo exército francês até a guerra de 1914, assim como por outros exércitos europeus e americanos.

O CAMALEÃO e o JAVALI

LAMBU, o javalí ia e vinha por sôbre o extenso arrozal, destroçando-o e amassando-o com suas patas, sem levar em conta que, daquela maneira, punha a perder a próxima colheita... Suas vigorosas patas quebravam as espigas tenras, e seu focinho fustigava a terra em busca de alimento.

Andando a pouca distância dalí, Tana, o camaleão, deslizando através dos flexíveis talos, veio esbarrar, de repente, contra o corpo do javali, e foi um verdadeiro milagre não ficar reduzido a pó. Com mais cólera que temor, o camaleão, enfurecido, se inteiriçou, fazendo girar duas vezes os redondos olhinhos:

— Vê se prestas mais atenção onde pisas! — gritou — Não satisfeito de estragar tôda a colheita, queres ainda exterminar-me?

Confundi-te simplesmente com uma espiga de arroz — retrucou Lambú com indiferença. — Podias muito bem vestir-te de outra côr! A quem ocorre a idéia de se vestir de verde para passear por um arrozal? ! Além disso, com essa maneira lenta de andar, qualquer dia dêstes sofrerás uma desgraça...

— É bom que saibas que me visto da côr que me apraz! E toma nota do que te vou dizer: minha marcha lenta não me impedirá de vencer-te em uma carreira, se me der vontade!

— Se te der vontade! — traçou o javalí. — Eis aí uma coisa que jamais conseguirás! Está bem, já que te dás tanto valor, vou obrigar-te a que o faças! Vamos fazer uma aposta: vamos ver quem chega primeiro àquela árvore que lá está... Se perderes, como castigo eu te comerei! E se não, serás tu quem me devorará... Anda! Vamos! Deixa-me gozar de antemão a tua derrota!

— Quem ri por último, ri melhor! — retrucou o camaleão, com gravidade. — Não tenho nenhuma dúvida a respeito! Antes, porém, deves dar a tua palavra como, se eu conseguir chegar primeiro do que tu, não me devorarás...

— Prometo, prometo... E serás tu que me vais comer, então? Vamos! Deixa-me rir um pouco...

— Bom, basta de conversa. Vira de costas e deixa-me pensar. Preciso fazer meus cálculos com respeito à distância que tenho de percorrer...

— Toma o tempo que quiseres e calcula bem, meu pretensioso! Eu me postarei uns metros atrás de ti, para te dar vantagem! Como vês, não sou nada exigente! — respondeu Lambú, com ar irônico — Quando estiveres pronto, gritas: "Pronto!" e de um salto eu chegarei à árvore. Entretanto, previno-te que não esperarei mais de uma hora, logo que chegar à meta final!

Enquanto ele assim falava, o Camaleão arranjou meios de saltar sôbre o lombo do Javalí. Êste, que lhe dava as costas, acreditando que o rival estava de fato fazendo cálculos, não sentiu nada... Também, era tão espêsso o seu pelo!

— Pronto! — gritou Tana.

E Lambú, virando-se ràpidamente, partiu como um raio, em direção à árvore, chegando lá em poucos minutos. Depois aguçou o olhar através do caminho, para ver se avistava por ali o competidor. Mas êste, deslizando cautelosamente do lombo do Javalí, gritou:

— Querido amigo, que olhas ao longe? Há já um bom tempo que te esperava!

Imaginem qual foi a surpresa de Lambú, e sua humilhação, ao ver que um mísero camaleão o vencia numa carreira daquelas! Pelo menos assim acreditava êle...

— Muito bem, por esta vez, mas vamos começar de novo — disse o Javalí. — Não corri bastante ligeiro, com o objetivo de te dar vantagem, e a verdade é que tu te aproveitaste...

E começaram a carreira três ou quatro vezes, e o camaleão usando sempre da mesma artimanha.

FINALMENTE, louco de cólera, Lambú gritou:

— Basta! Já se me esgotou a paciência! É mistér que te devore, que te faça desaparecer! Jamais nenhum animal conseguiu vencer-me! E tu, mísero réptil, o conseguiste. Não deves, pois, viver!

— Amigo Lambú, êste não foi o trato! — replicou o camaleão com muita calma. — Lembra-te!

— Não, não e não! Não me quero lembrar de nada! Quero comer-te, e nada mais!

— Então, escuta: vou te pedir uma última graça. Permite-me ir prevenir meus pais, para que não me esperem esta noite. Dir-lhes-ei que tenho uma entrevista com Lambú, o mais forte, o mais valente dos javalís... Como é fácil de compreender, eles se sentirão orgulhosos, de que eu esteja em tão boas relações com um personagem de categoria, e suponho que me deixarão partir... Não me demorarei muito lá; assim, pódes, esperar-me aqui.

— Bom, vai-te, porém, não te demores! — respondeu o crédulo Lambú, sentindo-se muito lisonjeado com as palavras do camaleão. — Torno a repetir que não demores! Não me agrada que me façam esperar, a mim, o mais forte, o mais valente dos javalís!

E durante algum tempo, esteve a repetir estas mesmas palavras:

— ... o mais forte, o mais valente dos javalís!

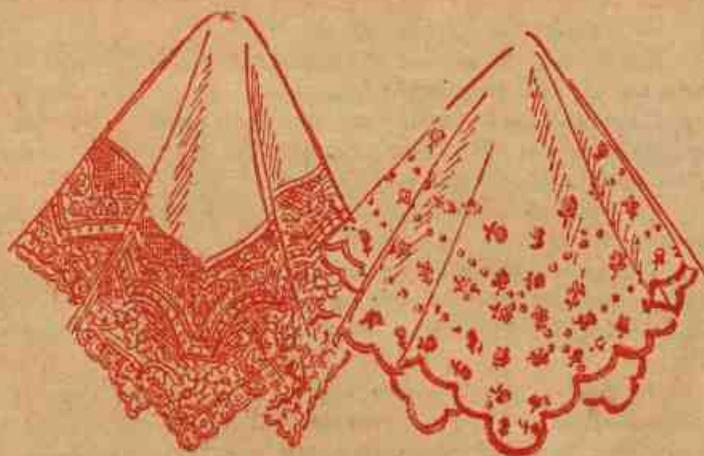
— E o mais tôlo de todos! — disse o camaleão de si para si, à medida que se afastava o mais ràpidamente possível.

COMO vocês já devem ter imaginado, estava longe da mente do camaleão deixar-se devorar assim sem mais nem menos. Era muito diferente o projeto que tinha, e que se apressou a pôr em execução, porque o tempo era escasso. A poucos passos dali encontrou mestre papagaio e lhe disse:

— Amigo, o Javalí quer me comer e é necessário que me ajudes e me salves. Que poderei fazer? Dá-me um conselho, porque estou passando por um momento dos mais difíceis!

Enquanto isto, Lambú, fatigado de repetir sem cessar aquelas palavras: "o mais forte, o mais valente dos javalís"! —, terminou por impacientar-se proferindo terríveis ameaças, ao mesmo tempo que raspava a terra com as fortes patas, sinal inconfundível de mau-humor. E em vista de que Tana não aparecia, decidiu ir, em pessoa, à sua procura e se pôs em marcha... De repente, porém, ouviu uma voz às suas costas, que dizia:

— Aqui está!... Aqui está!

(Continua no fim do Almanaque)

ENTRE todos os objetos de toucador o lenço é um dos que têm sabido, desde sua aparição, tornar-se absolutamente indispensáveis sem renunciar, entretanto, a uma série de requintes. Êle tanto serve para amortecer os écos de um sonoro espirro, como para, em certas regiões, simbolisar um pedido de casamento...

Foi no tempo dos romanos, que se tornou necessário inventá-lo. De fato, em Roma, com suas pompas, artistas, generais, cônsules, matronas e imperadores não podiam se assoar decentemente, indefinidamente, com os dedos, gesto que, mesmo naquela época, não era considerado elegante...

O pedaço de linho, cujo uso propagar-se-ia ràpidamente, foi, logo no inicio , artigo de luxo, porque era coisa de alto prêço, pois que devia ser muito fino.

Nada era bastante delicado para o nariz dos conquistadores de regiões.

Mas um problema surgiu logo: a ausência de bolsos. Em matéria de vestimentas, a função não cria automàticamente o orgão... Foi preciso, então, fazer aparecer o "sudarium" ou "muscimium", que era uma prega da túnica ou da toga, para guardar o lenço. As damas guardavam os seus, utilizando um drapeado de sua blusa. Nos jantares solenes e nas reuniões do Forum, cada um fazia seu ponto de honra em deixar aparecer negligente e subrepticiamente, o quadrado de tecido leve...

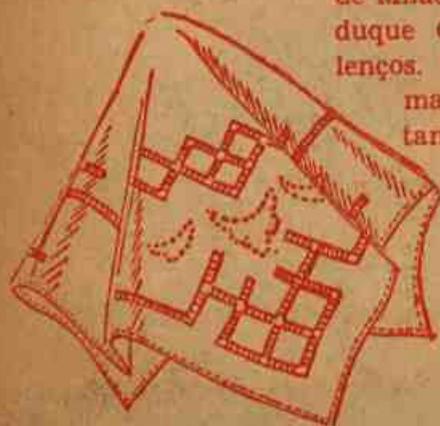
E de Roma a Bizâncio usava-se com discrição o lenço.

Entretanto, com o refinamento do luxo, percebeu-se depressa que aquêle pedaço de linho branco podia tornar-se um ornamento, ou sinal de dignidade. Assim, na côrte bizantina, as damas da comitiva imperial levavam o "orarium", finamente pregueado, sôbre o ombro esquerdo, ou sôbre o antebraço, nas recepções ou grandes cerimônias.

A Igreja, por seu turno, adotou tecidos suaves, de pequeno tamanho e conferiu ao lenço um sentido simbólico. Os linhos e toalhas litúrgicos, derivam do lenço primitivo. E graças a êste empréstimo à Igreja é que o lenço deve sua sobrevivência: a derrocada das civilizações antigas, as grandes invasões, os penosos renascimentos, fizeram desaparecer todo e qualquer requinte, e sem a Igreja, que salvaguardou o princípio, o lenço chegaria até nós como simples migalha da antiguidade.

Assim se manteve e, pequeno pedaço de tecido sacudido pelas tempestades, desdobrou de novo seus encantos sob a boa brisa da Renascença.

Voltando à moda em um tempo em que o luxo era a "ordem do dia", o lenço, na Itália como na França, adquiriu, em breve, graças e ornamentos: recortes dentados, picotados, franjas, rendas arabescadas com agulha ou fuso. Os enxovais das noivas contavam dúzias dêles.

Oferecer lenços era um um gesto frequente e apreciado. Os grandes senhores eram generosos. Na côrte de Milão a futura condessa de Mezzo recebeu de seu noivo, o duque Giovani Galeazzo — Maria Sforza, — quatrocentos lenços. Na côrte francêsa, no século XVI, os lenços foram, mais e mais, enriquecidos de enfeites preciosos, tanto e tão bem que serviam para tudo menos para se assoar ! Sob o reinado de Carlos I era costume, entre os namorados, trocar pequenos lenços bordados, ornados de botões nos cantos. O uso de bordar a inicial a um canto vem desde o século XVII. Isto permitia algumas vêzes recuperar os lenços quando eram perdidos.

VOLTA SEMPRE RADIANTE QUEM VISITA A

INSINUANTE

Uma galeria à sua disposição, com água geladinha sempre às suas ordens.

INSINUANTE

a maior e melhor sapataria da América latina, é tambem uma galeria á sua disposição, com água geladinha sempre às suas ordens.

CARIOCA, 46·48 - SETE de SETEMBRO, 199-201

Problema bem resolvido

COM ar um tanto atrevido,
a mulher diz ao marido:
—Faze calar a Melita
que não pára de chorar!
Desde manhã está nisso,
porque quer brincar na rua.
Eu já me sinto cansada!
Afinal, se é nossa filha,
tanto é minha como é tua!
—E' mesmo,—diz o marido.
Agora, o teu argumento,
com franqueza, me venceu!
Mas, como estou ocupado,
faze calar teu pedaço
e deixa chorar o meu...

LILINHA FERNANDES

GUERREIROS HISTÓRICOS

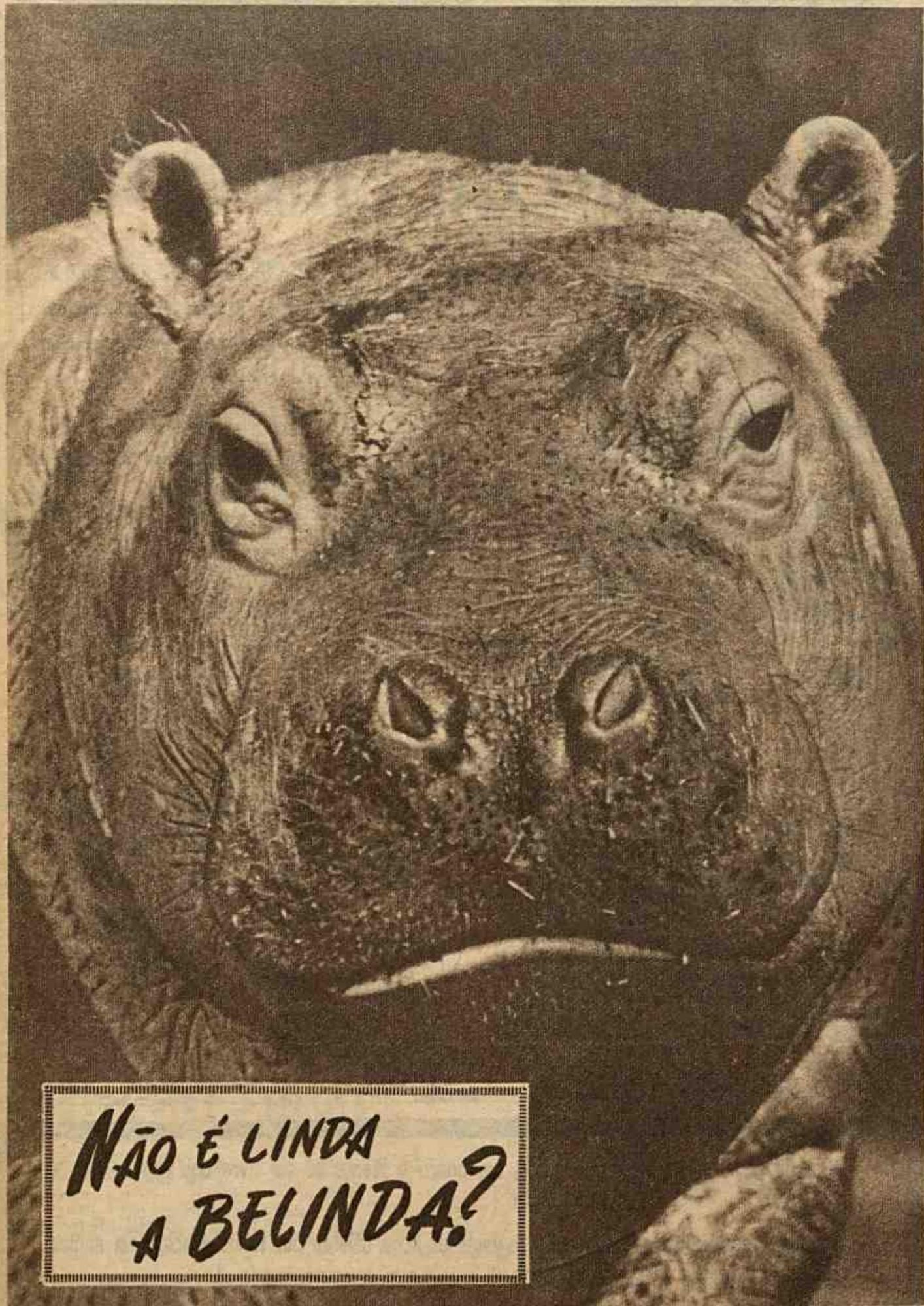
Beltrão du Guesclin

DURANTE a guerra dos cem anos, entre a França e a Inglaterra, havia grupos de soldados mercenários que assolavam o interior francês e que serviam tanto a um país como ao outro.

Foi então que o rei de França, Carlos V, chamou, para exterminá-los, um cavalheiro modesto mas já famoso pelo seu valor: Beltrão Du Guesclin.

Duas vêzes Du Guesclin caíu em mãos inimigas e duas vêzes foi resgatado pelo rei, que o nomeou chefe de todo o Exército Francês.

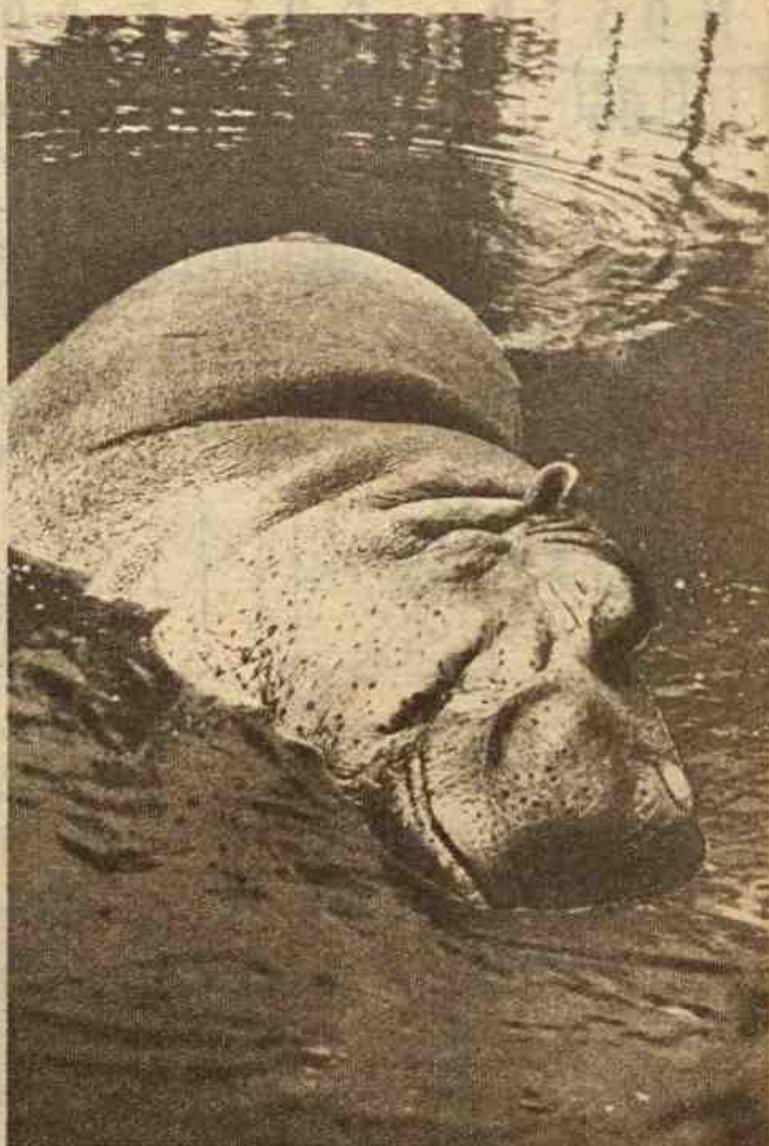
Grande poder tinha o guerreiro, pois em pouco a França se via livre dos bandos que a infestavam.

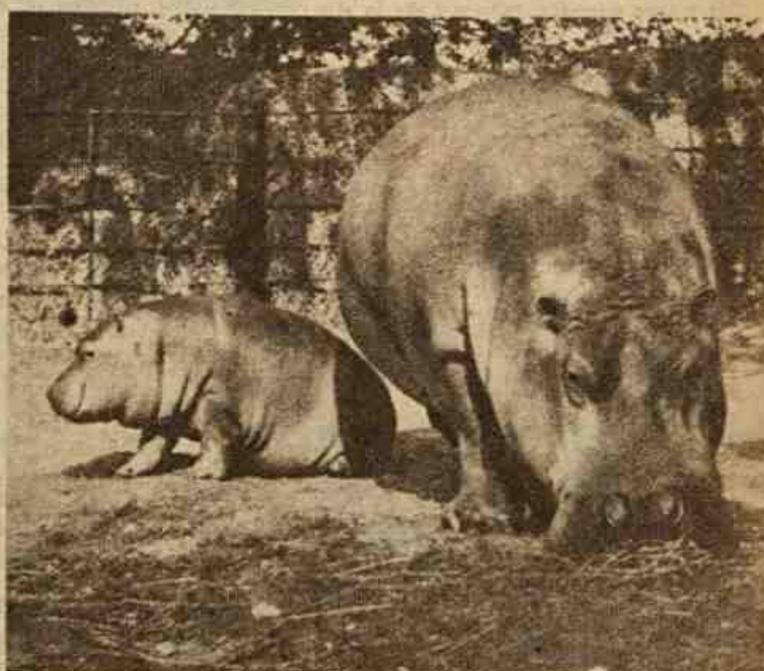
Tomando parte ativa na luta contra os inglêses, ficou célebre por tê-los vencido em muitas batalhas. E' venerado na França como herói nacional.

NÃO É LINDA
A BELINDA?

NEM todos os nossos leitores residem em cidades que possuam jardins zoológicos, e por isso nem todos já viram, de perto, em carne e osso, um hipopótamo. Podem hoje, entretanto, travar conhecimento com Belinda e seu rico bebé, que aqui aparecem em um belo close-up e em alguns instantâneos apanhados na intimidade, pelo "papai", que, por isso mesmo, não é visto nas fotografias...

O filhinho de Belinda tem um ano de idade. Como é gordinho! Pesa apenas 500 quilinhos e, graças a Deus, tem um apetite!! Já tem dentinhos, sim, e cada um dos seus caninos pesa só um pouco mais de 2 quilos... Belinda e seu nenê, tão engraçadinho, residem alí assim, em Whipsnade, perto de Londres.

Se algum de vocês fôr até lá, agora pelas férias, não se esqueça de lhe dar lembranças nossas.

Está bem?

— Uff! Que calor! Dá até vontade de dormir dentro da banheira!

Por aqui vocês podem ver que a criança "é a cara da mamãe" como se costuma dizer.

Pronto! Nenê "enfezou". Por mais que o papai chamasse, acabou saindo de lado...

MOSTRE QUE É BOM OBSERVADOR

Dez diferenças existem entre o quadro da esquerda e o da direita, que, entretanto, parecem iguais. Procure descobrir quais são e confira com a solução no rodapé desta mesma página.

LEONARDO DE VINCI

Apesar de dotado dum génio verdadeiramente excepcional, Leonardo de Vinci não tinha expontaneidade na execução das suas obras.

As cenas que idealizava eram cuidadosamente meditadas e estudadas muito tempo. Desenhava cada figura isoladamente, com todo o labor, deixando-a por vezes incompletas até encontrar o tipo que melhor traduzisse o seu pensamento.

Foi o que sucedeu com a Ceia, a sua obra prima tão conhecida mas nunca por demais exaltada.

A cena representa, como se sabe, "o momento trágico que segue à revelação do Divino Mestre: — **Na verdade vos digo que um de vós me há de entregar.** — Todos falam, todos procuram justificar-se".

De todos os personagens deste célebre quadro, aquele que mais tempo levou Leonardo de Vinci a concluir, foi a figura de Judas.

Conta-se a este propósito que o Prior do Convento de Santa Maria das Graças, em Roma, onde o artista trabalhava, impaciente com a demora foi queixar-se ao Duque de Milão, Ludovico Moro.

Zangou-se o Duque e mandou chamar o pintor.

Ouvida a queixa, Leonardo de Vinci, respondeu:

— Têm razão os frades, porque êles sabem pintar e eu há muito que não ponho os pés no seu convento...

Mas não a têm quando afirmam que não emprego todos os dias duas horas, pelo menos, naquele trabalho.

— Como assim, se tu não vais lá?!

— Vossa Excelência saberá que me falta apenas acabar a cabeça de Judas, aquele patife que todos conhecem... Convém, por isso, apresentar uma cara que corresponda a tanta maldade. Para tal fim há um ano, ou talvez mais, que vou todas as manhãs ao Borghetto, onde Vossa Excelência sabe que vive toda a malandragem da sua capital; mas não pude ainda lá encontrar uma cara de patife que corresponda à que tenho na idéia.

Uma vez que a encontre, num dia acabo o quadro. Mas se as minhas investigações forem inúteis, copiarei a cara desse Prior, que serve perfeitamente... Eu é que hesito há muito, para não o expor ao ridículo no seu próprio convento...

* * *

Cada qual chama sabedoria àquilo que sabe; e ignorância ao que sabem os outros.

*

Um sábio pode fazer-se rico num momento; um rico nem em dez anos se faz sábio.

*

Muitos baseiam-se na ingratidão alheia para desculpar o próprio egoísmo.

— **Viva! Saiu o Almanaque de Tiquinho! Olhe só a notícia! Vou comprar, pro Beléco!**

Aqui está a solução do teste do alto desta página.

MUDAS, mas muito boas...

A pequena loja que ficava situada na esquina daquela rua afastada, em um bairro modesto, longe do centro da cidade, expunha sua vitrina muito arrumada, para atrair a atenção de todos que por ali passassem.

O senhor Lucas, seu dono, tinha quebrado a cabeça, como geralmente se diz, para arrumá-la da maneira mais atraente possível.

Os carretéis, meias, caçarólas, potes de conservas, lenços, queijos — nessa loja se vendia de tudo — tinham sido agora substituidos pelas longas e multicores fitas de papel das serpentinas, os lança-perfumes enrolados em papel estanhado e florido, saquinhos de confeti, narizes de diversos tamanhos, chapéus dourados ou prateados, réco-recos, flautinhas e cornetas coloridas...

E, por último, pendurada no arame, uma coleção de máscaras, cada qual mais grotesca.

Havia-as de tôdos os tamanhos e feitios: grandes, pequenas, com barbas e grossas sobrancelhas, com olhos saltados, com pintas nas faces... Enfim, uma infinidade para se escolher, pois o senhor Lucas tinha adquirido bom e variado estoque para o Carnaval que se aproximava.

Entre as máscaras havia uma que se destacava pelo desenho artístico e que chamava a atenção das crianças e até dos adultos.

Era a fiel reprodução da cara de um chinês, com olhos oblíquos, bigódes finos e caídos e nariz achatado.

Completavam essa careta, em sua parte superior, um chapéu cônico de palha, e, atrás, a larga trança pendente.

Uma verdadeira maravilha!

Com o narizinho colado à vitrina, todo menino do bairro que passava por ali, ficava extasiado.

Como seria feliz aquele que pudesse usá-la no desfile que se realizaria na praça principal, enquanto a banda de música tocasse, e as pessoas jogassem confetis e serpentinas umas nas outras.

O preço, entretanto, que o senhor Lucas queria por aquela máscara era um pouco alto.

Nada menos de cem cruzeiros.

E os meninos suspiravam e continuavam admirando o máscara, como quem olha para algo impossível de alcançar.

Entre os que desejavam a careta, encontrava-se o Tonico, um menino de seis anos de idade, que pensava, como todos os outros, em se divertir no Carnaval.

A máscara chinesa!... Era a sua obsessão.

Não pensava em outra coisa e até sonhava com os seus olhos oblíquos e a sua trança comprida...

Afinal, um dia falou ao papai:

— Papai, queria que visses!... Na loja do "sêo" Lucas há uma máscara lindíssima!... Dizem que veio diretamente da China...

— Meu filho, — respondeu o pai — eu também já a vi. Tens razão; é muito bonita, porém é de prêço elevado. Terás que te conformar com outra qualquer que custe menos. Existem lá mesmo outras bonitas e mais em conta. Gostaria de te poder dar aquela do chinês, mas não

---

Os deuses egípcios eram em número aproximado de 2.260.

*

Na Grécia antiga a coruja era o símbolo do saber.

*

Os selos comemorativos de Natal, tiveram origem em 1904, na Dinamarca.

*

As palmeiras em geral vivem aproximadamente 250 anos.

*

A águia pode viver mais ou menos 30 dias sem se alimentar.

---

*

A lebre corre melhor por uma encosta acima de que em terreno plano.

*

Uma abelha durante tôda a primavera não produz mais que uma colherzinha de mel.

*

Chamava-se Bucéfalo o famoso cavalo de Alexandre Magno.

*

O verdadeiro nome de Platão era Aristócles, que quer dizer "ombros largos".

*

Foi na Regência de Araujo Lima que foi criado o famoso "Colégio D. Pedro II".

Tonico ouviu as ponderações do pai e se retirou, sem protestar. Entretanto, quando se deitou para dormir, deixou que o pranto corresse livremente.

Compreendia que o pai, sempre tão condescendente, tinha razões, agora, para lhe negar a máscara. E. isto, em lugar de o consolar, aumentava mais o seu desgôsto.

E chorando dessa maneira foi encontrá-lo o irmão mais velho, chamado José, que lhe perguntou:

— Que aconteceu? Machucaste-te? Ou fizeste alguma travessura e o papai te castigou?

— Não... Não. — respondeu o menino, soluçando. — E' que eu queria a máscara chinesa que tem là na loja do senhor Lucas...

— Papai não quer comprar?

— Disse que é muito cara, que me dará outra, mas eu...

E Tonico voltou a chorar. Era o primeiro pesar de sua vida.

E, sem ouvir as razões que o irmão lhe apresentava, virou o rosto para a parede.

José ficou a contemplar o irmão, muito triste. Pobrezinho! Nunca tinha sido assim caprichoso. Sempre se conformara com o brinquedo mais simples. Agora se aproximava o Carnaval e todos os meninos desejavam usar bonitas e vistosas máscaras: era tão natural aquele anhelo do irmãozinho! Ficou a pensar algum tempo. Depois foi conferenciar com o pai e na volta abriu a estante onde guardava seus livros e tirou de lá um cofre.

Era de gesso grosseiro. Ali guardava êle suas economias. Cada prata que lhe caia nas mãos, ia, infalivelmente, parar naquele pote colorido.

E muitas vezes havia guardado também cédulas de cinco e dez cruzeiros que seus tios davam.

E para que economisava José? Para que?

Para comprar uma bola de futebol. Uma das maiores, dessas com que jogam os grandes clubes.

José pegou o cofre e, sem pensar mais, atirou-o contra a mesa. Com um ruido surdo o póte partiu-se, deixando sair o conteúdo.

O menino começou a contar o dinheiro. Dez... trinta... cinquenta. Chegaria a cem cruzeiros?...

Continuou contando, enquanto lhe tremiam um pouco as mãos. Finalmente, respirou, aliviado de um grande peso. Sobrava, ainda!

Correu à loja das máscaras e, colocando o dinheiro sôbre o balcão, pediu:

— A máscara chinesa.

— Custa cem cruzeiros — disse prudentemente o negociante.

— Já sei. Aqui está o dinheiro.

E o homem embrulhou cuidadosamente a valiosa máscara, voltando José para casa contentissimo.

O irmãozinho, depois de muito chorar, adormecera.

José desfez o pacote, aproximou-se da cama e chamou o irmão:

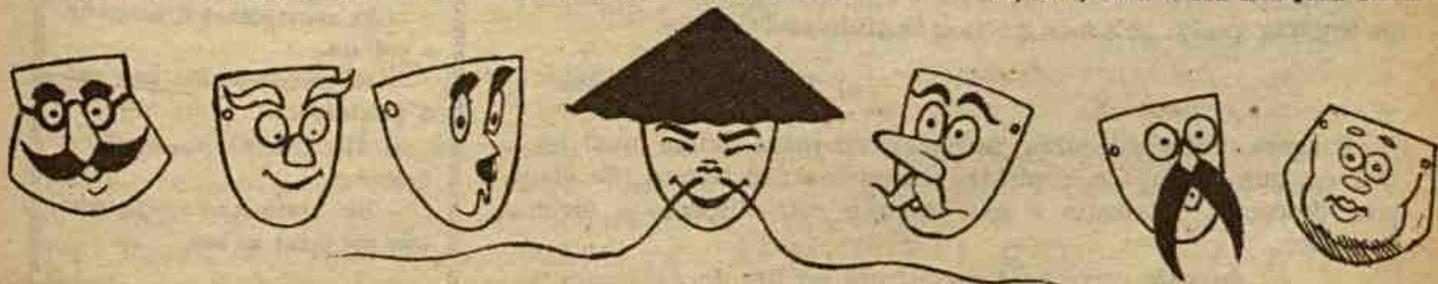
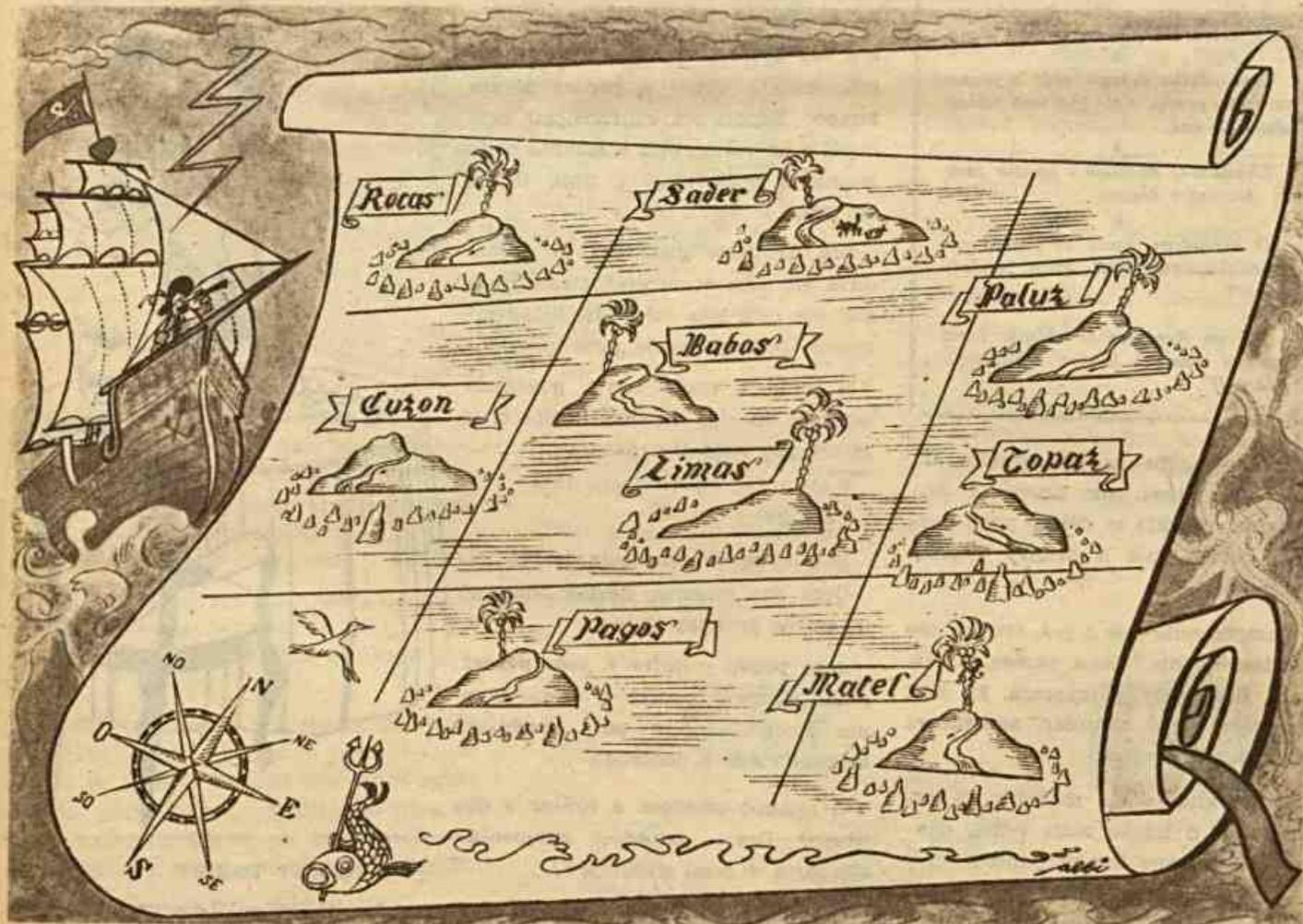
— Tonico! Tonico!...

Êste despertou bruscamente, mas pensou que estivesse sonhando quando viu a máscara que tanto desejara nas mãos do irmão. Tomou-a nas suas com os olhos bilhando de contentamento, e gritou:

— Oh! A máscara chinesa! E' para mim? De verdade?!

— Sim, Tonico... Eu comprei para você... Você gostou tanto...

E ao mesmo tempo que Tonico, louco de satisfação, abraçava e bejiava o irmão, êste pensava na sua bola de futebol, naquela bola grande... a maior de tôdas... Mas, não importava! Seu coração estava feliz e cheio de alegria.

E retribuia as demonstrações de carinho do irmãozinho. Mais tarde êle, José, teria a sua almejada bola...

O TESOURO ESCONDIDO

Não é raro que, depois de anos e séculos, por acaso alguém descubra um documento importante, de que ninguém tinha conhecimento. Foi o que aconteceu ao pirata Morgan, que encontrou um mapa velhissimo indicando a existência de um tesouro.

Junto com o mapa, havia uma carta, assim redigida:

"A quem encontrar êste mapa.

Meu navio está a ponto de ir ao fundo e quero, antes de morrer, doar um tesouro que me pertence e que escondi, ao felizardo que encontrar esta garrafa.

Êsse tesouro esteve longo tempo na ilha de Pagos, mas de lá foi retirado por mim e levado para outra ilha.

Para que se chegue a essa ilha, que é maior que a de Pagos, é preciso vencer, primeiro, uma cadeia de recifes que a cerca. Ela é completamente deserta. Tem-se que atravessar um rio, para alcançar o único coqueiro ali existente. Só estive lá um dia, pois não sendo ela habitada, nem havendo mais vegetação, ou qualquer caça, era impossivel viver lá . . .

Não me recordo seu nome e nem tenho tempo de pensar para me lembrar qual é, pois meu navio está afundando".

a) Thompson, o pirata.

E agora, leitor, descubra, se puder, no mapa acima, qual foi a ilha em que Thompson, o pirata, escondeu o seu tesouro. Se conseguir descobrir, o tesouro é seu. Morgan está disposto a dividí-lo com você. . .

(A resposta certa você encontrará no fim do Almanaque)

O DINHEIRO

O dinheiro é fator preponderante, resolve muita situação, não resta a menor dúvida. Mas, nem mesmo êle consegue comprar aquilo que às vezes constitui o nosso mais profundo desejo. Querem saber o que o dinheiro pode e não pode comprar ?

— Uma cama, mas não o sono.

— Os livros, mas não a inteligencia.

— A comida, mas não o apetite.

— O luxo, mas não a formosura.

— Uma casa, mas não um lar.

— O remédio, mas não a saúde

— As conveniências, mas não a cultura.

— Os divertimentos, mas não a felicidade.

— Um crucifixo, mas não o Salvador.

— Um assento na igreja, mas não um lugar no céu.

J. M. DE MACEDO O AUTOR DE "A MORENINHA"

Entre os grandes escritores brasileiros do século passado figura como um dos maiores Joaquim Manoel de Macedo, que se tornou famoso e ainda é conhecido por causa do seu romance "A Moreninha". Quem já não ouviu falar nêsse livro?

O grande romancista nasceu na cidade de São João de Itaboraí, Província do Rio de Janeiro, a 24 de Junho de 1820. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro.

Era ainda estudante quando escreveu o seu romance que o tornou conhecido, pois teve retumbante sucesso. No ano seguinte, escrevia "O Moço Louro".

Macedo é considerado pelos críticos e historiadores um dos fundadores do romance nacional. Êle fixou nos seus livros os nossos costumes na sua época.

Graças aos seus livros hoje podemos saber como então se vestiam os nossos antepassados, como viviam, como falavam. Macedo, portanto, foi um admirável fotógrafo intelectual.

O estilo do romancista não é cheio de belezas. Mas a simplicidade, que era a sua caracteristica, agradou a todos e, ainda hoje, agrada a quem o lê.

* * *

No ano seguinte àquele em que escreveu "O Moço Louro", Macedo foi admitido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Nessa instituição teve atuação destacada. Foi o seu orador oficial e dele ficaram páginas notáveis sôbre fatos e figuras do Brasil. Fundou, com Gonçalves Dias e Pôrto Alegre, a revista "Guanabara", que ainda serve, hoje, de manancial para os que estudam coisas daquela época.

Professor de História e Geografia, do Colégio Pedro II, foi deputado provincial, no Rio de Janeiro, em 1854, e deputado geral em várias legislaturas. Depois de "A Moreninha" e "O Moço Louro", Macedo escreveu muitas outras obras, como "Os Dois Amores", "Rosa", "Vicentina", "O Forasteiro", "O Culto do Dever", "Nina", "A Namoradeira" etc.

Para o teatro, deixou Macedo farta bagagem. Também sôbre história escreveu livros de mérito.

Macedo foi muito atacado pelos seus contemporâneos. Talvez por inveja, por despeito, por simples intuito de desvalorizar um homem que conquistara as glórias da popularidade, com as suas obras. Carlos de Laet atribue essas críticas a Macedo como fruto da precipitação de certas pessoas em julgar, em cinco minutos, uma laboriosíssima vida literária de muitos anos.

O autor de "A Moreninha", entretanto, soube conquistar um posto excepcional na literatura brasileira. Contra os que procuram apontar defeitos e fraquezas, ergue-se a preferência do público que o lê e consagra.

Apesar do tempo decorrido entre a morte de Macedo e nossos dias — já lá vão setenta e quatro anos — o romancista não é um defunto entre os seus livros. Pelo menos, "A Moreninha" e "O Moço Louro" continuam a ser lidos e reeditados em nosso país. A primeira dessas obras ocupa lugar de relêvo e ninguém lhe poderá tirar êsse pôsto.

A geração nova do Brasil, tomando rumos novos e seguindo ideias novas, como um fatalismo da época que passa pelo mundo, não tem o direito de apedrejar os valores do passado. Pelo contrário, deve exaltá-los, pois é no culto dêsses valores que encontrará fôrças e estímulos para crescer e trabalhar em benefício da Pátria. Os nossos escritores de hoje e os de amanhã precisam ver em Macedo e outros do seu tempo seus verdadeiros mestres. O presente não é nem pode ser inimigo do passado.

Falecendo a 11 de Abril de 1882, Macedo legou a seus compatriotas uma obra digna de respeito. E, além disso, um alto e nobre exemplo de dignidade, de carater e de independência, que sempre foram o apanágio da sua personalidade.

AMÉRICO PALHA

O HOMEM DA TÔRRE

CÊRCA de um milhão de turistas se acotovelam durante o verão nos veneráveis mas sólidos elevadores da Tôrre Eiffel, para contemplar, de 300 m. de altura, um espetáculo inédito no mundo — as côres vivas dos "boulevards", um mar de tetos ensolarados e o encanto das ruas arborizadas da cidade Luz. Levarão dêste espetáculo uma impressão que lhes durará tôda a vida. E era isso mesmo que Gustavo Eiffel queria, quando, há sessenta e oito anos, construiu essa maravilha da arquitetura metálica que se tornou o símbolo de Paris. Êsse monumento, o terceiro do mundo por sua altura descomunal, é o que tem mais fama e o que mais atrai os turistas.

Um fato interessante que podemos registrar, é que, enquanto a fama da Tôrre Eiffel correu mundo, seu construtor, Gustavo Eiffel, permaneceu quase que desconhecido.

"Eu devia ter inveja de minha tôrre, disse êle um dia. Ela tem muito mais importância que eu. Todos pensam que esta foi minha única obra, quando, ao contrário tenho muitas outras".

E era assim mesmo. Aquele homem incansável, de olhos muito mem incansável, de olhos muito vivos, realizou inúmeras obras primas que devem ser conhecidas. Como pai da arquitetura metálica, Eiffel planejou algumas das maiores pontes do mundo, com tal audácia de traços que derrubou as concepções clássicas e possibilitou a realização de obras de arte de grandes proporções como as que vemos hoje. Suas fantásticas inovações em todos os domínios da arquitetura contribuiram para que se passasse da era da pedra e da madeira, para a do aço e do cimento. Inúmeros princípios técnicos utilizados na construção do Empire State e do Chrysler Buiding, os dois edifícios mais altos do mundo, resultam dos cálculos com os quais Eiffel realizou suas principais obras, no século passado.

Gustavo Eiffel nasceu em Dijon, em 1832. Fez o vestibular para a Escola Politécnica, mas foi reprovado; foi diplomado em engenharia pela Escola Central de Artes e Ofícios e logo começou a trabalhar numa emprêza especializada em construções metálicas. Durante dois anos êle ia diàriamente sentar-se à sua mesa de trabalho, para traçar planos fiéis aos traços convencionais. Sua mãe, uma mulher decidida que dirigia com muita competência o comércio de madeira e carvão, dizia sempre que Gustavo nunca progrediria. Êste sorria e lhe acariciava a mão.

— Paciência, mamãe, dizia, eu tenho minhas idéias.

Em 1850, a revolução industrial estava em seu apogeu e na Europa as estradas de ferro estavam em pleno desenvolvimento. Mas a construção de pontes constituia o principal problema, pois nesta época ainda se construiam pontes de pedra, técnica que necessitava o emprêgo de mão de obra numerosa e especializada. Eiffel chegou à conclusão de que no futuro só seriam empregadas estruturas metálicas pré-fabricadas e que operários sem grande especialização poderiam desempenhar a tarefa fàcilmente. Durante vários meses êle estudou as características do ferro e compilou tôda a documentação relativa à resistência dêste metal ao pêso que poderia suportar. Como bom matemático pôs em prática uma técnica que permitiria construir pontes quase que inteiramente metálicas.

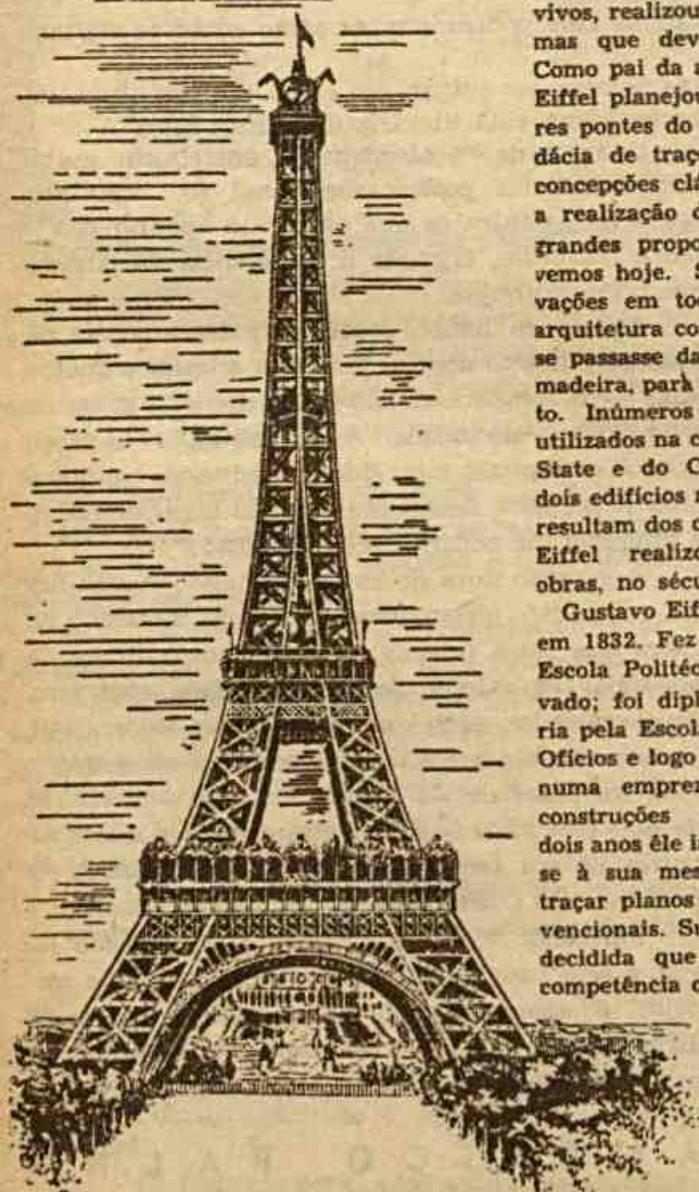
Quando surgiu a oportunidade da construção de uma ponte de 500 m. sôbre o rio Garona, Gustavo Eiffel aproveitou-a para realizar seus planos tendo apresentado um projeto a seus superiores. Êste projeto punha por terra todas as regras estabelecidas até então, mas os cálculos haviam sido feitos com muita precisão. Eiffel defendeu seu ponto de vista com uma convicção e um entusiasmo contagiantes, o que desarmou até aos mais céticos.

O projeto foi aceito. E enquanto os engenheiros que se apegavam às concepções tradicionais esperavam o fracasso do jovem colega e de tôda sua obra, levantou-se o arcabouço, colocaram-se as vigas de acôrdo com o que fôra desenhado. Gastou-se menos tempo e menos dinheiro para erigir esta ponte metálica, do que seria necessário para a construção de uma ponte comum. Com 29 anos de idade, Gustavo Eiffel abria ao continente europeu um caminho novo em seu sistema de comunicações.

Durante a construção desta obra, Eiffel teve que lutar muito com a incompreensão de seus operários. Um dia, um dêles caíu na água revôlta do rio. Eiffel, que tinha fama de janota, tirou o paletó e os sapatos, atirou-se n'água e arrastou o homem para a margem. Depois, calçou os sapatos, abotoou o paletó sôbre a roupa molhada e, voltando-se para os operários que o aplaudiam calorosamente, disse:

— Daqui por diante, façam o favor de se prenderem com mais cuidado nos andâimes. Gosto de nadar, mas não assim, todo vestido.

Depois disto não teve mais preocupações com seus homens.

O êxito alcançado pela ponte deu a Gustavo Eiffel a confiança de que tanto precisava.

Um dia, logo no início de sua carreira, Eiffel recebeu um cliente muito contrariado o escultor Bartholdi. Tendo estado na América alguns anos antes, êste concebera a idéia de construir uma estátua da Liberdade que simbolizasse para sempre a amizade entre a França e os Estados Unidos. Uma subscrição pública rendera milhões de francos e o escultor se dedicara ao trabalho, quando os engenheiros responsáveis recusaram-se a prosseguir, alegando ser impossível levantar uma estátua de 45 m. de altura que pudesse resistir às violentas tempestades da baía de N.York.

— A estátua pode ser construída disse Eiffel. Logo espalharam sôbre a mesa de desenho os planos de uma armação metálica, única no gênero, bastante leve para que um pedestal relativamente pequeno pudesse suportá-la e de uma resistência capaz de aguentar o mais terrível temporal. E enquanto todos criticavam o projeto, Bartholdi erigiu a estátua colossal, baseado nos princípios estabelecidos por Eiffel. Êste exemplo encorajou os arquitetos do mundo inteiro a experimentar as estruturas metálicas em qualquer espécie de construção.

A ponte Maria Pia deu a Eiffel oportunidade para introduzir uma outra inovação. O govêrno português botou em concorrência a construção de uma ponte sôbre o rio Douro. A ponte devia ter 160 m. de comprimento.

— E' impossível a realização, disse um de seus ajudantes.

— Pode ser, mas será divertida a tentativa, disse Eiffel com ar malicioso.

De volta a Paris êle se fechou em seu atelier. Uma semana mais tarde chamou seu desenhista-chefe.

— Pronto, disse êle, agora achei. Levantaremos a ponte.

Os concorrentes surpreenderam-se quando Eiffel fez uma oferta irrisória ao govêrno português. E mais espantados ficaram quando a ponte começou a tomar forma. Em vez de utilizar as clássicas vigas de madeira, muito dispendiosas, Eiffel resolveu fazer o arco principal da ponte sustentado por cabos de aço presos a pilastras colocadas em ambas as margens. Técnica muito usada atualmente, mas que revolucionou a época.

No escritório de Eiffel os projetos apareciam uns após outros. Obras primas de simplicidade e económia, ora eram pontes para a Rússia, Egito e Perú, ora barragens, usinas, estações de ferro, depositos, halls de exposições de dimensões inéditas até então. Eiffel era imitado em tôda a Europa. Um de seus auxiliares censurou-o por divulgar com tanta facilidade certas informações técnicas que deveriam constituir o segrêdo da sociedade.

— Mas meu amigo, respondeu-lhe Eiffel, se já tive o prazer de inventar alguma coisa, porque não deixar os outros utilizá-las? Isto é uma honra para mim. Além do mais, tenho a possibilidade de inventar tais coisas e ganhar dinheiro antes que outros o façam — e riu gostosamente.

Por volta de 1885. alguns industriais franceses induziram o govêrno a organizar uma exposição mundial em Paris. Eiffel propôs construir uma tôrre metálica de 300 m. de altura, para simbolizar o acontecimento. O Diretor da comissão sobressaltou-se ante o projeto. Então Eiffel procurou o Ministro do Comércio ao qual apresentou o orçamento do trabalho, argumentando com fatos decisivos. Teve ganho de causa. Mas o govêrno francês aceitou pagar apenas um quinto das despesas da construção, as quais estavam estimadas em 8 milhões de francos. Eiffel fez um empéstimo para conseguir o dinheiro que faltava. A Tôrre começou a ser construída em junho de 1887. Durante dois anos, 40 engenheiros e arquitetos trabalharam sob as ordens de Gustavo Eiffel, no traçado de 15.000 peças metálicas que deviam ser unidas por 2.500.000 pregos. Em doze meses, 280 operários acabaram os quatro arcos gigantescos que formam o pedestal e que abrangem todo um hectare. Colocaram no lugar a primeira plataforma da tôrre. O povo da cidade estava estarrecido! A tôrre ultrapassava em muito a expectativa do público. Foi então que se desencadedeou a tempestade: 300 artistas e escritores assinaram um manifesto para pedir a demolição daquela monstruosidade (como a chamavam). Os pedidos afluíam ao Ministério do Comércio. Eiffel continuava impassível, sorria e todos os dias subia ao andâime mais alto.

— Quando ela ficar pronta, êles vão gostar — dizia calmamente.

Em março de 1889 estava acabada a construção. Então, enquanto um canhão troava 21 salvas, Eiffel içou a bandeira tricolor até o alto daquele monumento, o mais alto que o homem já construíra, e disse:

— A bandeira francesa será a única a ter um mastro de 300 m. de altura.

Por mais espanto que causasse na época, esta obra de Eiffel só foi realmente apreciada muitos anos mais tarde. Ninguém havia ainda construído nada mais alto, nem dominado tantos problemas de equilíbrio e resistência. nem havia tentado levantar materiais tão pesados a uma altura tão grande. E Eiffel não falhara em nenhum pormenor. Previu tôdas as dificuldades que surgiriam no trabalho executado nas alturas — tais como vertigens e rajadas de vento que poderiam levar seus operários à morte — e para evitar isso, inventou um andaime. Utillilizou métodos que foram adotados sòmente muitos anos mais tarde. O alicerce de pedra, cimento e aço sôbre o qual assentam as quatro pilastras imensas que sustentam a Tôrre, foi o precursor dos alicerces modernos de cimento armado. A inauguração teve lugar em maio. Oito meses depois, cêrca de 2 milhões de pessoas já tinham visitado a tôrre. Eiffel pôde saldar sua divida e, de acôrdo com os termos do contrato que havia assinado, essa mina de ouro seria de sua propriedade durante vinte anos.

A Tôrre recebe cêrca de um milhão de visitantes por ano. Nunca foi preciso substituir qualquer viga. ou mesmo qualquer prego. À medida que os reis, sábios e industriais afluíam para conhecer a tôrre, a "disforme monstruosidade" tornava-se o orgulho de Paris.

No terceiro andar da Tôrre, logo abaixo da plataforma de observação, Eiffel instalou um apartamento. Thomas Edison foi um dos que primeiro o visitaram. No dia 15 de dezembro de 1923, Eiffel se preparava para o jantar tradicional da família oferecido para comemorar o seu 91.° aniversário; sentindo-se cansado, voltou ao quarto depois de haver abraçado a todos.

Doze dias mais tarde, na véspera do Natal, morria calmamente. Mas sua obra subsiste, mais viva que nunca, não sòmente na tôrre que tem seu nome como em milhões de construções espalhadas pelo mundo, que devem a existência ao seu gênio de visionário.

São Vicente de Paulo

A festa de S. Vicente é celebrada no dia 19 de Julho; êle, com muita justiça, merece ser chamado o Pai das crianças abandonadas.

Tanto quanto a fundação da Ordem das Irmãs de Caridade, a sorte dos meninos infelizes constituiu a grande preocupação de sua vida, dedicada in-

teiramente ao apostolado e à oração. Vicente de Paulo, nasceu em Ranguines, no dia 4 de Agôsto de 1576, de uma família muito pobre. Quando menino e até quase adolescente, passava seus dias guardando rebanhos. Um dia, tendo conseguido ganhar 30 "sous", o que para êle era uma fortuna, em vez de guardá-los, deu a um pobre que parecia muito infeliz e abandonado. Depois de terminados seus estudos numa escola mantida pelos francisca-

nos, resolveu entrar para o Convento. Em 1605, por ocasião de uma viagem marítima de Marselha para Narbonne, foi capturado pelos piratas que o venderam com escravo. Serviu sob as ordens de três senhores, o último dos quais era um cristão perjuro. Vicente de Paulo o reconduziu à religião e voltaram juntos para a França, em 1607.

Depois de ter sido investido de altas funções, inclusive a de confessor da rainha Margarida de Valois (a célebre rainha Margot), foi nomeado, em 1619, capelão geral das galeras.

Há um quadro de Bonnat que o representa pondo nos próprios pés os grilhões de um escravo, e o fato é que êle fazia tudo para minorar o sofrimento daqueles infelizes.

Já em 1617, enquanto era pároco de Chatillon-les-Dombes, havia fundado uma confraria de caridade, das "Servas dos Pobres", comunidade formada por moças do campo, mas que viviam nos povoados.

Vicente resolveu resolveu reuni-las e levá-las para ajudar às senhoras da sociedade que cuidavam dos pobres. Foram localizadas na paróquia de S. Nicolau, em Paris.

A roupa que elas usavam era de sarja cinzenta, daí o seu nome: "as irmãs cinzentas". O chapéu, de abas muito largas, lembra sua origem de camponesas: devia protegê-las do sol no campo.

Durante a revolução, as Irmãs de Caridade, já eram em número de 4.000, distribuidas em 450 conventos. Foi essa a primeira obra de Vicente de Paulo.

A segunda foi a criação de asilos para crianças que andavam ao relento e morriam de fome ou de frio; até então elas eram capturadas pelos mendigos malfeitores que lhes quebravam os membros e lhes batiam até ficarem cobertas de chagas, para assim atraírem a piedade pública.

Em 1636, em Paris, uma pobre viúva, ajudada por duas empregadas, tomou a si a tarefa de recolher as crianças abandonadas e levá-las para sua casa em S. Landry. Quando ela morreu, as empregadas continuaram a receber crianças, mas as pobrezinhas morriam aos montes. A "Casa da Vida", como era chamado êste berçário, começava a transformar-se na "Casa da morte"; estabeleceu-se um comércio de crianças com os barqueiros, mendigos, quiromantes e com doentes de tôdas as espécies que acreditavam livrar-se de seus males transferindo-os para um recém-nascido. Quando Vicente de Paulo visitou êsse Berçário, ficou estarrecido. Um monte de crianças misturadas, vivas, moribundas e mortas, jazia em catres mal cheirosos. Vicente de Paulo levou o fato ao co-

nhecimento das Damas de Caridade.

Em 27 de Janeiro de 1640, elas tomaram sob sua tutela o Berçário.

S. Vicente, não satisfeito, pediu audiência à rainha Ana d'Austria e obteve de Luiz XIII uma pensão anual de 3.000 libras, que foi aumentada por Luiz XIV para 12.000 libras.

Graças a um homem de bom coração, pela primeira vez o Estado se ocupava das crianças abandonadas.

Era uma vez, na China, um velho mandarim. Os mandarins eram homens muito sábios e muito quietos, que passavam a vida a aprender tudo o que se pode aprender, sempre em busca da verdade.

Êste chamava-se Chi-Ku-Timi, e era o mais sábio de todos. Além do mais, era muito velho. Tinha uma barba branca cuito comprida que dava um ar imponente à sua figura amarela, e não tinha sequer um fio de cabelo na cabeça.

Com tôda sua ciência e todos os seus estudos, pensam que havia encontrado a Verdade? Não! E por isso vivia muito triste, pois via que todos os anos de estudo, tôdas as noites e dias que havia passado na biblioteca do imperador — que continha nada menos de 70.777 volumes, que êle conhecia de côr — fizeram-no ver que não sabia nada, pois não havia encontrado a Verdade, que era o que buscava. Certa manhã, a manhã do dia de seu 100º aniversário, êle passeava em seu jardim. Era um jardim chinês, com áleas tortuosas, pequenas árvores tortas, e flores vivas, como nós não temos aqui. Havia também uma tartaruga que passeava no jardim e rouxinóis cantavam escondidos nas cerejeiras em flôr.

Chi-Ku-Timi sonhava:

— Hoje faço cem anos, e ainda não encontrei a Verdade! Estou triste pois minha vida está terminando. Será que êste rouxinol, que canta tão alegre, já a encontrou?

Enquanto pensava tudo isso, que ia girando em sua cabeça como as nuvens num vale, começou a prestar atenção ao que o rouxinol cantava:

"Quem a quer encontrar procura.
Quem a procura segue a tartaruga
Quem segue a tartaruga a encontra".

O mandarim ficou muito contente. Não era agradável, é claro, ter passado cem anos de sua vida a ler ..... 70.777 livros do Imperador, para nada encontrar; e enfim, ter que seguir uma tartaruga, para descobrir algo. Mas, não adiantava chorar o tempo perdido, e sim aproveitar o que restava. Assim, Chi-Ku-Timi, se pôs a seguir a tartaruga pelas pequenas alamedas tortuosas, à procura da Verdade.

A tartaruga andava muito devagar, a Chi-Ku-Timi, apesar da idade, tinha vontade de correr e saltar, em vez de seguir lentamente atrás dela.

Por fim, chegaram à porta do jardim; depois a tartaruga enveredou

pelo caminho poeirento, sob o sol do meio dia. Sim, fôra preciso tôda a manhã para sair do jardim. Chi-Ku-Timi a seguia de perto, perguntando-se aonde ela o conduziria. Viu, numa curva do caminho um templo.

— Será que é ali? — disse de si para si.

Mas a tartaruga passou sem parar. Na segunda curva, viu um palácio.

— Sem dúvida, é ali! — suspirou. — Bem que êle queria que fosse, porque o sol começava a baixar e estava muito cansado.

Mas seu guia de carapaça não parou. Na terceira curva, havia um casebre. O sol já se havia pôsto por completo. Chi-Ku-Timi não esperava que êle fosse o fim da viagem e, no entanto era! Foi lá que a tartaruga parou.

O velho mandarim entrou na casa; era uma casa coberta de papel, como muitas outras por ali; mas era um papel feio e cheio de buracos, porque a casa era pobre; uma viuva lá morava com o filhinho.

Quando a viuva viu o velho mandarim, tão venerável, correu a cumprimentá-lo e perguntar o que queria.

— Eu queria — disse Chi-Ku-Timi — que a senhora me ensinasse a Verdade. Talvez a senhora esteja espantada, como eu proprio estou, de pedir tal coisa. Talvez a senhora não saiba do que se trata e, eu, sem dúvida me enganei...

— Absolutamente — disse a viuva sorrindo. — Por mais extraordinário que pareça, eu possuo a Verdade. O avô do avô de meu avô, que por sua vez já a havia recebido de seus antepassados, nos legou um livro onde me parece que está a Verdade. Isto deve ser certo, pois êle mesmo o disse, ao morrer. Quanto a mim, como não sei ler, não lhe posso afirmar nada. Mas queira sentar-se, senhor, vou mostrar-lhe o livro.

E ela foi procurar numa caixa de papel, um comprido rôlo de seda pura, sôbre o qual estavam bordados grandes nenúfares brancos, com o centro de ouro fino.

Chi-Ku-Timi desenrolou o papel, tremendo: enfim êle ia encontrar aquilo que procurava tôda a vida, cem anos e mais um dia, pois que a tartaruga havia andado tão devagar, que já se estava no dia seguinte! Mas, à medida que desenrolava o livro, sua fisionomia passava por tôdas as côres do arco-iris e dava sinais do mais vivo espanto.

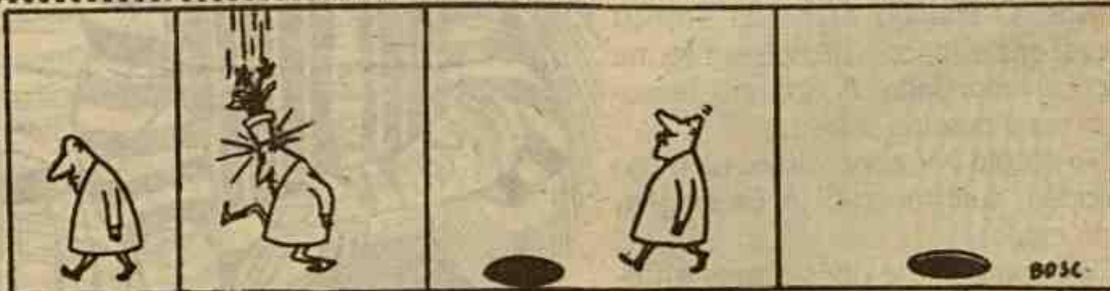
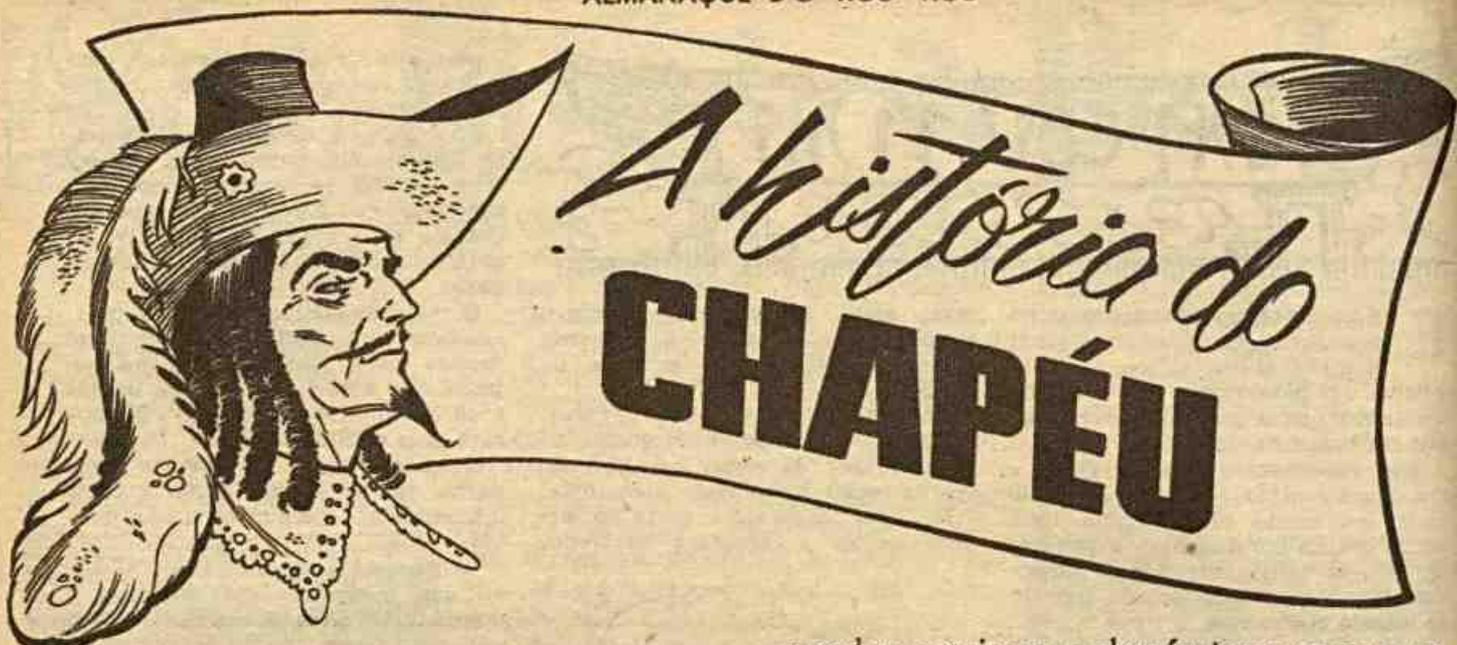
O rôlo estava inteiramente em branco.

A viuva também estava estupefacta.

— Creio, disse ela, que algum demônio passou por aí, pois eu vos asseguro, pelo Dragão do palácio de nosso Imperador! que o livro estava escrito. Não era muita coisa. Apenas duas linhas, no começo...

(Conclui no fim do Almanaque)

PASSOU A OLHAR PARA CIMA... E FOI PIOR!

A história do CHAPÉU

O uso do chapéu teve provávelmente a sua origem na China. Os mais antigos exemplares de que há testemunho foram usados pelos chineses e, pela sua forma e amplitude (um pano largo se ajustava à cabeça) demonstram bem a sua finalidade de proteção contra os rigores do Sol.

Outro chapéu usado pelos chineses antigos, especialmente pelos coreanos, tinha a forma de uma grande pandeireta com armação interior, pela qual se ajustava ao crânio polido desses orientais.

Em certa fase do Império Chinês o uso do chapéu teve caráter oficial, consoante as estações. O chapéu de Verão era de palha e o de Inverno, de fêltro, sendo qualquer dos modêlos muito largo, de copa hemisférica ou cônica, rematada por uma borla. Na Europa, o mais antigo chapéu que se conhece é de origem grega e foi usado pelos romanos, como indumentária de teatro e para os passeios ao ar livre. Tinha a designação de "petasus" e era um pequeno chapéu prêso ao ombro por um cordão. O "petasus" caíu em desuso e o chapéu só voltou a aparecer na Europa nos fins do século XIII. Nesta altura as gentes do campo começaram a usar chapéus de formas variadas (redondos, cilindricos e ponteagudos), utilizando, para a confecção dos mesmos, fêltros ou pano grosso.

As classes nobres adotaram os modêlos populares, dando-lhes formas pretenciosas. O chapéu típico da França medieval era alto, com a copa em forma de pico arredondado. A aba era levantada atrás e descida à frente.

No século XV generalizou-se o uso do chapéu, sujeitando-o já às exigências da moda.

De copa baixa e abas largas e flexíveis, ornamentado com penas, plumas e pedras preciosas, o chapéu torna-se para os aristocratas franceses um objeto de luxo, a que procuram dar a maior elegância possível.

No século XVI generaliza-se o seu uso em Portugal e na Espanha, e portugueses e espanhóis se encarregam de levá-lo a todas as partes do Mundo.

Os reis, os nobres da Côrte e os magistrados usavam um chapéu mais simples, de origem italiana, que consistia num elevado tronco de cone, de pano negro, a servir de copa, e quase sem abas. Uma fita preta, rodeando a base da copa, era o único adôrno do chapéu. Filipe II de Espanha aparece em todos os retratos usando êsse deselegante modêlo.

O século XVIII trouxe um novo modêlo de chapéus. A copa hemisférica adaptava-se perfeitamente à cabeça e a aba dobrava-se em três pontos equidistantes, caíndo sôbre a copa. A êste chapéu, a que se deu o nome de tricórnio, sucedeu um modêlo militar de frente triangular.

No tempo de Napoleão, o chapéu era de copa redonda e com a aba levantada dos lados.

Depois da Revolução Francesa, na França e na Inglaterra, os elegantes começaram a usar o chapéu alto, com os mais variados feitios, ao capricho do gôsto de cada um. Em Inglaterra o primeiro chapéu alto custou ao seu proprietário uma questão em tribunal e uma multa de 500 libras por ter alterado a ordem pública, tal foi o espanto do povo perante o novo modêlo.

O chapéu alto teve diversas configurações e enfeites. Foi de fêltro grosseiro, enformado, de abas reviradas, largas ou estreitas, felpudo ou liso, com fivela de prata ou fita. A fita, quando usada, era de variadas côres e por elas se sabia até a família a que pertencia quem o usava, porque êste formato de chapéu popularisou-se até à criadagem. Só quando apareceu o chapéu alto, de sêda lustrosa e finíssima, é que êste ornamento se fixou na aristocracia e o seu formato era sensívelmente o mesmo que ainda hoje mantém. Mais recentemente apareceu o "côco", chapéu duro de copa redonda e aba estreita.

No princípio do século XX usou-se muito o chapéu de palha — "palhinha" ou "panamá".

E assim foi evoluindo o chapéu até aos nossos dias em que é de uso quase geral o chapéu de fêltro mole, de copa amolgada, com uma fita larga na volta da base e de abas largas e estreitas, consoante o gôsto de cada um.

Ao passo que as formas diversas dos chapéus foram evoluindo até aquilo a que hoje chegaram, foram aparecendo outros tapa-cabeças. Os gôrros, os diversissimos modelos de bonés as carapuças e as comodissimas bônias vascas a cujo inventor todas as companhias de caminhos de ferro ou de navegação deviam erigir um monumento, tal é a comodidade que dêsse ornamento da indumentária masculina, advem ao viajante. Pode botar a cabeça de fora da janela, encostar-se para dormir uma soneca comodamente repimpado, e não tem necessidade de a passar a ferro no final da temporada.

Mas, hoje em dia, começa a ser usado um novo modêlo de chapéu. E' o chapéu sem abas, nem copa, nem fita, nem nem forro, nem carneira. E' o chapéu sem chapéu.

Deve-se atribuir à mingua do chapéu a falta de cortezia. Sem esse ornamento da indumentária que, ainda em princípios deste século, caraterisava por si só um tipo que fosse alguem, como podem os rapazes de hoje cumprimentar, delicadamente uma senhora? Resultado: ou não cumprimentam ou fazem-lhe, de longe, uns sinais cabalísticos que estão agora muito em voga: espalmam a mão direita — ou esquerda, tanto faz — e descrevem uns circulozinhos muito graciosos, enquanto os lábios pronunciam aquele eterno e elegantíssimo — Alô! — que se ouve por toda parte.

Mas a verdade é que o chapéu vai desaparecendo, sendo substituído por um pente que se traz no bolso, e de que se faz uso em toda parte.

QUEBRA-CABEÇAS

GEOGRAFIA QUE DESAFIA

1 — Olhe bem para êstes mapas que aparecem apenas em silhueta. Ao primeiro olhar você já descobriu que êsses países não existem, não foi?

Existem, sim. Cada mapa dêsses se compõe de dois países diferentes, colados, um pelo leste outro pelo oeste.

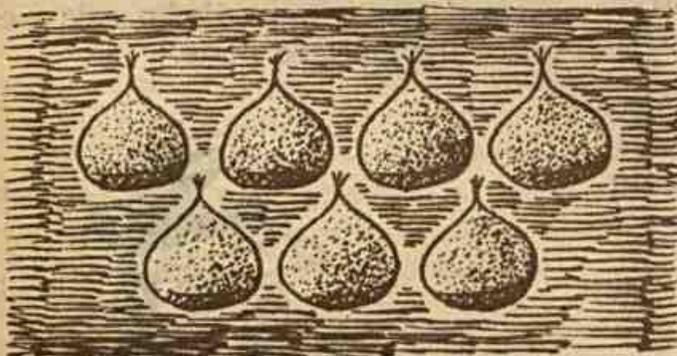
E, agora, descubra que países são...

VOCÊ TEM BOM GOLPE DE VISTA?

2 — Todos nos gabamos de ter excelente golpe de vista. Todos pensamos assim: "eu, por mim, vejo longe..."

Ora, aqui está uma ocasião boa para tirar isso a limpo. Se o leitor tem, mesmo, essa capacidade de ver longe, de enxergar mais que os outros, olhe o quadro acima e diga: de quanto a superficie branca é superior (ou maior) que a superfície negra ?

• SOLUÇÕES NESTA MESMA PÁGINA •

PROBLEMA DAS CASTANHAS

4 — Vamos dizer que você tivesse 7 castanhas e começasse a brincar com elas. Como as disporia de maneira a formarem 4 filas de 3 castanhas cada uma ?

VOCÊ ENTENDE DE MOEDAS?

3 — Chama-se numismática à ciência que estuda as moedas. Todos gostamos de moedas, mas poucos somos numismatas. Contudo, entendemos de moedas o bastante para saber quando são iguais. Aqui, por exemplo, só 2 o são... Descubra quais são elas...

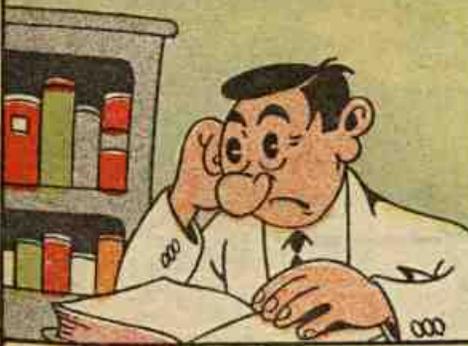
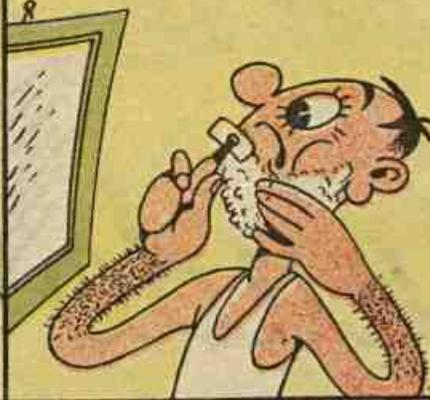
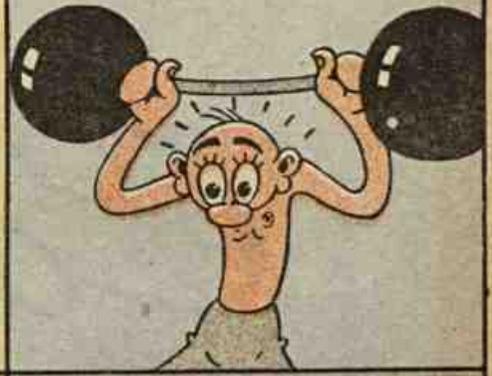
SOLUÇÕES

1 — Número 1: Austrália e Estados Unidos. Número 2: Congo Belga e Inglaterra. Número 3: França e Espanha. Número 4: Argentina e Suiça, a oeste e a leste respectivamente.

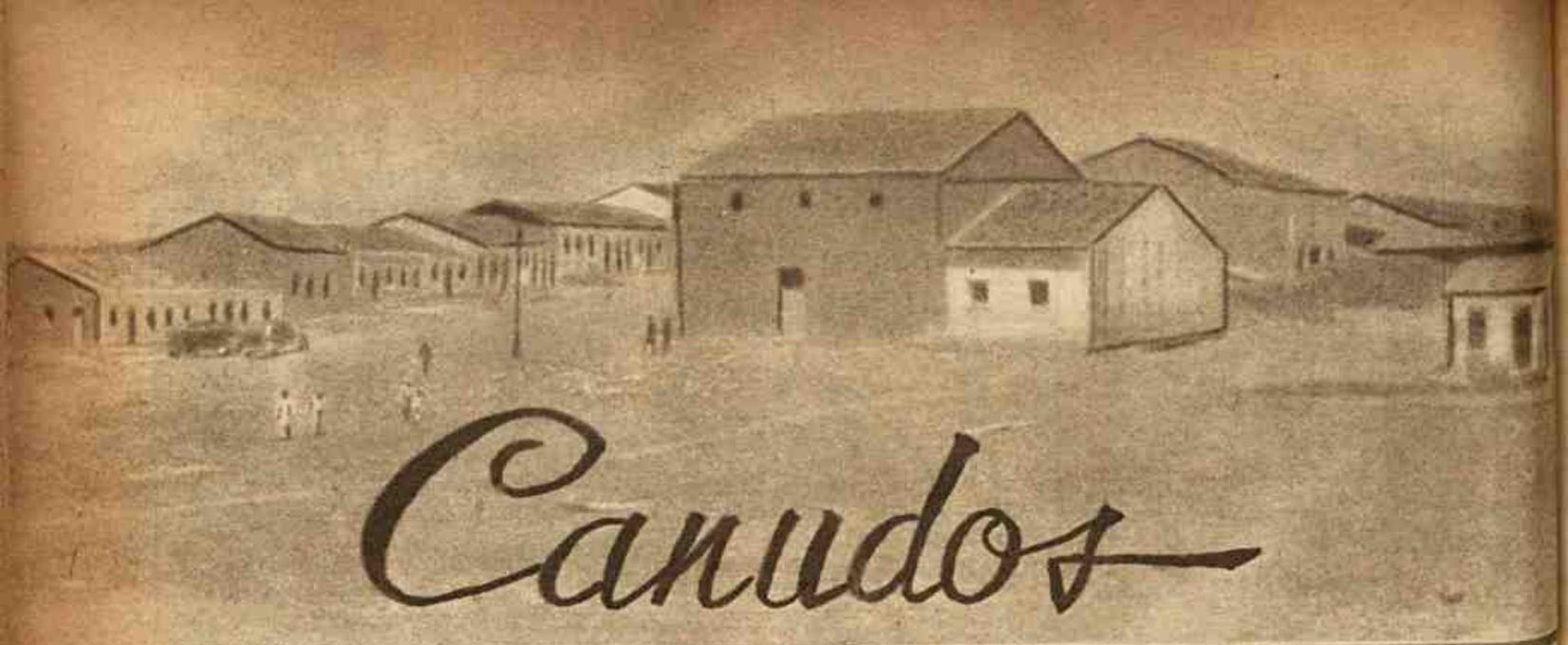
2 — A superfície branca supera a negra apenas pela área do quadradinho branco central. No mais, são iguais.

3 — Olhando com atenção as moedas, embora elas pareçam ser todas exatamente iguais, só o são, entre si, as de número 3 e 11.

4 — E aqui está como se arrumam as castanhas.

OS 71 ANOS DE VIDA DE UM HOMEM

Os quadros desta página mostram como se dividiu a existência de um homem que atingiu os 71 anos, e o tempo que êle gastou em cada uma de suas atividades — ou inatividades.

É claro que isto representa um esquema, isto é, a média obtida pelos entendidos que se dispuseram à realização de tais pesquisas e cálculos. Não é "a valer", "no duro". É tudo em aproximação.

Canudos

POR SEBASTIÃO FERNANDES

Há nas páginas bíblicas castigos do céu. Cidades como Sodoma e Gomorra foram sentenciadas a extinguir-se. Mas há em nossos dias exemplos do próprio homem arrasando cidades, quais as japonesas de Nagasaki e Hiroshima, com o explodir da bomba atômica.

Agora, em nosso território, algo impressionate vai ser realizado: o desaparecimento, no planalto baiano, da célebre localidade de Canudos. As obras para transformação da antiga cidadela de Antonio Conselheiro em açude já vão além de simples projeto. Por causa das sêcas do Nordeste, a região requer mais depósitos de água, e então a ciência, friamente, escolheu o lugarejo de Canudos para ser inundado. Departamento encarregado de combater as sêcas do Nordeste vai construir um açude que submergirá o antigo arraial.

A barragem, que represa o Vasa-Barris entre as rampas do Camabio e do Mamuquem, cortando as estradas de Uauá e Canabarava, que aproveitam os morros da Favela e da Fazenda Velha, transformará aquela vasta extensão num lençol dagua. Este invadirá a região e formará uma lagoa.

Desaparecerá do mapa a cidade de Canudos, porém n'"Os Sertões" de Euclides da Cunha ficará fixado, para sempre, o cenário imortal, descrito pelo escritor fluminense. Canudos era simples fazenda de gado em terras à beira do Vasa-Barris. Recebeu êste nome porque seus moradores "pitavam esquisitos cachimbos de barro, em "canudos" de quase um metro de extensão".

Por ser zona central dos sertões do Nordeste para ali foram convergindo sertanejos de seis Estados: Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí

Um dia, no fim do século passado, lá chegou o cearense Antonio Vicente Mendes Maciel. Fôra abandonado pela espôsa. Os cabelos lhe caíam até aos ombros, a barba longa, a face escaveirada. Só falava por parábolas e vivia em meditação. Suas orações, ditas em voz alta, chamaram para junto de si muitos adeptos.

Em Canudos, "tapera dentro de uma furna", estabeleceu-se formando estranha igreja entre caatingas.

Crescia-lhe a auréola de mártir, pois anteriormente fôra injustamente prêso e espancado, e tudo recebera com resignação. E começou a edificar uma casa-igreja e a pregar o fim do mundo e a penitência.

De Alagoinhas, Santa Luzia e Feira de Santana ia gente com dádivas para ali fazer orações. E o arraial começou a progredir. A fama de curandeiro dera ao místico um halo de missionário. O próprio Arcebispo da Bahia, em 1882, assinava circular dirigida ao clero, prevenindo-o contra o indivíduo chamado "Antonio Conselheiro".

Mas entre os fiéis que oravam e se penitenciavam, havia também os que saqueavam os lugarejos vizinhos...

Em 1896, Antonio Conselheiro comprou em Joazeiro, certa quantidade de madeira para a construção da nova igreja, mas o comerciante se negou a entregar o material. Como represália, o beato ameaçou atacar a cidade. Não lhe faltavam homens para isso... O Juiz de Direito, alarmado, apelou para o Governador do Estado. Este dirigiu-se ao General Solon, comandante do Distrito do Salvador, que mandou cem homens que chegaram a Joazeiro e tentaram atravessar os duzentos quilômetros do sertão rude, mas, quando chegaram, ao arraial de Uauá, tiveram que bater em retirada desordenada.

Nova força é enviada com farto material bélico, mas também recua. E foi aumentando a lenda de que o beato era invencível..

O jornal "Estado de São Paulo", envia para lá um reporter, o moço Euclides da Cunha, que encara o drama do sertão, como jornalista e sociólogo. Anotava que os soldados estavam bem municiados, mas de colarinho duro, que sentiam logo de começo o embate com o cenário agreste, com o mandacarús, o chique-chique, e a areia escaldante. Daí a derrota da terceira e quarta das expedições. Homens bem armados procedentes da Capital Federal, foram aniquilados por sertanejos com simples armas primitivas...

E o fanatismo foi fazendo herois...

Eram combates como em tôdas as guerras, a repetição hedionda do mesmo barbarismo; mas os que matavam se espantavam de que houvesse homens que não se rendiam. Os jagunços não capitulavam como faziam em outras guerras os chamados civilizados.

As fôrças das três armas, disciplinadas, pagaram tributo pesado ao cenário inédito e à falta de preparação.

Foi o sacrifício inútil de cinco mil vidas, mas a maior lição para a posteridade é que "Canudos não se rendeu".

Agora, os que por lá passam encontram o lugar mais triste do mundo. Triste e abandonado. Vêem ruinas, ainda, e, como lembranças da guerra, dois canhões, dolorosa recordação de lutas fraternas. Ainda aparecem sertanejos que vão rezar, fazer promessas, ofertar ex-votos.

A antiga vila, é apenas um lugarejo de ruas quase sem casas, o largo com a igreja e casas em ruínas, e em volta a caatinga com o Vasa-Barris quase sêco. Caatinga, pedras, espinhos, cascalhos, tudo numa paisagem de adeus pois tudo vai imergir sob a água do açude novo.

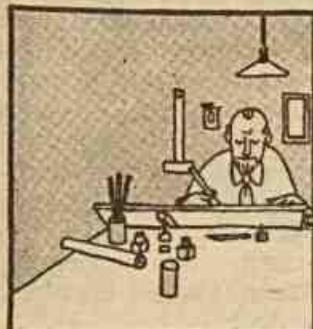
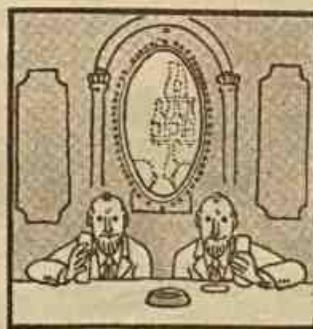
ESTEJA PRÊSO SENHOR PAFUNCIO!

(Solução no fim do Almanaque)

ERA uma vez dois irmãos gêmeos, chamados Terêncio e Pafuncio. Ambos eram desenhistas. Um era desenhista técnico, o outro desenhava modêlos. Andavam sempre juntos, vestiam sempre roupas iguais. Ambos eram amigos do detetive Fulgêncio, que sempre ia ao seu estúdio e até ao restaurante com êles.

Um dia Terêncio telefonou ao policial, pedindo que prendesse o irmão que fugira com uma joia da família. Fulgêncio entrou num bar e... lá estava o homem que buscava... Deu-lhe, então, voz de prisão. — Esteja prêso, senhor Pafuncio!

— Há engano... Eu não sou Pafuncio! Sou Terencio! Não perca seu tempo...

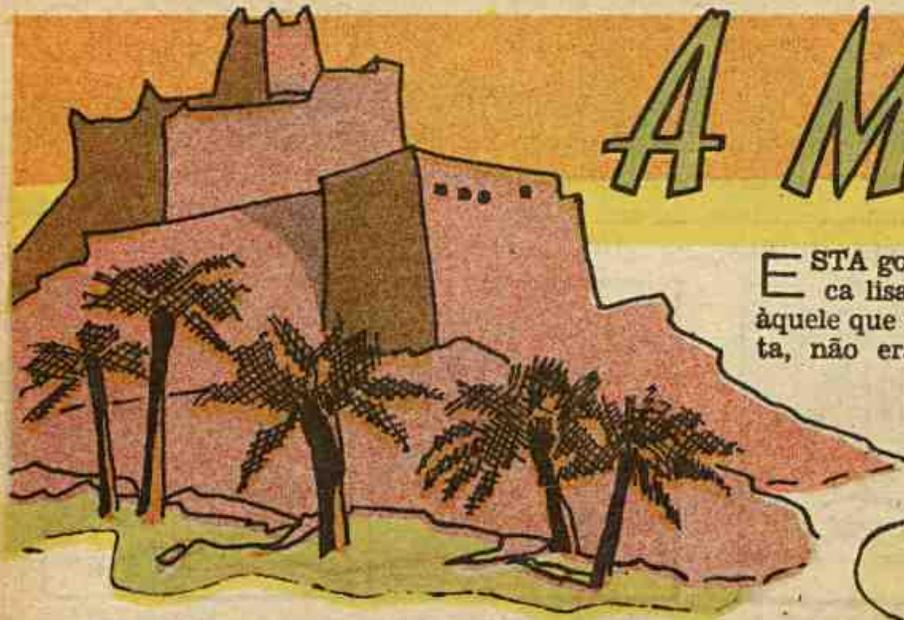
— Nada disso — disse o detetive. — Eu sei que você é Pafuncio! Sei, porque sei... Agora diga o leitor: — Como e porque êle tinha tanta certeza?

Terencio

Pafuncio

Ambos gostavam de cerveja.

— Alô! Aqui é Terêncio!

— Esteja prêso, senhor Pafuncio!

A Melancia

ESTA gostosa fruta de um verde sombrio, de casca lisa e luzidia e que, quando aberta, oferece àquele que tem sêde uma polpa vermelha e suculenta, não era conhecida entre muitas tribus árabes, inclusive a dos meskinos. A história de sua origem é muito imprecisa. Alguns contam que foi um jardineiro de Fez quem primeiro a descobriu, e à custa disso conseguiu fortuna. Outros afirmam que as primeiras sementes foram trazidas por peregrinos vindos de Meca.

Um velho que ouvia calado as perguntas que eram feitas sôbre êste assunto, tomou a palavra e disse pausadamente:

— Por que discutir tanto? Aí estão os livros que nos contam a verdade. Êles estão guardados nos templos religiosos de Marrakech, onde todos os que se desejam instruir podem procurá-los, como eu fiz.

— Mas, meu pai, disse um jovem cameleiro de cabeça raspada, se sabes o que dizem os livros, por que não nos esclareces? Há muito tempo conheces o que queremos saber agora. Conta-nos, então, a história.

O ancião tossiu, fazendo-se rogado. Por fim, cedendo às insistências de todos, começou a contar a lenda, assim:

— Numa árida planície do Gharb, um felá muito pobre vivia com sua famíllia. Não distante estava o castelo de um poderoso senhor. O felá não apreciava aquela vizinhança, pois seu vizinho, aproveitando-se da superioridade de sua situação, explorava o pobre coitado, fazendo-lhe mil e uma exigências. O felá não via nem a palha do produto de suas lavouras, tão cuidadosamente tratadas, pois o impiedoso suzerano vinha, sem a menor

cerimônia, buscar tudo o que lhe apetecia, sob o pretexto de cobrar tributos. Muito pior que isso, porém, aconteceu depois: o implacável senhor resolveu exigir de seu vizinho o "tributo da água".

— Você tem que trazer todos os dias doze odres d'água, do oásis até minha casa".

Diante dessa nova exigência o humilde servo decidiu-se e foi se queixar ao sultão. Êste cerrou o sobrolho e invocou Allah para que o inspirasse e ajudasse a resolver o caso. Por fim o sultão deu ao felá um "dahir" com o sêlo real, que o dispensava daquele tributo humilhante.

O fidalgo ficou furioso. Só pensava em se vingar. Daí por diante passava seu tempo a espiar tudo o que fazia o vassalo, e cada vez que via êste último voltar do oásis com os dois odres d'água pendurados no burro, montava a cavalo, saía do castelo e assaltava o pobre infeliz.

— Mas, graças a Allah, êsses tempos acabaram! — disse o cameleiro de cabeça raspada.

— O malvado, prosseguiu o narrador, sem ligar à interrupção, exigia que o felá lhe desse de beber, não só a êle mas também a seus soldados e cavalos, e assim acabava com a água trazida. Depois passava com tôda a arrogância por cima das plantações de trigo, não se importando com os danos que causava ao pobre homem. O felá não achava solução paara o caso; para dar de beber à mulher e filhos tinha que ir novamente ao oásis e carregar seu burro com as odres d'água. Um dia, Fátima, sua mulher, assistindo à cena costumeira, teve a ideia de esconder uma botija entre os arreios.

— Assim, disse ela, quando os guerreiros se saciarem e forem embora, ainda sobrará êste restinho, que dará para matar a sêde de meus filhos, enquanto meu marido vai buscar mais água no oásis.

Por milagre de Allah, a botija escapou à sanha daqueles homens. O senhor bebeu, deu água aos que formavam o seu cortejo e seus cavalos, e vendo que ainda sobrava um pouco, deu-o aos cães, para que não restasse nada. Por fim, o perverso caid foi-se embora, cantarolando uma canção. Mal êle desaparecia na curva do caminho, o filho caçula do felá começou a chorar de sêde.

— Ainda bem que escondi êste pouquinho d'água, disse a mulher. E já ia tirando a botija de seu esconderijo, quando apareceu um mendigo à porta da tenda. Fátima se apressou a oferecer-lhe pão, mas ele recusou, balançando a cabeça e disse: — Tenho é sêde.

A mulher olhou para o marido que naquêle instante carregava o burro.

— Queres esperar que eu volte? — disse êle ao desconhecido. Senta-te e descansa. Vou trazer água fresca, sem demora. Deixa êste resto para meu filhinho.

— Tenho sêde. — Repetiu o mendigo impassivelmente. Então, porque Deus disse: "Não recusarás nada do que possues ao pobre que bater à tua porta", Fátima pegou a botija, entregou-a ao viajante e saiu da tenda para não ouvir o chôro do filho.

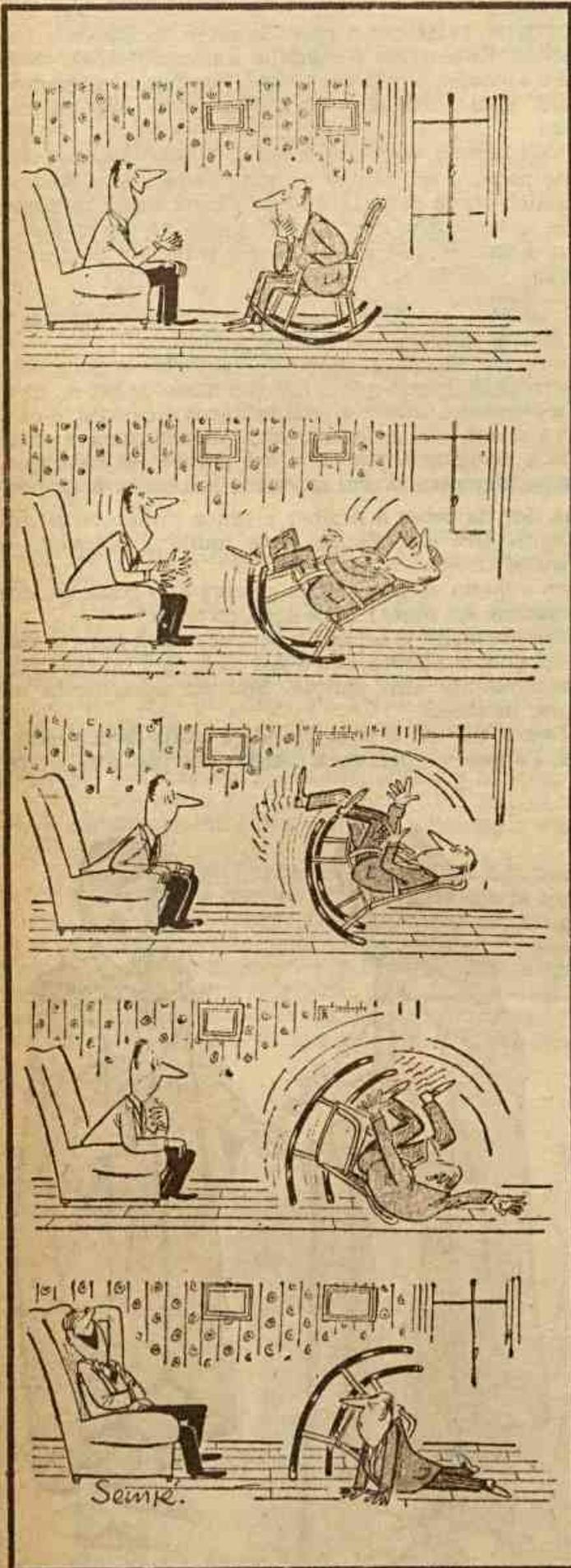
— Que Allah a abençoe! disse o cameleiro.

— E assim aconteceu, continuou o velho. O mendigo descansou na tenda, foi tratado como um velho amigo e antes de sair invocou sôbre seus benfeitores as bênçãos do céu. Depois, arrancando dois grãos ressequidos do rosário muçulmano que trazia pendurado ao pescoço, entregou-os ao felá dizendo:

— Planta isso e colherás a liberdade e a fortuna. E partiu. Desapareceu tão depressa que o meskino ficou em dúvida se não seria o próprio Allah que o visitara. As sementes foram cuidadosamente plantadas e deram melancias enormes, carnudas, cheirosas e vermelhinhas. Nesta mesma época o caid morreu de peste, não tendo deixado herdeiros. O felá presenteou o sultão com as melancias mais bonitas; êste, encantado com o presente, deu-lhe como recompensa todos os bens que pertenceram a seu perseguidor.

— Que história bonita! — disseram todos.

Mas o velho balançou a cabeça, como querendo dizer que conhecia outras mais bonitas. E enrolando-se em seu albornoz, mergulhou novamente no silêncio dos prudentes e na meditação dos sábios.

A PIADA FOI TÃO ENGRAÇADA...

Os gaviões podem voar aproximadamente cem milhas horárias.

*

O Banco da Inglaterra ainda conserva lingotes de prata que foram ali depositados em 1696.

*

Afirmam que todos os esquimós do mundo caberiam num grande estádio, pois há apenas uns 35.000.

*

O coração de um rato pulsa 700 vezes por minuto.

*

Uma pessoa normal respira vinte vezes por minuto.

*

A produção mundial de petróleo bruto é de cêrca de 10 milhões de barris diários.

*

O primeiro titulo de dr. foi concedido pela Universidade de Bolonha, no século XV.

*

Os três mais belos palácios do mundo são o de Versailles, na França, o do Capitólio, nos Estados Unidos e o Legislativo, no Uruguai.

*

Solano Lopez, ditador do Paraguai, sucedeu ao poder a seu pai, Carlos Lopez.

*

Caxias recebeu o titulo de Duque depois de entrar vitorioso em Assunção.

*

Benjamim Constant faleceu a 22 de Janeiro de 1891.

*

A primeira nação europeia a reconhecer a República brasileira, foi a França.

*

O barômetro foi inventado em 1643, por Torricelli.

*

Foi o filho de Sófocles, Jogus, quem o levou aos tribunais por senilidade.

*

Da notável obra do poeta grego Pindaro, só nos restam 45 Odes.

*

A primeira vez que se fabricou ferro no Brasil, foi em São Paulo, em 1696.

*

Não existe pena de morte na Suécia.

*

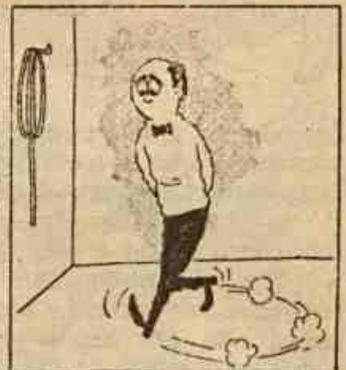
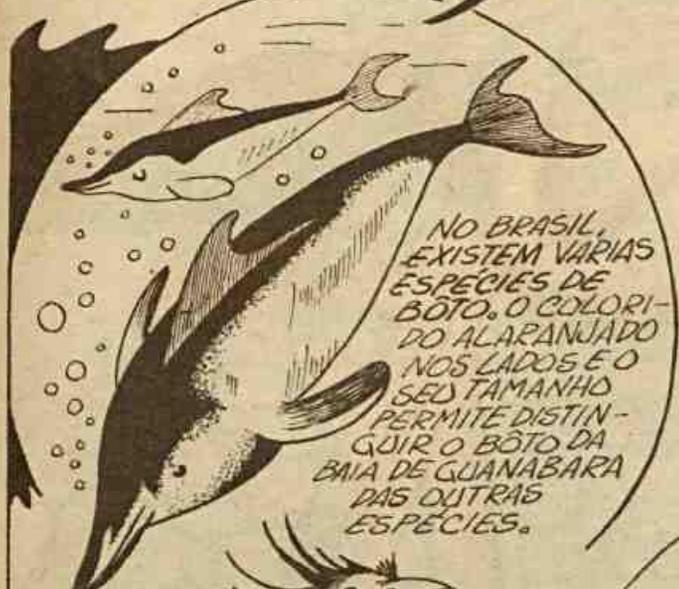
O avião de propulsão a jato foi inventado pelo inglês Frank Whittle.

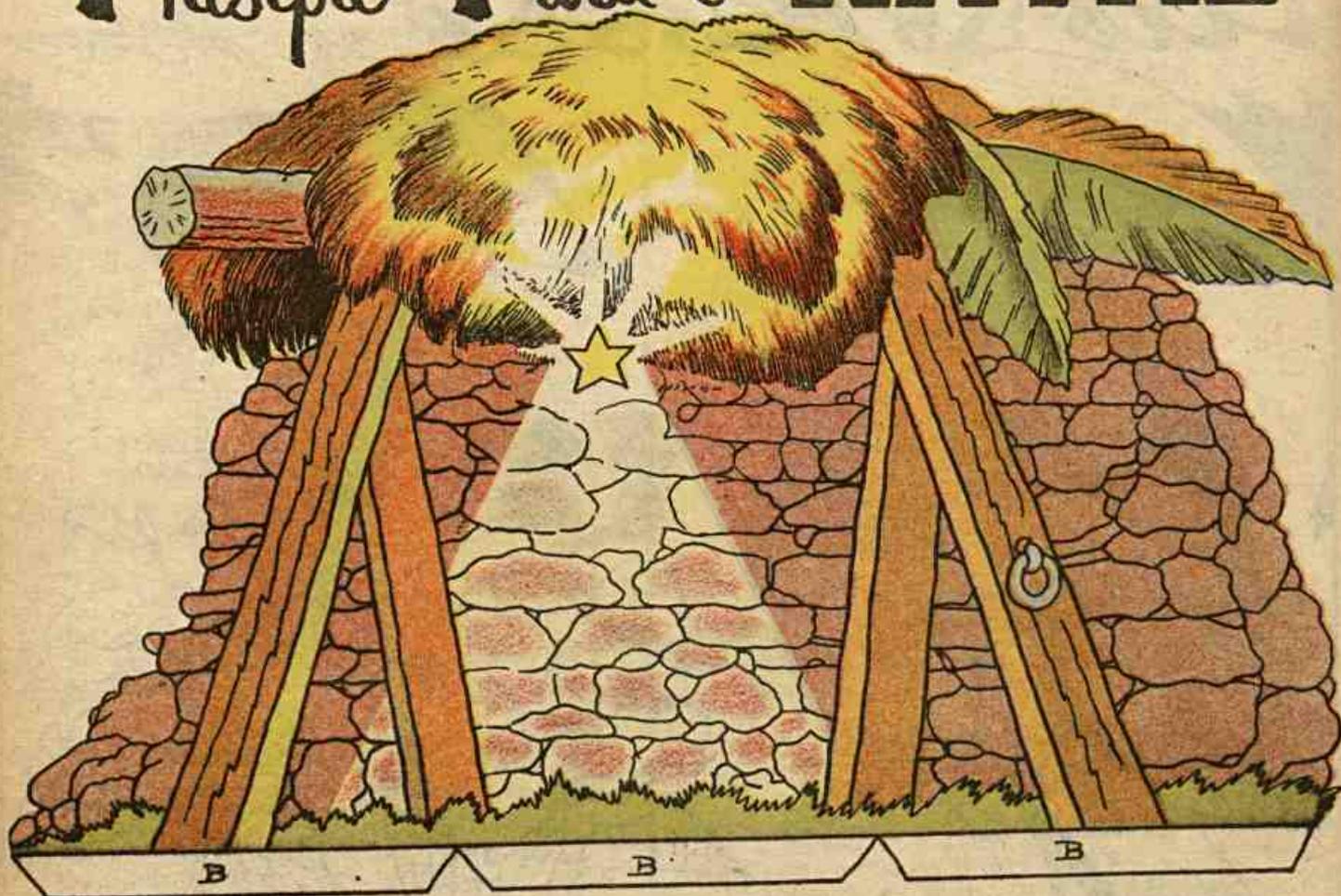
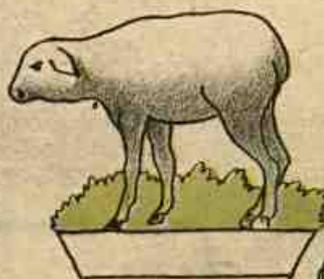
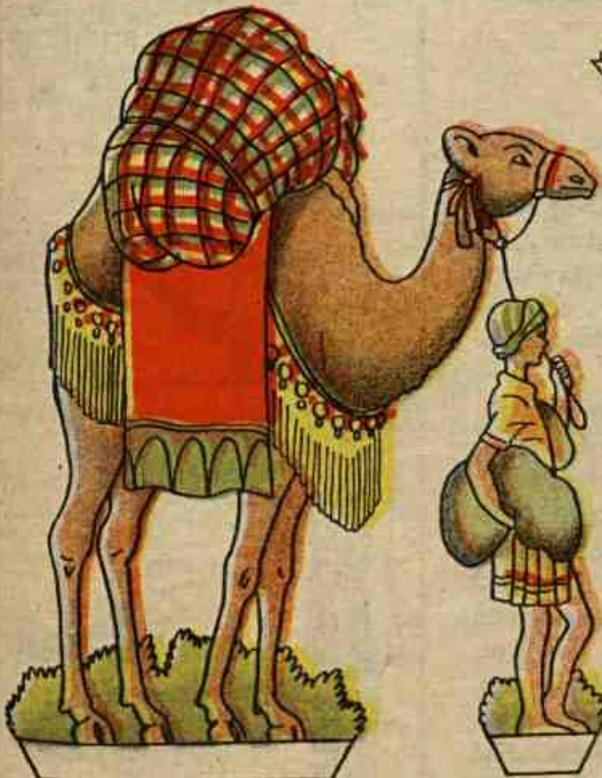
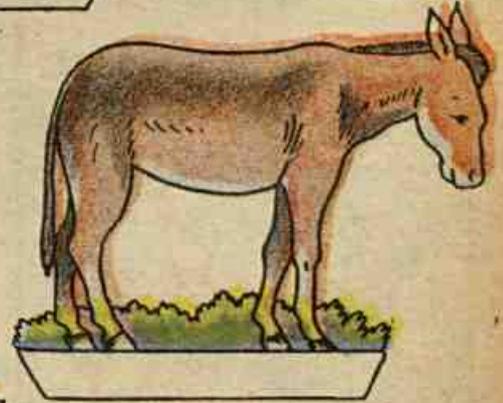
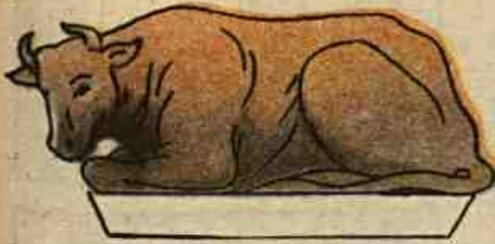
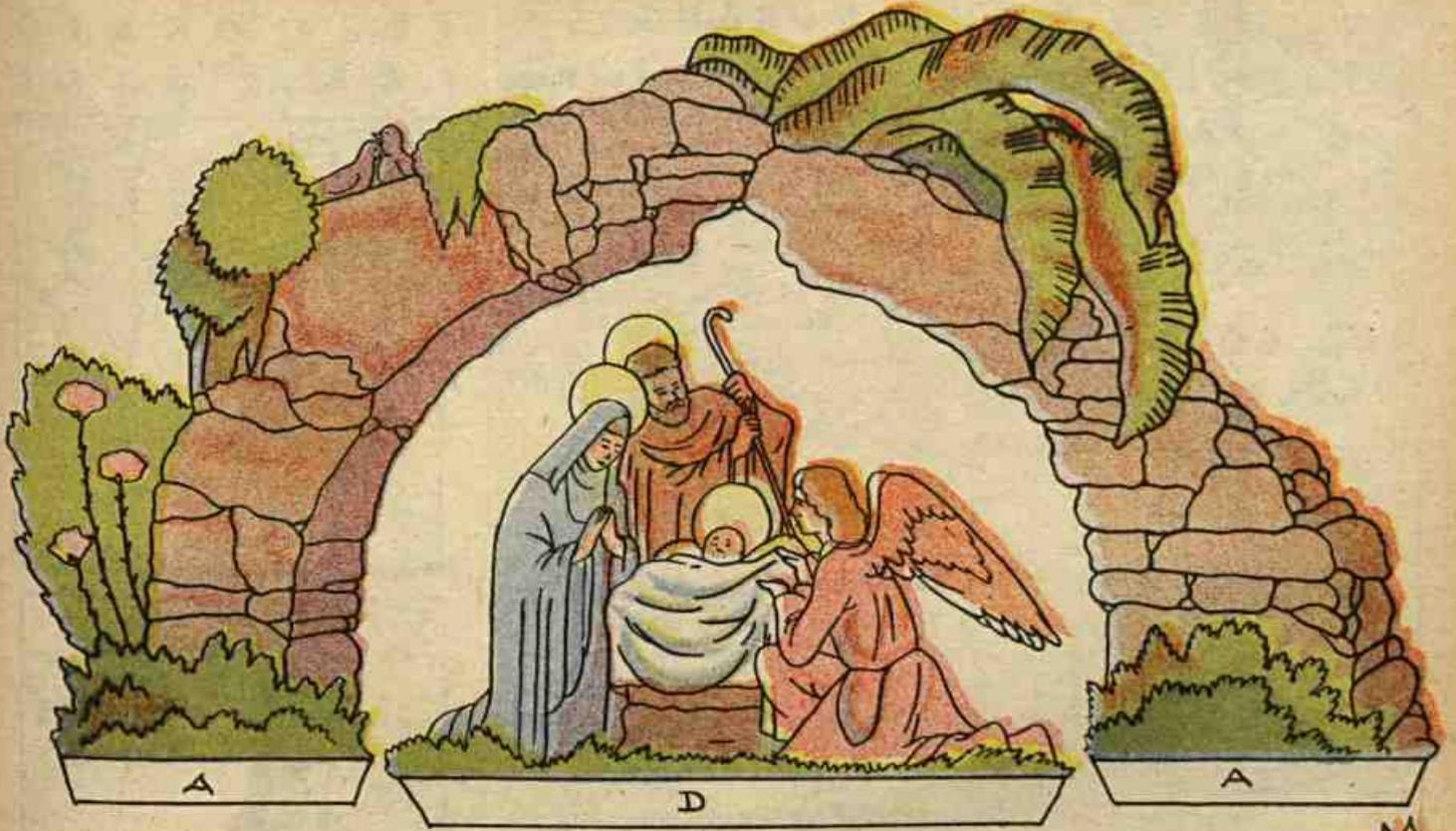
*

Lama, ou Lhama, é o nome dado ao chefe supremo da religião budhista.

*

Dharma é o código de conduta das castas indigenas.

PARECIA TER NEGRAS INTENÇÕES...

Cousas Nossas
por PAULO AFFONSO
NO BRASIL, EXISTEM VÁRIAS ESPÉCIES DE BÔTO. O COLORIDO ALARANJADO NOS LADOS E O SEU TAMANHO PERMITE DISTINGUIR O BÔTO DA BAIA DE GUANABARA DAS OUTRAS ESPÉCIES.
O CAETITU, QUANDO ACUADO, TORNA-SE PERIGOSISSIMO PARA O CAÇADOR.
OS DIAMANTES NEGROS PROCEDEM DA BAIA, NÃO TENDO SIDO ENCONTRADOS EM NENHUMA OUTRA PARTE DO MUNDO.
EM 1930 EXISTIAM NO BRASIL 3.230.000.000 DE PÉS DE CAFÉ OU, UM E MEIO PÉ DE CAFÉ PARA CADA HABITANTE DO GLOBO.
ESTA CURIOSA AVE DO AMAZONAS CHAMA-SE CIGANA, DEVIDO AO SEU BELO E VARIADO COLORIDO.
NO ESTADO DE MINAS GERAIS...
A EMA, OU NHANDU, CONSIDERADA O AVESTRUZ DO BRASIL, É ENCONTRADA EM GOIÁS E MATO GROSSO.
A FOLHA DE UMA VITORIA RÉGIA PODE SUPORTAR O PÊSO DE 35 QUILOS, E SE A CARGA FOR BEM DISTRIBUIDA O PÊSO PODE SER AUMENTADO ATÉ 75 QUILOS.
...HÁ UMA LONGA PARTE DE UMA ESTRADA QUE ENFERRUJA QUANDO CHOVE PORQUE ÊSTE TRECHO É CAVADO NUMA MONTANHA DE MINÉRIO DE FERRO.

Presépio Para o NATAL

B B B

DEPOIS de colar as páginas em cartolina, recortem as figuras. Olhando bem o modêlo. As grandes peças A e B ficam afastadas alguns centímetros. As aletas brancas são dobradas para trás. O solo deve ser um papelão côr de terra. Ou tábua. A fig. C deve ser posta no chão, entre A e B e sobre as palhas se cola o grupo com S. José e a Virgem. (Fig. D).

Não deixe de comprar o lindíssimo ALMANAQUE de CIRANDINHA, a maravilhosa realização que vai encantar as meninas do Brasil. Um ALMANAQUE como NUNCA HOUVE, feito especilmente para AS MENINAS.

NÃO GOSTOU DO JUGULAR FROUXO...

... mas diante da explicação...

QUERIA POUCO...

— Homessa! O senhor é gago e quer entrar para o teatro?

— Per.. perdão... Eu não que... quero ser a.. ator. Eu que... quero ser p... ponto!

MORANGOS

Passando no jardim do Hospicio, um paciente pára e fica olhando o jardineiro, que colocava, em volta dos pequenos pés de morango, punhados de estrume.

Depois de muito observar, diz ao jardineiro:

— Desculpe-me, mas... que está botando nos morangos?

— Estrume.

— Estrume?!

E, depois de uma pausa:

— E' engraçado! Eu só gosto de morangos com açúcar e creme.

E dizem que sou maluco...

●

AQUILINO

Apresentaram um dia a um sujeito muito surdo um rapaz chegado de fóra.

— Seu nome? — perguntou o surdo.

— Aquilino.

— Hein? Como se chama?

— Aqui-li-no! — explicou o rapaz.

— Ah! E lá, na sua terra, como se chamava?

●

Um turista, que tinha ouvido falar da escassa loquacidade dos escoceses, quís certificar-se pessoalmente do fato, durante uma visita a certa localidade da Escócia. Encontrando-se num cemitério, dirigiu-se ao guarda e perguntou:

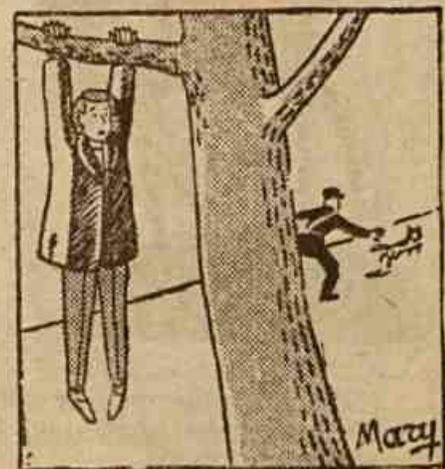
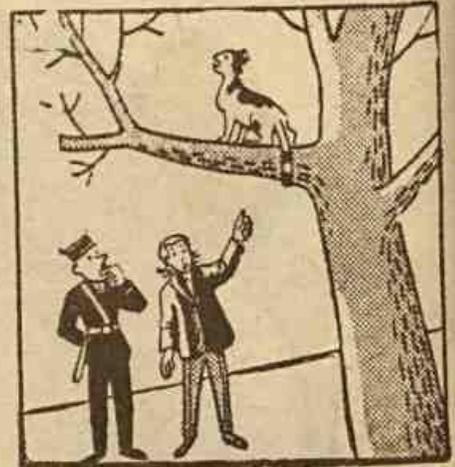
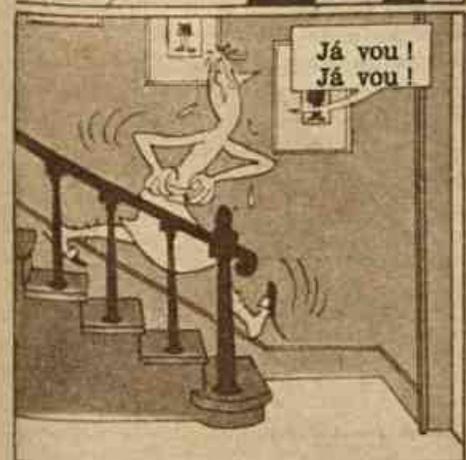
— Uma vida tranquila, hein?!

— Mais tranquila é debaixo da terra — respondeu o homem.

O turista, sem desanimar, tentou outras perguntas, mas, como resposta, obteve apenas monossilabos, ou, quando muito, frases de duas ou três palavras. Por fim, na certeza de ter encontrado um bom fio de conversa, perguntou:

— O senhor tem vivido aqui tôda a vida?

— Ainda não!... — respondeu o homem.

PEGA O GATO PARA MIM?

Em 1381 a população da China era de 80 milhões de habitantes.

*

Em Costa Rica o Exército tem um efetivo de 800 homens.

O número total de passageiros transportados em Tóquio pelos trens subterrâneos, no ano passado, foi de 41.297.000.

*

A África é maior que a Europa 3 vezes.

Os Estados Unidos têm mais terra coberta por florestas do que utilizadas na lavoura.

*

A prata é usada na China como moeda corrente há mais de 5.000 anos.

Cêrca de 1.500 pessoas acompanharam o primeiro Governador do Brasil.

*

O esqueleto de um homem adulto pesa normalmente de 4 e meio a 6 quilos.

O REI

HÁ muitos, muitos anos, a Dinamarca ficou sem rei. Os nobres passaram a dominar o país, mas estavam sempre em guerra entre si e em pouco tempo a nação ficou reduzida a extrema pobreza.

Um dia, os habitantes de certo pequeno povoado do litoral viram que se aproximava, sôbre as ondas, um estranho navio. Pouco depois o navio fundeou ao largo, porém não se via a bordo nenhum marinheiro. De tôdas as cidades vizinhas surgiram pessoas para ver o barco desconhecido. Na manhã seguinte chegaram, de tôdas as regiões do país, camponeses que, abandonando seus animais e seus campos, indagavam inquietos e apreensivos:

— De onde vem êste barco ? A bordo, emboscado, deve estar algum inimigo... Jamais chegou coisa boa do mar ! Os navios estrangeiros são sempre sinal de saques e devastação, de fogo e de morte... — acrescentavam.

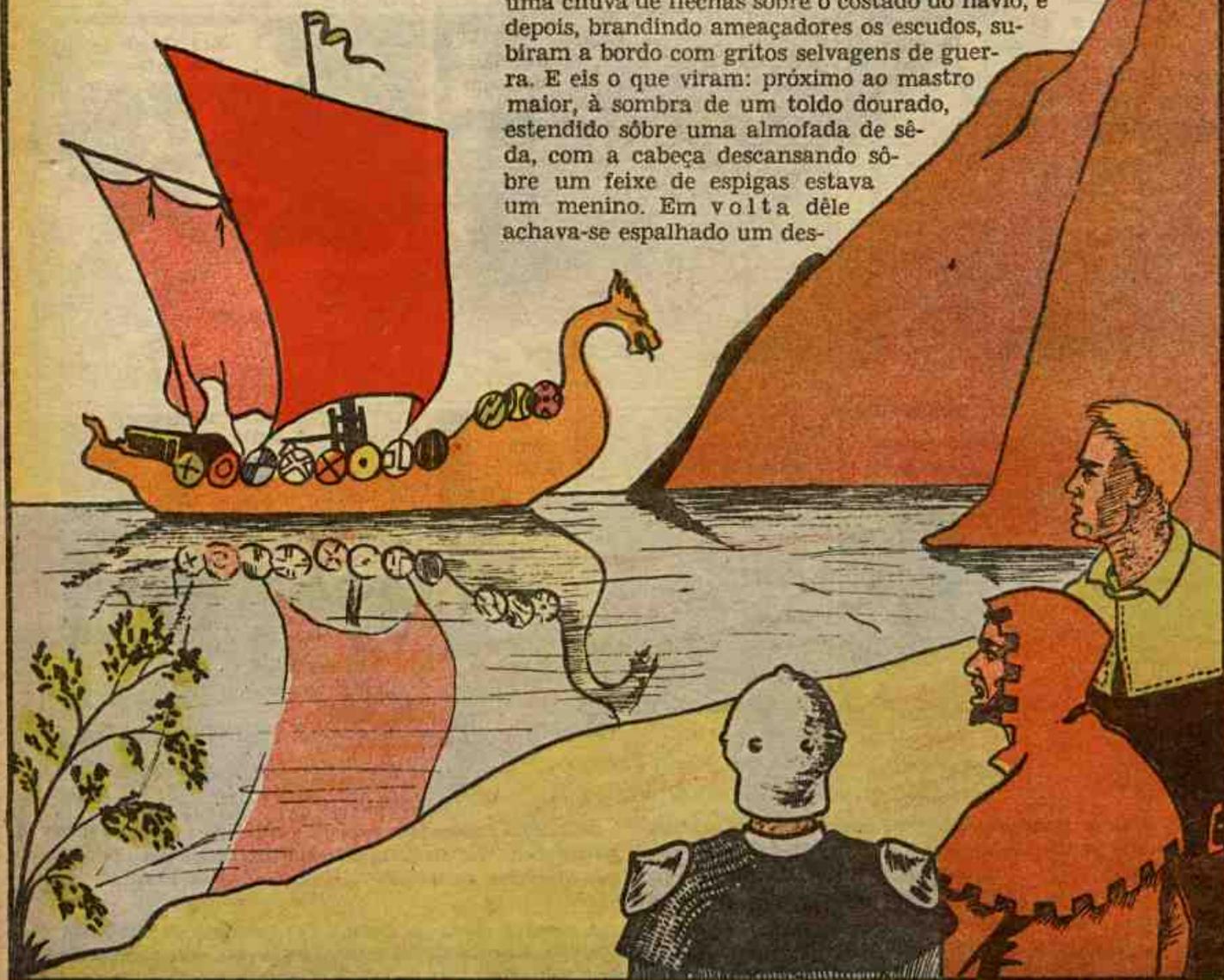
Ficaram, assim, todos na praia, apreensivos, e durante tôda a noite estiveram vigiando o inimigo imaginário.

No terceiro dia surgiu no pequeno povoado, no meio de uma nuvem de poeira, um grupo de guerreiros montados em possantes cavalos. Os capacetes de aço brilhavam ao sol, as capas multicôres voavam com o vento, os cabelos ruivos pareciam labaredas, os escudos de bronze e as espadas ressoavam ao galope dos corcéis. Os cavaleiros olharam de longe para o misterioso navio.

— De onde poderia ter vindo uma nau tão rica ? — perguntavam uns aos outros.

— Por que não se vê ninguém a bordo ? E começaram a gritar:

— Inimigos, estais com medo de nós ? Que esperais para descerdes a terra e fazer frente aos homens da Dinamarca ? Estamos prontos para a luta: se vossas armas são de ouro, as nossas são de aço dinamarquês !

Nenhum rosto, entretanto, se mostrou; nenhuma voz respondeu. Os guerreiros, sempre mais excitados, depois dos desafios, das injúrias e dos sarcasmos, começaram a atirar uma chuva de flechas sôbre o costado do navio, e depois, brandindo ameaçadores os escudos, subiram a bordo com gritos selvagens de guerra. E eis o que viram: próximo ao mastro maior, à sombra de um toldo dourado, estendido sôbre uma almofada de sêda, com a cabeça descansando sôbre um feixe de espigas estava um menino. Em volta dêle achava-se espalhado um des-

(Do folklore dinamarquês).

pojo enorme de armas cinzeladas e adornadas de pedras preciosas, armaduras de metal reluzentes; escudos de bronze, com placas de ouro e prata; couraças com malhas de aço; cornetas de marfim adornadas de pedras preciosas, e cinturões, colares, pulseiras, jarrões, pratas, copos, instrumentos musicais, pentes, pedestais, túnicas, capas, fivelas...

Os assaltantes estacaram, completamente atonitos, e compreenderam que os deuses haviam enviado aquele navio em sinal de paz, como presságio de prosperidade e de glória. Então pegaram no menino com todo carinho, levaram-no em triunfo à capital e o aclamaram rei da Dinamarca, dando-lhe o nome de "Skiold", que quer dizer Escudo, para que tal nome significasse que êle era a defesa do país.

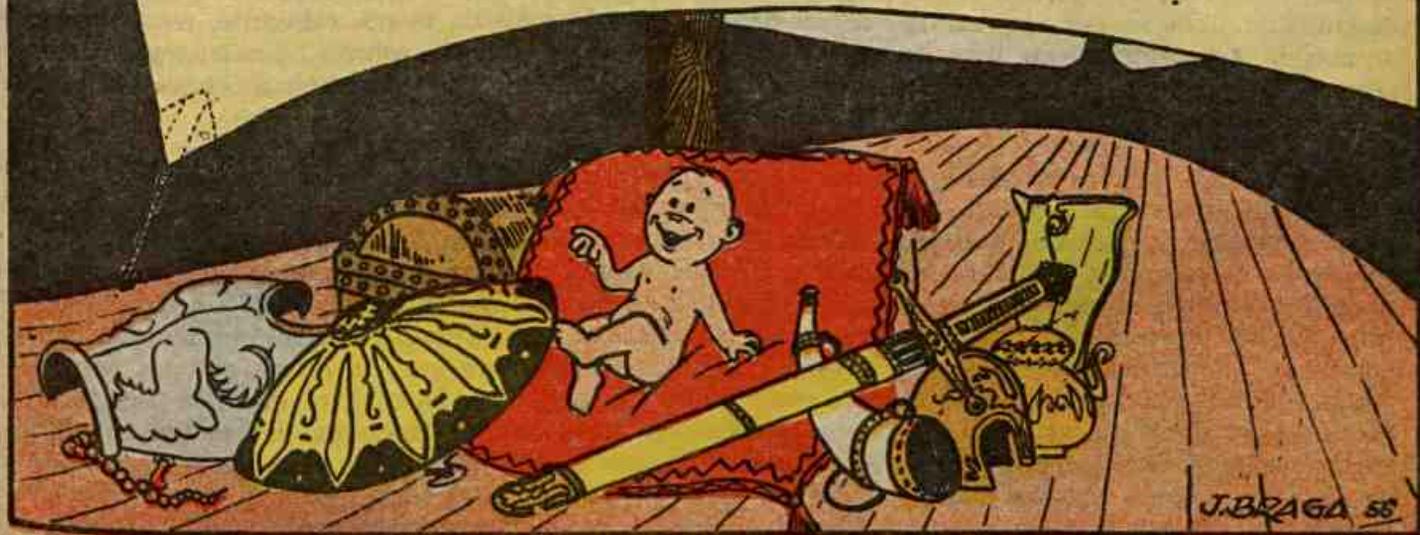
Skiold cresceu e se tornou um jovem forte e vigoroso, justo na paz e invencivel na guerra. Governou com sabedoria, dando à Dinamarca bem estar e felicidade. Quando chegou à velhice e a morte já se aproximava, Skiold chamou seus súditos e disse:

— Amigos, assim que meus olhos se tenham fechado, quero que meu corpo seja transportado para o navio de onde fui tirado e que há muitos anos repousa na enseada. Depois soltem-no e confiem-no aos ventos. Irei como vim, depois de ter cumprido minha missão e ter transformado êste país, pobre e miserável, em uma nação rica e próspera.

Skiold morreu. Seus súditos o coroaram com a rica corôa de pedras preciosas, vestiram-no com as roupas mais luxuosas que havia, perfumaram seus cabelos e cingiram à sua cintura a espada invicta; depois, em presença da multidão que chorava, carregaram-no e o deitaram no navio, próximo ao mastro maior.

E todos se vestiram com os trajes mais ricos que possuiam e ofertaram o que possuiam: os guerreiros, armas e troféus de batalhas; as mulheres, joias e adornos; os comerciantes, objetos raros e moedas de ouro; os pobres, ramos verdes, nos quais os botões vermelhos das flôres da primavera destacavam-se como pedras preciosas.

O toldo do navio desapareceu sob os presentes acumulados em volta de Skiold. E a cabeça do ancião repousava sôbre um molhe de espigas, como outrora, à sombra de um toldo dourado.

O navio foi se afastando lentamente em direção ao mar alto: as velas escarlates, desatadas, se inflaram com o vento e as ondas levaram para bem longe aquele rei que deixava inesquecíveis recordações no coração de seus súditos e que tão misteriosamente tinha surgido para governar e tornar aquele país rico e feliz.

Cada terra tem seu uso...

CADA povo tem suas tradições a respeito do casamento.

Entre os selvagens o casamento consiste numa compra da noiva pelo noivo. É claro que o prêço varia de acôrdo com as qualidades da eleita, sendo que dão mais importância ao nível social do que à beleza, com a qual geralmente não se preocupam.

Entre os índios Cafres, uma moça pobre vale duas vacas, enquanto que uma rica vale dez. Entre os Shastikas, na Califórnia, para ter uma bôa dona de casa é preciso dar em troca dez peles de bufalo; em Uganda basta um par de sapatos para conseguir a noiva. No Novo-México, entre os Navajos, os preços são muito mais altos: doze cavalos por uma moça da classe média. Mas entre os índios Miohmis a mulher não vale mais que um porco; há povos para os quais um dente de baleia ou alguns peixes são o suficiente para ganhar em troca uma noiva.

Estas transações são feitas à revelia da noiva. Ela submete-se inteiramente à vontade de seu pai.. Pode acontecer que um moço querendo casar-se não tenha nada para oferecer ao pai de sua eleita. Nêste caso êle se oferece a si mesmo, quer dizer, durante um tempo determinado êle trabalha para seu futuro sogro. Às vezes fica trabalhando ao lado do sogro, mas também pode acontecer que seja mandado para longe. O futuro genro terá apenas o necessário para viver, pois a maior parte de sua produção reverte para o sogro. Houve pais um tanto desonestos, que se aproveitavam dessa situação. Prometiam a mesma filha em casamento a vários pretendentes ao mesmo tempo, e recebiam tanto dinheiro que podiam viver sem fazer nada. Quando os noivos vinham reclamar suas prometidas, deixavam que êles brigassem entre si para disputar o direito ao casamento. Isto chegou a tal extremo que foi necessária a intervenção da justiça.

ENTRE certos Indus, tôda cerimônia nupcial consiste numa perseguição, a cavalo, da noiva pelo noivo (que propositadamente recebe a melhor montaria).

Não faz muito tempo êste costume ainda vigorava na Baixa Bretanha. Ali, as damas de honra levavam o noivo bem cêdo à casa da noiva e cantavam então uma canção própria para a ocasião:

"Ó bela, é hora de deixares a tua casa, teus pais e tuas amigas para ires morar com teu marido".

Então entravam na casa e tiravam à fôrça a noiva que fingia não querer sair. Por fim o cortejo se formava. Primeiro ia à Pretoria e depois à Igreja. Na volta a récem-casada fugia, disparando numa correria desenfreada. Todo mundo saia atraz, e depois daquela corrida mais ou menos estafante, reconduziam-na ao marido. Antigamente esta fuga da recem-casada era a cavalo. Quando voltava e era entregue a seu espôso, ela aceitava, em sinal de submissão, o pão e o sal que êle lhe oferecia e recebia as chaves da casa da qual ela daí por diante seria a dona.

DEIXEMOS de lado os bretões e voltemos aos selvagens. De um modo ou de outro, ajustam o casamento. Então, começa para o noivo uma época de provações. Todos sabem que o noivado é o tempo mais feliz da vida. Mas os noivos da tribu dos Uabebas talvez não o considerem. Vejamos porque:

Assim que termina o ajuste entre o pai e o futuro espôso, a noiva é levada para uma casa especial, onde fica durante um mês acompanhada ùnicamente de uma matrona. Ela não pode ver nem falar com ninguém, sua alimentação é muito pouca. Dentro da cabana estão dispostos quatro obstáculos formados por barras de madeira sustentadas por cavaletes. A pobre coitada tem que correr em círculos dentro da choça, saltando por cima dos obstáculos e às vezes também passando por baixo dêles, mas não pode tocar na barra. Se por acaso isto acontece a matrona se encarrega da correção, dando-lhe uma surra de chicote. Depois de ter passado por esta prova a noivinha é submetida a uma outra mais dura: deve passar dentro de um arco cheio de espinhos e agulhas. Se por acaso ela se fere, outra vez a matrona entra em ação, e desta vez o castigo é puxão de orelhas.

Depois desta, ainda vem a prova do "pote", como êles chamam. A matrona põe na cabeça da noiva uma espécie da rodilha feita de folhas verdes, sôbre esta um pote d'água. Um tambor toca para marcar o compasso dentro do qual a jovem deve dançar, quer dizer, deve fazer a volta da cabana, rodando sôbre si mesma e, o que é mais difícil, sem deixar o pote cair! Suponhamos que o pote caí: a noiva só tem que fazer uma coisa, deitar-se na água derramada e esperar as chicotadas da velha.

Por fim a última prova. A moça senta-se num banquinho; a velha matrona lhe dá uma galinha viva que deverá ser depenada sem que se ouça um só cacarejo. Enquanto as penas vão sendo arrancadas uma a uma, a matrona vai dizendo: "Assim também deves aprender que, como mulher nunca deverás perturbar a paz da taba com gemidos inúteis, aconteça o que acontecer". Finalmente chega o dia do casamento. A cerimônia é muito simples. A noiva sai da choça enquanto o noivo se aproxima. Depois de um breve ritual, êle leva a mulher para sua casa, certo de que sua espôsa é uma mulher dócil, corajosa e habilidosa.

O noivado entre os índios do Brasil é muito mais romântico. Aqui, também, a jovem fica trancada dentro da choça e sofre um jejum seríssimo.

Mas pode refletir sôbre seu estado futuro sem, no entanto, sofrer nenhum castigo. No dia do casamento duas velhas vêm buscá-la para conduzi-la à casa de seu futura marido. Uma fica à direita, e a outra à esquerda da noiva. Durante o trajeto uma vai enumerando as vantagens do casamento enquanto que a outra cita todos os inconvenientes.

— Conhecerás as alegrias do casamento. Por ti, teu marido caçará e receberás de presente lindas peles.

— Quando teu marido estiver zangado, êle te baterá e serás obrigada a te sujeitares aos maus tratos.

— Êle te cobrirá de presentes e não saberá o que fazer para tua felicidade completa.

— Tu ficarás com todos os encargos da casa. Passarás o dia inteiro com a vassoura na mão.

— Terás lindos filhos que serão a tua alegria.

— Os filhos são causa de preocupações constantes e terás horas amargas quando êles adoecerem.

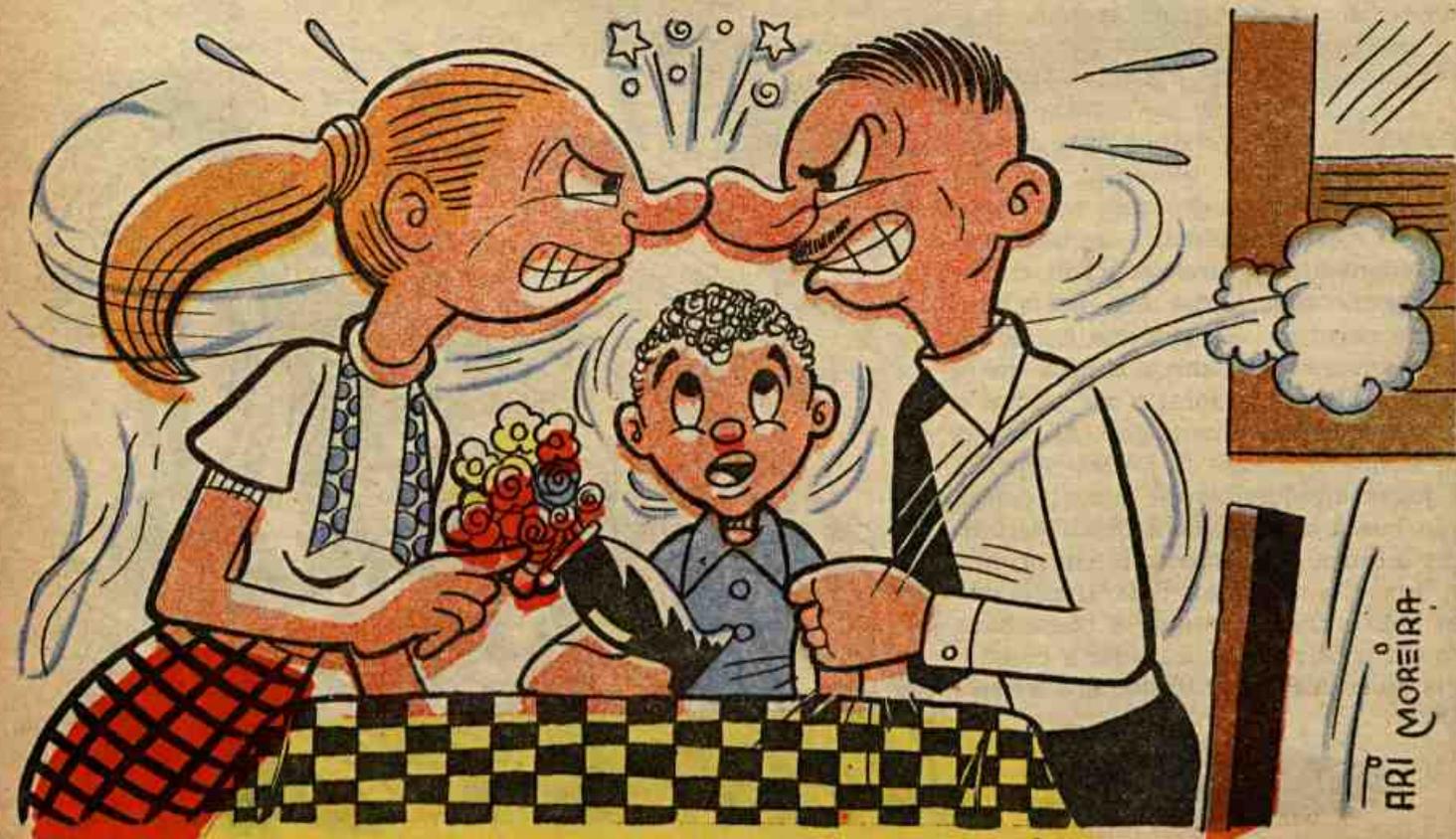
As velhas andam bem de vagar e levam todo o tempo a desfiar suas ladainhas, para que a jovem saiba de tudo o que a espera.

Para os Kaimuks — habitantes do Cáucaso — a cerimônia napcial tem como centro algo diferente: um pernil. Diante do padre que vem abençoar a nova residência, os nubentes ajoelham-se segurando o pernil, o noivo segura pela perna e a noiva pela parte carnuda. Os guardas de honra obrigam-nos a baixar a cabeça até o chão e dizem: "Adorai o sol, adorai o pernil, adorai a manteiga". As damas de honra apanham as toucas nupciais e jogam-nas dentro da choça; depois vão buscá-la. Aquela a quem pertencer a touca que for trazida em primeiro lugar, será a mais feliz. Depois disso todo mundo senta-se à mesa para comer o pernil, que durante a cerimônia foi cozido e preparado para ser servido.

Como Começam as GUERRAS

LILINHA FERNANDES

UM garotinho esperto
de olhos inteligentes que brilhavam,
perguntou a seu pai como e por quê
as guerras começavam.
E êste lhe respondeu: — Bem, suponhamos
que com a Inglaterra se indisponha a França...
Logo atalhou a espôsa: — Que tolice
tu estás ensinando a essa criança?
A Inglaterra não pode
indispôr-se com a França!
O marido se altera.
Tem um gênio de fera
e grita: — Eu sei, mulher! Ùnicamente
estou fazendo uma comparação!
A mulher ri e diz, batendo a frase:
— Com-pa-ra-ção de quem não sa-be na-da!

Assim, nessa toada,
foi crescendo dos dois a exaltação.
Vendo-os quase que em luta corporal
o garoto lhes diz:
— Já não preciso mais a explicação.
Como as guerras começam, eu já sei...
Vocês me deram ótima lição!

VOU ALI... E JÁ VOLTO...

(MONÓLOGO PARA MENINO)

(Entra com uma bolsa ou maleta, em trajo de viagem e falando para o interior): Esperem um pouco, que eu vou ali... e já volto. Sim... Não demorarei. **(Ao público)**: Pois é... antigamente, quando alguem tinha de viajar, era como se embarcasse... para o outro mundo: fazia testamento, despedia-se dos parentes e amigos, e partia... Não havia certeza de que voltaria, nem mesmo de que chegaria ao fim da viagem, que levava meses e meses, em navios a vela, a cavalo, em carros de boi, em "diligências", cadeirinhas, palanquins e em outros que tais estranhos veículos.

Hoje, não: a gente entra no bojo de um avião, as hélices roncam, e, quando se pensa estar em meio da viagem, está-se chegando ao fim.

E' comum tomar-se café no aeroporto Santos Dumont às 6 da manhã, almoçar-se, ao meio dia, um vatapá na Bahia, (até parece verso, mas não é), jantar às 4 da tarde um "feijão de côco" em Pernambuco e ao anoitecer já se está no Pará ou no Amazonas, comendo "pirarucú com farinha dágua", ou bebendo assaí.

Por isso é que, indo fazer uma dessas viagens, eu nunca digo **adeus!... e sim até logo!...** Eu vou ali e já volto!

E volto mesmo, muito antes do que se pensa. Embora tenha ido ao estrangeiro não posso por lá lá me demorar, porquê a saudade do meu Brasil não o permite. Quem quiser saber o quanto ama o Brasil faça uma viagem ao estrangeiro! Por mais belo que seja o país onde estiver, não lhe achará beleza alguma; por maior que seja o confôrto que tiver, sempre lhe faltará qualquer coisa, e esta "coisa" é a beleza, são os "ares" da pátria querida!

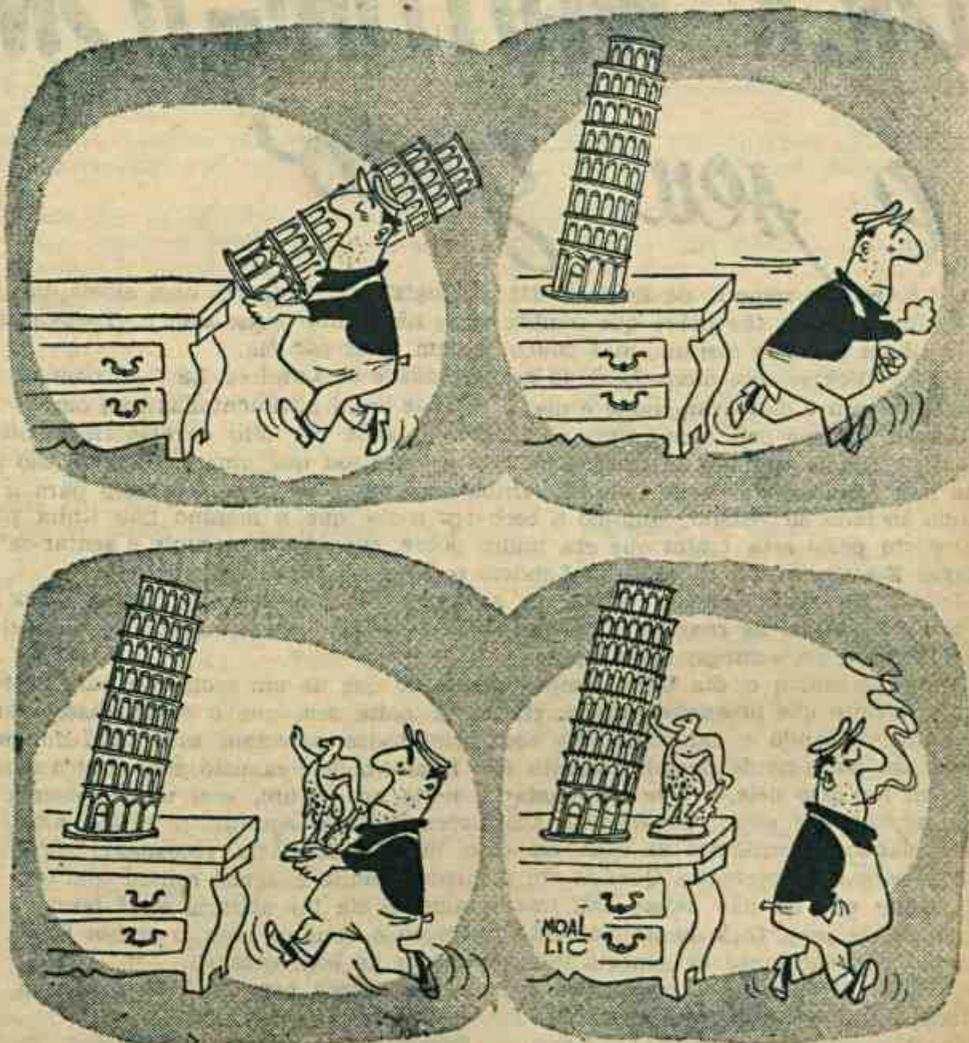
Glória, pois, a Santos Dumont, que resolveu o problema da navegação aérea, em tão boa hora!...

E por falar em hora... **(Consulta o relógio)** Estou eu aqui a "bater papo", sem me lembrar que devo tomar o avião para ir ali a Buenos Aires...

Com licença... Até logo... Se quiserem esperar aí sentados, não façam cerimônia, porquê não me demorarei... Vou alí... e... já volto!

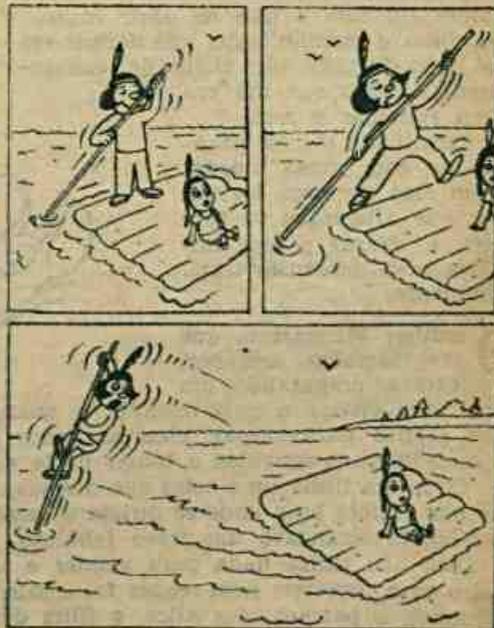
(Sái).

EUSTÓRGIO WANDERLEY

NÃO QUERIA ENCRENCAS...

— *Agora não cai... O gajo segura...*

PORQUE AS FOLHAS MUDAM DE CÔR, NO OUTONO

QUANDO chega o outôno, a esplêndida matéria verde, que a luz solar faz aparecer nas plantas, transforma-se e desaparece. A planta não morre, mas dispõe-se a descansar durante o inverno, enquanto o ar é mais frio e os dias mais curtos. Há muitos animais que fazem o mesmo durante esta estação, impelidos pela mesma causa; diz-se, então, que **hibernam**. Do mesmo modo podemos dizer que as plantas hibernam e, como durante esse tempo não têm que fazer uso das suas fôlhas, assimilam tudo o que nelas lhes pode ser útil. E' perdendo estas substâncias que as fôlhas perdem a sua côr verde e tomam os diversos aspectos que todos conhecem. Estas transformações fazem lembrar o que sucede com a côr do sangue, que, uma vez exposto ao ar, também muda de côr; o mesmo se passa com a côr da nossa pele quando damos uma pancada, e até as novas côres que ela por vezes adquire são semelhantes às que as fôlhas têm no outono.

BOM REMADOR!

DICK WHITTINGTON e seu gato

TRADUÇÃO DE MARIA MATILDE

DURANTE o reinado de Eduardo III da Inglaterra, vivia em uma aldeia, um pequeno órfão chamado Dick Whittington. Era tão pobre que muitas vezes não tinha o que comer. Todos quantos viviam no mesmo povoado tinham pena do menino, mas pouco podiam fazer por êle.

Dick sempre ouvia falar da grande cidade de Londres. Lá — diziam os ingênuos camponeses — todos eram ricos, cantavam e dançavam noite e dia, e as ruas eram pavimentadas com ouro.

Um dia, passou pela aldeia uma carruagem puxada por oito cavalos ricamente ajaedos. Dick jamais tinha visto coisa semelhante e pensou que uma carruagem tão bela só podia ir à formosa cidade de Londres. Criou coragem e pediu ao cocheiro para ir caminhando ao lado do veículo. Quando o cocheiro soube que o menino não tinha pai nem mãe, e viu pelos seus trajes que era muito pobre, convidou-o a subir e sentar-se na almofada. E assim saiu a caminho de Londres o pequeno Dick Whittington.

Depois de muito andar, divisaram ao longe os subúrbios da capital. Dick estava tão ansioso por ver as ruas de ouro, que desceu da carruagem, agradeceu ao cocheiro, e se pôs a correr para chegar mais rápido.

Andou e andou o dia todo, sempre pensando que de um momento para outro veria por fim o ouro que procurava, porém chegou a noite sem que o encontrasse. Tampouco viu gente cantando e dançando; ao contrário, todos pareciam estar mal-humorados e alguns tão pobremente vestidos quanto êle. Desanimado e exausto, sentou-se a uma porta. Ninguém fez caso dêle, e teve que passar a noite ao relento, sem nada comer e gelado até a medula dos ossos. Finalmente adormeceu. No dia seguinte, já estava alto o sol, quando a cozinheira da casa, em cujo umbral se havia recostado, abriu a porta para ir ao mercado. Quando viu o menino, muito zangada ralhou com êle, dizendo-lhe que se não saisse dali imediatamente ela lhe atiraria água fervendo. Por sórte para Dick, nesse momento apareceu o dono da casa, o senhor Fitzwarren, rico negociante de aspecto intratável mas de bom coração.

— Que faz aqui? — perguntou a Dick. — Parece bem crescido para não ter ocupação! E' acaso um malandro?

— Não, senhor, — respondeu Dick. — Desejo muito encontrar trabalho. No lugar em que moro ninguém me podia dar nada para fazer e aqui não conheço ninguém...

— Pobre pequeno! — exclamou o senhor Fitzwarren... Verei se posso fazer alguma coisa por você. Por enquanto, entre para a cozinha, a fim de lhe darem o que comer.

Desde êsse dia Dick passou a trabalhar como ajudante da cozinha da casa do senhor Fitzwarren. Talvez tivesse sido mais feliz se a cozinheira não tivesse tão mau gênio. Por qualquer pretexto — e às vezes sem pretexto algum — batia-lhe com a vassoura ou com o pau de abrir massa. Além disso, o menino tinha que dormir em uma água-furtada tão cheia de camondongos e ratos que lhe era difícil conciliar o sono.

Terminado o mês, pagaram-lhe com umas moedas e com elas comprou êle um gato, que afugentou os roedores, e, graças a essa iniciativa, pôde descansar tranquilamente.

O senhor Fitzwarren, que era também armador, estava preparando um navio para enviar a país distante, e quando êste ficou pronto para zarpar, chamou todos os seus empregados e os convidou a tomar parte no negócio. Cada um tinha uma coisa que desejava enviar, pois nas regiões para onde se dirigia o navio, qualquer objeto alcançava um preço fabuloso.

Dick não tinha nada para vender e nem dinheiro para inverter; nem sequer foi à sala quando o chamou o patrão; mas Alice, a filha dêste, que

era da mesma idade que o menino, e nutria por êle grande compaixão, notou sua ausência e foi buscá-lo na cozinha.

— Por que não queres enviar nada para vender? — indagou.

— Porque não tenho nada para vender — replicou Dick. A única coisa que possúo é êste gato...

— Pois manda teu gato! — disse-lhe Alice. — Vem; vamos levá-lo ao papai.

Dick quis resistir, porque pensava que todos ririam dêle. Que poderiam dar por aquele animalzinho? Nada; e em troca ainda voltaria a ser atormentado pelos camondongos e ratazanas. Alice, porém, insistiu tanto, que êle terminou por ceder e entregou o gato ao capitão do navio.

E, como havia pensado, todos os outros criados riram dêle, e a cozinheira mais do que ninguém. Para piorar, como a filha do patrão se mostrara interessada por êle, a cozinheira passou a maltratá-lo cada vêz mais. Todos os dias perguntava-lhe:

— Achas que com o que te darão pelo gato poderei comprar um pau para te dar uma boa sóva?

Por fim, Dick não póde resistir mais e resolveu fugir. Levantou-se um dia antes do amanhecer e, sem que ninguém o visse, abriu a porta e se pôs a caminho. Quando saiu da cidade, sentou-se para descansar. Pensava na direção que devia seguir, quando ouviu o sino da Igreja de Santa Maria bater seis horas e lhe pareceu ouvir que cantava:

—"Volta, volta Whittington... três vezes governador de Londres".

— Governador de Londres! — repetiu Dick... E pensou:

— Se hei de ser governador de Londres quando fôr homem, bem que posso suportar algum sofrimento agora...

E voltou para casa do senhor Fitzwarren e por sorte póde entrar sem ser pressentido. Pôs-se a trabalhar com ânimo redobrado. Já não lhe causavam mossa os maus tratos injustos. E se algumas vezes se sentia um pouco triste, lembrava-se da voz do sino de Santa Maria e do futuro que havia anunciado.

Enquanto isto, o barco fretado pelo senhor Fitzwarren, levando a bordo o gato de Dick, chegou ao destino. Tôda a população acorreu ao pôrto para ver seu valioso carregamento. O mestre, mandou amostras das mercadorias para os governantes do país, que ficaram tão entusiasmados que o convidaram para um banquete em palácio.

Receberam-no em seu luxuoso salão, forrado de custosos tapetes e ornado de ouro e prata. Sentaram-se todos à mesa e em seguida foi srvido um delicioso banquete. Mas antes que alguém tivesse tempo para servir-se, camondongos e ratazanas invadiram o salão e devoraram tudo...

O capitão do navio ficou assombrado com o ocorrido e perguntou com muita diplomacia se não se aborreciam com aqueles roedores. O rei, a rainha e os nobres convidados, todos em côro, começaram a se lamentar. E o Primeiro Ministro disse:

— São terriveis! Sua Majestade daria a metade de seu reino a quem conseguisse livrar-nos dêles, pois além de furtarem os alimentos, ainda entram em seu real dormitório e até o mordem quando dorme...

Ao ouvir isto, o capitão se lembrou do gato de Dick e disse ao monarca:

— Tenho a bordo um animal que terminará com esta praga!

O rei ficou tão contente, que deu um pulo de alegria, fazendo cair a coroa.

— Traga-me êse bicho! — exclamou — Os camondongos e as ratazanas são o meu grande problema e se êsse animal pode vencê-los, encherei o seu navio de ouro e pedras preciosas.

O mestre do navio, que era um bom negociante e que nutria grande simpatia pelo menino, aproveitou a oportunidade para enaltecer as virtudes do gato.

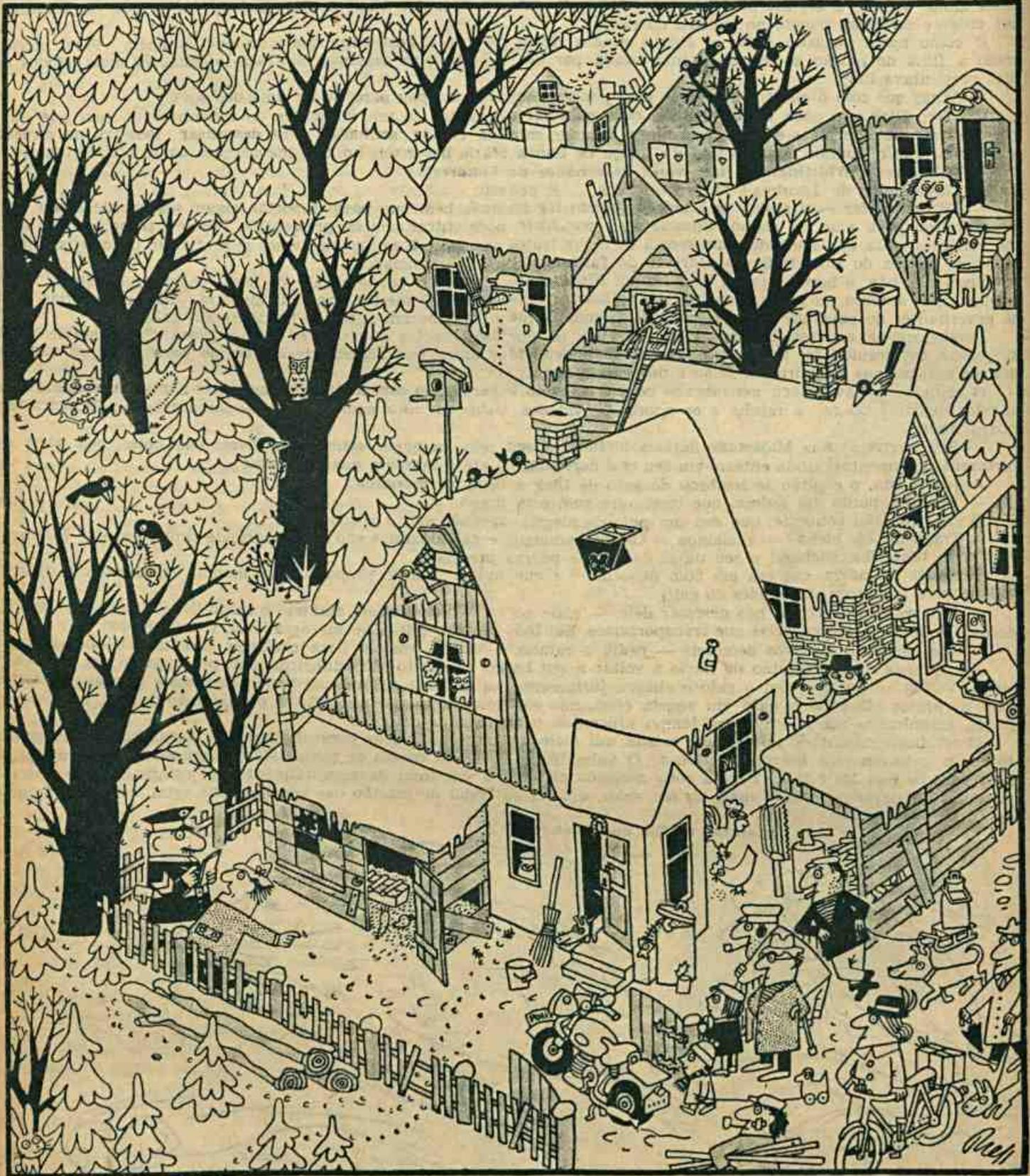
— Não sei se poderemos nos desfazer dêle, — disse ao rei — pois é quem mantem o navio livre dêsses terriveis roedores e defende as mercadorias que transportamos. Em todo o caso, para lhe ser agradável, irei buscá-lo...

— Ide correndo, não vos demoreis — pediu a rainha. — Estou ansiosa para conhecer êsse maravilhoso animal.

Apressou-se, pois o capitão do navio a voltar a seu barco, enquanto os cozinheiros reais preparavam um novo banquete. Voltou ao palácio com o gato e chegou justamente no instante em que um bando de ratos e ratazanas assaltavam os pratos. Quando o gato viu aquela cêna, não esperou ordens. De um salto se pôs no meio da sala, e mordendo daqui, arranhando acolá, em pouco tempo afugentou o exército de roedores.

O rei ficou encantado ao ver que existia um meio de exterminar seus temiveis inimigos. A rainha, entusiasmada, tomou o gato em seus braços e beijou-o. O animalzinho, cansado depois de tanto esfôrço, ronronou e ficou dormindo no regaço de Sua Majestade. Tôda a côrte suspirou aliviada e em sinal de agradecimento foi comprado todo o carregamento do navio por muito mais do seu valor, e o rei entregou ao capitão dez vezes a soma total, em troca do gato de Dick.

(Conclue no fim do Almanaque)

Quem teria roubado a Galinha?

TODO êsse alvoroço foi provocado pelo desaparecimento da galinha de estimação de sêo Olavo, dono do sítio. Vieram vizinhos, chamaram a polícia, todos ficaram assustados... Um ladrão! Credo! Sêo Olavo está mostrando ao policial as penas que o ladrão deixou cair. E outros vestígios foram encontrados, capazes de levar o policial e sêo Olavo ao ponto onde está oculto o malfeitor... Onde estará êle?

Você é capaz de ajudar os dois, nessa busca? Se não encontrar o ladrão, veja a solução no fim do Almanaque.

UM cientista dinamarquês calculou que, nos últimos cem anos, foram produzidos dois milhões de bolas de bilhar e que para obter o marfim suficiente, foram necessários trezentos mil elefantes.

NAQUELES dias, então
—por decreto imperial—
saiu um censo geral
a toda a Tribo ou Nação.

César Augusto era o gênio
de Roma — da Cítia à Ilíria.
Era, então, também Cirénio
o presidente da Síria.

Longas estradas de além,
José, mais a espôsa amada,
caminharam de jornada
para as terras de Belém.

José. o espôso real.
tivera seu berço ali.
— Era o seu país natal.
— Eram campos de David.

De régia ascendência nobre,
José, apesar de herdeiro,
era um simples carpinteiro.
sereno. tranquilo e pobre.

Sabia vestir os nus,
socorrer a fome crua;
e aos olhos da espôsa, à lua,
mandar súplicas de luz.

Sabia ao ceu bem-amado
mandar seus ais, seus martírios,
na hora em que do azul sagrado
parece que caem lírios!

Ora, eram vindos os dias.
segundo os signos dos céus
e as letras das Profecias
— que nascia um filho a Deus.

Mas este filho real
não foi nos céus embalado;
não teve ouro, nem brocado,
nem teve régio enxoval.

As nuvens não o enfeixaram
nos seus mantos de cetim.
Nem estrelas lhe cantaram,
junto ao berço de marfim.

Não lhe mandou Deus enfeite
em uma salva dourada.
— Teve as pérolas do leite
e o orvalho da madrugada!

Não lhe cantaram cantigas
os sóis, para o adormecer.
— Teve o ouro das espigas
e os rubis do amanhecer!

Não se ergueu do seu assento,
Deus a beijá-lo na face.
— Teve a luz do sol que nasce!
— Teve as ladainhas do vento!

Não lhe coseram neblinas
os seus nevados lençóis.
Nem bordaram roupas finas,
com áureas firmas, os sóis.

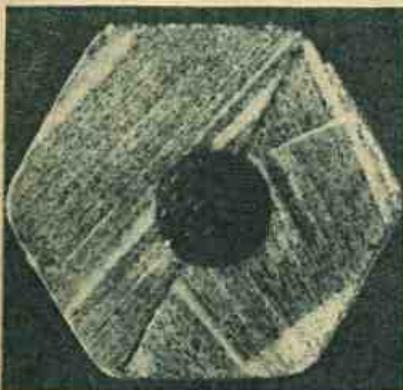
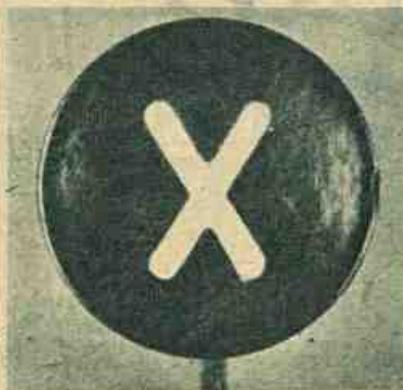
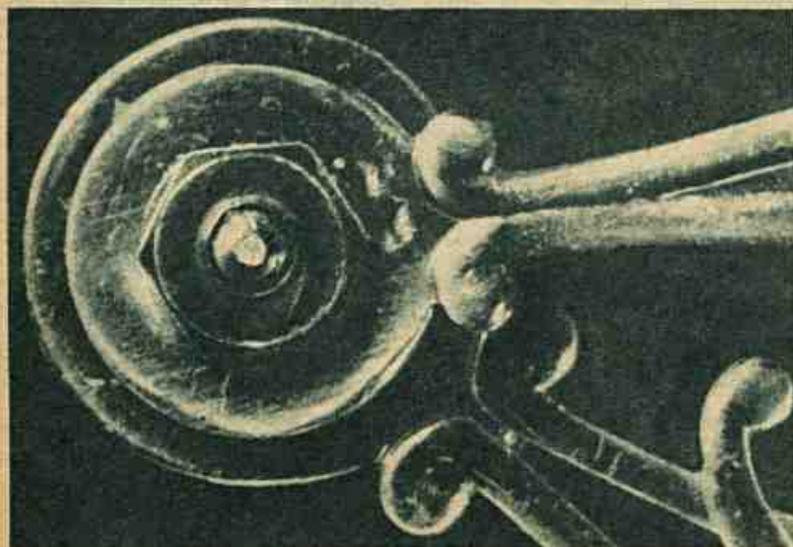
Não lhe ofertaram toalhas,
princesa ou rainha loura.
— Por enxoval, teve as palhas.
— Por berço, uma manjedoura.

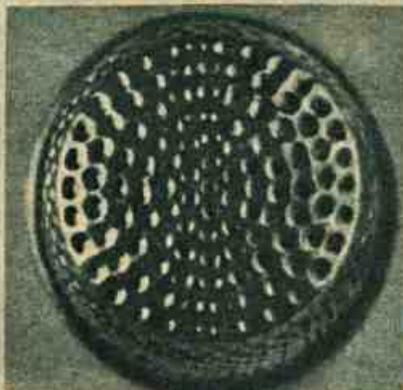
Só de manhã o saudaram
as andorinhas do ninho.
Só as violetas o olharam,
mais a flor do rosmaninho.

Não lhe fez festas o Eterno.
ao colo de uma Rainha.
Só teve o bafo materno
da vaca e da jumentinha.

E o Rei da Morte e da Dor,
sem ter archeiros reais,
só leu cortejos de amor
— nos olhos dos animais!

GOMES LEAL

VOCÊ SABERÁ ISTO ?

Será um botão?

Um sinal de tráfego?

E isto ? Que acha você que seja ?

Marte, com seus canais?

Uma panela?

AS cinco fotografias acima são de coisas simples, mas cuja aparência é um tanto misteriosa. Veja se descobre o que cada uma delas representa.

Caso não desvende o mistério, veja as respostas em uma das últimas páginas dêste Almanaque. Mas não vá logo e logo desistindo... Faça uma forcinha...

Esportivas

As corridas de carros foram adotadas a partir da 25.ª olimpiada (680 A. C.), exatamente cem anos depois de regularizada a celebração quadrienal das festas religiosas e esportivas em honra a Zeus, ou os chados Jogos Olímpicos.

●

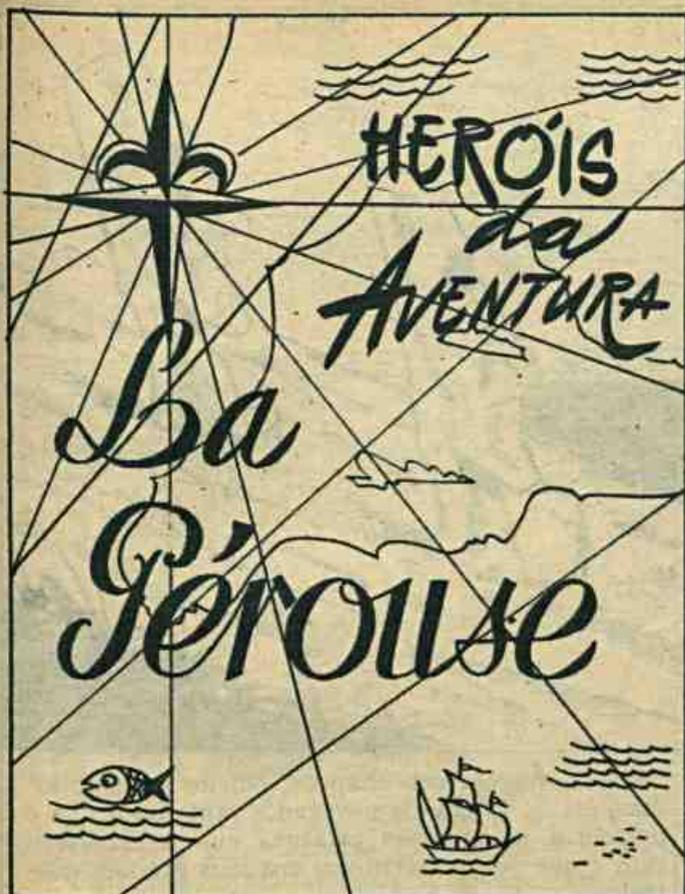
No bola ao cesto, as turmas são constituidas de cinco jogadores No basebol. as turmas têm nove jogadores e no voleibol seis.

●

A marcha atlética — que também faz parte do atletismo — e cujas regras foram estabelecidas na Inglaterra em 1860, nasceu com defeito de origem que sempre lhe criou inimigos, mesmo entre os apaixonados cultores do atletismo. A marcha atlética constitui um exercício ilogico e pouco recomendável, seja do ponto de vista fisiológico, seja do ponto de vista estético.

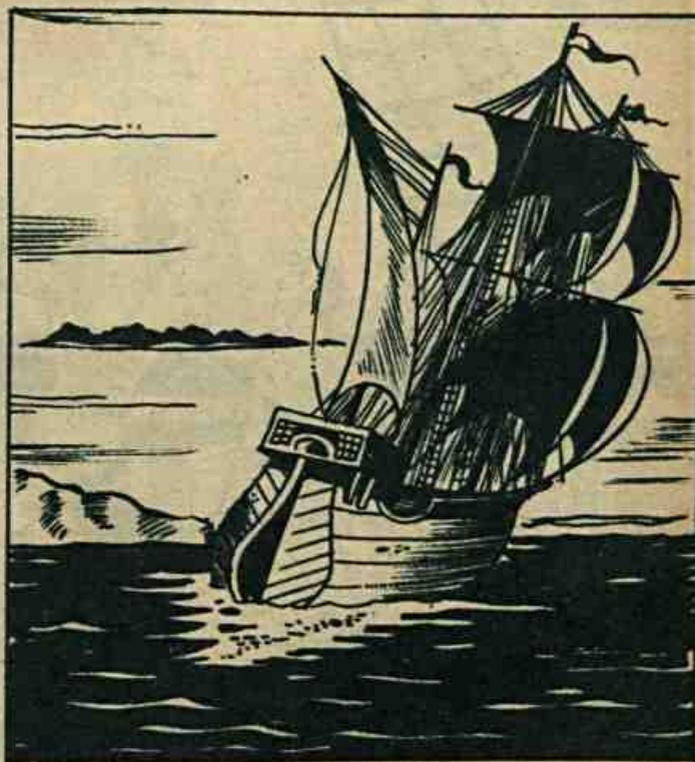
●

Tenis de mesa e pingue-pongue são o mesmo jogo. A palavra "pingue-pongue" é marca registrada do "tenis de mesa" que é expressão ou nome mais antigo. O jogo original, primitivo, assim como o nome dêsse desporto, foi sempre "tenis de mesa" ("table tenis"). E isso desde o século XIX. Assim, o tenis de mesa não é jogo moderno e nem foi inventado depois do pingue-pongue para desbancá-lo como muita gente supõe. Nada disso: o jogo é um so, a despeito de opiniões em contrário. Dizem que o pingue-pongue é divertimento e o tenis de mesa, esporte...

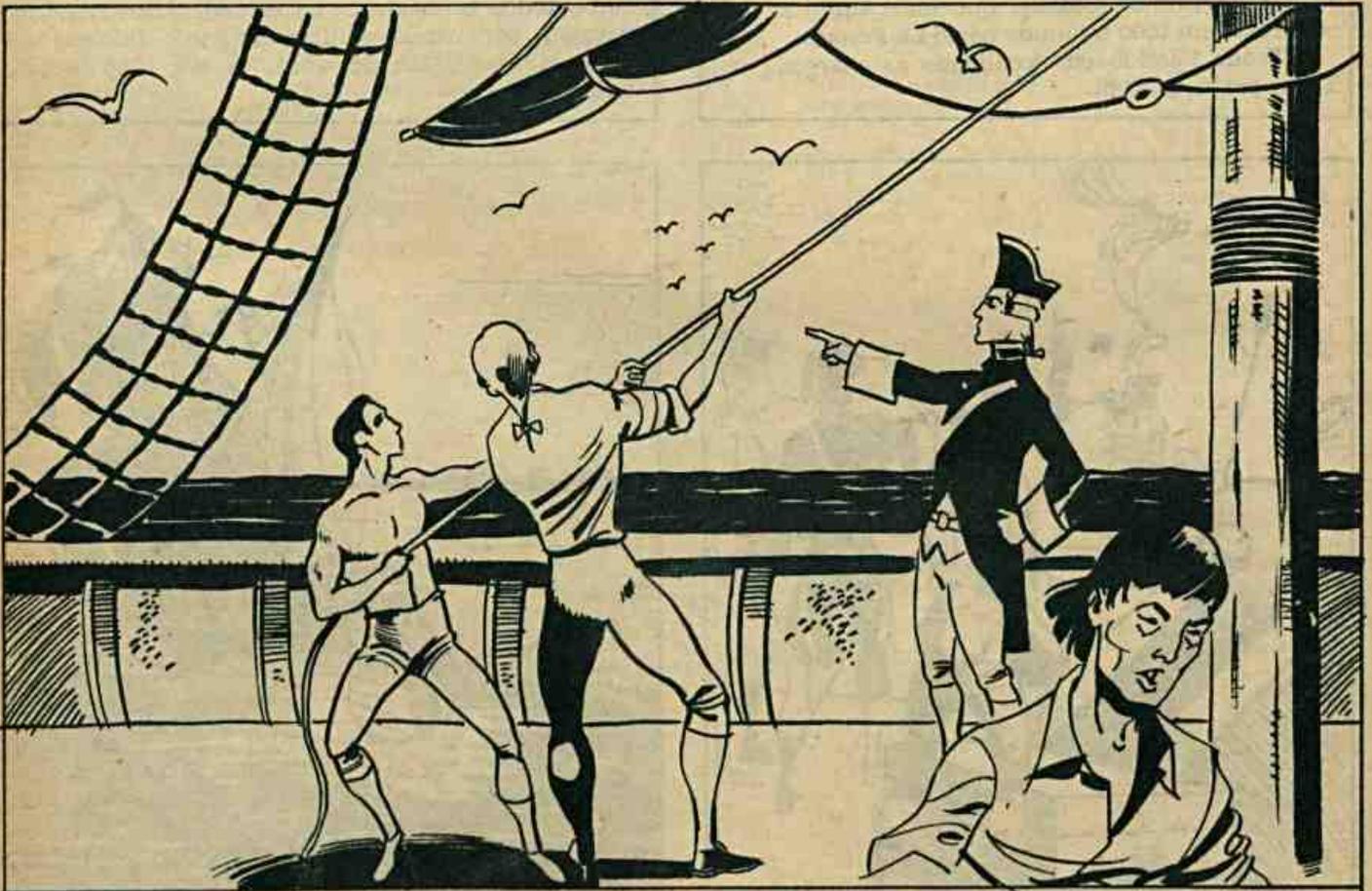
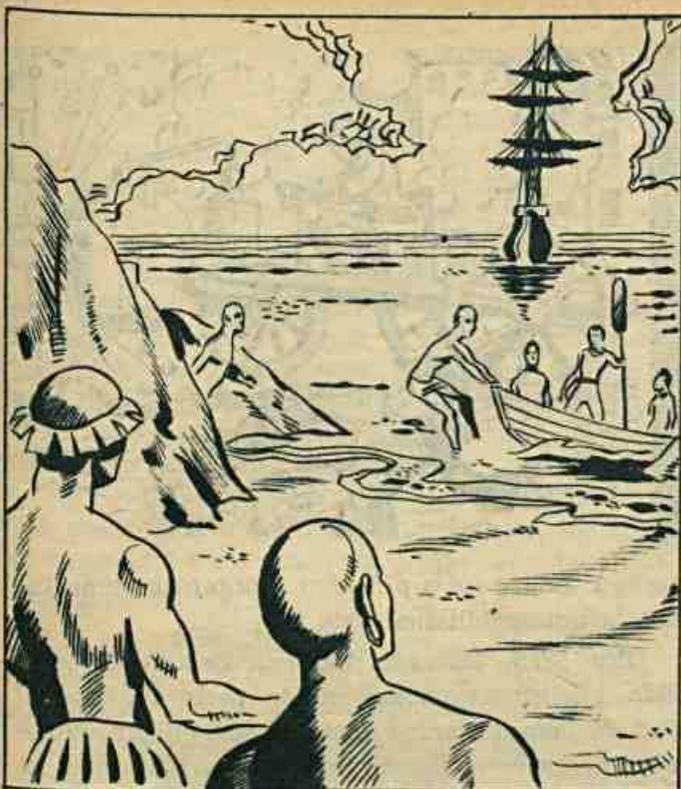
ÊLES SÓ SABIAM TRABALHAR ASSIM...

Heroi da Aventura autêntico foi, sem dúvida, João Francisco de Galaup, que mais tarde se fez conhecido em todo o mundo como La Pérouse.

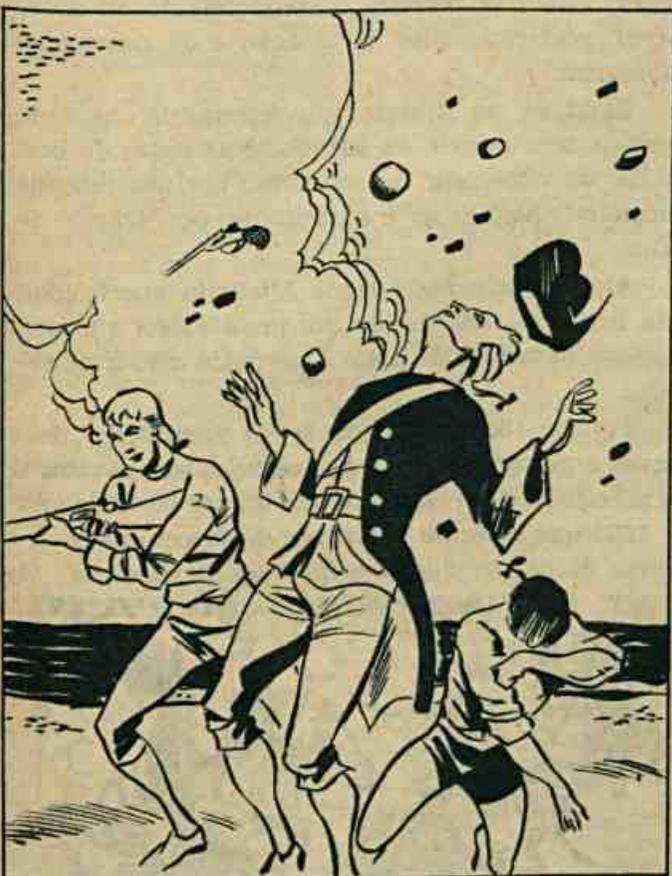
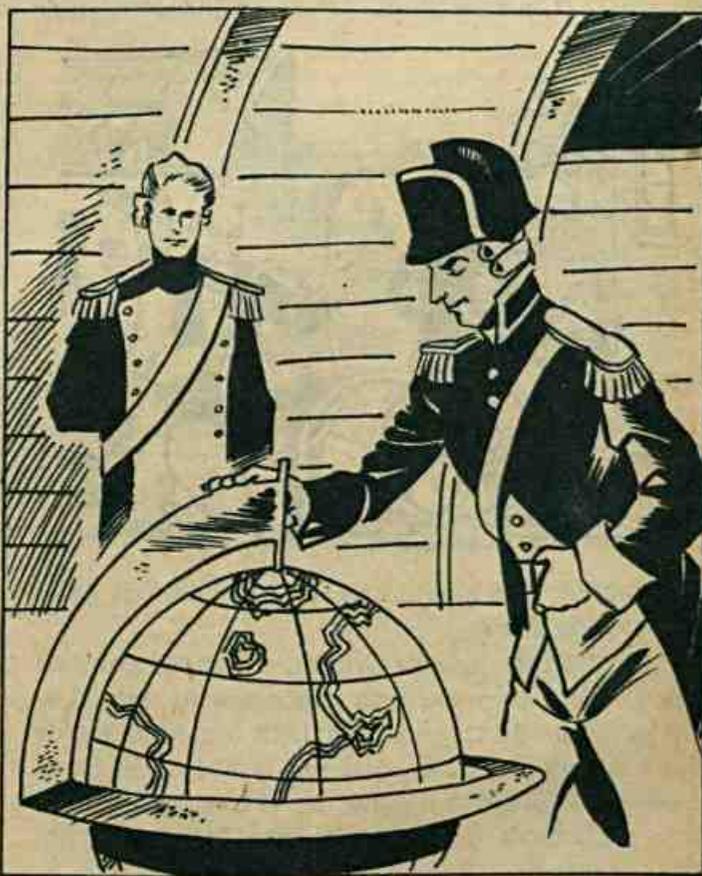
Tendo nascido em localidade às margens do Tarn, perto de Abbi...

...a 23ª de Agôsto de 1741, depois de fazer, como todos as crianças, os estudos primários, ingressou, como muitos filhos de gente fidalga, na Armada, onde, aos 15 anos, já era guarda-marinha.

João Francisco tomou parte em vári as aventuras heróicas, entre as quais a defesa de Mahe, nas Indias, e sempre brilhou por sua coragem e entusiasmo. Mais tarde empreendeu uma viagem à volta do mundo...

...saindo do porto de Brest e atingindo o noroeste da Austrália. De Agosto de 1785 a Março de 1788 percorreu essa rota nas fragatas "La Boussole" e "Astrolabe". Era, para a época, uma grande façanha, sem dúvida.

La' Pérouse foi o primeiro francês que explorou a ilha da Páscoa que recebeu êsse nome por ter sido descoberta no domingo de Páscoa do ano de 1722. Os habitantes da ilha acolheram-nos bem, mas logo começaram a...

... desaparecer chapeus, objetos de uso, armas, etc... O grande navegador explorou a ilha e descobriu as enormes estátuas que a caracterizam e que permanecem um dos seus grandes mistérios.

Deixando a ilha da Páscoa, suas estátuas misteriosas feitas na rocha de granito, La Perouse e seus companheiros seguiram ao longo da costa ocidental das duas Américas, até à California, depois ganharam as Filipinas. A 11 de dezembro de 1787 um episódio dramático o privou de um dos seus amigos, De Langle, na ilha Maouna, aonde fôra fazer provisão de água para beber.

A maré baixa obrigou o escaler a entrar em uma garganta estreita entre dois recifes de coral.
Confiando no ar tranquilo e pacifico dos habitantes, desembarcaram os barris e tonéis a encher.

Quando, de regresso à pequena embarcação, iam recolocar o vasilhame com água trazida de terra, de surpresa os naturais do lugar os atacaram, êles, antes tão quietos e acolhedores. O ataque foi a pedradas.

Ocorreu verdadeiro massacre e o imediato Langle morreu, fugindo os sobreviventes a nado, para o navio.
Quando, de regresso da Austrália, La Perouse se dirigia à Ilha da Reunião, seu navio naufragou.

Só quarenta anos mais tarde se encontraram traços e vestigios dêsse naufragio, ao NE da Austrália. Mas a causa até hoje se ignora. La Perouse foi um modêlo de coragem, tenacidade e cultura, pois foi muito estudioso, desde criança.

O PASSADO do automóvel

OS primeiros veículos sem cavalos, não eram "automóveis" movidos a gasolina como hoje, mas sim a vapôr.

Foi o engenheiro José Cugnot que em 1770 construiu o primeiro carro a vapôr. Êste engenho, um precursor remoto do automóvel e da locomotiva, podia percorrer 12 km. com a velocidade de 3 km. por hora.

Êste carro era muito difícil de ser conduzido, a tal ponto que por ocasião de sua estréia oficial, em julho de 1771, foi impossível a seu motorista evitar um muro que estava no caminho... E o resultado foi registrar-se o primeiro acidente automobilístico mundial. (Um modêlo do carro a vapôr construido

por Cugnot, está expôsto no Conservatório de Artes e Ofícios de Paris).

Em 1821 os ingleses Griffith e em 1824 Brustall e Hill construiram carros a vapôr baseados no mesmo princípio de Cugnot. Em 1873 um fundidor de sinos, Amadeu Bollée, construiu também seu carro a vapôr, ao qual deu o nome de "O Obediente". Dois anos mais tarde êle tentou chegar até Paris com êste carro.

Durante as 18 horas que durou a viagem, foi multado nada menos que 75 vezes por excesso de velocidade! Apesar da incompreensão da polícia, o sucesso dessa aventura deu-lhe fortuna, pois nos anos seguintes inúmeras foram as encomendas que recebeu. Bollée foi o primeiro a organizar uma indústria automobilística.

Em 1883, Eduardo Delamar-Debouteville, tecelão, que morava numa cidade perto da Rouen, ajudado pelo mecânico chefe de sua oficina, fabricou o primeiro motor de arranco movido a óleo (2 cilindros, 8 cavalos). Esta invenção excessivamente barulhenta explodiu na primeira vez que saiu à rua... O primeiro motor a explosão mereceu o nome de "Explosivo".

Foi um genial mecânico nascido em 1851 em Clermond-Ferrand, que aperfeiçoou êste tipo de motor, fato que marcou o aparecimento do automóvel, posteriormente da aviação e da navegação submarina.

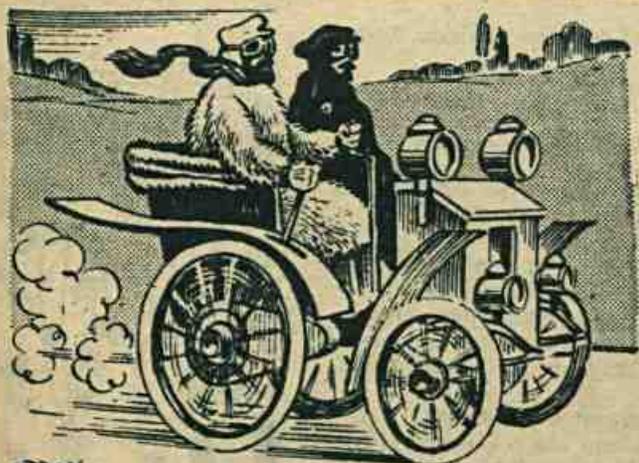
Em 1888, na Irlanda, um veterinário chamado Dunlop teve a idéia de substituir as rodas de borracha, do velocípede de seu filho, por um tubo de borracha cheio de ar e sustentado por trapos de pano.

Alguns anos mais tarde Michelin aperfeiçoou esta invenção, adaptando um pneu móvel que dispensava os trapos de pano e permitia consêrtos rápidos.

Foi em 1887 que o jornal "O Velocípede" promoveu a primeira corrida de "veículos sem cavalos". (É preciso não esquecermos que foi por volta do ano de 1893 que o têrmo automóvel apareceu, para designar os carros que dispensavam os cavalos). O

percurso era de 32 km. ida e volta, de Nelly a Versailles. Quem ganhou a corrida foi Georges Bouton, que se apresentou num triciclo movido a óleo e de sua própria fabricação. Por todos os lugares por onde passava, Bouton semeava o pânico, pois desenvolvia a extraordinária velocidade de 25 km por hora!

Em 1889, as licenças para os construtores de "veículos sem motor" eram divididas entre os proprietários de carros a vapôr, a óleo e os movidos a eletricidade. O mais célebre partidário do motor a vapôr, foi Serpollet, inventor da caldeira de vaporização instantânea, sistema que permitia obter ràpidamente vapôr em alta pressão.

Com êste sistema êle construiu um triciclo com uma caldeira colocada na parte trazeira. Serpollet foi o primeiro a ser chamado, com o seu carro, pelo

Contrôle das Minas, para ter cassada sua licença de dirigir, a qual êle só obtivera a título temporário e com a condição de não ultrapassar a velocidade de 16 km. por hora.

Por ocasião da primeira corrida de automóveis, organizada nesta época (1892) entre Paris e Rouen, um terço dos participantes corria em carros a óleo, um quarto em carros a vapôr e os outros em carros movidos a eletricidade.

Foram os carros Panhard e Peugeot que ganharam a prova, munidos de motor a óleo.

O maior problema dessas competições era o dos pneus, que estouravam por qualquer coisa... Na corrida de Paris-Bordeaux, em 1895, Peugeot mudou os pneus de seu carro vinte e duas vêzes.

INTERPRETAÇÃO...

O chefe de repartição chamou o auxiliar e lhe disse.

— Tome êste rascunho e faça um ofício, dizendo mais ou menos isto:

"Exmo. Snr. — Tenho a honra de comunicar a V. Exa., que a Companhia requerente não tem assinatura no requerimento. Vou, porém, tratar do outro ofício, relativo à nota aqui recebida a nove do corrente.

"Não é ocasião própria para tratar da criação dos lugares nos Bancos, pelas circunstâncias atuais da praça. Mas os outros decretos vão ser imediatamente lavrados, visto que S. Exa. o Ministro já lançou o seu despacho no processo. Saúde e Fraternidade, etc. O Diretor Geral".

O funcionário: *— Faço exatamente como está aqui?*

O chefe: *— Não é preciso copiar textualmente. Isto é apenas o resumo; o senhor agora, se quiser, altera ou diz isto mais desenvolvidamente; enfim, pode dizer isto de outra forma, por outras palavras...*

*
* *

No fim de três dias recebeu para assinar o ofício saído da pena do funcionário:

"Exmo. Snr. — Muito me honra mandar dizer a V. Exa. que a Companhia requerente não tem passe no requerimento. Eu vou mas é tratar de outro ofício, porque as notas são aqui recebidas a nove apesar de não trazer corrente; agora também já não é ocasião para tratar da criação porque está cara e já não há lugares na praça; mas fique certo que os outros decretos vão ser já cultivados para se lavrarem, porque S. Exa. o Snr. Ministro já vomitou o seu despacho no processo.

"Desejando a V. Exa. muita saúde e muita fraternidade e a toda a sua Exma. Família, se assina Mt.º Att.º Ver. e Obd.º — Diretor Geral".

CADA QUAL COM O QUE CAÇOU...

Um exemplo de Coragem

ÊLE se chamava Carlo Spadaccini. Tinha quatorze anos e era pedreiro. E, como todos os operários de seu país, cantava da manhã à noite enquanto trabalhava. Um dia, no inverno de 1853, sabem o que aconteceu? Carlo escorregou do andaime e caiu. Por um milagre não morreu, mas ficou doente, com as duas pernas quebradas.

No verão seguinte, Carlo percorria as ruas de Lugo à procura de trabalho. Andava com dificuldade, apoiado em suas muletas, com um olhar muito triste. Não pensava em si, e sim em sua mãe que sofria em casa, em seu pai que estava acamado com febre, em seus oito irmãos e irmãs que era preciso alimentar, enquanto que êle... Ah! o destino!

— "...dois mil escudos de recompensa... dois mil escudos àquele que..."

O jovem levantou os olhos. Quem falava em tanto dinheiro?

Do campanário da igreja o pregoeiro discursava, atraindo cada vez mais gente.

— O filho do reverendíssimo e eminentíssimo conde de Lugo, Marco Marcinieri foi picado por uma víbora! A quem sugar o veneno da ferida, dois mil escudos de recompensa...

Sugar veneno de víbora, não era coisa para a qual aparecessem voluntários, mesmo quando eram oferecidos dois mil escudos de prêmio, mesmo para ser agradável a um conde.

O pregoeiro tomou o carro... Às suas costas um barulho de muletas, gritos confusos.

— Signore!... Signore Antonio Pedro!... Espere-me!

— Oh! Carlo, é você?

Sua voz se suaviza para falar ao pequeno aleijado. Todos na cidade gostam dêle.

— Você não se vai expôr, meu filho...

Carlo sorri:

— Pelo menos, responde, êste é um trabalho para o qual não preciso de minhas pernas!

— Você pode morrer, Carlo, se o veneno se espalhar no seu corpo.

Carlo, recuperando a alegria, responde:

— Pode ir e não se preocupe comigo. Meus pais receberão o dinheiro. Eu não valho tanto. Tenho mêdo é de chegar muito tarde. Depressa, Antonio Pedro. Se alguém chegar antes de mim... Se eu pudesse dar êste dinheiro a meus pais, ficaria tão feliz! Com estas pernas, sou um verdadeiro fardo para êles.

— Que menino corajoso! — pensou o pregoeiro.

Conduziu, então, Carlo pelo palácio até o quarto do jovem Marco Marcinieri. O menino fôra mordido na perna e estava deitado, semi-consciente, com o corpo já inchado até a metade. Carlo curvou-se sôbre o doente. Preparou-se para sugar a ferida, quando um grito o impediu de continuar.

— Não deixem! Por Deus, impeçam-no!

E êle se sentiu agarrado e empurrado para longe. Um jovem se curva sôbre o pequeno Marco. Tira um frasco do bolso e dá-lhe de beber. Fricione a chaga com o líquido de um outro frasco...

— Pronto, disse satisfeito. Dentro de 24 horas estará completamente restabelecido... — E voltando-se para Carlo:

— E êste aqui, também, de sua emoção!

Carlo não pôde reter as lágrimas. Não pôde dizer uma só palavra.

— Tudo ficou mais simples, assim. Sou médico; um médico francês de passagem pela Itália. Estava num hotel na praça de Lugo, quando o pregoeiro anunciou que o condezinho havia sido picado por uma víbora. Trago sempre comigo o remédio para tais casos... — E parou pensativo.

— Você sabe que é muito corajoso? Você estava se arriscando muito, sugando êste veneno...

Carlo balançou a cabeça. Queria falar, explicar que não era o perigo que o emocionava, mas a decepção de não receber a importância que tiraria sua família da miséria.

— Estou contente, disse êle entre soluços, porque... porque ... o menino ... vai ficar bom... mas... — E foi embora acabrunhado, capengando, sacudido pelos soluços, mais infeliz do que nunca.

O jovem médico escutava distraidamente o conde de Lugo, que se desmanchava em agradecimentos e demonstrações de afeto. Aceitou a bôlsa cheia de escudos de ouro, o preço da cura.

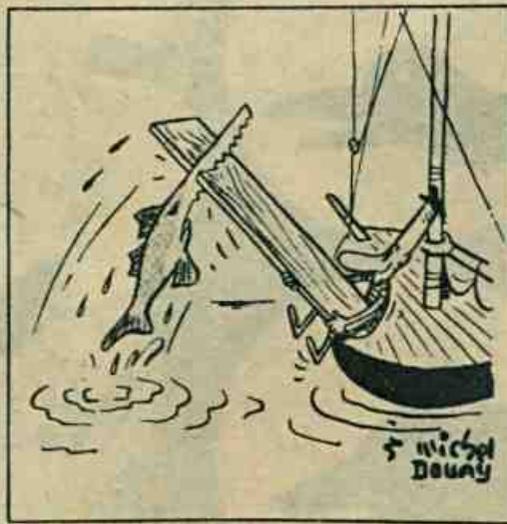
Despediu-se, disse de passagem uma palavra a Antonio Pedro, e foi correndo procurar o aleijadinho.

— Carlo, você mora longe? Eu ficaria muito feliz se pudesse levar esta bôlsa a seus pais. E' a recompensa que você tanto mereceu.

E, apesar dos gestos de protesto de Carlo:

(Conclue no fim do Almanaque)

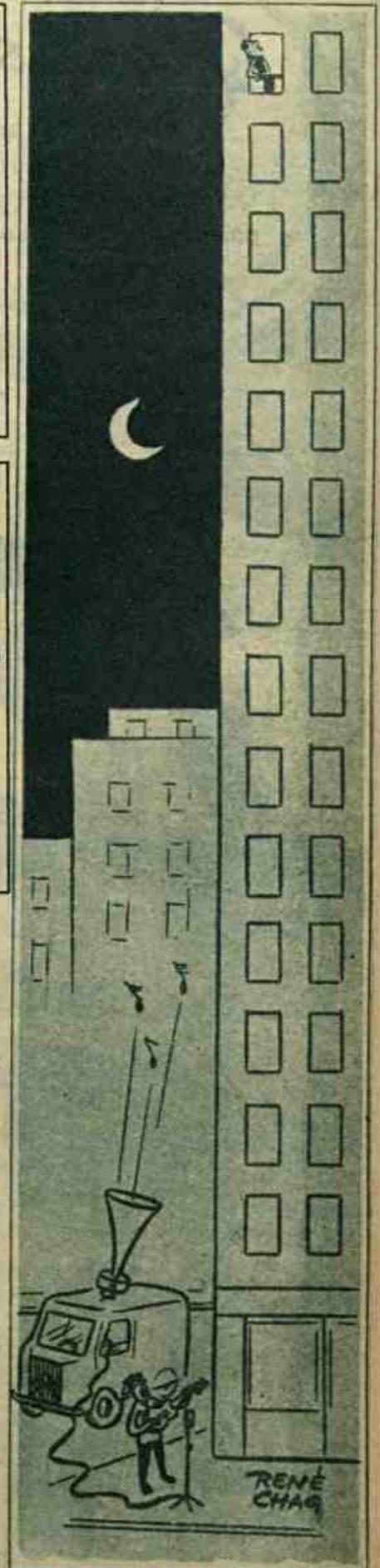
PESCADOR DE PEIXE-SERRA

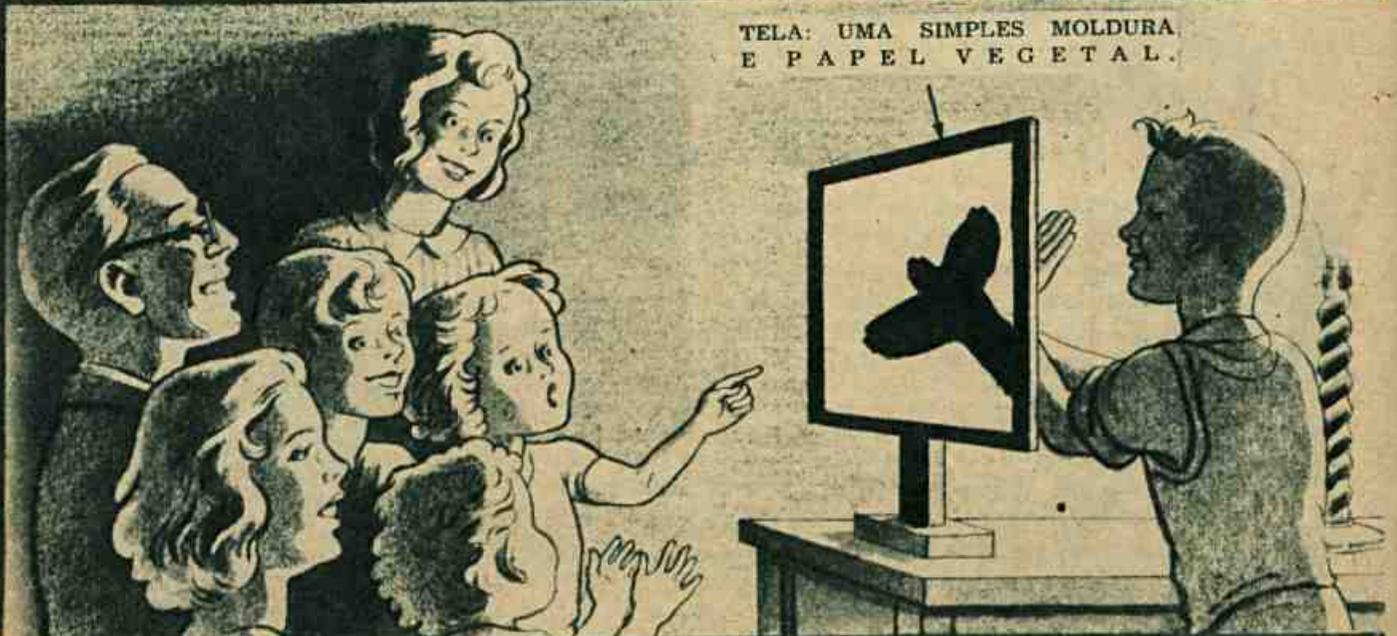
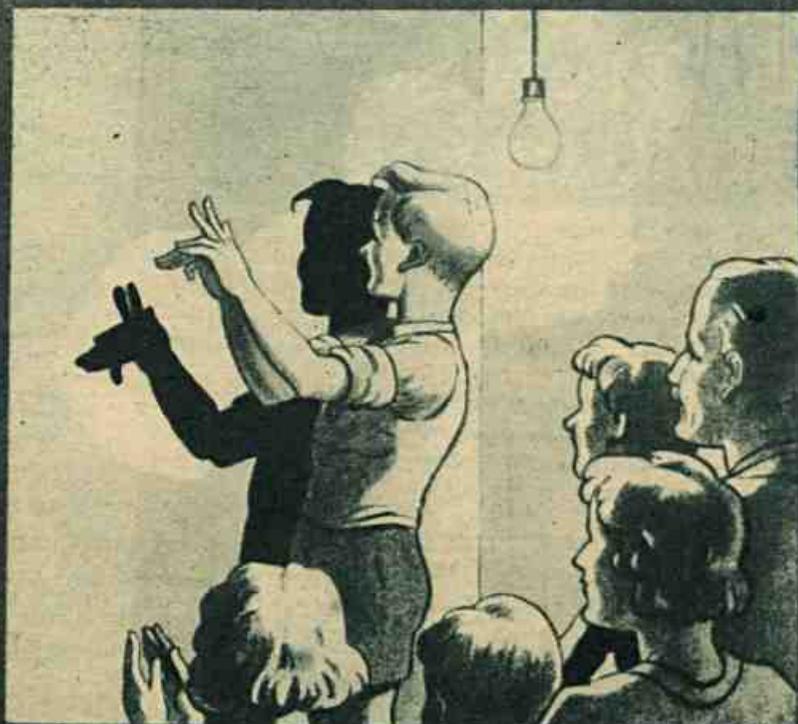
SERENATA DOS TEMPOS MODERNOS

MINHA TERRA

É linda a minha terra:
feitiços de garoa pela serra,
largos lastros de sol por sôbre o chão...
Campos verdes, florestas estupendas,
rios, montanhas, cafezais, fazendas,
e o soriso de Deus pela amplidão...

É grande a minha terra:
grande, pelos tesouros que ela encerra:
pelo seu coração puro e leal;
pela fé que palpita no seu povo;
pelo seu sangue heróico, ardente e novo,
pela sua nobreza sem rival.

Minha terra gloriosa,
vasta e bela, risonha e luminosa,
é o berço de uma raça varonil.
Graça e orgulho da terra americana,
reino da paz e da bondade humana!
Minha terra é o Brasil!

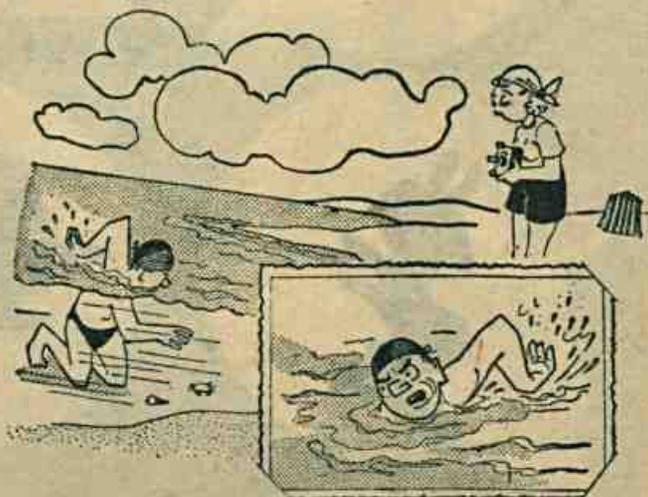
CORRÊA JÚNIOR

Quando se quer mesmo brincar...

QUANDO se quer mesmo brincar, até com as mãos vasias se brinca. Basta haver uma parede, uma lâmpada acesa (ou uma vela) ... Querendo improvisar uma tela, com papel vegetal e uma simples moldura, a coisa fica mais interessante ainda.

DE "VIVOS" O MUNDO ESTÁ CHEIO...

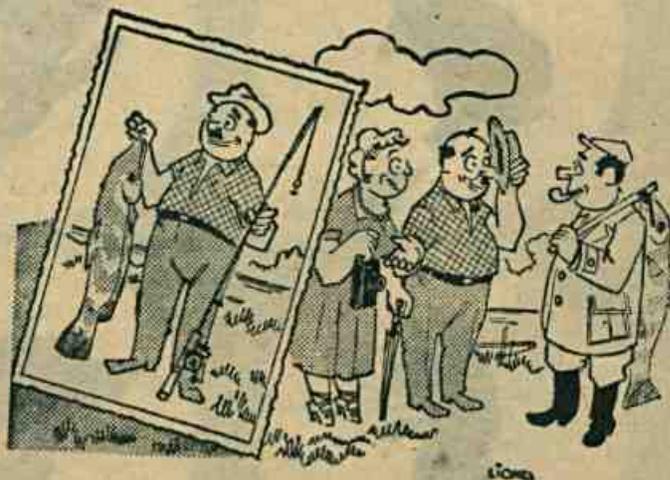
Sim, é isso mesmo: de "vivos" o mundo está cheio... Cada um inventa meios novos e novos modos de engambelar os outros... Essa gente que volta das férias trazendo fotografias impressionantes, por exemplo... Cuidado com ela! Há muito "truque" conhecido...

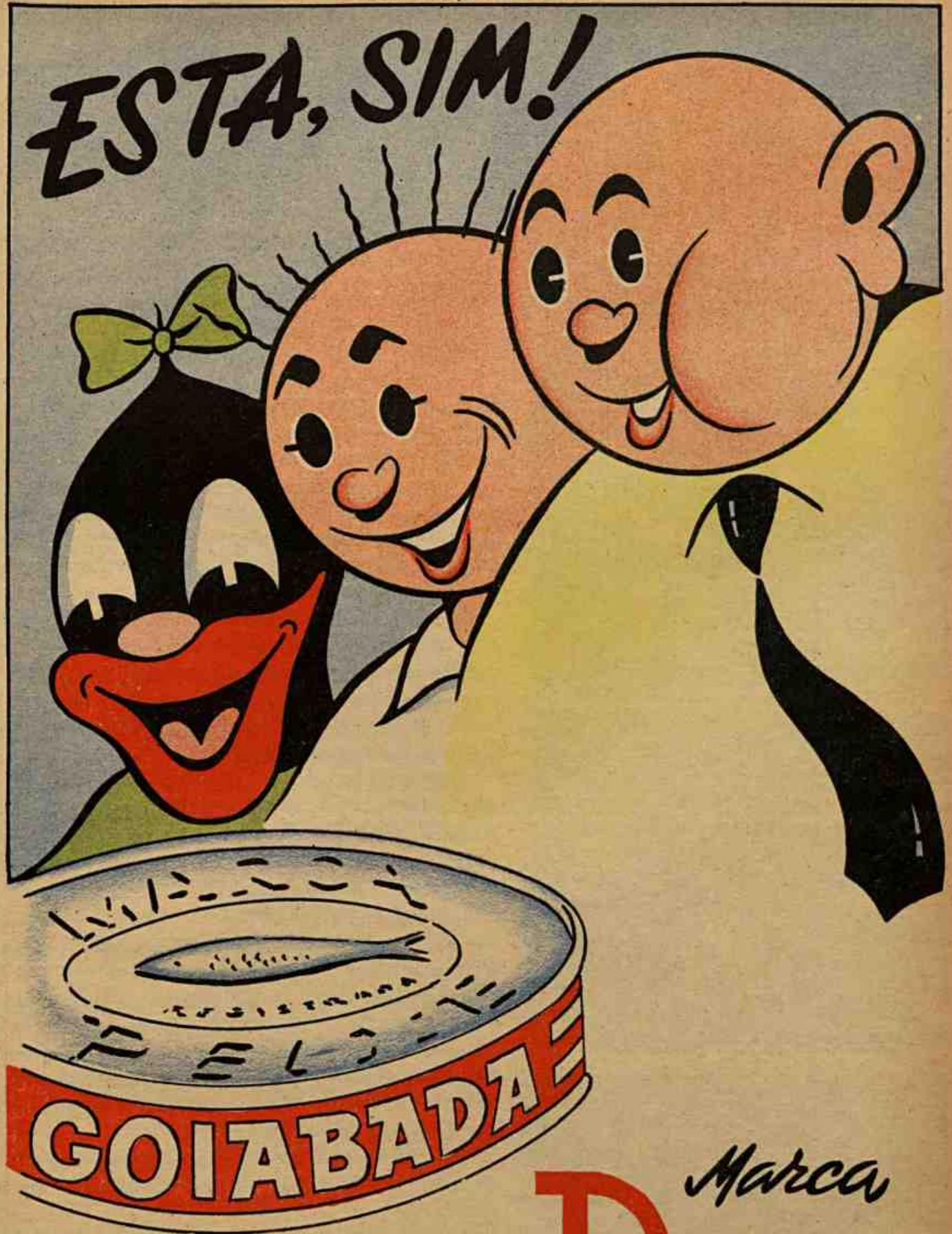
Vejam, por exemplo, êstes "vivos" como tiraram as suas e, depois, as pêtas que pregaram, quando as mostraram aos amigos, na volta... Gente "viva", amigos! Muito "viva", mesmo!

Êste casal arranjou as coisas bem arranjadas. Quando a fotografia foi mostrada, êles disseram: — "Ih! O mar estava terrível, aquele dia! Até nos arrependemos de ter feito aquele passeio!! E não enjoámos, sabem?"

Estes se hospedaram num sótão, sem janelas... E disseram, depois: — "Ah! Que paisagem linda se descortinava diante da enorme sacada do nosso apartamento!"

Êle "nadou" ajoelhado na areia. E contou que era o melhor nadador do hotel...

— "O Juca escalou os picos mais altos! Eu só pedia a Deus que êle não escorregasse, ou tivesse uma vertigem... É muito afoito, sabem? Olhem a que altura êle chegou!!"

Pois sim... Não saiu do chão...

Aqui é o velho truque de tomar um peixe emprestado "para mostrar o tamanho".

Depois, é só dizer que o pescou...

ESTA, SIM!
GOIABADA
Marca
PEIXE
O DOCE SABOROSO E NUTRITIVO QUE CONQUISTOU A CRIANÇADA
INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITO S. A.
RECIFE — PERNAMBUCO

SANTA Catarina, padroeira das moças e dos filósofos, cuja festa se realiza em 25 de novembro, viveu no século IV, na época do imperador Maximino. Pertencia a uma família rica de Alexandria.

Havia recusado inúmeros pretendentes, que considerava indignos de si. Ora, uma noite, a Virgem lhe apareceu, tendo nos braços o menino Jesús.

— Queres ser a espôsa de meu filho? — lhe disse Maria.

Catarina aceitou.

Maria, então, perguntou a Jesús:

— E você, meu filho, a quer também?

— Não ! — respondeu Jesús:

Catarina compreendeu então que devia ser humilde, doce e piedosa. Coverteu-se ao cristianismo e, uma noite, Jesús colocou em seu dedo um anel milagroso, que ela encontrou ao acordar.

Pelo ano de 307, Maximino ordenou a todos os seus súditos que fizessem sacrifícios aos deuses, avisando que condenaria aos piores suplícios aqueles que desobedecessem às suas ordens. Êle mesmo sacrificou numerosos touros e novilhos.

Catarina foi ao local dos sacrifícios, e o reprovou com veemência por adorar falsos deuses.

O imperador, surprêso com tanta audácia, a fez entrar em seu palácio.

— Qúem é você? — perguntou. De onde vem para me condenar desta maneira ?

— Minha origem, respondeu, é muito conhecida em Alexandria. Meus pais foram a gente mais importante do país. Empreguei meu tempo no conhecimento da verdade e quanto mais estudei, mais reconheci a efemeridade dos índios que adorais. Tôda a minha glória e minha riqueza é ser cristã.

Maximino resolveu submeter a moça, julgando-a logo perigosa, a uma prova decisiva.

Convocou os cincoenta filósofos mais famosos do Império e ordenou que lhe fizessem as perguntas mais difíceis e mais complicadas. Os sábios tudo fizeram para aumentar as dificuldades. Mas foi Catarina quem os confundiu. Falou com tanta eloquência e tanto fervor, que êles se convenceram.

— Nós a julgamos com razão — disse o mais sábio de todos — e foi por ignorância que antes a combatemos.

Maximino mandou prender os sábios e condenou-os à morte. As cinquenta vítimas foram imoladas. Mas seus corpos não foram consumidos pelas chamas. Este grande milagre provocou várias conversões.

— No entanto, o imperador havia se apaixonado por Catarina. E lhe propôs casamento.

— Catarina, disse êle, serás imperatriz, serás rica e poderosa.

— Gosto mais de viver miseravelmente com os pobres do que de subir num trono — respondeu Catarina.

Esta recusa irritou Maximino, que ordenou que a virgem fôsse estendida sôbre um cavalete, que lhe deslocassem os membros e lhe rasgassem o corpo com golpes de espadas. Depois disso, ordenou que se jogasse a santa numa cova funda e lá a deixassem morrer de fome.

Enquanto Maximino viajava, a imperatriz Faustina viu, em sonhos, Catarina rodeada de luz, e que ela a fazia sentar-se a seu lado, colocava-lhe uma corôa na cabeça dizendo:

— Majestade, é meu espôso quem lhe dá esta corôa. A imperatriz pediu a Porfírio, um dos principais ordenanças do imperador, para a conduzir à prisão onde estava Catarina. E lá a encontraram curada de seus ferimentos.

Ao voltar, Maximino ficou estupefato a ver que a prisioneira estava ilesa. Quis condenar à morte os guardas, que acusava de lhe terem desobedecido. Assim que ela lhe revelou que sua cura era devida a um milagre, êle pediu novamente sua mão, mas em vão.

Então êle a condenou ao suplício da roda. Mas a roda ficou em pedaços e seus pedaços voaram com tanta fôrça que mataram ou feriram várias pessoas.

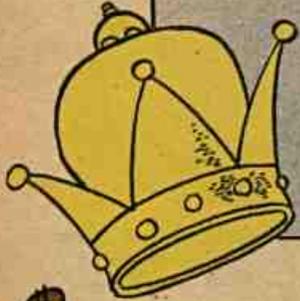
A imperatriz tentava persuadir o espôso de que devia submeter-se à evidência dos fatos e se converter. Maximino, irritado, a fez decapitar, bem como a Porfírio, e mais cêrca de duzentos soldados, pois se haviam convertido.

Maximino, livre da espôsa, renovou seus pedidos de casamento a Catarina. Catarina recusou.

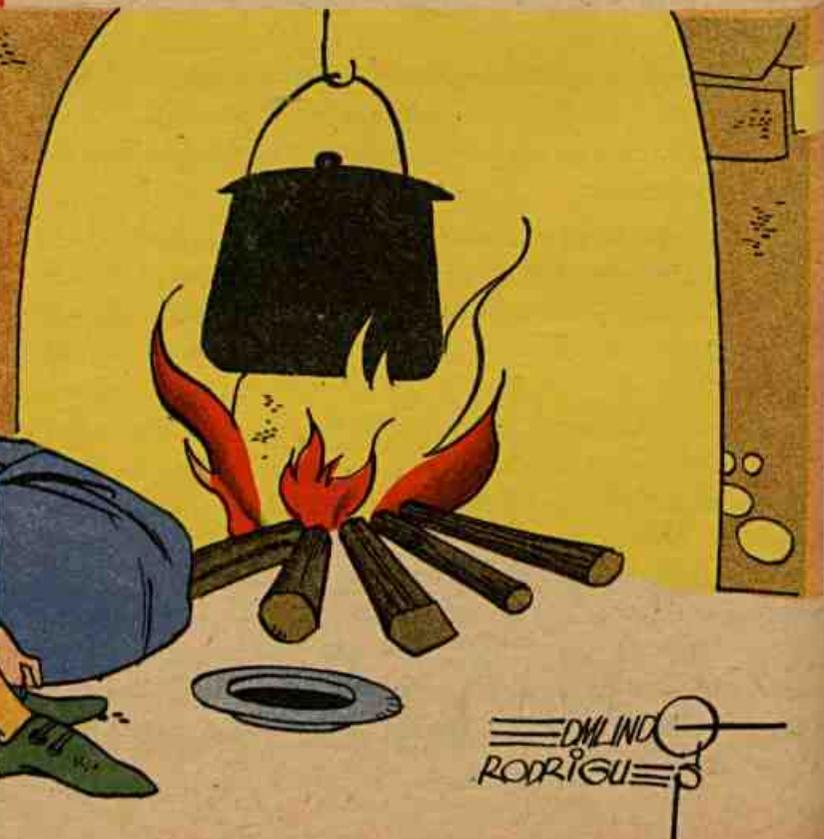
— És indigna de viver, disse êle, e ordenou que ela fôsse decapitada.

Em caminho do sacrifício ela pediu dois favores: que seu corpo não fôsse despido e que cessassem as perseguições. Os assistentes choravam; e foi sorrindo que ela estendeu o pescôço ao carrasco. Era a 25 de novembro de 307.

Seiscentos anos mais tarde, os cristãos encontraram sôbre o monte Sinai o corpo de uma jovem de 18 anos. Seu sudário e sua roupa, ainda manchados de sangue, pareciam velhos de vários séculos, mas o corpo estava intacto. Os cabelos louros lhe caiam sôbre o pescôço, formando uma aureóla de santidade. Em todos êsses sinais os peregrinos reconheceram o corpo da jovem cuja história tocante havia sido célebre outrora, em Alexandria, e cujos restos haviam sido roubados à veneração do povo.

A FLAUTA dos Reis Magos

DURANTE a noite de véspera de Reis, num longínquo país da Europa, a neve cobria tôda a estrada, as árvores dos bosques e os telhados das casas com espêsso manto branco. No interior de sua cabana um lenhador e a mulher observavam com olhos sonolentos a panela onde cozinhava a sôpa que era tôda a comida que tinham para aquela noite. Súbito, o silêncio foi quebrado por uma batida à porta da choupana.

O dono da casa abriu com precaução o ferrolho e viu três homens ricamente vestidos que levavam nas cabeças pesadas coroas de ouro.

— Meu amigo, — disse o mais barbado dos três reis — quer fazer a amabilidade de nos deixar aque-

DMLINO RODRIGUES

cer ao seu fogo, proporcionando-nos algo quente para beber?

E assim dizendo entrou na cabana e se sentou à mesa, com seus companheiros.

O lenhador e a mulher não acreditavam no que seus olhos viam e aquele, que se chamava João, respondeu:

— Majestades — pois vejo que todos sois reis — é uma grande honra para nós receber-vos e vos servir... Mas o caso é que... só poderemos oferecer um prato de sopa, e não muito abundante...

— Pois que venha a sopa! — exclamaram os três.

Terminada a refeição, Melchior — um dos reis — disse:

— Queremos recompensar a tua generosidade. Aqui tens esta flauta. Cada vez que fôr tocada, um desejo de quem a tocou será realizado... Advirto-te, porém, de que deves ser moderado e prudente...

João e Rosina agradeceram e, quando ficaram sòzinhos, esta perguntou ao marido:

— Vamos experimentar se êsses homens não nos enganaram?

— Tens razão, mulher. Vou pedir... um frango assado!

E mal saíu da flauta o som, surgiu à mesa um saboroso frango dourado e tentador. Ante a surpresa, o lenhador deixou cair a flauta ao chão e a mulher começou a bater palmas cheia da alegria.

— Como gostaria de terminar a refeição com uma boa sobremesa — disse Rosinha. E, ao tocar a flauta, apareceu uma magnífica torta sôbre a toalha.

Loucos de contentes os camponeses saciaram seu apetite e, terminada a torta, a mulher perguntou:

— Achas direito que duas pessoas que cearam como acabámos de fazê-lo, vão dormir nessa cama miserável de madeira?

— Claro que eu gostaria de uma cama macia! — respondeu João.

E foi logo soprando a flauta, vendo brotar do solo uma cama com lençóis e fronhas do mais fino linho...

A seguir desejaram uma casa com grandes janelas e um pequeno jardim, mas logo lhes pareceu pouco e desejaram um palácio. Pediram trajes luxuosos, baixelas de ouro e prata...

Passaram, então, a viver rodeados de grande fausto, vestindo seda, veludo, rendas, bordados, enfeitando-se o quanto podiam. Passaram a ser donos de extensos domínios e enormes riquezas, mas nunca estavam satisfeitos e sempre queriam mais.

E tornou a chegar outra vez a noite de Reis. Rosina quís celebrá-la dando no palácio um baile de gala e, no melhor da festa, ouviram-se gritos vozes alteradas, acompanhados de ruidos de portas que se abriam e fechavam violentamente.

Quando João quís saber o que havia, um criado lhe respondeu que eram três mendigos que queriam entrar no palácio.

— Expulsa-os! Expulsa-os daqui imediatamente! — gritou o antigo lenhador.

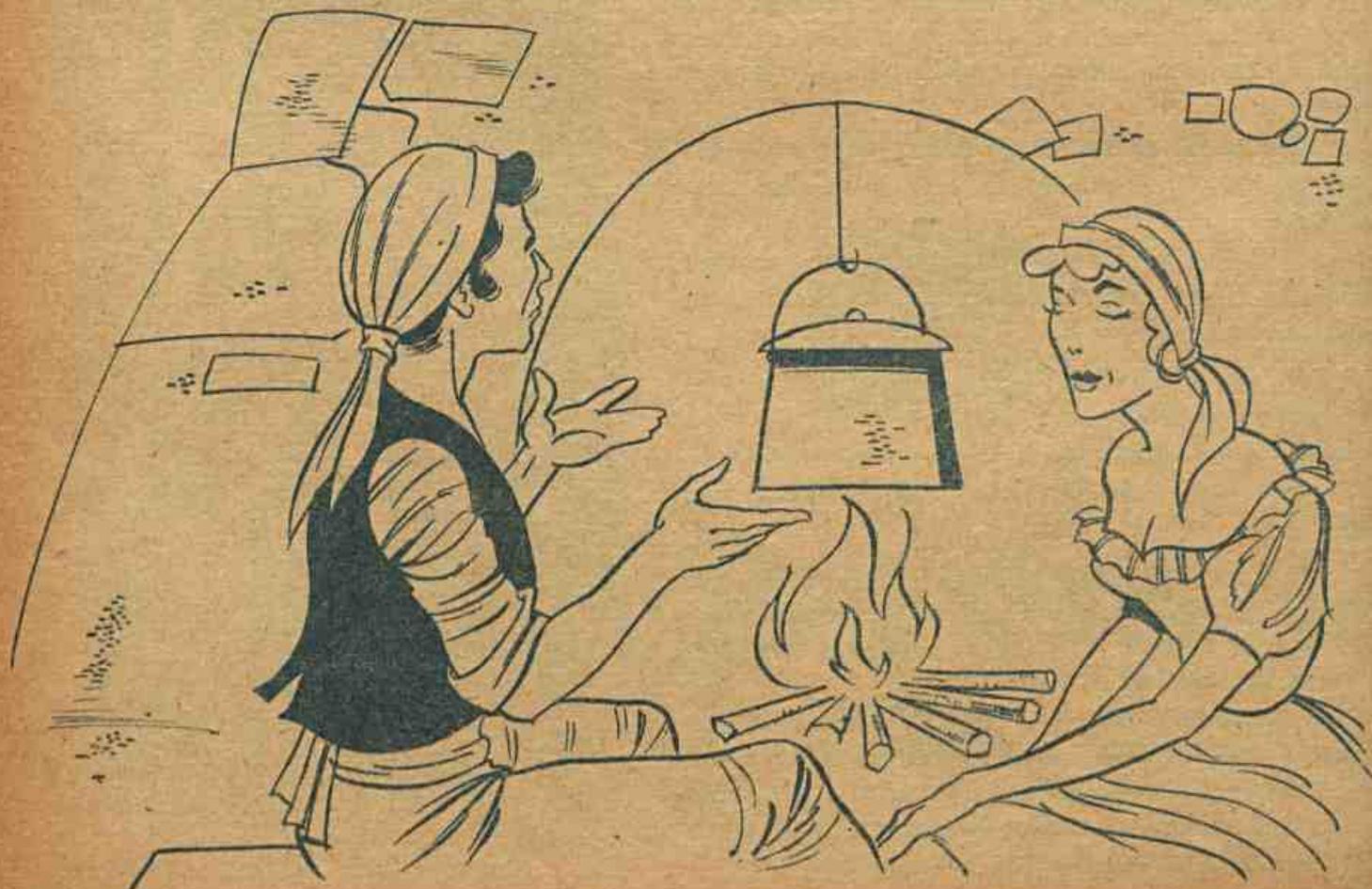
Nem bem havia pronunciado estas palavras quando penetraram no salão três homens: um de barbas longas, o outro mais velho e o outro negro como carvão e vestidos muito pobremente. Ao entrarem, porém, transformaram-se imediatamente nos três Reis Magos. E foi Melchior novamente quem disse ao antigo lenhador:

— João, és um néscio, e não tens coração. Esqueceste o conselho que te demos e fizeste mau uso do presente que te oferecemos.

— Há, porém, algo pior, — acrescentou Gaspar. — Todos os favores que alcançaste só beneficiaram a ti e tua mulher. A quem socorreste? Que boa ação fizeste, quando tantas podias praticar? Que misérias aliviaste? Vocês dois não merecem gozar estes bens, pois são egoistas e interesseiros! Devolve-nos a flauta...

João obedeceu, como um autômato, e mal o fez tudo desapareceu.

Sòzinhos, miseravelmente vestidos como um ano antes, encolhidos na sua choupana oculta sob a neve num recanto do bosque, contemplavam com olhos sonolentos a panela tisnada onde começava a ferver a sopa que seria a sua ceia. Silenciosos e cabisbaixos, soluçavam arrependidos. Sua ambição desmesurada havia feito com que perdessem a felicidade, que tinham tido ao alcance das mãos.

Tradução de M. M. EME

A HISTORIA DO LAPIS

VOCÊ possivelmente desconhecerá "como começou" o lápis. É história bastante interessante. Começou por "ato de Deus" — digamos — quando terrível ventania derrubou uma árvore localizada no Distrito de Cumberland, na Inglaterra. A abertura deixada na terra pelo baque da árvore gigantesca revelou uma placa de mineral negro que na realidade era simplesmente um depósito de grafite puro.

A descoberta deu-se em 1564. Com o eco da árvore tombada deveriam surgir processos de espionagem, contrabando, comissões imperiais. Mas, deveria nascer também uma dádiva para a escrita, o lapis de grafite.

Desde que descoberto, o grafite assombrou o homem. Os pastores de Cumberland, entre outras denominações, chamaram-no *blac cowke, wad, plumbago* e *kish*. Estas denominações mantiveram-se em uso durante dois séculos inteiros, até que alguém, conhecedor da lingua grega, deu à negra matéria o nome de grafite, palavra derivada do verbo *graphein*, que significa escrever. Simples como êste nome foram os primeiros usos do grafite entre os pastores de Cumberland: usavam pontas 93 por cento puras do mineral, para marcar a lã dos seus carneiros, identificando-os com os seus legítimos donos.

O depósito de Cumberland se tornou famoso. Aquele estranho mineral, entretanto, breve se tornaria uma contribuição para a arte de destruir; o grafite foi quase que imediatamente reconhecido como um composto ideal para os moldes de balas de canhão.

Novas jazidas foram descobertas e, empenhando-se a Inglaterra em guerra com a França, tiveram logo grande aproveitamento. A exportação de grafite — material tão valioso quanto perigoso — foi imediatamente proibida.

Jorge II declarou ser crime levar de qualquer mina o chamado "chumbo negro", mesmo em quantidade mínima. Visava o decreto assegurar fartos estoques para as fôrças de sua Majestade e, pelos registros históricos, pode-se hoje avaliar as precauções tomadas para proteção e defesa dos depósitos. Consta nêsses registros, aliás, que verdadeiras fortunas tiveram origem no contrabando do "chumbo negro" roubado.

Com o advento da era napoleônica, viu-se a França envolvida em seríssimo problema bélico: procurar um substituto para o grafite, uma vez que os únicos depósitos conhecidos do valioso mineral pertenciam à Inglaterra. Durante as hostilidades, Napoleão incumbiu seu conselheiro Nicholas J. Conte de providenciar grafite. Evidentemente Bonaparte queria balas de canhão e não material de escrita.

Conte fez experiências com grafite misturado a diversas outras massas e chegou, finalmente, a uma fórmula que, posta a esquentar num forno, atingia a desejada solidez. Acidentalmente descobriu também Conte, que, variando a qualidade de barro empregado na mistura, poderia controlar o grau de "dureza" da liga. Por acidente — como tantas vezes tem acontecido — havia Conte encontrado excelente material de escrita. E ao mesmo tempo quebrara o monopólio inglês.

O grafite para escrever podia agora ser feito em grandes quantidades e a prêços reduzidos. E os canhões de Bonaparte desempenhariam o seu papel de profunda significação na história da Humanidade.

Embora o paleontologista suiço Conrad Gesner tenha sido o primeiro a descrever um instrumento de escrita lembrando um lápis cilíndrico, sòmente um século mais tarde, em 1761, foi produzido o lápis de grafite encerrado em madeira. E foi a habilidade germânica, na forma de Casper Faber, quem produziu comercialmente os primeiros lápis. Por motivos inexplicáveis, porém, o ciclo de desenvolvimento do lápis foi encerrado tão logo Faber iniciou a comercialização do produto. Joseph Isreals II, na edição de março, 1949, do "National American Magazine", declarou "não haver diferença entre os lápis fabricados hoje e os vendidos pelos descendentes de Faber, na Alemanha, durante o século XVIII. Desenvolveram apenas algumas melhorias na técnica de produção; os ingredientes do lápis, embalagem, cores, pesos, formas e desenhos, são quase os mesmos há cerca de duzentos anos.

E foi com essas características que o lápis alcançou sua incrível popularidade: o lápis provou ser a mais prática e econômica solução para o fim a que se destina.

Porcolino
Em
"APUROS DE
UM PAPAI NOEL"
DE
ARI
MOREIRA

HOJE `A NOITE FINGIREI SER PAPAI NOEL!

PRONTO! QUE TAL, LEITORES?

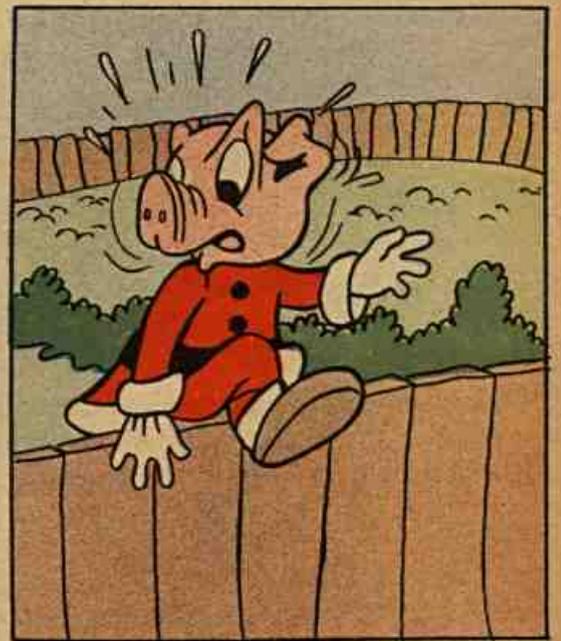
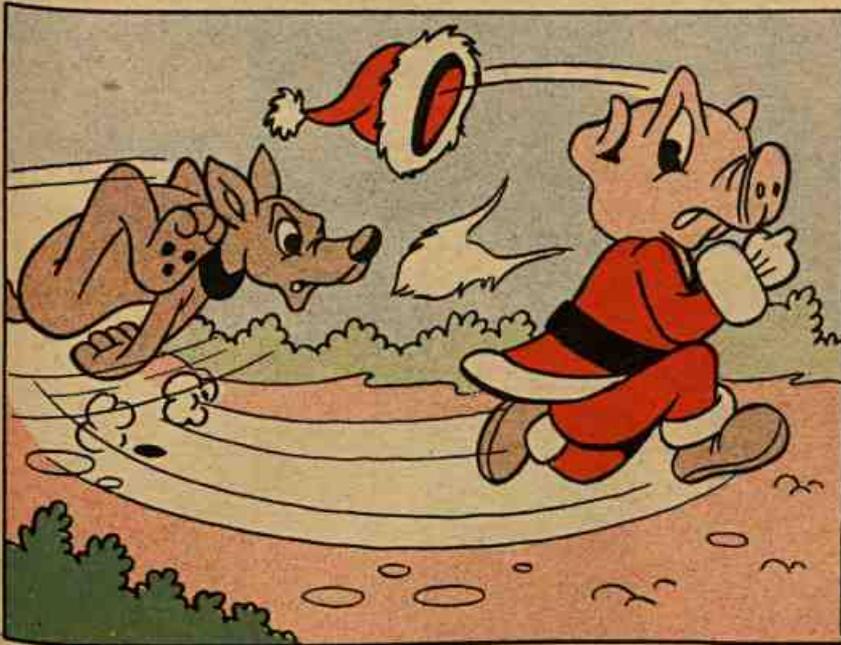
PRIMEIRO VOU `A CASA DO ZEZINHO!

ÓTIMO! O PORTÃO ESTÁ SÓ ENCOSTADO!

QUE SORTE, AQUI NÃO HÁ CACHORRO!

UAII!
G-R-R!

AI!

CARAMBA! NUNCA MAIS IMITAREI PAPAI NOEL!

OS REFRIGERADORES TAMBEM TÊM A SUA HISTÓRIA...

DESDE tempos remotos andou o homem atrás de um meio para produzir o frio artificial.

Indús, Egípcios, Romanos construiram geladeiras subterrâneas nas quais conservavam a neve apanhada no cimo das montanhas, trazida durante a noite, em carros de boi, coberta com palha. Em quase todos os castelos reais, bem como em certas casas da alta burguesia, existiam adegas destinadas ao resfriamento das bebidas.

Na exposição Universal de Londres, em 1862, os transeuntes aglomeravam-se à volta de uma grande caldeira de onde saiam, quase continuamente, enormes blocos de gêlo. Crônicas da época contam o pasmo do público, que não podia compreender que o calor produzisse frio. Aliás, o procedimento era muito simples: enchia-se uma caldeira com uma solução amoniacal concentrada; sob a influência da pressão, o gás liquefazia-se, e vaporisava-se num congelador, produzindo um frio fortissimo e de novo se dissolvia, por meio de uma bomba. Com um quilo de carvão, conseguia-se de dez a vinte quilos de gêlo.

Entretanto, não era essa a primeira tentativa de fabricação artificial do frio. Sob o reinado de Luiz XIV, o físico francês Lahire conseguiu, em 1685, produzir gêlo, envolvendo com sal de amoníaco molhado um vidro cheio de água. O processo era rudimentar, e Lahire não era capaz de conceber, nem de construir, máquina mais aperfeiçoada. Os refrescos gelados já eram, então, muito apreciados, e certas pessoas pagavam até 36 "deniers" o quilo do gêlo, que conservavam em baldes guarnecidos de cortiça. Pouco depois, os joalheiros "entraram no páreo", e cinzelaram recipientes de prata ou de ouro tão ricos que qualquer mesa moderna de luxo se orgulharia de tal ornamento.

Na Côrte, já tinham provado as bebidas geladas. De fato. Procópio Couteau tinha fabricado sorvetes e dôces perfumados à moda italiana e tinha mesmo aberto um estabelecimento onde todos podiam

apreciar as suas gulodices. A moda chegou aos salões, e era de bom-tom oferecer êsses refrescos nas recepções de verão. Procópio punha os cremes que fabricava em recipientes e êstes num outro vaso cheio dágua onde fazia dissolver salitre.

Outras pessoas já haviam tido a ideia de separar de certas águas os sais que elas continham, como o sal marinho da água do mar, e também facilitar a precipitação de certas substâncias, como a parafina.

Os físicos achavam êsses meios empíricos insuficientes e procuravam novos processos. Um inglês já tinha tentado pôr água no vácuo de uma máquina pneumática. Laplace e Lavoine imaginaram o primeiro refrigerador verdadeiro.

Sabe-se que Lavoisier teve o mérito de ser o primeiro químico a descobrir a composição do ar, e a isolar o oxigénio e o azoto que o compõem. O seu invento chamava-se "Calorímetro" e era baseado no princípio do frio pela vaporisação do éter ou do amoníaco.

Aplicando êsse princípio, Ferdinand Carré, em 1860, construiu pequenas máquinas portáteis, práticas, baratas, que produziram gêlo artificial.

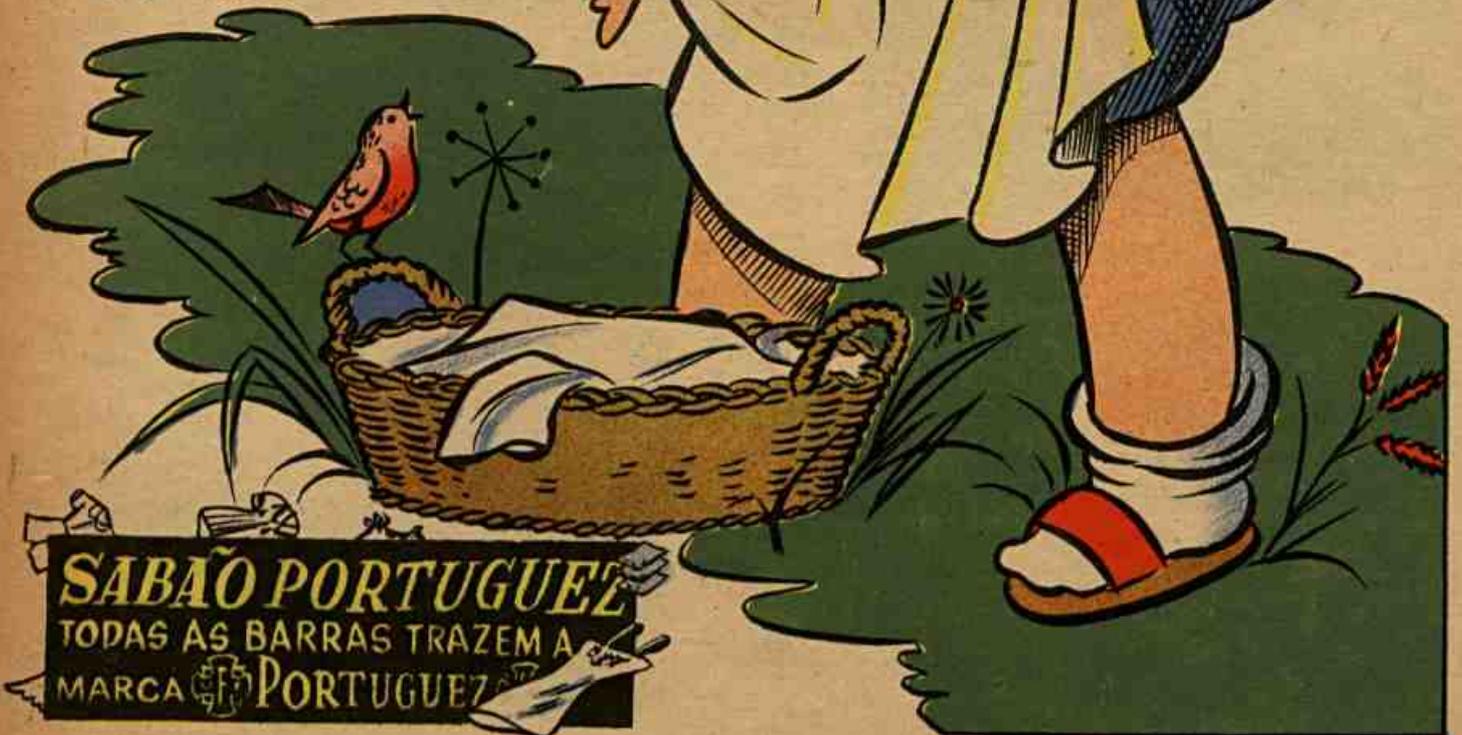
Ninguém, porém, tinha pensado ainda em aplicar o frio para a conservação da comida, carnes, etc. e o gêlo era ùnicamente utilizado como meio agradável de se defender contra o calor do verão. Os meninos que, na época do segundo Império passeavam com as suas aias no Bosque de Bolonha, podiam comprar, por alguns centavos, sorvetes, como hoje em dia. Aliás, os fabricantes conseguiam o gêlo do mesmo modo que outrora, sob o reino de Luiz XIV: cortavam os blocos de gêlos serrados, durante o inverno, sôbre o lago, e guardavam nos subterrâneos do Bosque.

Em pouco tempo, as máquinas de Carré tiveram um êxito sensacional. Foram vendidas até em Nova Orleans, nos Estados-Unidos. Entretanto, um italiano, Joselli, tinha concebido uma nova máquina, composta de um cilindro provido de uma alavanca, parecida com um realeijo. Com ela conseguiu fabricar vinte quilos de gêlo em dezoito minutos! Diante dêste sucesso, o bloco de gêlo foi enviado para Argel, em pleno mês de Julho (verão na Europa) e era tão duro, que, quando abriram a caixa em Argel, depois de cinco dias e cinco noites de viagem, ainda sobravam dez quilos.

Houve tempos, também, em que veleiros traziam das terras antárticas blocos recortados, que, apesar da longo viagem, chegavam quase intatos. O volume era tamanho que não se podiam derreter. É, de fato, pitoresco imaginar-se veleiros sobrecarregados de gêlo até o convés, passando a linha do equador.

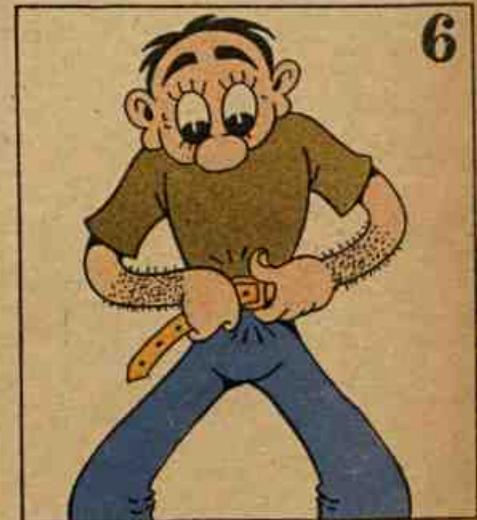
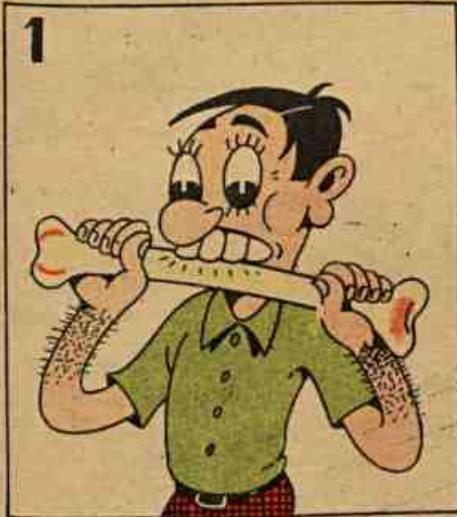
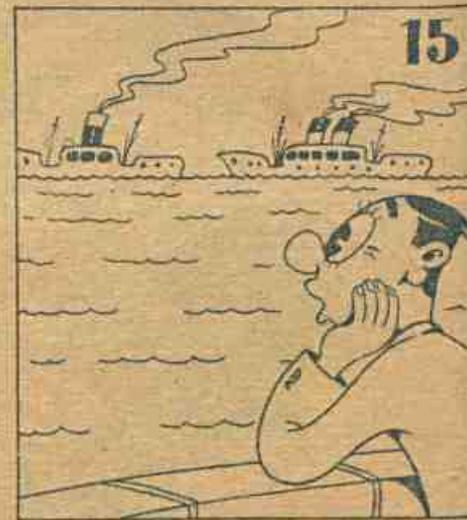
Desde êsse tempo, a refrigeração não parou de progredir, até tornar-se uma das mais importantes industriais de nossa época. Em todos os continentes, usam-se essas máquinas maravilhosas, brancas ou de côres, que estão sempre presentes para facilitar o trabalho das donas de casa, bem como para aumentar o confôrto do lar. Se bem que há tanto tempo tenham os homens se interessado por êste problema, pertencia à nossa época o privilégio de pôr ao alcance de todos as geladeiras.

Dentro de alguns anos, todos os lares terão a sua geladeira.

AS LAVADEIRAS FAZEM ASSIM...
E PARA LAVAR **DE VERDADE** PREFEREM O SABÃO PORTUGUÊS, QUE LAVA **DE FATO**
SABÃO PORTUGUEZ
TODAS AS BARRAS TRAZEM A MARCA PORTUGUEZ

MODOS de DIZER...

TODOS usamos sempre, em conversa, certas expressões correntes no linguajar popular, cuja origem nem sempre se sabe. São as chamadas "frases feitas", que as pessoas encaixam como verdadeiros tijolinhos, na construção do período e do "discurso" (como dizem os gramáticos)....

Algumas dessas frases feitas são tão expressivas que podem até ser representadas por meio de desenhos, ou seja gràficamente.

Aqui estão 18 quadrinhos, que o Luiz Sá — pai do Bolão — desenhou para vocês. Vejam se, olhando cada quadro, descobrem a "frase feita" que lhe corresponde. Para facilidade da conferência, entre suas respostas e as respostas exatas, damos na outra página as soluções.

1 — Roer um osso
2 — Querer "abarcar o mundo com as pernas"
3 — Meter a viola no saco
4 — Ficar "como sardinha em lata"
5 — Estourar de tanto rir
6 — Apertar o cinto.

7 — Arrolhar o bico
8 — Pentear macaco
9 — Falar como um papagaio
10 — Dormir com as galinhas
11 — Lamber sabão
12 — Andar de tanga, ou ficar de tanga.

13 — Falar pelos cotovelos
14 — Dançar na corda bamba
15 — Ficar a ver navios
16 — Andar nas nuvens
17 — Pular de galho em galho
18 — Chorar como um bezerro desmamado.

ACAMPAMENTO GAÚCHO

A chaleira estava no fogo. Debaixo do umbú, a turma chimarreava.

O chefe da caravana, cercado de seus subalternos, dava as ordens:

— É preciso descançar. Troteámos um dia inteiro, e amanhã teremos de caminhar, novamente, de sol a sol. Dêem milho aos "pingos", montem guarda ao acampamento; que se divirtam, mas às dez horas: silêncio!

Pelas coxilhas corria o vento frio de agôsto e, no céu, entre miríades de estrêlas, pontilhava o Cruzeiro do Sul. A lua de há muito aparecera por sôbre os cerros escuros, e lá ao longe, o doce regato marulhava; era a carícia das águas nas areias alvas.

Já com saudades dos pagos, (não havia vinte-e-quatro horas que de lá saíra), um gaúcho dedilhava a viola. E sempre a canção dolente, que cantava a paciência do carreteiro; o tropel do Negrinho do Pastoreiro, repontando a sua tropa imaginária, o boi-tatá que passeia entre chamas azuis sôbre a macega; as façanhas do gaúcho bom, forte no laço, as astúcias do bicho homem; as mateadas, as churrascadas; os rodeios; a vida campeira; os "causos"; os estoiros da boiada; as "guerras"; os entrevêrsos, onde sempre pontilhava a bravura dos nobres filhos do sul.

As chamas crepitantes avermelhavam as faces dos mateadores que, sentados em círculo, estavam atentos ao cantor:

"Nos campos de minha terra
Sou gaúcho sem patrão
E a cavalo, bem armado,
Meu govêrno é o coração!

Duas coisas, neste mundo,
Juntas dão felicidade
A aqui lhes deixo o segrêdo;
São amor e liberdade.

Exclamações ruidosas receberam os versos e o cancioneiro deu os últimos acordes na viola: era hora de dormir.

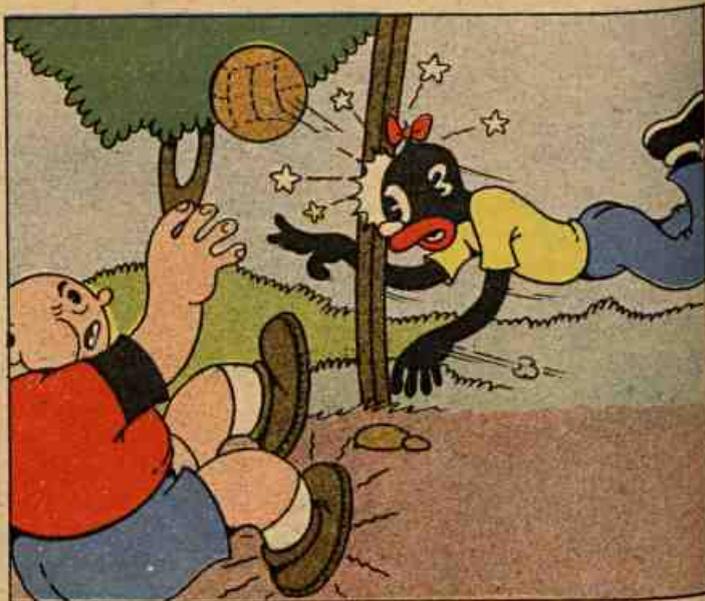
Aboletaram-se todos, da melhor maneira que puderam, em suas mantas, ponchos e caronas. Dentre em breve, só se ouvia, debaixo da esparramada sombra do umbú, o resfolegar de mil e uma locomotivas...

Um "guasca", entretanto, continuava sentado, junto ao fogo, "chupando" o seu cigarro:

— Ué! — disse o chefe da turma, para o capataz: — Eu não disse que todos fossem se deitar? Que está fazendo aquêle homem?

— É, respondeu irônico o subalterno — Aquêle, hoje, não dorme. De aparêlho de dormir êle só trouxe os olhos...

J. SILVEIRA THOMAZ

RÉCO-RÉCO ensina a TIRAR A DOR COM A MÃO!

O GIGANTE QUE TRANSPORTAVA OS POBRES

ACHANDO-SE certo dia sentado na sua cela um velho eremita, apareceu-lhe um homenzarrão formidável, que lhe disse chamar-se Ophoros, e lhe contou esta extraordinária história: "Desde a minha mocidade até hoje, tenho tido uma fôrça hercúlea; não havia jôgo nem luta em que eu não vencesse os meus competidores. Bem depressa, porém, uma voz interior me impelia para coisas muito mais elevadas, não me permitindo viver satisfeito comigo mesmo.

"Vesti, pois, a minha armadura, empunhei a minha espada e viajei até chegar no palácio do maior rei da terra, a quem servi, até que certo dia vi o rei fazer um sinal na testa sempre que o seu trovador, cantando, fazia referência ao diabo. Não quís mais servir a semelhante rei, que não era valente, por isso que tinha mêdo do diabo. Tomei de novo o meu caminho, e, viajando sempre, deparou-se-me Satanaz, rodeado da sua brilhante côrte. E ouvindo-lhe dizer que nada temia, resolvi prestar-lhe os meus serviços. Vendo-o porém, um dia, retroceder, curvando-se, diante duma cruzinha de madeira colocada na estrada real, increpei-o, dizendo lhe:

— Mas, então, és o homem mais valente da Terra e causa-te mêdo um pedaço de madeira?

— A cruz não me assusta, temo só quem nela morreu.

Quando ouvi esta resposta deixei o demônio, e desde então tenho procurado em tôda parte descobrir quem é êsse Cristo que esteve pendente da Cruz. A voz interior conduziu-me agora a ti e rogo-te me digas a história do rei a quem o diabo teme."

Contou-lhe o ermitão a história de Cristo; e quando concluiu, o gigante jurou que daí em diante só serviria a Cristo. Disse-lhe o ermitão que êste rei apenas queria que os homens lutassem contra o demônio, por meio duma vida cheia de virtudes e dedicada à oração.

Ophoros replicou que muito bem podia isso ser verdade, mas que sem dúvida Deus não lhe dera inùtilmente tanta fôrça muscular e que essa fôrça a consagraria a Deus. Então o eremita conduziu-o às margens dum grande e impetuoso rio e lhe ordenou que vivesse ali e ajudasse as pessoas pobres a passar a corrente. A proposta do ancião agradou a Ophoros, que construiu no sitio uma cabana, arrancou um pinheiro para o utilizar como bordão, e quando algum pobre necessitava atravessar a impetuosa corrente, pegava nele às costas e transportava-o para o outro lado, dizendo que procedia assim por amor de Deus.

Uma noite tempestuosa, chegou-se a êle um menino pedindo-lhe que o levasse para o outro lado, e Ophoros, tomando-o aos ombros, penetrou na espumante corrente. Porém, ao passo que avançava, o menino pesava cada vez mais, até ao extremo do gigante dobrar os joelhos com o pêso. Comtudo, atravessou o rio, e quando colocou o menino no chão, disse:

— Como é possivel seres tu o fardo mais pesado que até hoje carreguei?

A estas palavras transformou-se o menino numa figura gloriosa, rodeada dum nimbo de luz celeste, e disse a Ophoros:

— Pareci-te pesado porque levo sôbre mim os pecados e tribulações de todo o mundo. Eu sou Cristo. E por haveres sido tão bondoso para com os fracos e me teres transportado nos teus ombros, chamar-te-ei, daqui para o futuro, Cristovão.

O Menino Jesús desapareceu, e Cristovão caiu de joelhos no meio da obscuridade.

Cristovão, em grego Christophoros, quer dizer: o que leva Cristo.

O TEMPO

O lustro (5 anos) encerra:

Meses	60
Semanas	260
Dias	1.825
Horas	45.825
Minutos	2.629.740
Segundos	157.784.400

O século (100 anos) encerra:

Meses	1.200
Semanas	5.200
Dias	36.500
Horas	876.500
Minutos	52.594.800
Segundos	3.155.688.000

O primeiro pugilista, segundo a história, que obteve a coroa de louros nos Jogos Olímpicos, da Era Clássica, foi Onomasto, de Smirna. Nas lutas primitivas, os contendores colocavam-se frente a frente e, sem mudar os pés do lugar, golpeavam-se até que um deles caísse. Era a derrota.

As datas da Páscoa até 1960

Eis as datas em que cairá o Domingo de Páscoa, até 1960:

1957 — Abril	21
1958 — Abril	6
1959 — Março	29
1960 — Abril	17

1	— Terça-feira	Fraternidade Universal
2	— Quarta-feira	Santo Isidoro
3	— Quinta-feira	Santo Antero
4	— Sexta-feira	São Gregório
5	— Sábado	São Simeão
6	— DOMINGO	Reis
7	— Segunda-feira	São Luciano
8	— Terça-feira	São Lino
9	— Quarta-feira	São Julião
10	— Quinta-feira	São Gonçalo
11	— Sexta-feira	São Higino
12	— Sábado	São Sátiro
13	— DOMINGO	Santo Hilário
14	— Segunda-feira	São Felix
15	— Terça-feira	Santo Amaro
16	— Quarta-feira	São Marcelino
17	— Quinta-feira	Santo Antão
18	— Sexta-feira	São Prisco
19	— Sábado	São Canuto
20	— DOMINGO	São Sebastião
21	— Segunda-feira	Santa Inês
22	— Terça-feira	São Vicente
23	— Quarta-feira	São Randolfo
24	— Quinta-feira	Nossa Senhora da Paz
25	— Sexta-feira	Conversão de São Paulo
26	— Sábado	São Policarpo
27	— DOMINGO	São João Crisóstomo
28	— Segunda-feira	São Cirilo
29	— Terça-feira	São Francisco
30	— Quarta-feira	Santa Marina
31	— Quinta-feira	São Pedro Nolasco

O PROFESSOR DE LINGUAS

SAINETE EM UM ATO

PERSONAGENS:

Polidoro. . . . . professor
Lucas . . . . secretário
Hugo. . . . .
Caramba . . . .
Bepino . . . . alunos
William. . . . .
Vasco . . . .
Sócrates . . . .

CENÁRIO

Sala modestamente mobiliada; com jornais, revistas, livros, dicionários etc.

POLIDORO **(Entra, vai à mesa, onde consulta os jornais, como procurando alguma cousa. Depois chama):** — Lucas ! O' Lucas !

LUCAS **(De dentro)** Alô ! **(Entrando pouco depois)** — Pronto seu Polidoro.

POLI — Onde está o anúncio que eu mandei botar nos jornais ?

LUCAS — Está êle aqui ! **(Toma o jornal e lê):** "Professor de linguas. A rua do Cachorro...

POLI — Heim ? Como é isso ? Rua do Cachorro ? !

LUCAS **(Fala):** — Foi um êrro da revisão: Deve ser Rua do Chichorro.

POLI — Ah ! Leia adiante.

LUCAS — **(Lendo):** — "ensinamento por métodos novos e especiais de tôdas as línguas vivas e mortas. Preços módicos. Pagamento adiantado. Sucesso garantido".

POLI — Muito bem. Agora esperemos os alunos.

LUCAS — O senhor não quer almoçar ?

POLI — Naturalmente que sim.

LUCAS — Então faça o favor de me dar o dinheiro para ir ao mercado comprar o almôço...

POLI — Hum !... Isso é o mais difícil. Esperemos primeiro os alunos.

LUCAS — E se não vierem alunos ?

POLI — Virão, sim. Basta saberem que se ensina aqui por preços módicos...

LUCAS — E se vierem alunos pedindo que o senhor ensine uma lingua que o senhor não souber ?

POLI — Não faz mal. Como êles também não sabem, vamos aprender juntos, nos dicionários...

LUCAS **(Reparando)** Parece que aí vem gente.

POLI — Deve ser meu primeiro aluno.

HUGO **(Entrando)** — Bom dia.

POLI — Bom dia. Que deseja o amigo ?

HUGO — Desejo estudar francês. Não foi aqui que se anunciou ?

LUCAS — Foi, sim. Quem levou o anúncio até fui eu !

POLI — Vou matriculá-lo. **(Vai à mesa, abre um livro onde vai escrevendo):** Seu nome ?

FEVEREIRO

1	— Sexta-feira	Santo Inácio
2	— Sábado	Purif. de Nossa Senhora
3	— DOMINGO	São Braz
4	— Segunda-feira	Santo André
5	— Terça-feira	Santa Águeda
6	— Quarta-feira	Santa Dorotéa
7	— Quinta-feira	São Simplicio
8	— Sexta-feira	São Marinho
9	— Sábado	São Lúcio
10	— DOMINGO	Santa Escolástica
11	— Segunda-feira	São Desidério
12	— Terça-feira	São Júlio
13	— Quarta-feira	São Benigno
14	— Quinta-feira	São Abraão
15	— Sexta-feira	São Lázaro
16	— Sábado	Santa Eulalia
17	— DOMINGO	São Faustino
18	— Segunda-feira	São Valentim
19	— Terça-feira	São Conrado
20	— Quarta-feira	São Leão
21	— Quinta-feira	Santa Vitalina
22	— Sexta-feira	Santa Margarida
23	— Sábado	São Lázaro
24	— DOMINGO	São Pretestato
25	— Segunda-feira	São Cezário
26	— Terça-feira	Santo Alexandre
27	— Quarta-feira	São Baldomero.
28	— Quinta-feira	São Macário

1 —	Sexta-feira	São Adrião
2 —	Sábado	São Carlos
3 —	DOMINGO	**Carnaval**
4 —	Segunda-feira	**Carnaval**
5 —	Terça-feira	**Carnaval**
6 —	Quarta-feira	**Cinzas**
7 —	Quinta-feira	São Tomás de Aquino
8 —	Sexta-feira	Santo Eutrópio
9 —	Sábado	São Candido
10 —	DOMINGO	São Militão
11 —	Segunda-feira	São Constantino
12 —	Terça-feira	Santo Eulogio
13 —	Quarta-feira	São Rodrigo
14 —	Quinta-feira	São Leandro
15 —	Sexta-feira	São Zacarias
16 —	Sábado	São Ciriaco
17 —	DOMINGO	Santa Agricola
18 —	Segunda-feira	Arcanjo Gabriel
19 —	Terça-feira	São José
20 —	Quarta-feira	São Gilberto
21 —	Quinta-feira	São Bento
22 —	Sexta-feira	Santo Octaviano
23 —	Sábado	São Liberato
24 —	DOMINGO	Santo Agapito
25 —	Segunda-feira	**Anunc. de N. Senhora**
26 —	Terça-feira	São Braulio
27 —	Quarta-feira	São Fileto
28 —	Quinta-feira	São Castor
29 —	Sexta-feira	São Vitorino
30 —	Sábado	São João Climaco
31 —	DOMINGO	São Benjamim

HUGO — Eu ? Chamo-me Hugo Lamartine.

POLI — Belo nome para um aluno de francês.

HUGO — Muito obrigado.

POLI — Não diga assim. Diga logo em francês: **merci beaucoup.**

HUGO — Merci, o quê ?

LUCAS — **Merci beaucoup...**

HUGO — **(repetindo) Merci beaucoup.**

POLI — Sabe das condições, não é ?

HUGO — Pois não. Pagamento adiantado. **(Tirando dinheiro do bolso).** Quanto é ?

POLI — Vinte por lição.

HUGO — Acho um pouco caro...

LUCAS — Nem por isso. Preço módico...

HUGO — Enfim, vá lá. **(Dá o dinheiro).**

POLI — **(Guardando o dinheiro)** — Agradecido.

HUGO — Quando virei para a primeira lição ?

POLI — Hoje mesmo, mais tarde.

HUGO — Pois então virei mais tarde. **(Sai).**

POLI — **(Dando o dinheiro ao Lucas)** — Vai ao mercado comprar o almôço.

LUCAS — Quer carne ou peixe ?

POLI — O que tu quiseres.

LUCAS — Perfeitamente. **(Vai sair e encontra com o Caramba que entra).**

CARAMBA — **(Abalroando com o Lucas)** — Caramba ! você é cégo ?

LUCAS — Não. Estou é com fome. E quando estou assim, não vejo cousa alguma. Passe bem. **(Sai, apressado).**

POLI — **(Ao Caramba):** — O senhor desculpe. Aquele rapaz é um estouvado...

CARAMBA — Está se vendo logo.

POLI — O senhor deseja aprender alguma lingua, não é ?

CARAMBA — Justamente. Quero aprender o castelhano.

POLI — O castelhano ? ! ...

CARAMBA — Sim. O espanhol.

POLI — Ah Isso é fácil. E' o mesmo que português atravessado...

CARAMBA — Como atravessado ?

POLI — Quero dizer: errado.

CARAMBA — Ah ! Compreendo.

POLI — Ainda bem que o senhor é inteligente.

CARAMBA — Muito obrigado.

POLI — Oh ! Não diga assim. Diga **Muchas gracias.**

CARAMBA — **Muchachas gracias.**

POLI — **Muchachas, não. — E' múchas grácias.**

CARAMBA — **Muchas gracias.**

POLI — Muito bem. Vou matriculá-lo **(Vai à mesa para escrever).** Como se chama ?

CARAMBA — Caramba.

POLI — Já sei. Isso é uma exclamação de que os espanhois gosam muito. Mas como é seu nome ?

CARAMBA — E' isto mesmo: E' Caramba !

POLI — Ah ! Compreendi agora. **(Escreve).** Ca... ram...ba. **(Fala).** Está matriculado. Falta agora o principal.

CARAMBA — Começar as lições ?

POLI — Não ! Começar a pagar...

ABRIL

1 —	Segunda-feira	São Hugo
2 —	Terça-feira	São Francisco de Paula
3 —	Quarta-feira	São Pancrácio
4 —	Quinta-feira	Santo Ambrósio
5 —	Sexta-feira	São Geraldo
6 —	Sábado	São Celestino
7 —	DOMINGO	Santa Elvira
8 —	Segunda-feira	Santo Amancio
9 —	Terça-feira	Santa Maria Cleófas
10 —	Quarta-feira	São Terêncio
11 —	Quinta-feira	Santo Isaac
12 —	Sexta-feira	São Norato
13 —	Sábado	São Justino
14 —	DOMINGO	**Ramos**
15 —	Segunda-feira	São Hegesipo
16 —	Terça-feira	Santa Engracia
17 —	Quarta-feira	**Trevas**
18 —	Quinta-feira	**Endoenças**
19 —	Sexta-feira	**Paixão**
20 —	Sábado	**Aleluia**
21 —	DOMINGO	**Pascoa**
22 —	Segunda-feira	**Descobrimento do Brasil**
24 —	Quarta-feira	São Fortunato
23 —	Terça-feira	São Roberto
25 —	Quinta-feira	São Marcos
26 —	Sexta-feira	São Cleto
27 —	Sábado	São Tertuliano
28 —	DOMINGO	**Pascoela**
29 —	Segunda-feira	São Tibúrcio
30 —	Terça-feira	São Peregrino

MAIO

1 —	Quarta-feira	Santo Amador
2 —	Quinta-feira	Santa Domitila
3 —	Sexta-feira	São Juvenal
4 —	Sábado	São Floriano
5 —	DOMINGO	São Pio
6 —	Segunda-feira	Santa Judith
7 —	Terça-feira	São Estanislau
8 —	Quarta-feira	Patr. de São José
9 —	Quinta-feira	São Gregório Naziazeno
10 —	Sexta-feira	São Hermes
11 —	Sábado	São Mamede
12 —	DOMINGO	São Nereu
13 —	Segunda-feira	**Abolição**
14 —	Terça-feira	São Bonifácio
15 —	Quarta-feira	São Roberval
16 —	Quinta-feira	Santa Máxima
17 —	Sexta-feira	São Pascoal
18 —	Sábado	Santo Eurico
19 —	DOMINGO	Santo Ivo
20 —	Segunda-feira	São Bernardino
21 —	Terça-feira	Santa Virginia
22 —	Quarta-feira	São Romão
23 —	Quinta-feira	São Brazilio
24 —	Sexta-feira	São Claudio
25 —	Sábado	Santo Urbano
26 —	DOMINGO	Santo Agostinho
27 —	Segunda-feira	Santo Olivio
28 —	Terça-feira	São Germano
29 —	Quarta-feira	São Procópio
30 —	Quinta-feira	**Ascenção de N. Senhor**
31 —	Sexta-feira	Santa Petronila

CARAMBA — Ah! Sim. Quanto é que devo?

POLI — Vinte por lição...

CARAMBA — Caramba! E' carinho!

POLI — Nós aqui somos assim, carinhosos...

CARAMBA — (Dando-lhe o dinheiro) — Enfim, como desejo muito falar o castelhano...

POLI — (Recebendo e guardando o dinheiro): — Ah! Quanto a isso fique descansado, que em breve estará falando castèlhano melhor do que Dom Quixote.

CARAMBA — Isso mesmo é que eu quero. Quando virei para a lição?

POLI — Quando quiser...

CARAMBA — Então voltarei mais tarde.

POLI — À vontade...

CARAMBA — Até já (Vai sair e abalrôa com Lucas que entra cheio de embrulhos). Novamente, seu idiota?

LUCAS — (Entrando) Idiota é você, maluco!

POLI (Intervindo) — Calma! Não convêm discussões.

CARAMBA (Saindo): — Êsse palerma ainda me paga! (Sai).

LUCAS — Heim? Quem é palerma? (Quer sair).

POLI — (Segurando-o): — Vem cá, rapaz! E' um novo aluno.

LUCAS — Ah! E' aluno?

POLI — E' sim. Vem estudar castelhano.

LUCAS — E já pagou?

POLI — Naturalmente. (Mostra o dinheiro).

LUCAS — Ah! Então já não está aqui quem falou...

BEPINO — (A porta): — Dá licença?

POLI — Pois não! Pode entrar...

BEPINO — Eu quero aprender o italiano.

POLI — Perfeitamente.

LUCAS — E eu quero ir fazer o almoço.

POLI — Pois vai logo...

LUCAS — E' num momento... (Sai).

BEPINO — Quanto custam as lições?

POLI — As lições custam vinte cruzeiros...

BEPINO — Tôdas?!

POLI — Que tôdas!... Cada lição!

BEPINO — Acho puchado!...

POLI — Nós aqui puxamos muito também pela inteligencia dos alunos, adiantadamente...

BEPINO — Enfim, vá lá... (Dá-lhe o dinheiro).

POLI — (Recebe o dinheiro e vai à mesa escrever). Vou matriculá-lo. Como se chama o senhor?

BEPINO — Bepino.

POLI — Pepino?!

BEPINO — Não. Bê-pino.

POLI — Ah! (Escreve): Be... pi... no... (Fala): Bonito nome.

BEPINO — Muito obrigado.

POLI — Não diga assim. Diga logo em italiano: Tante grazie.

BEPINO — Tanta grazie. A que horas é a lição?

POLI — A qualquer hora. À vontade!...

BEPINO — Pois eu virei mais tarde.

POLI — À vontade. Quando quiser.

BEPINO — Então até já. (Vai sair e encontra William).

JUNHO

1 —	Sábado	São Firmo
2 —	DOMINGO	Santa Marcolina
3 —	Segunda-feira	São Modesto
4 —	Terça-feira	São Miguel
5 —	Quarta-feira	São Marciano
6 —	Quinta-feira	Santa Dionísia
7 —	Sexta-feira	São Gaudêncio
8 —	Sábado	São Marcos
9 —	DOMINGO	São Primo
10 —	Segunda-feira	Santa Lígia
11 —	Terça-feira	São Celestino
12 —	Quarta-feira	Santo Onofre
13 —	Quinta-feira	**Santo Antônio**
14 —	Sexta-feira	São Eliseu
15 —	Sábado	Santa Evelina
16 —	DOMINGO	Santo Aureliano
17 —	Segunda-feira	São Manuel
18 —	Terça-feira	São Marceliano
19 —	Quarta-feira	São Benedito
20 —	Quinta-feira	**Corpo de Deus**
21 —	Sexta-feira	São Luiz Gonzaga
22 —	Sábado	Santa Nicéa
23 —	DOMINGO	Santa Agripina
24 —	Segunda-feira	**S. João Batista**
25 —	Terça-feira	São Guilherme
26 —	Quarta-feira	São Virgílio
27 —	Quinta-feira	São Ladislau
28 —	Sexta-feira	Santo Argemiro
29 —	Sábado	**S. Pedro e S. Paulo**
30 —	DOMINGO	Santa Lucinda

JULHO

1 — Segunda-feira	São Teodorico
2 — Terça-feira	São Martiniano
3 — Quarta-feira	São Irineu
4 — Quinta-feira	Santa Isabel
5 — Sexta-feira	Santo Atanazio
6 — Sábado	Santa Angela
7 — DOMINGO	São Firmino
8 — Segunda-feira	São Procópio
9 — Terça-feira	Santa Verônica
10 — Quarta-feira	São Januário
11 — Quinta-feira	São Marciano
12 — Sexta-feira	São Nabor
13 — Sábado	Santo Anacléto
14 — DOMINGO	São Boaventura
15 — Segunda-feira	Santo Henrique
16 — Terça-feira	N. Senhora do Carmo
17 — Quarta-feira	Santo Aleixo
18 — Quinta-feira	São Camilo
19 — Sexta-feira	São Jacinto
20 — Sábado	Santo Elias
21 — DOMINGO	São Claudio
22 — Segunda-feira	São Platão
23 — Terça-feira	São Libório
24 — Quarta-feira	São Bernardo
25 — Quinta-feira	São Tiago Maior
26 — Sexta-feira	Sant'Ana
27 — Sábado	São Mauro
28 — DOMINGO	Santo Olavo
29 — Segunda-feira	Santa Marta
30 — Terça-feira	Santa Máxima
31 — Quarta-feira	Santo Inácio de Loiola

VASCO — Eu pago tudo. Contanto que possa falaire o raio desta lingua vrasileira que eu não posso compreendeire.

POLI — (Indo à mesa) — Como é seu nome?

VASCO — Meu nome é Basco.

LUCAS — Deve ser Vasco.

VASCO — Não senhoire. E' Basco!

POLI — Pois seja Vasco ou Basco, está matriculado. Falta agora pagar.

VASCO (Dando dinheiro) — Cá estão os binte cruzeiros...

LUCAS — Binte, não. Diga vinte.

VASCO — Binte.

LUCAS — (Mais alto) — Vinte!

Vasco — (Idem) Binte|!

LUCAS — (Grita) — Vinte!

VASCO — (Grita) — Binte!... Apois não estou a dizeire xerto|?

POLI — Está, sim. E' assim mesmo!

VASCO — Quando banho para a primeira lixão|?

POLI — Quando quiser. Aqui é à vontade. Tôda a liberdade no ensino...

LUCAS — A escola é livre.

VASCO — Muito vem! Ca birei mais tarde. Passem muito vem e muito ovrigado.

POLI — Diga isso em brasileiro, assim: agradecido.

VASCO — Pois ba lá: agradexido! (Sai).

LUCAS — Aquele nunca que aprende a falar brasileiro.

POLI — Não. Pode ser que com uma pequena prática de 80 ou 90 anos acabe dizendo alguma cousa que se entenda, em português.

SÓCRATES — (Entrando) — Com licença|!

POLI — Tem toda. Que deseja?

SÓCRATES — Aprender grego...

POLI — Hein?

SÓCRATES — Aprender grego.

LUCAS — Bonito!...

SÓCRATES — Bonito o quê|?

LUCAS — O Idioma. E' pena que seja uma língua morta.

POLI — E' verdade. O senhor porque não escolhe outra língua?

LUCAS — E', sim. A língua do Rio Grande, por exemplo...

SÓCRATES — Língua do Rio Grande? Mas essa, dizem que é boa com batatas...

POLI — Não. Não é a língua dos bois do Rio Grande, sêca e defumada, não senhor. E' a língua falada nas fronteiras do Rio Grande, que é uma mistura de português e espanhol da Argentina...

SÓCRATES — Prefiro o grego...

AGOSTO

1 — Quinta-feira	São Leoncio
2 — Sexta-feira	Nossa Senhora dos Anjos
3 — Sábado	São Cassiano
4 — DOMINGO	Santo Aristarco
5 — Segunda-feira	Santo Oswaldo
6 — Terça-feira	São Justo
7 — Quarta-feira	Santo Alberto
8 — Quinta-feira	São Justino
9 — Sexta-feira	São Rômulo
10 — Sábado	São Lourenço
11 — DOMINGO	Santo Alexandre
12 — Segunda-feira	Santo Herculano
13 — Terça-feira	Santa Helena
14 — Quarta-feira	Santo Eusébio
15 — Quinta-feira	Assunção de N. Senhora
16 — Sexta-feira	São Joaquim
17 — Sábado	Santo Augusto
18 — DOMINGO	Santo Agapito
19 — Segunda-feira	São Luiz
20 — Terça-feira	São Dermeval
21 — Quarta-feira	Santo Aníbal
22 — Quinta-feira	São Fabriciano
23 — Sexta-feira	São Donato
24 — Sábado	São Bartolomeu
25 — DOMINGO	Santo Eulálio
26 — Segunda-feira	São Luiz Rei
27 — Terça-feira	São Cesário
28 — Quarta-feira	Santo Agostinho
29 — Quinta-feira	Santa Cândida
30 — Sexta-feira	Santa Rosa de Lima
31 — Sábado	São Raimundo

SETEMBRO

1	DOMINGO	São Constâncio
2	Segunda-feira	São Brocardo
3	Terça-feira	São Ladislau
4	Quarta-feira	São Marino
5	Quinta-feira	São Justiniano
6	Sexta-feira	São Liberato
7	Sábado	**Independencia do Brasil**
8	DOMINGO	**Nativid. de N. Senhora**
9	Segunda-feira	São Graciano
10	Terça-feira	Santa Pulquéria
11	Quarta-feira	Santo Emiliano
12	Quinta-feira	**Santo Nome de Maria**
13	Sexta-feira	Santo Amado
14	Sábado	São Cornélio
15	DOMINGO	**As Dôres de N. Senhora**
16	Segunda-feira	São Cipriano
17	Terça-feira	Santa Colomba
18	Quarta-feira	São José Cupertino
19	Quinta-feira	**Aparição da Virgem**
20	Sexta-feira	Santa Fausta
21	Sábado	São Mateus
22	DOMINGO	São Florêncio
23	Segunda-feira	Santa Técla
24	Terça-feira	São Geraldo
25	Quarta-feira	São Pacífico
26	Quinta-feira	Santa Eugênia
27	Sexta-feira	Santo Adolfo
28	Sábado	São Bernardino
29	DOMINGO	São Marcial
30	Segunda-feira	São Jerônimo

WILLIAM **(A porta):** — E' aqui o professor de línguas ?

BEPINO — E' aqui mesmo. **(Sai).**

POLI — Pode entrar.

WILLIAM — O senhor sabe inglês?

POLI — Yess...

WILLIAM — Como ?

POLI — Yess.

WILLIAM — Que êsse ?

POLI — O senhor não perguntou se eu sabia inglês ?

WILLIAM — Perguntei.

POLI — E eu respondi que sim, em inglês.

WILLIAM — Ah ! Pois eu quero aprender...

POLI — E' fácil. Vou matriculá-lo, e o senhor paga vinte "cruzas" por lição. Como é seu nome ? **(Vai à mesa).**

WILLIAM — William.

POLI — Seu nome é Guilherme, em inglês.

WILLIAM — E' mesmo|?...

POLI — Sim senhor.

WILLIAM — Pois não sabia. **(Dando-lhe dinheiro)** Aqui está a primeira lição e me diga quando posso vir para a segunda.

POLI — **(Guardando o dinheiro)** — Pode vir quando quiser, porque vejo que o senhor é inteligente.

WILLIAM — Muito obrigado.

POLI — Oh ! Diga isso em inglês: **Thank you.**

WILLIAM — Tank you. **(Querendo pagar):** — E' já a segunda lição ?

POLI — Não. Essa é ainda por conta da primeira.

WILLIAM — Então voltarei mais tarde, para a segunda...

POLI — Como quiser. À vontade.

WILLIAM — Então até já **(Sai).**

POLI — Até já...

LUCAS — **(Entrando do interior da casa)** — O almôço está quase pronto.

POLI — E eu pronto para o almôço...

VASCO — **(Entra e fala com sotaquê fortemente minhoto, trocando os bb pelos vv, etc.)** — Os senhores dão lixenxa ?

POLI — Pode entrar.

VASCO — Eu benho por aqui axim aprendeire com os senhores um bocadito de língua vrasileira.

LUCAS — Língua brasileira ? !

VASCO — Xim, xinhoire.

POLI — Não conheço. Só se é o tupí-guaraní.

VASCO— Quais tupis, nem quais guaranás. Intupido já ando eu com o falaire da gente cá da terra, que eu não entendo nem me entende a mim !

POLI — O senhor tem de "destrocar" as letras que troca e falar como a gente fala.

LUCAS — Para isso tem de pagar vinte cruzeiros adiantamente.

OUTUBRO

1	Terça-feira	São Gastão
2	Quarta-feira	**Santos Anjos de Guarda**
3	Quinta-feira	São Cândido
4	Sexta-feira	São Francisco de Assis
5	Sábado	São Plácido
6	DOMINGO	São Bruno
7	Segunda-feira	**N. Senhora do Rosário**
8	Terça-feira	São Demétrio
9	Quarta-feira	São Diniz
10	Quinta-feira	São Francisco de Borja
11	Sexta-feira	São Firmino
12	Sábado	**Desc. da América**
13	DOMINGO	São Daniel
14	Segunda-feira	São Calisto
15	Terça-feira	Santa Tereza de Jesús
16	Quarta-feira	São Florentino
17	Quinta-feira	São André de Creta
18	Sexta-feira	São Lucas
19	Sábado	São Pedro de Alcantara
20	DOMINGO	São Feliciano
21	Segunda-feira	São Leonardo
22	Terça-feira	São Hilarião
23	Quarta-feira	São Graciano
24	Quinta-feira	Santa Sabina
25	Sexta-feira	S. Crispim e S. Crispiniano
26	Sábado	São Mariano
27	DOMINGO	Santo Elesbão
28	Segunda-feira	São Simão
29	Terça-feira	São Narciso
30	Quarta-feira	Santo Angelo
31	Quinta-feira	Santa Lucilia

NOVEMBRO

1 —	Sexta-feira	Todos os Santos
2 —	Sábado	Finados
3 —	DOMINGO	São Malaquias
4 —	Segunda-feira	São Carlos Borromeu
5 —	Terça-feira	São Maurício
6 —	Quarta-feira	São Mateus
7 —	Quinta-feira	Santo Amarando
8 —	Sexta-feira	São Deodato
9 —	Sábado	São Rogério
10 —	DOMINGO	Santo Alcides
11 —	Segunda-feira	São Martinho
12 —	Terça-feira	São Diogo
13 —	Quarta-feira	Santo Arcádio
14 —	Quinta-feira	Santo Ursino
15 —	Sexta-feira	Proclamação da Rep.
16 —	Sábado	Santo Edmundo
17 —	DOMINGO	São Gregório Taum.
18 —	Segunda-feira	São Máximo
19 —	Terça-feira	Dia da Bandeira
20 —	Quarta-feira	Santa Francisca
21 —	Quinta-feira	São Rufo
22 —	Sexta-feira	São Filomeno
23 —	Sábado	São Clemente
24 —	DOMINGO	São João da Cruz
25 —	Segunda-feira	Santa Catarina
26 —	Terça-feira	Santa Genoveva
27 —	Quarta-feira	Santa Margarida
28 —	Quinta-feira	São Tiago
29 —	Sexta-feira	Santa Ida
30 —	Sábado	São Justino

POLI — Neste caso vou matriculá-lo **(Vai à mesa)** Como se chama?

SÓCRATES — Sócrates.

POLI — E' um nome bem grego **(Escreve).**

SÓCRATES — E quando terei de pagar?

LUCAS —Vinte pratas por lição, adiantadamente.

SÓCRATES — **(Dando o dinheiro)** — Aqui tem o dinheiro.

POLI — Muito agradecido.

SÓCRATES — Quando terei a primeira lição?

POLI — A vontade. Quando quiser...

SÓCRATES — Quero já.

LUCAS — Bonito!...

SÓCRATES — Já é a segunda vez que o senhor diz: bonito!

LUCAS — Digo porque acho.

SÓCRATES — Acha o quê?

LUCAS — Acho bonito e grego...

POLI — Vamos à primeira lição: o alfabeto grego é muito interessante, porque suas duas primeiras letras são estas: alfa e beta. Ninguém esquece. Da última, que é omega, os relojoeiros fizeram um relógio, e tem também o i grego, chamado ipsilon, que é como uma pessoa sem cabeça e com os braços para cima pedindo misericórdia. **(Junta as pernas, põe a cabeça para trás e ergue os braços)**

SÓCRATES — Muito bem.

LUCAS — Parece uma forquilha.

SÓCRATES — O quê? A lição?

LUCAS — Não. O igrego! O ípslon!

HUGO, CARAMBA, BEPINO, WILLIAM e VASCO **(Entrando):** — Vimos para a lição...

POLI — Perfeitamente. Porém como está na hora do almôço, eu os convido a todos para almoçarem conosco...

TODOS — Oh!...

LUCAS — Não façam cerimônias...

POLI — **(Ao Lucas)** —Que é que temos para o almôço?

LUCAS — Lingua do Rio Grande, com batatas.

POLI — Viram? Um almôço próprio de um professor de línguas e seus discipulos.

LUCAS — O senhor até devia se chamar Poliglota, em vez de Polidóro.

POLIDORO — Pois irei trocar de nome, depois do almôço. Nossa primeira lição será à mesa, agradavelmente, comendo...

LUCAS — Comendo língua, cada um aprende a língua que deseja.

TODOS — Bem lembrado!

POLI — Então, à mesa!

TODOS — À mesa! **(Vão saindo).**

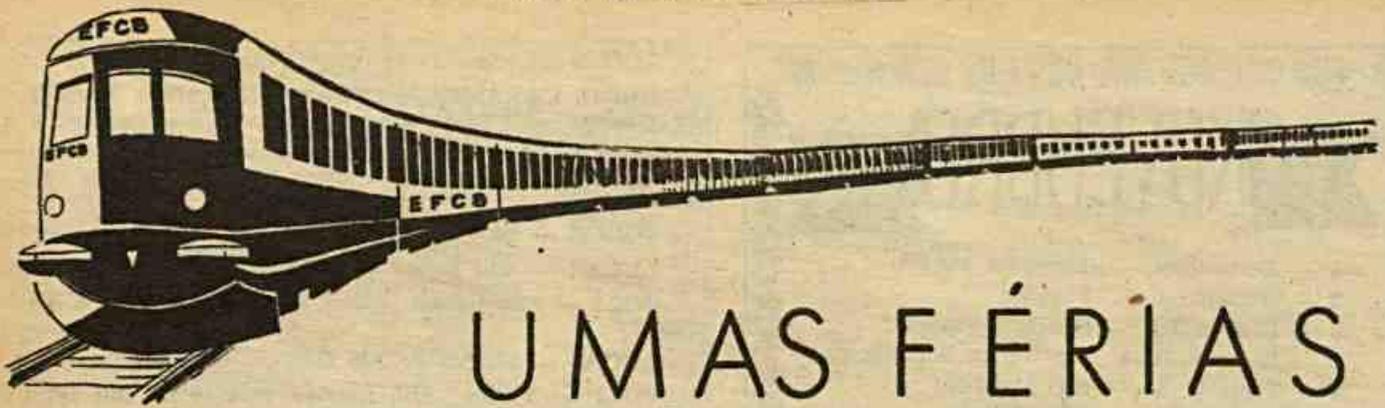
LUCAS — **(Saindo)** — Seis vezes vinte são cento e vinte cruzeiros...

Não é caro o almôço!... **(Sai).**

P A N O .

E U S T O R G I O   W A N D E R L E Y

DEZEMBRO

1 —	DOMINGO	São Cassiano
2 —	Segunda-feira	São Leoncio
3 —	Terça-feira	São Francisco Xavier
4 —	Quarta-feira	Santa Bárbara
5 —	Quinta-feira	São Radamés
6 —	Sexta-feira	São Nicolau de Bari
7 —	Sábado	Santo Ambrosio
8 —	DOMINGO	Conceição de N. Senhora
9 —	Segunda-feira	São Leandro
10 —	Terça-feira	N. Senhora do Loréto
11 —	Quarta-feira	São Damazio
12 —	Quinta-feira	São Donato
13 —	Sexta-feira	Santa Luzia
14 —	Sábado	Santo Agnelo
15 —	DOMINGO	Santo Adolfo
16 —	Segunda-feira	São Valentim
17 —	Terça-feira	São Francisco de Sena
18 —	Quarta-feira	N. S. do Amparo
19 —	Quinta-feira	São Nemézio
20 —	Sexta-feira	São Domingos
21 —	Sábado	São Severino
22 —	DOMINGO	São Demério
23 —	Segunda-feira	São Dagoberto
24 —	Terça-feira	São Delfino
25 —	Quarta-feira	Natal
26 —	Quinta-feira	São Marino
27 —	Sexta-feira	Santa Fabíola
28 —	Sábado	Santo Abel
29 —	DOMINGO	São Tomaz
30 —	Segunda-feira	Santo Hilário
31 —	Terça-feira	São Silvestre

UMAS FÉRIAS E TANTO!

PARA o senhor Oliveira, aquele era um dia diferente. Começavam nele as suas férias, depois de um ano de trabalho duro, e como não tinha que ir para o escritório, acordara tarde e, agora, lia o jornal. Ao seu lado, Mimi e Juquinha folheavam uma revista.

— Olhe que praia bonita! — disse a menina — Que bom se a gente pudesse viajar, e ir até lá! É nos Estados Unidos, não é, paizinho?

O senhor Oliveira olhou a revista e confirmou que era.

— Nunca que a gente verá uma coisa assim... sentenciou, tristemente, a menina, virando a página. E, mudando de tom: — Ih! Veja esta montanha, Juquinha! Não é linda? Ah! Quem me dera poder viajar, ir a outros países, ver coisas bonitas, lugares assim... Ir ao estrangeiro! Que bom!

O senhor Oliveira, então, entrou na conversa:

— Estás errada, minha filha... Não é só no estrangeiro que há lindas paisagens e bonitos passeios! O Brasil é imenso e possui panoramas ainda mais belos que êste, formidáveis cachoeiras, montanhas soberbas, pradarias enormes, rios caudalosos... Vocês sabem que vem gente de outros países ver tudo isso, não sabem? São os turistas... Um dia, se Deus quiser, quando eu tiver um tempinho livre, tiro umas férias e faremos uma viagem para vocês verem quanta coisa bonita...

— Mas... o senhor está em férias, papai! Será que se esqueceu?! — exclamou Juquinha.

— Pois é, pai! Então, por que não vamos agora? Nós também estamos...

Realmente o senhor Oliveira tinha esquecido que entrava em férias justo naquele dia. Rindo de si mesmo, acendeu o cigarro e chamou, para dentro:

— Marieta... queres chegar até aqui, um instantinho?

Com as mãos molhadas, de avental, a mamãe apareceu à porta.

— Ouve só como êsses demônios estão me tentando... Querem que vamos viajar... E sabes que isso seria ótimo? Aproveitaríamos as férias para um bom passeio por aí... Que dizes?

Dona Marieta arregalou os olhos, surpresa e contente, e fez uma cara que valia pela melhor resposta.

COMEÇOU, então, para a família, um período delicioso. Aquela noite mesmo partiram, e o meio de transporte escolhido foi, evidentemente, o trem da Central do Brasil. Primeiro tomaram na gare D. Pedro II o confortável "Vera Cruz", que em menos de quinze horas os transportou, numa viagem de sonho, à capital mineira. Moderníssimo em suas instalações, dotado de todos os aperfeiçoamentos desejáveis, oferecendo condições excepcionais de segurança, com cabines moderníssimas com ar con-

dicionado, o "Vera Cruz" venceu as distâncias sem que os nossos turistas experimentassem abalos ou enjôos...

Vividos no Estado montanhez alguns dias inesquecíveis, retornaram, em outra belíssima viagem, ao Rio, e então demandaram São Paulo, pois as férias se prolongavam.

Para ir ao grande Estado cafèeiro, tomaram o "Santa Cruz", outro luxuoso trem de aço, como o primeiro, com as mesmas comodidades e requintes de confôrto, que os transportou em menos de 12 horas à Estação Roosevelt, onde desceram como-se tivessem dormido em suas próprias camas, no conforto do lar. E fartaram-se de passear pela paulicéia, e de ver coisas encantadoras.

Infelizmente os vinte dias de férias do papai tiveram fim... E a família, afinal, regressou, porque o dever está sempre acima de tudo.

Mas voltou deleitada e feliz

A noite, no dia mesmo do regresso, todos reunidos na sala, foram trocados comentários.

— Nunca passei férias tão boas... disse o dono da casa.

— Foram dias adoráveis ! — disse dona Marieta.

— Gostei tanto ! Gostei tanto do trem da Central do Brasil ! — disse Mimi.

— Viste, agora, minha filha, como eu tinhha razão? Não é preciso ser rico, meter-se num avião e ir a países estrangeiros, para se gozar bem umas férias... Toma-se um trem, como fizemos, e por meio dessa condução, tão segura e boa, vai-se aonde estão o ar puro, a paisagem empolgante, a emoção nova, o bom convívio com a natureza, o conhecimento novo do que nem sempre se imagina que exista...

— Pois é... — sentenciou Juquinha — Mas se eu não lembrasse a papai que êle estava em férias... É a mim que vocês devem agradecer tudo isso, sabem?

UMA LINDA PÁGINA DE COELHO NETO

NINGUEM sabia explicar como, em tão árido deserto, conseguira medrar a árvore propícia.

Fóra da sombra ameníssima da sua copa, tudo era esterilidade adusta — areias amarelas, sem erva, sem sulco de riacho, esbraseando ao sol.

Os viajantes respiravam aliviados quando, de longe, avistavam o vulto frondoso da árvore; os animais amiudavam os passos e, sob a densa e derramada folhagem, impenetrável aos raios caniculares, juntavam-se as caravanas e, como também havia uma cisterna no diversório virente, todos bebiam à farta e renovavam a provisão dos odres.

A providência daquela árvore não era apreciada, mal lhe prestavam atenção os viajantes e muitos, por passatempo, escorchavam-lhe o tronco com as facas, detoravam-lhe os ramos ou acendiam fogueiras sôbre as suas robustas raizes.

Certo ancião, abrigando-se à sombra da árvore, descobriu que um mal roaz a consumia e logo, piedosamente, pôs-se a tratá-la com o desvêlo carinhoso com que se dedicaria a um sêr humano.

Mofaram da sua paciência os homens da caravana e o velho, sem se agastar, assim lhes falou:

— Rides de mim porque pratico o bem; talvez venhais a arrepender-vos da vossa descuidosa ingratidão quando, de regresso, não achardes sombra que vos acolha. A árvore sucumbe, nada há mais a fazer-lhe.

Vinha de volta a caravana e os homens antegozavam a delicia de um lento repouso à sombra, quando pasmaram do encontro: ruinaria, fôlhas sêcas, ramos quebrados e o tronco desconforme meio coberto pelas areias.

A cisterna ficara entulhada e a alfombra verde morrera ressequida.

Foi então que os homens compreenderam o valor da árvore e a fortuna que haviam perdido.

Pobre árvore ! Enquatno viveu foi sempre desprezada, sofrendo tôda a sorte de máus tratos; morta, porém, deixando o vasio, eis todos lamentando a sombra agasalhadora que ela, sempre generosa, oferecia, as flôres de perfume suave que se abriam nos seus ramos, os pássaros que neles se juntavam, alegrando a região com os seus cantos concertados, a água que parecia brotar das suas fundas raizes.

Ainda hoje, os que trilham o deserto inhospito, mostrando um toro que aparece acima das areias, param e, tristemente, murmuram:

— Era aqui que a grande árvore, coberta de flôres e de passarinhos, abria às caravanas a sua sombra hospitaleira.

ÔPA. COMO AUMENTEI DE PESO!

E É MUITO NATURAL QUE GANHE EM PESO. DESDE QUE SUA MAMÃE LHE DÊ SOPAS DE CREME, VERDURAS E PUDINS PREPARADOS COM MAIZENA - O ALIMENTO SUPREMO - ESTARÁ COMENDO COM APETITE PROPRIO DE UM MENINO SADIO.

PEÇA HOJE MESMO À MAMÃE UM DELICIOSO MINGAU DE MAIZENA

O homem conheceu a pedra ímã muitos séculos antes de começar a se servir dela.

Mostraram a Santo Agostinho, que viveu de 354 a 430, a pedra ímã como coisa rara e êle não soube explicar o fenômeno e mais tarde falou sôbre o assunto com o Bispo de Milevis.

Não é estranho que Santo Agostinho considerasse o fenômeno magnético como mistério insolúvel, pois ainda hoje em dia permance sem solução completa, não obstante os esforços dos homens de ciência, que dispõem dos conhecimentos acumulados e dos assombrosos instrumentos do século XX.

Os navegantes não esperaram compreender o fenômeno do ímã para dêle tirar proveito. No ano 1.000 os europeus já tinham aprendido a construir a bússola; era ainda um aparêlho muito rudimentar: um pedacinho de pedra-ímã colocado sôbre uma estria de madeira que flutuava num recipiente com água.

A primeira referência autêntica sôbre a navegação por meio de bússola, apareceu no ano 1187, num escrito de Alexandre Neckam.

Em um segundo trabalho, mais ou menos no ano 1207, Neckam voltou a tratar do assunto dizendo: "'os navegantes, para encontrar o rumo, tocam a agulha com o ímã, fazendo-a girar, e quando cessa o movimento giratório, a ponta da agulha está apontada para o Norte".

Não obstante a feitura do instrumento, suas consequências na luta do homem contra o mar foram de um valor incalculável.

Enquanto os navegantes se serviam do imã, os estudiosos da época discutiam e se esforçavam por decifrar o seu mistério.

Oservaram que a agulha magnética sempre apontava na direção da estrêla polar e não é de estranhar-se, portanto, que adotassem a teoria de que esta estrêla a atraia. Nenhum outro cientista ou estudioso daquela época soube oferecer uma teoria mais aceitável; nem mesmo o grande franciscano Roger Bacon se atreveu a impugná-la, apesar de ter dedicado muito tempo ao estudo da pedra-ímã e de ter realizado experiências com ímã artificial.

Sabe-se que em certa ocasião o poeta florentino Brunetto Latini, mestre e amigo de Dante, visitou Bacon e êste maravilhou o visitante mostrando-lhe que os polos opostos do ímã se atrem e que os polos iguais se repelem.

Pedro de Maricourt, conhecido também pelo nome de "O Peregrino", realizou muitas experiências em ci-

ências naturais e foi o primeiro a fazer constar que quando se quebra um ímã em pedacinhos, cada um dêsses pedaços se converte em outro ímã.

Depois de muitos mêses de paciente labor, conseguiu construir um ímã esférico, com a forma de globo terrestre. Seu interêsse era descobrir a natureza da fôrça que produz a oscilação da agulha magnética.

Êle pusera de lado já então a teoria da atração da estrêla polar, pois, como assinalou em seus escritos, essa estrêla não está sempre no mesmo meridiano e, entretanto, a mudança não impede que a bússola funcione.

A êsse "Peregrino" se atribui geralmente a invenção da bússola moderna, que consiste em uma agulha imantada que oscila livremente numa caixa redonda de tampa transparente e com um mostrador circular dividido em 360 gráus.

George Hartman, vigário da igreja de São Sebaldus, na Baviera, observou em 1510 que a agulha não apontava para o Norte geográfico exato, e por meio de observações apuradas descobriu que o êrro era de 10º para leste.

Pedro Sarpi, conhecido como Frei Paulo, foi o matemático mais famoso de sua época e deu um novo impulso ao descobrimento de Hartman, deduzindo que a energia que atuava sôbre a agulha magnética devia ser muito maior do que se supunha até então, pois comprovou que uma barra de ferro que apontasse para o Norte magnético durante muito tempo, acabaria por ficar magnetizada, não tendo embora nenhum contato com a pedra ímã.

A resposta para êsse enigma se obteve, por acaso, no dia 6 de janeiro de 1585.

Nessa data, em Remini, Itália, estando um frade reparando uma igreja, desmontara pesada barra de ferro que estivera sustentando um adôrno de terra-cota na tôrre. O vento tinha torcido a barra e os religiosos a levaram para uma ferraria, a fim de endireitá-la.

Mal a colocaram no chão, junto a outro pedaço de metal, observou-se com assombro que a barra era fortemente magnética.

A notícia desse acontecimento chegou aos ouvidos do físico inglês William Gilbert, que mostrou muito interêsse pelo fenômeno e se dispôs a estudá-lo.

Averiguou então que a barra se tinha torcido na dire-

ção Norte-Sul e esta particularidade o fêz pensar que devia existir uma fôrça invisível muito potente que passava de um polo a outro através da Terra.

Intrigado, empreendeu um estudo sistemático do magnetismo e em 1600 escreveu um tratado que se considera hoje como obra clássica sôbre o assunto, e que foi a primeiro obra cientifica que se publicou na Inglaterra.

O magnetismo, asseverou êle, não é uma substância que se póde pesar, mas um fluxo ou corrente de energia ou fôrça que de forma misteriosa se produz dentro da Terra.

O problema permaneceu assim até os fins de 1685. A 9 e 10 de Dezembro daquele ano, um grupo de missionários francêses realizou observações científicas, a convite do rei de Sião.

Dedicaram êsses dois dias a estudos sistemáticos da bússola, na Tailândia, e descobriram que no curso de cada dia a agulha variava ligeiramente de posição.

As variações oscilavam entre 0°16′ Oeste e 0°38′ Oeste. Cabia deduzir que no fluxo das fôrças magnéticas terrestres, tem lugar um fenômeno que produz a oscilação diária da agulha magnética. Ainda não se conseguiu explicar em que consiste tal fenômeno.

Os modernos homens de ciência têm continuado seu aperfeiçoamento fazendo observações e cálculos constantemente; têm à sua disposição quadros e estatísticas, quando os antigos só podiam supôr e advinhar. O geofísico moderno está de acôrdo com "O Peregrino" na teoria de que a atração magnética não procede da Estrêla Polar; e em resposta às perguntas feitas pelo Vigário de Nuremberg, os sábios de hoje mantêm a teoria de que o polo magnético está na Ilha Principe de Gales, a uns 2.000 quilômetros do Polo Norte geográfico.

As flutuações diárias da direção da agulha, observadas pelos missionários francêses em Sião, há mais de dois séculos e meio, todavia, não lograram explicar-se de modo completo.

Sabe-se que o Polo Norte magnético troca de posição diàriamente, segundo observação feita pela Fôrça Real Aérea Canadense, e descreve uma trajetória elíptica de uns 130 quilômetros de 24 em 24 horas, geralmente, porém não sempre em direção de Este para Oeste.

Não se sabe a que se deve essa mutação dos polos magnéticos, nem que fenômeno se ocultam atrás do fato de que a Terra mesma está envolta em um imenso campo magnético. Várias teorias têm sido avançadas, porém nenhuma delas concorda com todos os estudos já realizados.

Como Santo Agostinho, o geofísico de hoje em dia também se vê obrigado a considerar a fôrça magnética como um dos mistérios inescrutáveis do mundo físico. A bússola moderna é um instrumento muito mais exato e perfeito do que o das gerações passadas. Essencialmente, no entanto, não difere muito do aparêlho primitivo para cuja evolução e perfeição tanto contribuiram os homens da igreja, ávidos de adquirir conhecimentos do mundo criado por Deus.

Cabelos sedosos e ondulados.

Exija o legítimo de CARLOS BARBOSA LEITE que traz o nome de garantia

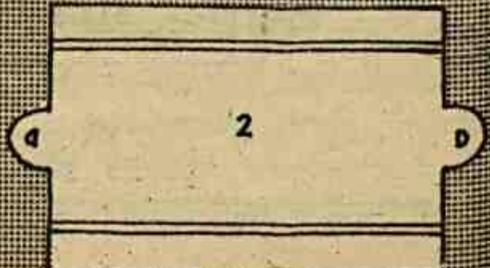
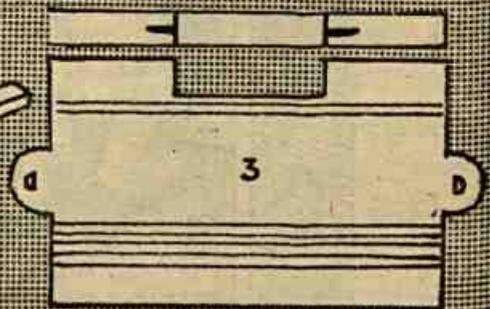
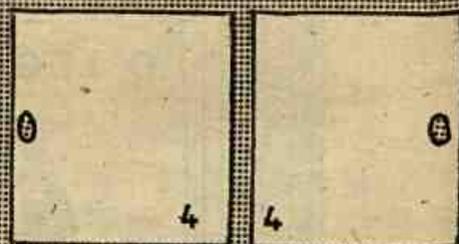
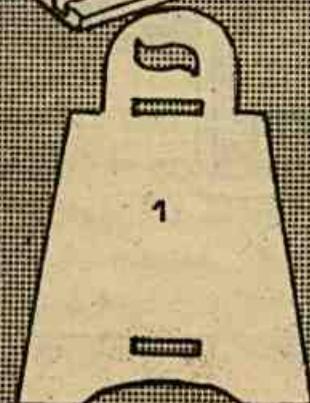
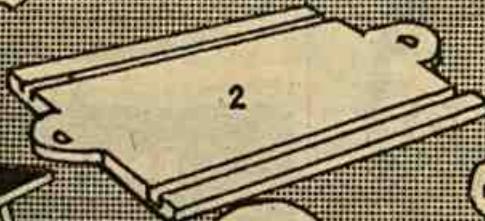
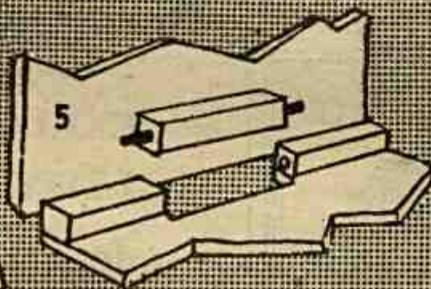
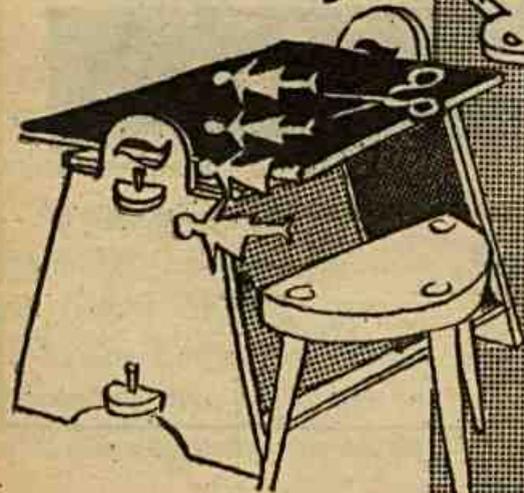
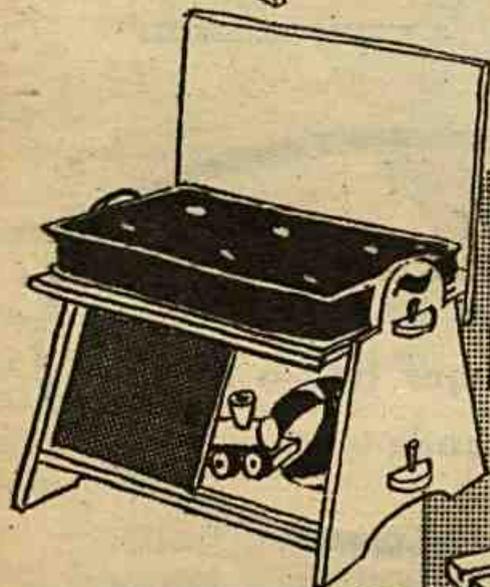
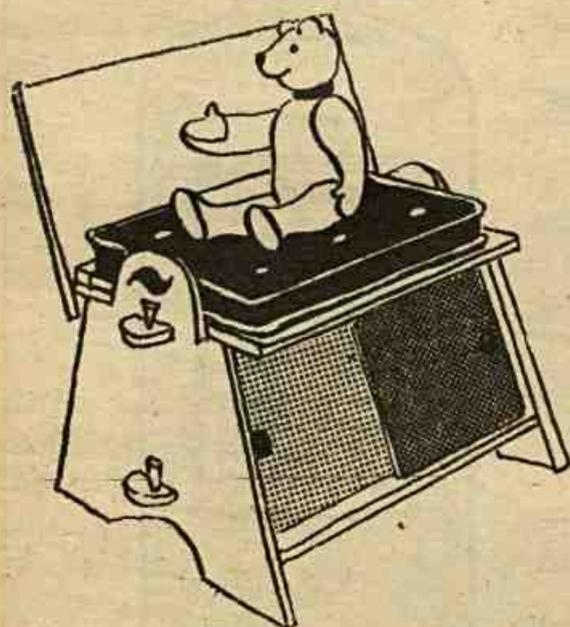
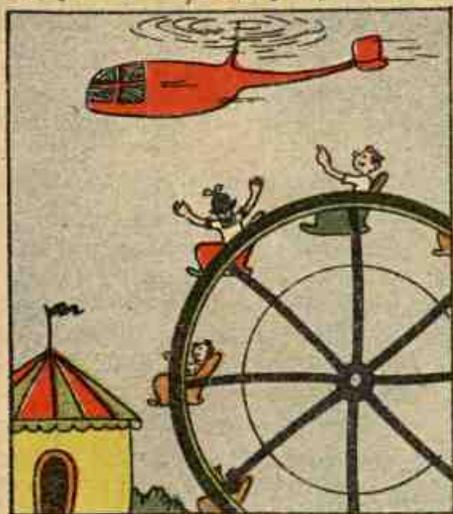
PETROLOVO

NOSSA PEQUENA OFICINA

ESTE móvel pode ter três utilidades: é cadeira, armário e mesa.

Os lados (1) são cortados em duplicata e neles se fazem as aberturas indicadas. O fundo (2) leva duas ranhuras para nelas as portas correrem. O tampo (3) leva também ranhuras para o mesmo fim e um profundo entalhe para permitir o movimento da charneira. As portas (4) são iguais. O detalhe da charneira é a fig. 5.

O pedaço de madeira é atravessado por um eixo de ferro e os dois outros que o prendem ao móvel são furados para receber êsse eixo.

A operação da montagem deve ser feita dentro desta ordem: unir primeiro a charneira, pondo-a para cima. Unir os lados e o fundo mas sem colocar os tarugos que os vão prender. Segurar firme (2 pessoas são necessárias) e colocar as portas nos lugares. Depois colocar o tampo no lugar, pondo, então, as quatro cunhas que prenderão o conjunto.

UM DIA ALEGRE NO PARQUE

Era domingo e tôdas as crianças estavam contentes, no grande Parque de Diversões da cidade. Umas preferiam a "roda gigante"...

... outras adoravam o carrocel, onde havia os mais lindos cavalinhos com arreios coloridos e crinas que esvoaçavam, quando corriam.

Outros gostavam mais dos balanços, que iam abrindo, abrindo, cada vez que ficavam mais velozes, e giravam em torno do mastro...

E havia os que eram maluquinhos pelos pequenos automóveis da autopista, onde a gente parece que está mesmo guiando um rabo-de-peixe.

De repente, um garoto mostrou à irmã um helicóptero que descia dentro do Parque. E mal o helicóptero começou a descer, todos começaram...

... a sentir um delicioso perfume...
— Que cheiro bom ! — diziam as crianças... — Que perfume gostoso ! — repetiam todos. Por fim...

... tudo se explicou quando saiu do aparêlho o palhaço Miguelito que foi logo cercado pela criançada. Miguelito, então, distribuiu...

... com tôdas elas o delicioso sabonete DORLY, suavemente perfumado, e que todos sabem que "preço por preço, é o melhor". Foi uma festa !

O CASTELO DE PINDAÍBA

O Barão de Pindaiba possuia e habitava um castelo, outrora magnífico, do qual, intactos, só restavam os muros de cimento, as tôrres e a grande escada. O restante caia aos pedaços. Os telhados deixavam passar, no verão, as águas da chuva e, no inverno, a neve. As chaminés estavam partidas e o assoalho esburacado. Troncos de árvores, pedras e calhaus cobriam os jardins e pomares. Tudo isto porque, não tendo nem um vintém, o barão de Pindaiba não podia sustentar a casa. Ademais, seu pai e seu avô eram pobres como êle, e nada tinham podido fazer. Havia uns cem anos, os Pindaíbas viviam com pouco dinheiro, alimentando-se de caça. Habitavam sòmente três peças do castelo de seus antepassados: dois quartos e cozinha, onde comiam com os criados.

Ora, um belo dia, João, o filho da criada, entrou a correr, esbaforido, gritado:

— Olá! olá! senhor meu patrão!... Que alegria e honra!...

O barão, que olhava surpreso, perguntou-lhe:

— Que te aconteceu? Não grites como um asno!... Se me acordas o pequeno, verás o que te acontece!

— Que me aconteça — respondeu João — Venho anunciar-lhe que o rei Henrique deseja jantar esta noite aqui no castelo! Se fôr à torre do Norte e prestar atenção, ouvirá o som das trompas de caça e o latido dos cães; o rei está atrás do moinho; é longe, mas...

— E como sabes que êle vem aqui jantar? Por Deus que, se tal cousa acontecesse, estaria perdido! Temos tempo bastante para cozinhar uma lebre, mas a adega está vasia e vasios estão os armários.

— O rei chegará aqui à noite, disse-me o escudeiro — acrescentou João.

— Onde? Como? Dize-me!

— E' muito fácil. Tendo-me dirigido para os lados da floresta, encontrei os caçadores; fustiguei o burro, para os ver mais de perto, e eis o que vi: um belo séquito, vestido de vermelho. Não tive tempo de falar, porque o rei, ao me ver, disse:

— Haverá nobreza aqui pelos arredores?

— Pouca — respondi-lhe — existe pouca, mas é o bastante, porque é boa!... Tão longe quanto se possa fazer ir um cavalo não encontro outro fidalgo, a não ser o meu patrão.

— Quem é teu patrão? — perguntou-me. — E' o senhor de Pindaiba, barão por herança de seus pais. E' um belo senhor que me fez educar por um padre e sou, nada mais, nada menos que seu pagem. O rei riu e acrescentou:

— O teu vestuário é de fazenda branca, parece-me... Não importa! Tem boa cara o teu patrão? Tem presuntos e seu celeiro está bem fornido? Pertencem-lhe aquelas tôrres pardacentas que lá se acham para o norte?

— Certamente — respondi-lhe. E, como me tivesse zangado, por ter escarnecido do meu vestuário que minha mãe fez de uma peliça da senhora baronesa, a qual era, no seu tempo, do mais bonito marron, acrescentei:

— Sim. Aquelas tôrres pertencem-lhe, bem como os bosques e florestas! O celeiro está cheio e estão cheias as malas. E saiba que, se minha roupa está branca, é porque estou na idade em que se corre e se trepa nas árvores para apanhar ninhos; tornei-a branca com tombos que tenho levado; mas mamãe sabe coser; é ela quem cose para a senhora baronesa.

— Olha — respondeu-me o escudeiro — falas com o rei Henrique, que anda a caçar, e que, deixando-se levar por um javalí, que perseguia, veio ter aqui. Estamos cansados. Mas o rei não se demorará no seu projeto de perseguir o animal. Assim que tivermos acabado, de qualquer maneira, à noite, iremos pedir pousada e comida em casa de teu patrão. Podes preveni-lo.

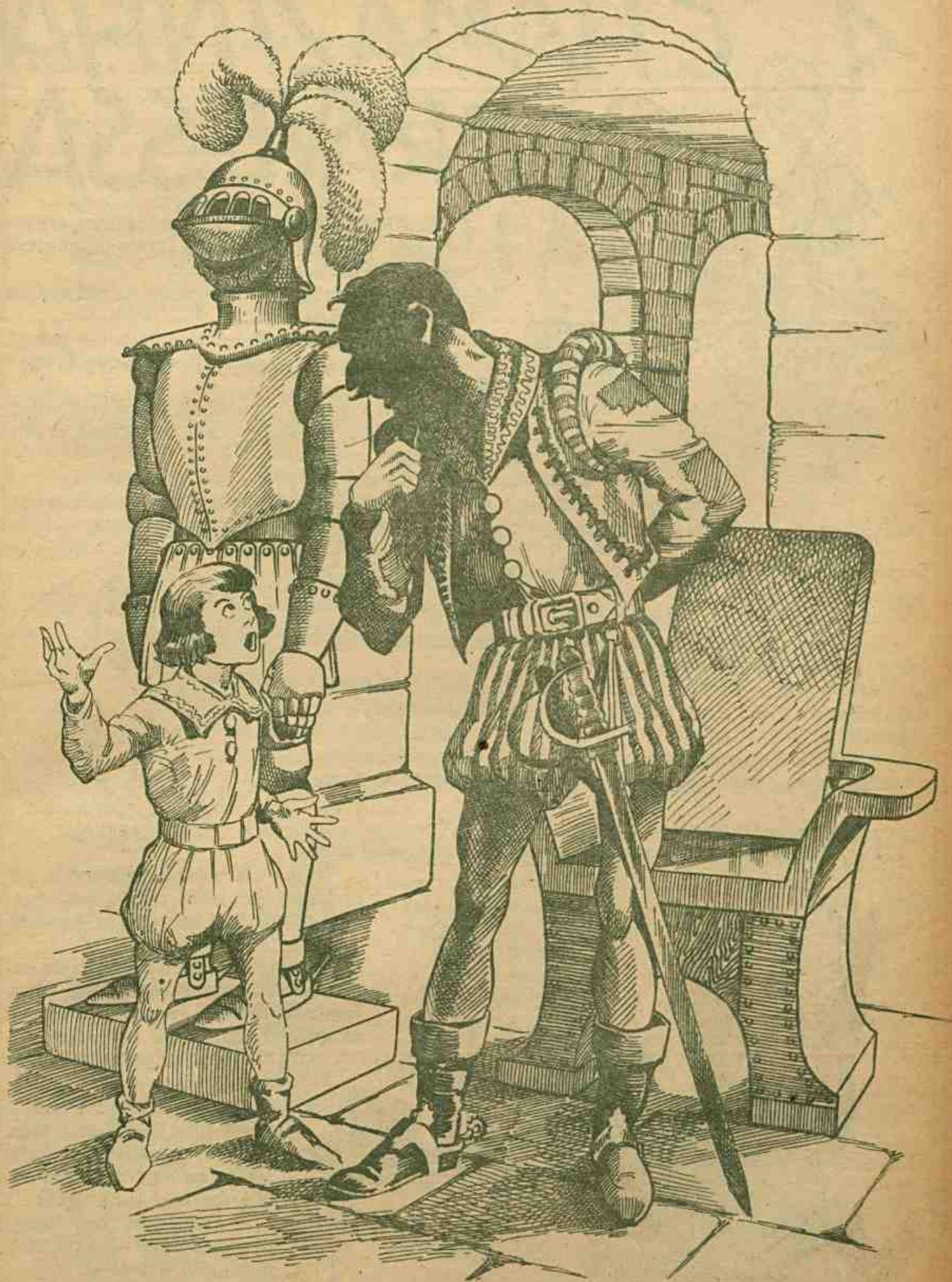
Atirei meu chapéu ao ar, para demonstrar o meu contentamento, e eis-me aqui, para o prevenir.

— Como me vou arranjar? — disse o barão, indo ao encontro da espôsa para contar-lhe o ocorrido.

A baronesa era uma senhora simples, e, sobretudo, uma boa alma:

— Que queres que eu faça, caro espôso? Não há que pensar; é ires à floresta buscar lebres e perdizes; uma vez assadas, valerão o mesmo que as do rei. Quanto à bebida, temos um pouco de vinho fresco. Maria fará uma torta. O rei não morrerá de fome.

— Ah! mulher, não sabes o que dizes! — gemeu o barão. — Como deixar ver as nossas misérias?! Só tens um vestido, para os domingos, e sabes como está usado; minha roupa é ainda pior; nossa mesa não se põe em pé; só há um banco, para sentar-se... Meu Deus! Somos verdadeiros mendigos!

Continua na página 120

A CHAMAZINHA TRAVÊSSA

DESPRENDENDO-SE de uma fogueira arranjada por uns garotos, no fundo do quintal, uma chamazinha sentiu-se feliz.

— Uf ! exclamou, esfregando as mãozinhas vermelhas, até que enfim !

Chega de obedecer a tudo e a todos ! Quero ser Eu mesma ! Fazer o que desejo ! Brincar !

E a linda chamazinha, olhos brilhantes, olhava de um lado para outro, como que procurando resolver qualquer coisa.

Bateu na testa: "Eureka" ! Achei !

E, leve, ligeira, como que levada pelo vento, chegou-se ao lugar, onde uma preta velha, depois de arrumar uns pedaços de lenha entre dois tijolos, se preparava para ferver a roupa que acabara de ensaboar, roupa essa agora metida numa grande lata de querozene.

— Vou ajudá-la ! — pensou.

E, estendendo a mãozinha rubra tocou os toros entre os tijolos. Um fôgo rápido se manifestou.

Mas, a velha preta, que não havia ainda riscado o fósforo, nem mesmo o tinha entre os dedos, levantou-se espavorida e saiu a gritar:

— O "dianho" acendeu o fogo ! O "dianho" acendeu o fogo !

Êsse mêdo e essa correria foram uma delícia para a chamazinha.

— Agora, ia pensando, é que me vou divertir !

E, como uma penugem vermelha, deixou-se levar pelos ares...

Numa clareira, dois homens, recostados num velho tronco, conversavam. Eram lenhadores, e a hora, de descanso.

Haviam almoçado e, depois de encherem de fumo os cachimbos, puseram-nos na bôca, enquanto que, com as mãos, batendo nos bolsos, buscavam os velhos isqueiros dos sertanejos.

Mas a chamazinha travêssa não lhes deu tempo. Rápida, pousou o dedinho luminoso num e noutro cachimbo, e ei-los a arder...

— Cumpade, ocê acendeu meu pito? — perguntou admirado um dêles.

— Eu, não !

E, cheio de mêdo, mostrava o seu cachimbo também a fumegar:

— **Cumpade,** o meu **tombém** está aceso.

Metendo as mãos nos bolsos, sentiram os dois os isqueiros guardados.

Olharam-se cheios de terror.

— Quem, então, acendeu o cachimbo?

— Quem? — ajuntava o outro, apavorado.

— Nada — disse o primeiro. Isto é arte do **Capeta** !

—**É mêmo** ! E os dois, jogando longe os cachimbos, velhos companheiros das horas de folga e de trabalho, largaram-se para a mata, transidos de terror. Enquanto isso, a chamazinha ria, ria a mais não poder.

Passando por uma cidadezinha viu um homem, um ladrão, que ia meter a mão no bolso de um velho, para furtar-lhe a carteira. A chamazinha não se conteve. Correu para êle, encostou o dedinho na mão malfazeja e...

— Ai ! Ai ! Estou me queimando !

E o velho a quem ia roubar acudiu-o, levando-o a uma farmácia próxima, onde a mão inchada e rubra recebeu curativos.

E a chamazinha ria, ria...

— Agora, vou fazer coisa mais séria ! Vou queimar a mata ! Os homens não a queimam para a plantação, para o carvão? Vou ajudá-los !

E a pequena chama ia fazer aos homens o maior mal; tirar-lhes a pureza do ar, sempre renovado pelos vegetais; tirar-lhes a beleza da paisagem com suas árvores seculares e sempre belas; o pouso das aves; o abrigo dos animais; a riqueza dos homens; a razão das chuvas sempre desejadas...

Ela era travêssa... Não sabia o mal que ia fazer e... com o dedinho de fogo foi tocando

aqui, nêste galho, ali, naquêle velho tronco de palmeira... E a mata, em pouco, gemia em contorsões, afugentando as aves, amedrontando os animais... Os homens, como loucos, olhavam sem nada poder fazer.

Cavar o aceiro? Na mata? Como? Onde começar?

Mas a vovó Chuva sabe punir os netinhos travessos. Embora já estivesse deitada numa grossa nuvem, ela ouviu o clamor dos homens. Olhou, lá de cima, e viu a travêssa chamazinha, cada vez mais ágil, levando o fogo a tôda a mata.

Franziram-se-lhe as sobrancelhas.

Ergueu-se. Chamou as outras nuvens carregadas de água e... uma verdadeira inundação caiu sôbre a mata, apagando o incêndio e levando a chamazinha travêssa !

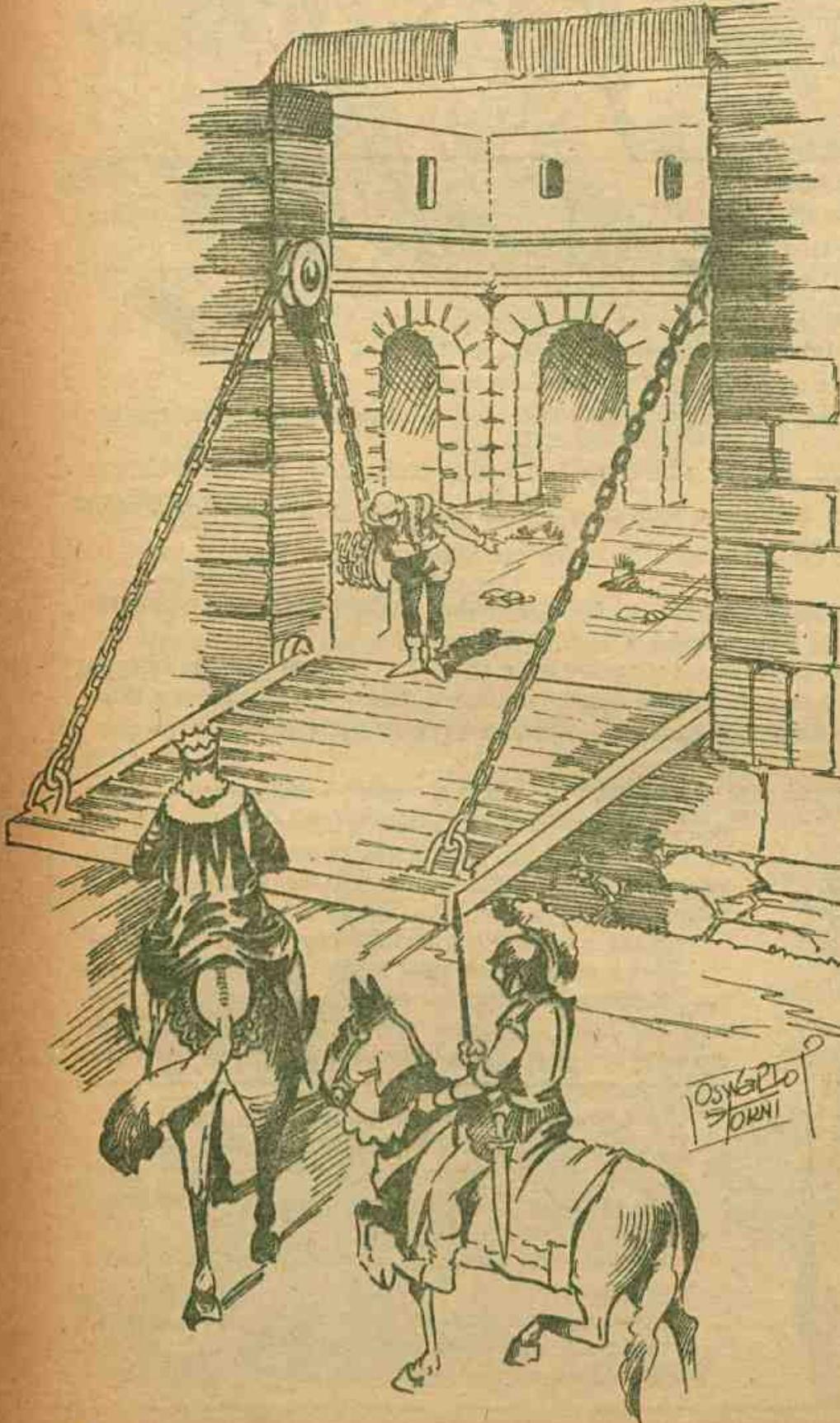
Por isso, é de bom aviso para os meninos: brincar com prudência !

Tôdas as brincadeiras insensatas e tôlas acarretam prejuizos, não só para os que nada têm com elas, como ainda para o próprio brincalhão !

O CASTELO DE PINDAÍBA

Continuação da página 116

— Ora! — exclamou a baronesa — nosso filho é mais bonito que é um rei; e, depois, que fazer? Aquêle que dá o que tem é sempre generoso. Venha o rei: saberá que eu não trouxe dote, e que teus pais nada te deixaram...

O barão reuniu todos os criados em conselho: eram numerosos, tirando cada um dêles os meios de subsistência da terra.

Era preciso preparar um bom jantar, porque o rei era um bom garfo.

O seu criado mais velho, que havia já servido a seu pai, falou:

— Se me permitisse agir à minha vontade, estaria tudo salvo e podia ser que êsse fato nos trouxesse algum dinheiro, sem que o rei e o seu séquito soubessem da nossa miséria, pois sou tão cioso quanto o senhor. O rei é o culpado, porque deixou seus barões em necessidades.

— Que pensas fazer? — perguntou o barão.

— Ah! E' preciso deixar-me livre, porque tenho uma idéia! Sòmente seria preciso levar a senhora baronesa e o menino para a casa pequena e depois não saírem de lá enquanto não os formos buscar.

As coisas arranjaram-se, depois de muitas conjeturas. O barão, indo à casa pequena, um retiro meio demolido, a alguma distância do castelo, o velho pagem, que se chamava Roberto, colocou homens fora da porta e só conservou consigo João, a quem deu uma missão secreta.

Pela tarde, como o rei, bastante fatigado, mas tendo morto o javali, se dirigisse para Pindaíba, ouviu de repente gritos e viu uma chama que se elevava direita para o céu.

— Oh! oh! Que é aquilo?

O primeiro ministro, disse:

— Majestade, creio que é Pindaíba que arde!... Mas vejo um rapaz correr vertiginosamente; vamos saber o que se passa.

O rapaz era João, que dava murros no rosto, corria e gritava:

— Como sou desgraçado! O castelo arde!... Que dirá o rei?... Sou o culpado!!

— Ora, majestade, queriamos fazer uma grande festa quando fôsseis ao castelo e tanta lenha carregámos e colocámos nos fogões, que as chamas atingiram as paredes. O castelo é muito velho e com tôda a certeza vai arder como palha!

Eis por que peço socôrro, mas sem esperanças!

PRESENTE DE ANO NOVO

— Veja que lindo presente eu trouxe...

... para você, meu maridinho...

... querido, me oferecer...

— Foi por minha causa que aconteceu tudo isso? — perguntou. — Estou muito pesaroso!

— Sim ! — exclamou João. — E o pior é que o nosso rei não achará onde dormir; o senhor barão é muito orgulhoso! E o mais triste é que meu patrão ficou sem casa, pois tinha boa casa mas pouco dinheiro, e a senhora baronesa não é rica!

— No entanto — retorquiu o rei — êsse nome de Pindaíba me é conhecido; os Pindaíbas foram bons soldados, outrora! Se êles não são ricos, não os quero empobrecer mais; vou ao encontro dêles!

João conduziu então o rei e seu séquito para onde se achava o barão, que se lamentava, tendo compreendido que seu castelo ardia como palha.

Saudou o rei, amável e altivo, apresentando-lhe a baronesa e o filho, ainda muito criança.

— Oh! — exclamou o rei. — Tenha paciência, não ouvirão dizer que causei tamanho prejuízo... Vou mandar reedificar o castelo e mobiliá-lo como merece.

— Oh! — disse o Barão. — Quem não se sentiria alegre tendo a subida honra de hospedar Vossa Alteza? E' verdade que sou bastante pobre para o não poder reedificar; mas, pode-se viver sem castelo, não é obrigatório... A senhora Pindaíba sabe aproveitar o tempo, esteja êle bom ou mau.

O rei não quis ouvir mais, dizendo que mandaria um criado com dinheiro para pagar o que precisassem.

Com a sua habitual ingenuidade, a baronesa, que de nada sabia, disse:

— Majestade, considerai que o castelo estava muito velho... Uma simples casa, será suficiente! O dinheiro do rei não deve ser roubado!

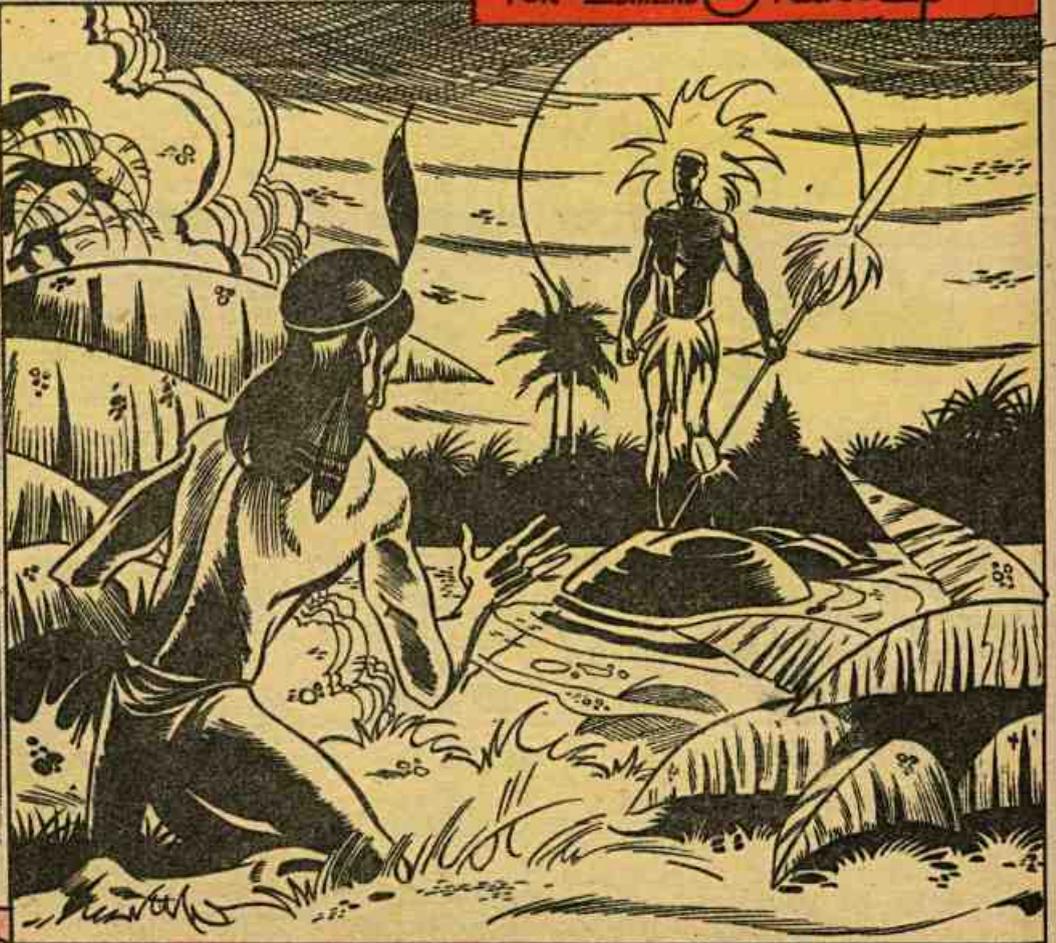
— Um castelo ardeu por minha causa, um castelo edificarei ! — exclamou o rei. — E êle será de pedra, com larga fachada, tôrres e sinos.

Assim foi feito: o rei reedificou Pindaíba, que passou a ter o nome de Boaventura. Dêsse dia em diante a sorte mudou; o barão de Pindaíba entrou para o serviço do paço e pôde juntar fortuna.

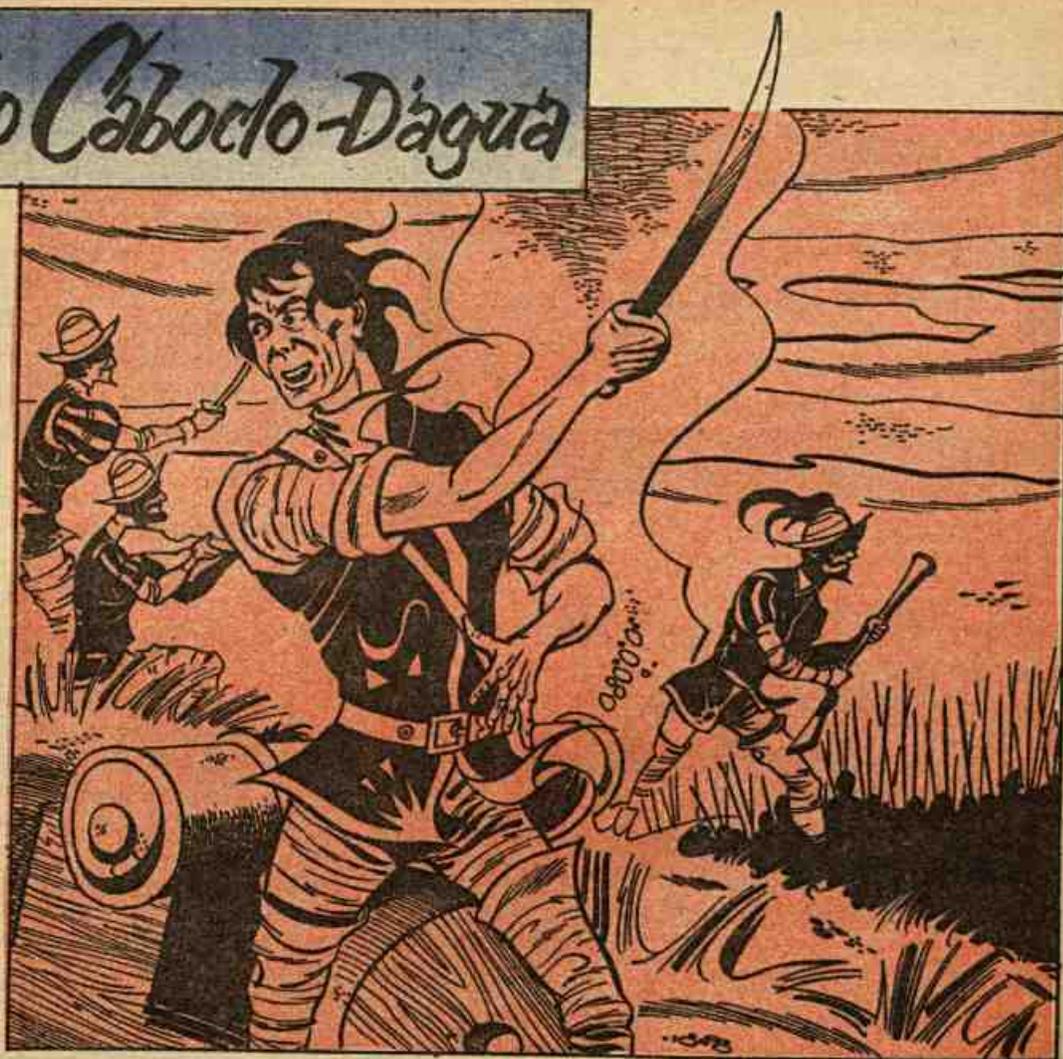
Quanto a Roberto, guardou consigo o segrêdo a fim de não causar remorsos ao seu senhor. Ninguém, a não ser João, soube que fôra êle quem pusera fogo ao castelo.

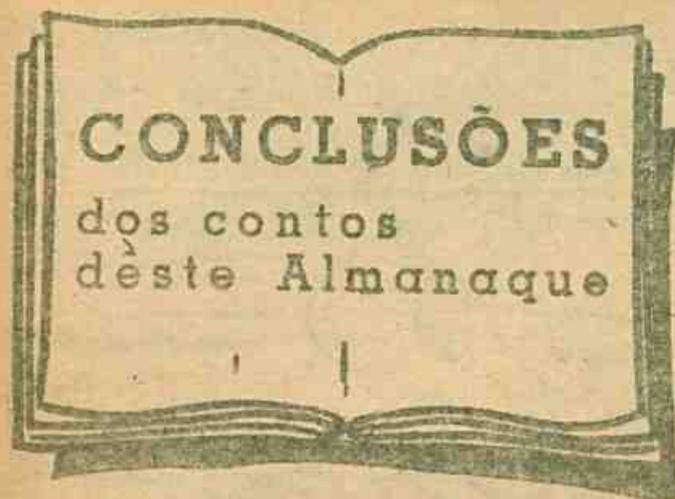
A lenda do CABÔCLO-D'ÁGUA

POR EDMUNDO RODRIGUES

GUARIPURU estava cansado da vida de chefe tribal que levava. E certo dia arrumou seus pertences e fugiu do seio de sua gente. Não seria difícil para os Tupinambás conseguirem um novo Morubixaba, pois que todos os filhos da nobre nação eram fortes e valentes. Quebrara seu arco e flechas e seguia agora o caminho da cidade grande. No entanto, a noite veio colhê-lo em meio à caminhada.. Durante a madrugada, enquanto descansava, ouviu um canto exquisito que vinha do rio próximo. E, de mansinho, foi ver. Qual não foi seu espanto ao avistar, sôbre os rochedos do meio do rio, um vulto de longos cabelos negros. Logo abaixo, e dentro da água, que era cristalina, Guaripuru divisou uma caverna tôda de ouro !

Mas também tomou cuidado para não ser visto por aquêle ente que, tinha certeza, era "Uaniara", o cabôclo-dágua. E aquela gruta, tôda feita daquela pedra amarela que os brancos chamavam de ouro, só poderia ser sua morada. Guaripuru afastou-se então sorrateiramente, com a idéia de que seria um chefe entre os brancos se, em seu meio, possuísse pedaços de ouro, que êles tanto admiravam. E assim Guaripuru chegou à cidade grande. Mas sôbre a morada de ouro do cabôclo dágua, êle não falou com ninguém.

A lenda do Cabôclo-Dágua

Hábil caçador e grande guerreiro, Guaripuru tornou-se logo admirado pelos brancos. Ajudou-os a vencer muitas guerras. Por isso mesmo, foi nomeado oficial das Milícias do Rei e batizado com o nome de Manuel Teles. Mas a idéia do ouro do cabôclo-dágua não o abandonara. Êle sabia, agora mais do que nunca, que quem tinha ouro, entre os brancos, era respeitadíssimo e vivia na opulência Decidiu então armar uma Bandeira para buscar o ouro. Uma índia já velhinha, disse: — "Desiste, Guaripuru, desiste. Se não, Uaniara, o cabôclo-dágua, o pai-dos-peixes, te punirá".

Guaripuru, no entanto, não lhe deu ouvidos. E assim a expedição partiu rumo à caverna de ouro do cabôclo-dágua. Quando a noite chegou, a Bandeira parou à margem do rio onde, mais acima, estava o lugar desejado. Na manhã seguinte, porém, seu comandante havia desaparecido. Procuraram Manuel Teles por tôda a mataria e nada! Os homens, então, decidiram procurá-lo no fundo do rio. E foi lá que encontraram o corpo de seu bravo chefe, já sem vida.

Guaripuru fora castigado por Uaniara pela ousadia que tivera em tentar saquear-lhe a morada fabulosa.

CHI-COU-TIMI

(*Conclusão da pag.* 47)

Chamou então o filhinho, para perguntar se sabia alguma coisa a respeito:

— Ah, Mamãe! — respondeu — lembro-me de que ontem à noite, quando a senhora me pediu uma tocha, para acender o fogo da lamparina, nenhum papel encontrei e, então, rasguei o comêço dêste rôlo...

E foi assim que o ilustre mandarim não conheceu nunca a Verdade...

o

Esta história é aparentemente ingênua, mas contém um símbolo. A busca da Verdade é a preocupação dos estudiosos e dos eruditos. Mas a ignorância dos outros, seus atos impensados e suas ações egoísticas, impedem que a Verdade algum dia seja conhecida.

SABIA?

Um vulcão divide-se em 3 partes: Chaminé, cratera, e cone vulcânico.

*

A escrita chinesa é chamada de ideograma.

*

Citara é um instrumento de corda semelhante à lira.

*

Camões descreve "Patanes" como povos da India "poderosos de gentes e terras".

ALMANAQUE
D'O TICO-TICO

PREÇO CR$ 35,00

(50.º ano de publicação)

EDIÇÃO E PROPRIEDADE
DA S. A. "O MALHO"

Diretor:
ANTONIO A. DE SOUZA
E SILVA

Rua Senador Dantas, 15
5.º andar.
Telefone: 22-9675

RIO DE JANEIRO

UM EXEMPLO DE CORAGEM

(*Conclusão da pag.* 78)

— Não! não! É isso mesmo! Êste dinheiro não me pertence. Eu não corri nenhum perigo, enquanto que você... Além do mais, há outra coisa: estava olhando você andar, ainda há pouco. Parece que poderemos melhorar um pouco seu estado...

Depois, não faltará emprêgo para um rapaz corajoso como você... Vamos logo à sua casa, onde, finalmente, todos terão uma alegria.

COLETE NAST

DICK WHITTINGTON E SEU GATO

(*Conclusão da pag.* 69)

Um mês depois, estando o Senhor Fitzwarren em seu gabinete de trabalho, ouviu baterem à porta. Era o capitão, que tinha realizado uma feliz viagem de volta e se encontrava no pôrto de Londres. Todos que haviam remetido mercadoria, tinham ganho cem-por-cento, porém a Dick Whittington correspondia uma importância equivalente a dez vezes a de todos juntos.

Ao saber disso, o senhor Fitzwarren mandou chamá-lo imediatamente. Alguns dos seus empregados disseram que era demasiada riqueza para um menino tão ignorante. Mas o patrão era justo e honesto e por isso exclamou:

— Não quero que lhe tirem nem um centavo!

Dick estava, como sempre, lavando panelas e varrendo o chão, quando seu patrão o chamou. Quis excusar-se, porque estava de tamancos e de avental, e achava que devia usar melhor traje para se apresentar ao patrão. A ordem, entretanto, era terminante: tinha que comparecer imediatamente.

Entrou no escritório, e o amo convidou-o a sentar-se. O menino se sentia constrangido.

— Por favor, — disse — não zombe de um pobre. Deixe-me voltar para o meu trabalho e cumprirei o meu dever da melhor maneira que puder.

— Ninguém aqui está zombando de ti — respondeu o comerciante. — Todos estamos satisfeitos com a tua bôa sorte. O comandante do navio vendeu o teu gato e trouxe para ti uma grande fortuna.

Dick não podia acreditar no que estava ouvindo, mas, por fim, teve que se convencer. Pediu ao patrão que aceitasse, pelo menos, a metade de sua riqueza, pois tudo que agora possuía, devia à sua bondade. O Senhor Fitzwarren, porém, nada quis aceitar. Dick, então, ofereceu seus bens à senhora Fitzwarren e à pequena Alice. Elas também não aceitaram. Os pais, e principalmente Alice, ficaram muito felizes com a sorte de Dick, que por sua parte, ofereceu belos presentes ao comandante do navio e a cada um dos empregados da casa, sem se esquecer até mesmo da cozinheira que o fazia passar maus quartos de hora. O senhor Fitzwarren não se contentou em fazer a entrega das valiosas riquezas ao menino; também se interessou na sua educação, que, de acôrdo com sua nova posição, devia ser esmerada. Dick ia agora ocupar um lugar na sociedade, e para isso deveria instruir-se. Contratou os melhores professores e mentores para Dick, o pobre esfarrapado do princípio de nossa história, que se converteu num jovem elegante e culto. Sempre conservou seu bom coração e seu caráter diligente e quando completou vinte anos casou-se com Alice, que tinha sido tão bôa com êle, quando era só, e apenas humilde ajudante de cozinha.

E com o correr do tempo, cumpriu-se a promessa do sino da igreja de Santa Maria: não apenas três, mas quatro vezes foi eleito governador de Londres e foi condecorado pelo rei e todos o chamavam "Sir Richard Whittington".

O CAMALEÃO E O JAVALI

(*Continuação da pag. 31*)

Era o papagaio que, pendurado em um ramo de árvore, as proferia, imitando a voz humana.

Lambú, que não sabia que papagaios pudessem falar, teve medo e começou a correr, tratando de se ocultar de um supôsto caçador.

Ao chegar, porém, ao vale próximo, ouviu outra voz. Era outro louro que dizia:

— É por aqui! É por aqui!

O javalí, cada vez mais assustado, começou a correr enlouquecido, afastando-se ràpidamente. Por fim, ocultou-se atrás de uma árvore.

E do alto uma voz começou a gritar:

— Vamos a êle!... Vamos a êle! Vamos a êle!

Era outro papagaio que o ameaçava.

Louco de terror, o javalí quis penetrar em uma espécie de cova que havia em um enorme penhasco. Justamente à entrada, uma voz gritou:

— Péga-o agora! Péga-o agora!

Era outro louro que, por sua vez, dava o alarma.

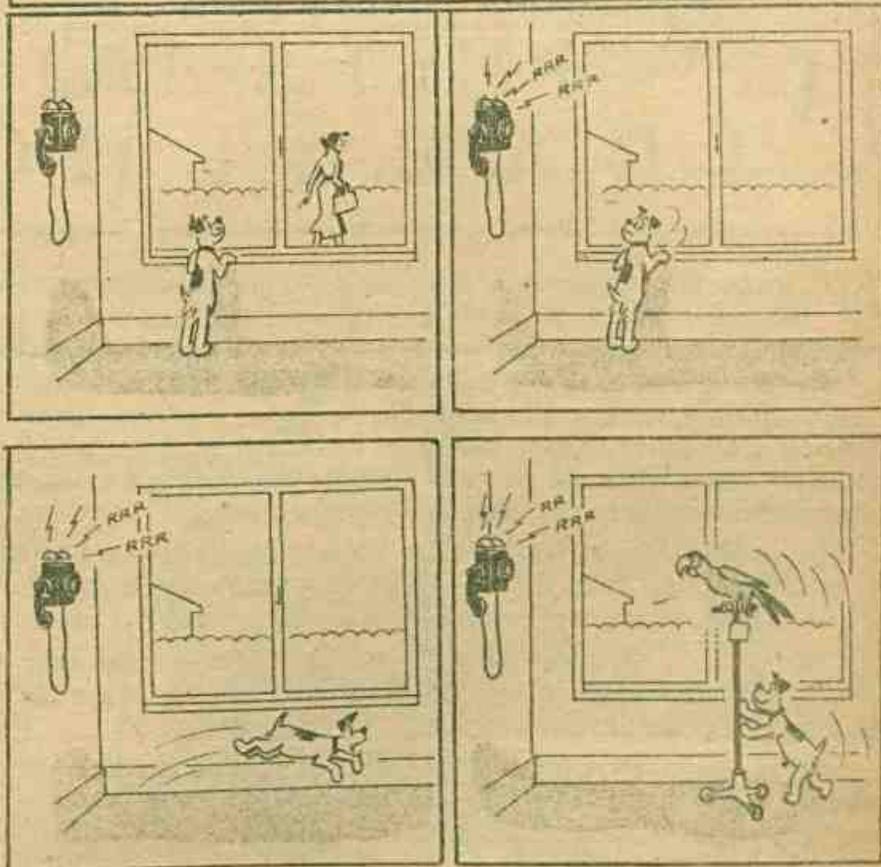
Só uma última esperança restava a Lambú: atravessar o rio. E para lá se dirigiu. Aproximava-se já da margem, quando outro papagaio gritou:

— Ataquem-no! Ataquem-no!...

Meio paralizado de terror, Lambú, como tábua de salvação, encaminhou-se para o lugar mais perigoso, o povoado, onde sabia que corria maior risco... Mas não tinha outro remédio...

NO momento exato em que desembocava em uma vereda, um homem surgiu, de repente, armado de enorme fação e acompanhado por um cachorro.

Feliz com aquela inesperada oportunidade, que lhe garantia uma boa caça, o homem atacou o extenuado javalí. E, as espigas verdes dos arrozais, dêsse dia em diante se balançaram ao doce sôpro da brisa, e nunca mais as patas do malvado Lambú vieram esmagá-las.

ALGUEM PRECISAVA ATENDER AO TELEFONE!

O INVENTOR DO TELÉGRAFO

MORSE (Samuel) nasceu em Charleston (Massachussets), nos Estados Unidos, a 27 de abril de 1791 e era filho do escritor e geógrafo Jedediad Morse.

Ingressou na Universidade de Yale, onde não tardou em demonstrar extraordinária vocação para o desenho e a pintura. Continuou seus estudos especializando-se nessas artes e, como seus progressos chamavam a atenção, seu pai mandou-o aperfeiçoar-se em Londres. Em 1813, expôs ali um quadro intitulado "Hércules moribundo", que lhe valeu um prêmio da Sociedade de Artes Adelfi. Voltou para sua pátria e, em New York, foi encarregado de pintar o retrato do general Lafayette, que até hoje existe no museu dessa cidade, sendo considerado uma verdadeira obra de arte.

Além de pintor, Morse dedicava-se às investigações cientificas e conhecia profundamente física e química, especialmente tudo o que se relaciona com os problemas electromagnéticos. De regresso aos Estados Unidos, Morse fundou a Academia Nacional de Desenho, da qual foi presidente até 1841. Em 1835 era professor de desenho na Universiade de Nova York, mas continuava seus estudos e pesquisas cientificas. Auxiliado pelos seus conhecimentos de desenho, traçou vários modêlos para seu aparelho telegráfico que mandou construir por um mecânico, e começou suas experiências do telégrafo sem fio, iniciando-as com um condutor de 500 metros de extensão. Mas os sinais, que foram percebidos nitidamente, não podiam ser devolvidos pelo mesmo condutor. Morse não esmoreceu; continuou aperfeiçoande seu sistema. Inventara o telégrafo, "a conquista do homem sôbre o espaço e o tempo". Em 1837, patenteou sua invenção e pediu ajuda ao govêrno de seu país para explorá-la. Mas não foi atendido; seguiu para a Europa, onde também ninguém quis ouvi-lo. Em 1843, quando já havia perdido tôdas as esperanças, o Congresso dos Estados Unidos votou-lhe uma verba para a instalação de sua invenção. E surgiu uma linha telegráfica entre Washington e Baltimore; desde então o telégrafo elétrico começou a ser instalado em vários países.

Logo que se tornou conhecido o invento do telégrafo, começaram para Morse os desgostos e sofrimentos. Vários queriam ser os inventores mas, apesar dos processos contra êle intentados, Morse ganhou-os todos. Famoso no mundo todo e muito rico, Morse retirou-se para uma quinta dedicando-se exclusivamente a pintura. Morreu a 2 de abril de 1872, em Nova York, vitima de uma doença que o levou em poucos dias à sepultura.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA "FESTA DO TRABALHO"

ADAPTAÇÃO DA PROFESSORA **IEDDA LUIZA**

NO tempo dos romanos, o 1.º de Maio foi, sucessivamente, festa dos cereais, dos vegetais e, por fim, das flôres. A deusa Maia — de onde vem o nome do mês — foi, primeiramente, deusa do crescimento. Invocava-se seu nome para que as colheitas fôssem melhores. Depois esta manifestação foi consagrada às flôres; daí o nome Flôrália, dado às festas do período de 30 de abril a 3 de maio unindo no mesmo culto Flora e Maia. As moças jogavam, umas às outras, punhados de favas, tremoços e grãos diversos (ancestrais do confete). Os homens soltavam lebres e as perseguiam. Após colheitas desastrosas, os poderes públicos resolveram dar maior brilhantismo a estas festividades e organizaram corsos de carruagens e jogos de circo.

Na Idade Média, "maio" era um arbusto que os jovens plantavam na noite de 30 de abril para 1.º de maio diante da porta de suas noivas. Em inúmeras cidades do condado francês, os "maios" cobertos de flôres e guirlandas eram suspensos até o teto das casas.

No século XVI, o costume do plantio do "maio" subsistia ainda. A poderosa corporação dos ourives parisienses levava todos os anos um "maio" à Notre-Dame. O primeiro de maio era ,assim, em muita regiões, um dia de festa.

Como, então, tornou-se o 1.º de maio a festa do trabalho? Talvez porque as festas de Maia eram também a dos "lares" — gênios domésticos — e nêssse dia consentia-se que os escravos descansassem. Foi recentemente,porém, a menos de um século, que a data passou a ser consagrada às reivindicações sociais.

A 1.º de maio de 1886, uma rebelião ensanguentou Chicago: trabalhadores da usina Mac Cormick entraram em greve, a polícia cercou o estabelecimento, atirou e matou alguns dêles. Aproveitando a confusão, os anarquistas lançaram uma bomba, vitimando policiais. Cinco organizadores do conflito, tidos como responsáveis, foram condenados à morte e enforcados.

A 17 de julho de 1889 — o ano em que se ergueu a Torre Eiffel — o Congresso internacional dos trabalhadores socialistas reuniu-se em Paris com a presença de delegados francêses, alemães, belgas, italianos, russos e americanos.

Um bordalês, Raymond Lavigne, propôs que uma grande manifestação fôsse organizada, todos os anos, numa data fixa, em todos os países em que os trabalhadores reclamavam oito horas, apenas, de trabalho. A proposta foi aceita por unanimidade e foi escolhida a data: 1.º de Maio.

A 1.º de maio do ano seguinte, uma delegação se reuniu no Palácio Bourbon, onde entregou uma série de reivindicações ao presidente. Cem mil manifestantes reuniram-se na praça da Concórdia e a policia os dispersou.

No outro ano, à mesma data, houve tumultos em Paris, Bordéus, Marselha e Charleville. Em Fourmies, a polícia atirou sôbre os manifestantes conduzidos por Maria Bloudeau e Edmond Giloteau, de dezoito anos, brandindo bandeiras tricolores. Ao fim, doze mortos restavam espalhados nas calçadas, inclusive um garôto de doze anos. Esta tragédia levantou uma onda de intensa emoção.

"A partir de 1.º de maio não trabalharemos cada dia mais que oito horas". No início do ano 1906, os parisienses leram esta inscrição ameaçadora, sôbre uma vasta faixa, na fachada do ministério do Trabalho.

E foi, com efeito, de acôrdo com essa palavra de ordem, que transcorreram nêsse ano as comemorações do primeiro de maio. A população, inquieta, esperava dias de fome; as donas de casa, apavoradas, tomaram providências para qualquer eventualidade. Felizmente, nada de grave se passou. Depois, pouco a pouco o "1.º de maio" foi entrando nos hábitos de todos. De uma data, que era, de algazarras e explosões de colera, tornou-se o 1.º de Maio o dia legal da "Festa do Trabalho".

Balas
DELÍCIA
UMA DELÍCIA PARA
QUALQUER IDADE
SORTIMENTO DE LUXO
BALAS E CARAMELOS
FROU-FROU
DELÍCIA CÔCO
DELÍCIA CASTANHA
DELÍCIA MALTADO
RECHEIO DE MEL
TOFFEE RUM • LARANJA
FÁBRICA DE CAFÉ E CHOCOLATE
MOÍNHO DE OURO
RUA MARABÁ, 89 — ENGENHO NOVO
Varejos: — Av. Mal. Floriano, 133 e
Av. 13 de Maio, 97-A — em frente
ao Taboleiro da Baiana
RIO DE JANEIRO

AQUI ESTÃO AS SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS PROPOSTOS NESTE ALMANAQUE

O COFRE VASIO

(Solução da página 25)

O detetive sabia que era impossível Pereira ter distinguido se o ladrão era homem ou mulher, pelo buraco da fechadura, mesmo com a luz acesa, estando o malfeitor a apenas 30 centímetros da porta.

O ESPÊLHO

(Solução da página 25)

Três palavras traíram Lina: "quente" e "cinco minutos". Com efeito, estando o espêlho a apenas 1m,50 da ducha, infalivelmente ficaria coberto de vapor dágua, após 5 minutos, e completamente embaçado, não permitindo ver coisa alguma...

O TESOURO ESCONDIDO

(Solução da página 42)

A ilha era a de Paluz, maior que a de Pagos, com um rio, um coqueiro e sem animais.

QUEM ROUBOU A GALINHA ?

(Solução da página 70)

Quem roubou a galinha foi a raposa, que está oculta atrás da 5.ª árvore, à esquerda e ao alto da página.

A PORTA TAPAVA O QUADRO

VOCÊ SABERÁ ISTO ?

(Solução da página 72)

1 — Extremidade de um lápis, oposta à ponta.
2 — Sinal de multiplicação, do teclado da máquina de escrever.
3 — Ponteiros de um relógio de bolso, na parte próxima do eixo.
4 — Bola de gude.
5 — Fundo externo de um dedal.

NÃO TINHA VISTO O AVISO...

"ESTEJA PRÊSO, SENHOR PAFUNCIO !"

(Solução da página 53)

O detetive Fulgêncio, conhecendo bem os dois gêmeos, sabia que a única coisa que diferençava um do outro era que Pafuncio era canhoto. Ao entrar no Bar, viu que o seu homem segurava o corpo com a mão esquerda. Logo, não era Terêncio, como queria fazer constar...

Por isso o prendeu.

O VÍCIO DE FUMAR

O fumo é planta originária da América. Antes, portanto, do descobrimento dêste Continente por Cristovão Colombo em 1492, o homem civilizado não fumava.

Ao pisarem as terras virgens do Novo-Mundo, em suas viagens de explorações, os espanhois surpreenderam muitas vezes os indios aspirando fumaça através de comprido canudo, a que chamavam "tabaco". Daí o nome próprio da planta, que entre nós mais comumente se denomina "fumo", cuja cultura no Brasil se faz em larga escala.

Conta-se que os peles-vermelhas da América do Norte conheciam os efeitos venenosos das folhas de fumo; tanto assim que embebiam em seu suco as pontas das flechas.

Tinham o hábito de as mascar, quando não as reduziam a pó, que aspiravam pelo nariz. Outras vezes, fumavam as folhas enroladas, ou então as metiam em cachimbos, que êles mesmos fabricavam.

Logo depois do descobrimento da América, o tabaco se vulgarizou na Europa, fazendo furor na côrte dos mais poderosos monarcas.

Foi o ministro francês Nicot, servindo em Portugal, que levou para sua pátria o conhecimento do fumo, razão por que se deu o nome de "nicotina" ao alcaloide que dele se extrai.

A principio, apenas se fumavam charutos ou se empregava o tabaco em pó — o célebre rapé — que era guardado em luxuosas caixinhas de ouro e prata. Conhecidos os malefícios que o tabaco trazia aos consumidores de charutos, aos apreciadores de cachimbos e aos tomadores de rapé, reis e governantes se insurgiram contra êsses perniciosos hábitos, publicando leis em que até a pena de morte se estabelecia para os que fossem apanhados em flagrante.

Tudo, porém, em vão. O vício criou raizes profundas e em 1870, com o aparecimento do cigarro, começou a difundir-se ràpidamente pelo mundo todo. Hoje constitui um dos grandes males que depauperam e arruinam a saúde de milhões de indivíduos.

O fumo é tóxico. Dentre os venenos que nêle se encontram está a nicotina, de ação fulminante. Algumas gotas dêsse alcaloide matam em poucos segundos animais como o gato ou o cão. O uso do cigarro, do cachimbo ou do charuto, pode ocasionar disturbios respiratórios, vertigens, perturbações visuais, cefaleias ou dores de cabeça frequentes. Em vista de tudo quanto foi exposto, perguntamos:

— Velerá a pena aprender a fumar?

É claro que não. Os meninos e os adolescentes, cujo desenvolvimento físico se processa, jamais deverão levar à bôca um cigarro sequer, para nunca adquirir o feio, o detestável, o ruinoso vício de fumar.

Prof. ANTONIO DIAS PASCOAL

Fonseca é a corruptela do nome de Fonte Sêca, solar de Garcia Rodrigues.

*

Ana Bolena, segunda esposa de Henrique VIII, tinha 6 dedos em cada mão.

*

A estátua "Vitória de Samotracia" tem êsse nome porque foi encontrada nessa ilha, situada no mar Egeu, em 1863.

*

Caim fundou uma cidade à qual pôs o nome de seu filho Enoc.

*

Ao mulato de côr carregada dá-se o nome de pardavasco.

*

Omófago diz-se do que se alimenta de carne crua.

*

O horror mórbido pelo fogo chama-se Pirofobia.

*

Grifo era um animal fabuloso com cabeça de águia e garras de leão.

*

Os gregos antigos denominavam a França de "Galatia".

*

Foi Herodes Agrippa quem aprisionou São Pedro.

*

Ticiano morreu com 100 anos de idade, de peste.

A ÁGUA BENTA

A instituição das aspersões com água benta é atribuída ao Pontífice Santo Alexandre, martirizado no tempo do imperador Adriano.

A água é o símbolo da purificação. Misturam-lhe sal para figurar a sabedoria cristã que deve temperar todas as nossas ações e as nossas palavras, a fim de nos preservar da corrupção.

A bênção da água precede, de ordinário, a missa cantada.

A pia da água benta está colocada à entrada de todas as igrejas; o cristão que dela se serve para fazer o sinal da cruz, lembra assim que foi regenerado pelas águas do batismo.

A água lustral era a que, entre os antigos, servia para as lustrações ou purificações. Era a água comum na qual mergulhavam um tição ardente tirado do local dos sacrifícios, ou a água do mar, na qual deitavam fôlhas de oliveira, de loureiro, de verbena e ovos. Os romanos aspergiam com ela os filhos, alguns dias depois do seu nascimento, colocando-a também, com o mesmo fim, sôbre os seus mortos.

QUERIAM VER O QUE ERA

FOLHINHA VERDE

FOLHINHA leve, folhinha verde,
Que andas no galho, sempre a sorrir,
O vento amigo beija-te, manso,
Quando, soprando, vai a fugir.

Folhinha leve, folhinha verde,
De árvore linda, forte, copada,
Tu és a concha que guarda gotas
do orvalho frio da madrugada.

Folhinha leve, folhinha verde,
Tu és o pouso dos passarinhos,
Tu dás, mimosa folhinha verde,
A sombra fresca pra o quente ninho.

Folhinha leve, folhinha verde,
Brincando ao sôpro da viração,
E's a imagem da felicidade
Com a fórma linda de um coração.

Folhinha leve, folhinha verde,
E's a boêmia da criação,
Quando, bailando, cantas, mimosa,
Ao leve sôpro da viração.

Folhinha leve, folhinha verde,
Pouso querido das juritís!
Tu és o berço macio e belo
De um lindo ninho de colibrís.

Folhinha leve, folhinha verde,
Que o luar beija com encantamento,
E's a cantora das alvoradas
E a confidente dos juramentos.

Folhinha leve, folhinha verde,
Que o sol aquece, com afeição,
Toma cuidado, folhinha leve,
A vida é curta, sem ilusão.

Folhinha leve, folhinha verde,
Leque mimoso dos passarinhos,
Afaga sempre, folhinha amiga,
O encanto amado de muitos ninhos.

Folhinha leve, folhinha verde,
Sempre cantando terna canção,
Olha p'ra sombra fresca, encantada,
Que andas bordando lá pelo chão.

Olha, folhinha, que encantamento,
Tem tua sombra lá pelo chão,
Tão pequenina, tão buliçosa,
Com a fórma linda de um coração!

Baila, folhinha, folhinha leve,
Que andas no galho sempre a cantar.
O teu destino, folhinha verde,
E' viver sempre, terna, a dançar.

Dança, folhinha, boêmia verde,
Ao som da orquestra dos passarinhos,
Dá a alegria da tua vida
À vida triste dêsses caminhos.

E quando o vento, folhinha amiga,
Quiser, raivoso, te estraçalhar,
Deves ainda, folhinha verde,
Sorrir da vida, cantar, bailar...

E quando, um dia, partires, morta,
Ao sôpro forte de um furacão,
Rola, folhinha, folhinha verde,
Ainda cantando, lá pelo chão...

CARLOS MANHÃES

TÔDAS AS
MENINAS
SABEM
Está um
encanto o
"Almanaque
de CIRANDINHA"!
POR ISSO É
QUE TÔDAS
PEDEM E
TRATAM DE COM-
PRAR O MAIS LIN-
DO ANUÁRIO IN-
FANTIL QUE JÁ
APARECEU!
Pedidos pelo Reembolso
Postal à S. A. O MALHO
R. Senador Dantas, 15 - 5.º and. –
ALMANAQUE
de
CIRANDINHA
PREÇO 50 CRUZEIROS

Um encanto para o lar!

Um primor de bom gosto...

VERDADEIRO guia para as senhoras e para as moças, que encontram nas centenas de páginas do "Anuário das Senhoras" os mais úteis ensinamentos, através de leitura divertida, leve e rica de sugestões.

Variadíssimas secções sôbre assuntos de interêsse do mundo feminino e do lar, como receitas culinárias, costuras elegantes, bordados originais, segredos de toilette, modelos de penteados, literatura escolhida, poesias selecionadas, lingerie fina, encantadores vestidos de noivas dos mais variados estilos, conselhos para ornamentação do lar, crochê, esportes, cinema, teatro, enfim, toda uma enciclopédia feminina, útil em qualquer ocasião.

O "Anuário das Senhoras", fartamente ilustrado, é um verdadeiro tesouro para o lar.

Prêço 30,00

Aceitamos encomendas pelo Serviço de Reembolso Postal. —— Pedidos à S. A. O MALHO —— Rua Senador Dantas, 15 - 5.º andar —— Rio.

Coleção Seth

MEU BRASIL

ALBUM fartamente ilustrado focalizando homens e fatos de nossa Pátria. Resumo dos principais eventos históricos, do Descobrimento até os dias atuais. 7.ª Edição.

Preço: Cr$ 20,00

NOSSO MUNDO

UM lindo volume de 46 páginas, com ensinamentos sôbre Geografia elementar. Sétima edição. Noções seguras de Cosmografia, Geografia humana, produções, divisão política da Terra. Várias páginas sôbre o Brasil.

Preço: Cr$ 10,00

PRIMEIRAS LETRAS

CARTILHA para principiante, com 300 desenhos, método altamente prático e elucidativo para ensinar a lêr. 17.ª edição.

PREÇO: CR$ 10,00.

FIGURAS GEOMETRICAS

NOÇÕES elementares de Geometria prática, com resoluções dos problemas gráficos mais importantes: divisão de linhas, da circunferência, traçado de curvas, etc., 4.ª edição.

PREÇO. CR$ 6,00.

PRIMEIROS TRAÇOS

ENSINO racional e prático do desenho, com orientação no texto. ótimo auxiliar para as escolas profissionais. Desenho decorativo e ornamental. 13.ª edição.

PREÇO: CR$ 6,00.

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal a partir de Cr$ 20,00.

DISTRIBUIDORES: S. A. "O MALHO"

RUA SENADOR DANTAS, 15-5.º ANDAR—RIO.

GRAFICA PIMENTA DE MELLO S. A. — RIO